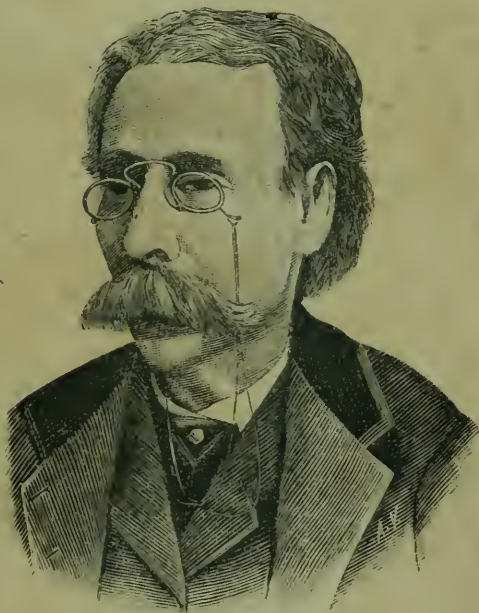
O ROMANCE DO ROMANCISTA

VIDA

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

POR

ALBERTO PIMENTEL

EDIÇÃO LARGAMENTE ILLUSTRADA

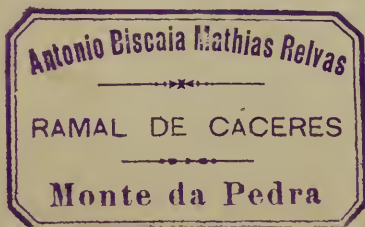
Empreza Editora
FRANCISCO PASTOR
LISBOA

O Romance do Romancista

ALBERTO PIMENTEL

O Romance do Romancista

VIDA DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
EMPREZA EDITORA DE F. PASTOR
210, RUA DO OURO, 210
LISBOA

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUENSE
Rua de S. Boaventura, 20

1890

A QUEM LER

ISTO *que vai lêr=se é o drama de uma alma su=perior, em grande parte extraido dos seus pro=prios livros. A vida de Camillo abunda pitto=rescamente em lances variadissimos de boa e má fortuna. O mesmo é lêr este escriptor que coorde=nar mentalmente o romance da sua existencia. O que eu fiz apenas foi dar á emoção produzida pela sua obra a fixação chronologica de uma biographia. Al=gumas investigações, que me pertencem, derivádram naturalmente do desejo de substituir as reticencias e preencher as lacunas que os seus livros, escriptos sem a preoccupação de uma autobiographia, oppunham á justa curiosidade do leitor.*

O perfil historico de Camillo avulta na grandesa romantica dos seus dias felizes e infelizes tanto quan=

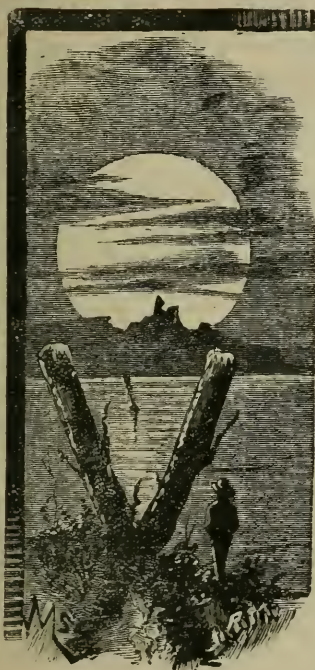
to na culminancia da sua indiscutivel gloria littera=ria. Depois das luctas da sua accidentada mocidade, veio o infortunio martyrisal=o, nivelando a proemi=nencia do talento com a enormidade do martyrio.

Nada tem faltado a este homem eminente para o glorificar,—nem mesmo a magestade da desgraça em que o espirito luminoso triumpha das trevas da cegueira.

Lisboa, 7 de dezembro de 1889.

Alberto Pimentel.

I

ORPHÃO

> Eu nunca tive seio de mãe onde encostar a cabeça.
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO—*Quatro horas innocentes.*

IEIRA DE CASTRO [1] diz que Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa a 16 de março de 1826, e foi baptisado no Loreto.

Ha aqui duas inexactidões, que cumpre rectificar, quanto ao anno em que Camillo nasceu e á egreja em que recebeu o baptismo.

Procedendo a averiguações, foi possivel encontrar o respectivo registo parochial no cartorio da egreja dos Martyres.

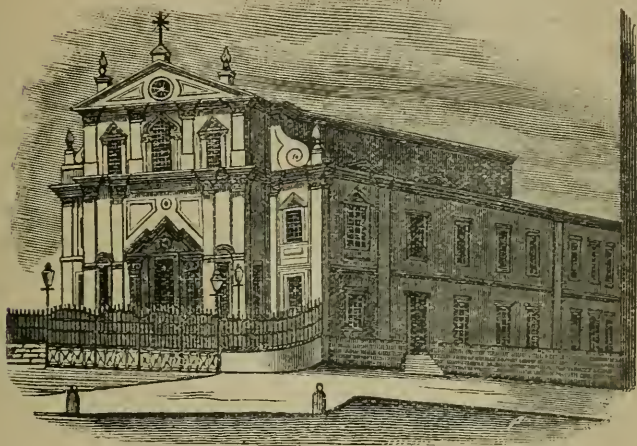
Acharam-se dois termos. Um, a fl. 140 do Liv. 5.º, está truncado, tendo no alto da pagina a seguinte indicação: *Este accento está adeante na outra folha.* De feito,

---

(1) CAMILLO CASTELLO BRANCO, *noticia da sua vida e obras*, por J. C. Vieira de Castro. Porto, 1862.

na pagina seguinte, 141.ª, encontra-se o termo definitivo, de que obtivemos copia authentica:

«Monsenhor Antonio Ribeiro dos Santos Viegas, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Protonotario Apostolico, Prelado Domestico de Sua Santidade, Desembargador da Relação e Curia Patriarchal, Prior da Egreja de N. S.ª dos Martyres, em Lisboa:

Certifico que a fl. 141 do L.º 5.º dos termos de baptismo n'esta freguezia está o seguinte: «Em quatorze dias do mez de abril de mil oitocentos vinte e cinco annos baptisei solemnemente a — Camillo — que nasceu em dezeseis dias de março do dito anno, filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, de Villa Real; foi padrinho o Doutor José Camillo Ferreira Botelho, de S. Paio, por seu procurador Paulo Manuel Fernandes, morador na freguezia dos Anjos, de que assignou, e madrinha Nossa Senhora da Conceição, de que fiz este assento que assignei junto, dia ut supra. O Prior Henrique José Corrêa. — Está conforme. Parochial de N. S.ª dos Martyres, em Lisboa, 31 de outubro, 1887. Mgr. Antonio Ribeiro dos Santos Viegas.»

Egreja de Nossa Senhora dos Martyres, em Lisboa, onde foi baptisado Camillo Castello Branco

Assim deixamos pois restabelecida, por testemunho documental, a verdadeira indicação biographica do nascimento, filiação e baptisado de Camillo Castello Branco. Resta-nos sómente accrescentar que nasceu no primeiro andar do predio do largo do Carmo, que hoje tem o n.º 15 e que foi nos ultimos tempos reconstruido: o mesmo predio onde habitaram o encadernador Lisboa e o conselheiro Custodio José Vieira.

A respeito de sua mãe, que se chamava D. Jacin-

Casa do Largo do Carmo onde nasceu Camillo Castello Branco

tha Rosa d'Almeida do Espirito Santo, [1] encontramos nas DUAS EPOCHAS DA VIDA uma poesia de Camillo, a primeira do livro, que indirectamente

(1) Como o leitor verá no decurso d'este livro, n'um documento official a mãe do eminente escriptor é nomeada D. Jacintha Rosa d'Almeida do Espirito Santo, e n'outros documentos, tambem officiaes, D. Jacintha Emilia Rosa do Espirito Santo, e D. Jacintha Rosa de Proença.

nos desvenda a parte lacrimavel da biographia d'essa senhora e da orphandade do poeta.

Oh meu anjo d'amor, *que me deixaste*
No meu berço a chorar.
Vigia-me do ceu, já que na terra
Não pude os teus conselhos escutar.

Eu sei que foste martyr d'agonias,
Muito antes de mim.
Herança d'amarguras me legaste,
Recebo-a, que a soffrer ao mundo vim.

Abrindo os olhos para vêr o mundo
Oh mãe, não te encontrei!
Mostraram-me o sepulchro do teu nada,
E, junto d'elle, erguendo as mãos sem mancha,
Creança, ajoelhei.

Resára um «Padre nosso» fervoroso
Por tua salvação;
Creança, eu não sabia que as torturas,
E as lagrimas da dor purificaram
Teu grande coração.

Depois as minhas preces afflictivas
Em horas de terror,
Pediam-te no ceu as tuas preces,
Por mim, triste ludibrio d'infortunios,
Sem ti, anjo d'amor!

Disseram-nos que era de Cezimbra, mas não ha n'esta localidade memoria d'aquella senhora. Provavelmente o que deu causa ao equivoco foi ser natural de Cezimbra a criada que acompanhára Camillo na sua então recente orphandade, e da qual elle diz (No Bom Jesus do Monte): «que meu pae mandára buscar ao cardenho d'uns pescadores de Cezimbra.»

Sem ti, sem pae, deixado aos meus instinctos,
Esqueci-me de ti!
Cuidei que fòras astro passageiro,
E descêras do nada ao seio escuro,
Quando, oh mãe, te perdi!

Suppuz que um somno eterno era o teu somno
No leito sepulchral,
Emquanto, eu, velador d'incriveis maguas,
No teu sepulchro via extincto o facho
Do affecto maternal.

Hoje, não! Hoje, oh mãe, as mãos erguendo
Com lagrimas e fé,
Resisto á desventura irmã da vossa,
E supporto os tufões da tempestade,
Como o robre de pé.

Não sei que o mundo possa dar á alma
Alentos quaes os meus.
Aos lances, que não tem nome na terra
Era força ceder, se a mão d'um anjo,
Não descesse dos ceus!

E' a vossa! Sois vós... que eu entre os vivos
Não importo a ninguem...
Embora seja muda a sepultura,
Onde um filho se prostra, ninguem diga
Que perdeu sua mãe.

Em UM LIVRO ha outras dolorosas recordações de orphandade materna, que deixam entrevêr o mesmo romance de mysteriosas amarguras:

Mãe, eu era inda creança,
Já te não vi: morta eras!

Buscou-te amor e esperança,
E o coração que me deras.
Com que fé eu te pedia
Um carinho maternal,
Pois, na terra, eu não sabia
Quanto um doce affago val!
E eram mudas as estrellas,
Mudo o altar, e a solidão;
Tão formosas... mais que ellas
No meu ceu do coração.
Essas, sim, diziam muito,
Em teu nome... *Adivinhei*
Os prantos que tu choraste,
Pelos prantos que eu chorei.
D'elles soube o longo drama
Da tua breve existencia.
Vi que intensa fôra a flamma
Que queimou tua innocencia.
Vi o eculeo de tormentos,
Que teus labios macilentos
Oscularam na agonia.
Vi d'esses labios o fogo,
Sentil-o pude tambem,
Sobre meus labios, na hora,
Em que a morte se demora
Respeitando a dor de mãe.

Descei dos olhos meus, lagrimas tristes;
Se o arido infortunio o pranto enxuga,
Foi grande a angustia, e a filial saudade,
Que o pranto me esmolou.
Deixae-me vêr, Senhor, a imagem d'ella,
Que o sangue, derramado em seu caminho,
Eu pude ainda vêr, como um vestigio
Da martyr que passou.

*

* *

A arvore genealogica de Camillo Castello Branco, pelo que respeita aos appellidos Correia Botelho Castello Branco, que eram os de seu pai, foi reconstruida segundo um manuscripto que possuia o conselheiro Jeronymo Pimentel, a quem devo o prazer de poder publical-o:

Fruela — irmão de Affonso 1.º, genro de Pelagio fundador da monarchia de Oviedo e Leão, foi casado com... e teve a

Vermudo ou Bermudo — 8.º rei de Oviedo, que apesar de ter ordens sacras casou com Nunita e teve a

Ramiro 1.º — 10.º rei de Oviedo, que casou e teve a

Ordonho 1.º — 11.º rei de Oviedo, de quem nasceu

D. Affonso 3.º — 12.º rei de Oviedo, que falleceu em 910, foi casado com... de quem teve, entre outros filhos que succederam uns aos outros no throno, a

D. Fruela 2.º — 15.º rei de Oviedo e Leão, que falleceu em 924, e, sendo casado com D. Nunita Ximena, teve três filhos, sendo um d'elles

O infante D. Ordonho, o cego, a quem D. Ramiro 2.º mandou tirar os olhos; casou com D. Christina, filha do rei Bermudo de Navarra, de quem teve, entre outros filhos, ao

Conde D. Ordonho, — que vivia em 1047; casou com D. Urraca Garcia, filha de D. Garcia Fernandes, senhor de Aza e conde de Lara; d'elles nasceu

D. Alvaro Ordonho — senhor de Pino e d'outras terras nas Asturias, que, sendo casado, teve a

D. Nuno Alvares das Asturias — que de sua mulher teve a

D. Fernão Nunes das Asturias — que casou com D. Fruvilla, senhora da casa e torre de Novaes na Galliza, e tiveram a

D. Affonso Fernandes de Novaes — que veio para Portugal no tempo do Conde D. Henrique; do seu casamento com D. Maria Rodrigues Biedena nasceu

D. Fernando Affonso — que casou com D. Thereza Viegas e tiveram a

D. Vasco Fernandes de Novaes — que assistiu á conquista de Lisboa e casou com D. Ignez Gomes, e foi seu filho

D. Fernão Vasques de Novaes — que do seu casamento com D. Aldia Martins teve a

D. Martim Fernandes de Novaes Pimentel — que esteve na conquista de Sevilha em 1248 e casou tres vezes, sendo a ultima com D. Constança Fernandes de Riba-Vizella, filha de D. Martim Fernandes de Riba-Vizella e de D. Estevainha Soares, irmã do arcebispo de Braga D. Estevão Soares da Silva e filha de D. Sueiro Pires Escacha da Silva. D'este consorcio teve a

D. Vasco Martins Pimentel — que foi Meirinho-mór de Portugal e do conselho de el-rei D. Affonso 3.º e seu valido. Casou com Maria Annes de Fornellos, filha de João Martins de Fornellos, da qual nasceu

D. Affonso Vasques Pimentel — irmão de D. Lourenço Vasques Pimentel, mestre da ordem de S. Thiago; casou com D. Sancha, filha de Fernão Esteves de Maceira Pintalho e de D. Maria Nunes, e d'ella nasceu

D. João Affonso Pimentel — casado com D. Constança Rodrigues de Moraes, que tiveram a

D. Rodrigo Affonso Pimentel — casado com D. Lourença da Fonseca, e d'elles nasceu

D. João Affonso Pimentel — 1.º conde de Benavente e casado com D. Joanna Tello de Menezes, da qual houve a

D. Martim Gonçalves Pimentel — que casou com D. Ignez Gomes e tiveram a

D. Lopo Martins da Mesquita — casado com D. Maria Affonso, de quem nasceu

D. Fernão Martins da Mesquita — casado com D. Brites Mendes, que tiveram a

D. Lopo Martins da Mesquita — que foi casado com D. Genebra de Azevedo e d'ella teve a

D. Izabel de Mesquita Pimentel — que casou com Pedro de Niza, morgado de Lordello, proximo a Villa Real e tiveram a

Ruy de Niza de Mesquita — que casou com D. Anna Coronel de Castro, nascendo d'este casamento

Pedro de Niza de Mesquita — morgado de Lordello, que casou com D. Francisca da Silva, filha de Rodrigo da Silva, capitão mór de Guimarães, e d'ella nasceu

Ruy Rodrigo de Niza — que foi casado com Felippa Botelho, filha de Manuel Botelho e de D. Maria Guedes, de Villa Beal, e teve a

Manuel Correia Botelho — que, casando com D. Catharina de Mello, teve a

Manuel Correia Botelho — casado com D. Luiza Maria de Menezes, da qual nasceu

Domingos José Correia Botelho — casado com D. Rita Thereza Margarida de Castello Branco, da qual nasceu

Manuel Joaquim Botelho Castello Branco — que teve a

CAMILLO CASTELLO BRANCO, Visconde de Correia Botelho.

NO PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, volume IX, pag. 982, vem publicada uma resenha genealogica que transcrevemos integralmente, deixando ao leitor o trabalho de notar, e porventura corrigir, as differenças que se lhe deparem:

«1.° D. Isabel Correia de Mesquita, morgada de Lordello:

Casou com o mencionado Ruy de Niza e tiveram:

2.° Francisco de Mesquita Pimentel.

Casou com D. Catharina Correia de Magalhães, filha de Antonio de Magalhães Barbosa, morgado de Saboroso, e tiveram:

3.° Francisca de Magalhães Correia.

Casou com Antonio José de Magalhães Correia Pimentel, filho de Thomé de Magalhães Pimentel e neto de Gaspar de Magalhães e Menezes, dos Magalhães, da Barca.

Tiveram:

4.° D. Maria Luiza de Magalhães Menezes.

Casou com Manuel Correia Botelho, filho de Domingos Correia Botelho e de Archangela Gonçalves; — neto paterno de Jeronymo Correia Botelho e de Francisca Mendes, *Judia* ou christã nova, — sendo o dicto Jeronymo Correia filho natural de Martim Machado, cavalleiro professo na ordem de S. Thiago, — e de Rachel Mendes, tambem *judia* ou christã nova, por alcunha a *Barbada*.

Tiveram:

5.° O dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes, que em 1805 era desembargador aposentado da relação do Porto.

Casou com D. Rita Thereza Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco, filha de José Pereira da Silva, capitão de infanteria de Cascaes e de D. Thereza Ignacia Castello Branco.

Este José Pereira da Silva era filho de Thomé Pereira da Silva, de Leiria,e de D. Isabel de Faria; — neto paterno de Manuel Pereira da Silva e de D. Anna de Mello, filha de Francisco Dias Pimentel e de D. Maria Mendes de Cem ou *Ocem*; — e Manuel Pereira da Silva era filho de Agostinho Cerveira Botelho, desembargador d'El-Rei D. João III, e de D. Helena Pereira da Silva, de Guimarães, filha do desembargador Manuel Affonso de Carvalho.

D. Thereza Ignacia Castello Branco, supra mencionada, era filha bastarda de Francisco de Sousa Castello Branco, cavalleiro da Ordem de Malta, e de D. Joanna da Veiga Cabral Caldeirão — neta paterna de Pedro de Sousa Castello Branco, general de batalha e escriptor publico, e de D. Helena Mafalda Castello Branco; e este Pedro de Sousa era filho de José de Sousa Castello Branco, senhor do Guardão e de D. Isabel de Sousa Albergaria; — e D. Helena Mafalda era filha de Antonio Vaz de Castello Branco e de D. Maria de Sousa Castello Branco.

D. Joanna da Veiga Cabral Caldeirão, supra mencionada, era filha de Francisco Caldeirão da Veiga Cabral e de D. Marianna Bembo de Sousa; — neta paterna de Rodrigo Caldeirão e de D. Joanna da Veiga Cabral, — e materna de Fabricio Bembo, milanez, e de Maria de Sousa.

O dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes e D. Rita

Thereza Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco tiveram:

6.º Manuel Correia Botelho Castello Branco, pae do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, etc.»

Certamente quando Camillo planeou escrever o romance OS BROCAS, o que não realisou, dirigiu-se ao sr. visconde de Sanches de Baena, illustre genealogista, pedindo-lhe informações ácerca de alguns dos seus ascendentes. Sobre este assumpto enviou cinco cartas ao sr. visconde de Sanches de Baena, das quaes copiarei a primeira, cujo destinatario immediatamente procedeu a investigações na Torre do Tombo:

«Ill.mo Ex.mo Sr. Visconde e meu presado amigo — D'esta vez não foi desviado da sua direcção o opusculo com que V. Ex.ª me brindou. — Muito agradecido — Como V. Ex.ª possue muitos conhecimentos genealogicos e os dados infalliveis que lhe fornecem as velhas inquiriçoens do Santo Officio que Deus haja em sua Sancta guarda, tomo a liberdade de lhe enviar um traslado de certidão baptismal, de familia de Villa Real de Traz os Montes, a ver se por ventura V. Ex.ª me pode dar alguma informação dos antepassados do Dr. Domingos José Correia Botelho de Menezes fallecido em 1805, desembargador aposentado da Relação do Porto, e de José Luiz Correia Botelho, cavalleiro professo da ordem de Christo, que me parece ser tio paterno, irmão de Manoel Correia Botelho, avò do baptisado. Tambem desejaria saber se o capitão José Pereira da Silva, casado com uma senhora Castello Branco, de Cascaes, tem representante n'esta villa. Se V. Ex.ª entende que taes investigaçoens o obrigam a um trabalho superior a uma hora de inculcas nos seus cartarpacios, mande ao diabo a cardada, e não faça caso das impertinencias do de V. Ex.ª Amigo etc. *Camillo Castello Branco.* — Casa de V. Ex.ª Quinta de Seide por Famalicão, 23 d'outubro de 1881.»

O minucioso trabalho genealogico, feito pelo sr. visconde de Sanches de Baena, conserva-se inédito.

*

* *

Da familia Correia Botelho apuram-se alguns interessantes dados biogragraphicos em livros de Camillo Castello Branco. São paginas truncadas de memorias de familia, que o eminente escriptor tencionava coordenar no romance — Os Brocas —.

«A' portaria do mosteiro augustiniano, da Piedade, em Santarem, chegou em 1762 um homem na flor dos annos a pedir o habito. Mostrou pelos seus documentos chamar-se João Correia Botelho, e ser de Villa Real de Traz-os-Montes. Viéra de longe propellido por uma grande catastrophe. A profissão era o acto final de uma tragedia que eu escreveria froixamente n'esta minha edade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado *Os Brocas*. Como a historia é enredada e de longas complicaçoens, nem ainda muito em escôrso posso antecipal-a. Se eu morrer, como é de esperar da medicina, com a malograda esperança de escrever esse livro, algum de meus sobrinhos encontrará nos meus papeis os elementos organicos de uma historia curiosa e recreativa.

*

«O pai do frade augustiniano era Domingos Correia Botelho, meu terceiro avô paterno. Este homem casára duas vezes. Quando, já velho, contrahiu segundas nupcias, entregou aos filhos da primeira consorte os seus avultados patrimonios. João Correia ao vestir o habito de agostinho descalço, era rico. O outro filho, Manoel Correia Botelho, meu bisavô, residiu em Villa Real. Havia mais duas

filhas que professaram em um mosteiro de Abrantes. E, como a segunda esposa lhe morresse, o viuvo, com um filho e duas meninas do segundo matrimonio, foi residir em Santarem, onde o chamavam o amor e a saudade do seu desgraçado João.

«Domingos Correia morreu á volta dos oitenta annos, e confiou á protecção do filho frade os seus meio-irmãos José Luiz, Anna Bernardina e Joanna.

«Em nome de José Luiz Correia Botelho, comprou frei João a quinta de Gualdim, na Azoia de Baixo, onde foi residir a familia. Depois, ainda a expensas do frade, reuniram-se á quinta algumas propriedades circumvisinhas, esculpiram na casa o seu brazão d'armas e ahi permaneceram até que este ramo da familia Correia Botelho no lapso de vinte e cinco annos se extinguiu.

«José Luiz, cavalleiro professo na ordem de Christo, dotára sua irmã Anna Bernardina com a quinta de Gualdim e suas pertenças, para casar com um Ferreira Mendes. Por morte d'este sujeito, casou D. Anna, em 1794, com Pedro Vieira Gorjão, da Villa de Torres.

«Não teve D. Anna filhos de algum dos maridos; mas em 1807 chamou para a sua companhia um afilhado e sobrinho do segundo marido, que tambem se chamou Pedro Vieira Gorjão.

«José Luiz Correia Botelho falleceu em 4 de março de 1808 e sua irmã em 1811, legando os seus bens ao afilhado Pedro, sobrinho de seu marido. Este herdeiro universal dos bens comprados pelo frade, veio a ser o general de brigada Pedro Vieira Gorjão, que nascera em 28 de maio de 1803, e falleceu na quinta de Gualdim em 9 de agosto de 1870.

«Aquelle general foi, como é notorio, particular amigo de Herculano. E' tambem sabido que o cadaver do egregio historiador, sete annos depois, foi encerrado no jazigo do seu defunto amigo.» (Bohemia do espirito.)

*

* *

O romance Amor de perdição, escripto em quinze dias do anno de 1861 nas Cadeias da Relação do

Porto, é a historia dos amores infelizes de Simão Antonio Botelho, tio paterno de Camillo.

Simão Botelho era filho de Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Menezes, fidalgo de linhagem, e de D. Rita Thereza Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco, dama da rainha D. Maria I. [1]

Domingos Botelho sahiu de Coimbra com uma alcunha que ficou enraizada na sua familia.

«...era alcançadissimo de intelligencia — diz Camillo — e grangeara entre os seus condiscipulos da Universidade o epitheto de «brocas» com que ainda hoje os seus descendentes em Villa Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epitheto *brocas* vem de *brôa*. Entenderam os academicos que a rudeza do seu condiscipulo procedia do muito pão de milho que elle digerira na sua terra.»

Referindo-se ás anecdotas de que seu avô Domingos Botelho deixára memoria em Villa Real, escreve Camillo:

---

(1) N'uma das cartas ao sr. visconde de Sanches de Baena, diz Camillo: «Pelo que respeita a Correias Botelhos, estou plenamente satisfeito, graças ás illucidações prestantissimas de V. Ex.ª O que muito me interessava era saber quem fosse D. Rita Castello Branco, senhora com quem casou o dr. Domingos José Correia Botelho em Cascaes sendo alli juiz de fóra Os paes d'ella constam da certidão do baptismo que enviei a V. Ex.ª, e o dr. Domingos José Correia Botelho, segundo calculo, casou entre 1760 e 1765. Em Cascaes existe um indigena general reformado de apellido Castello Branco: póde ser que elle proceda d'essa familia. Conheci uma filha do dr. Domingos José Correia Botelho que se assignou *Caldeirão*. Porque? Entre os meus papeis manuscriptos ha umas trovas propheticas d'um physico Caldeirão de Cascaes, especie de Bandarra do seculo XVI. Poderemos espiolhar o Caldeirão n'essa familia de Cascaes que ha 50 annos se assignava *Castello Branco*?

«Duas contarei sómente para não enfadar. Acontecera um lavrador mandar-lhe o presente d'uma vitella, e mandar com ella a vacca para se não desgarrar a filha. Domingos Botelho mandou recolher á loja a vitella e a vacca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe. Outra vez, deu-se o caso de lhe mandarem um presente de pasteis em rica salva de prata. O juiz de fóra repartiu os pasteis pelos meninos, e mandou guardar a salva dizendo que receberia com escarneo um presente de doces que valeriam dez patacões, sendo que naturalmente os pasteis tinham vindo como ornato da bandeja. E assim é que, ainda hoje, em Villa Real, quando se dá um caso analogo de ficar alguem com o contheudo e continente, diz a gente da terra: «Aquelle é como o doutor brocas.» (Amor de perdição.)

*

Na ultima pagina d'este mesmo romance, lê-se:

«Da familia de Simão Botelho vive ainda, em Villa Real de Traz-os-Montes, a sr.ª D. Rita Emilia Botelho da Veiga Castello Branco (fallecida em 1872), a irman predilecta d'elle. A ultima pessoa fallecida, ha vinte e seis annos, foi Manoel Botelho, pai do auctor d'este livro.»

*

* *

«Que noites de alegria doida n'aquelle inverno de 1846!

«Eu tinha um tio analphabeto a quem o padre doutor Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, logar tenente do sr. D. Miguel I, promettera nomear corregedor da comarca logo que se desse o grito em Traz-os-Montes. Ah! eu ainda me deliciei a ouvir o grito e o *Rei-chegou;* mas os santos, domesticos das familias heraldicas, cahiram em um descredito politico que não ha fusão possivel que os rehabilite no meu conceito e no d'aquellas familias bigodeadas e scepticas.» (Maria da Fonte.)

*
* *

Nas MEMORIAS DO CARCERE, *discurso preliminar:*

«... recordo-me eu que fiquei ouvindo de minha tia a historia de meu avô assassinado, de meu tio morto no degredo, de *meu pai levado pela demencia a uma congestão cerebral.*»

*
* *

E ainda no mesmo livro:

«Despedi-me do fidalgo pobre, na estalagem da Regoa, e cavalguei em direcção a Villa Real, patria de meu pai, e a minha primeira paragem depois que a orphandade, aos nove annos, com a sua escolta de infortunios começou a andar comigo de inferno em inferno.»

*

«A irmã de meu pai, decrepita e cadaverica, disse-me que *era necessario ser desgraçado para não contradizer os fados de nossa familia.*»

A irmã de seu pai era, como já fica dito, D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, tambem irmã do desgraçado Simão Botelho do AMOR DE PERDIÇÃO. Esta senhora foi casada, creio que em segundas nupcias, com João Pinto da Cunha, de quem ao deante fallará Camillo, na MARIA DA FONTE.

O avô de Camillo, Domingos José Correia Botelho, morreu assassinado na quinta de Montezellos, proxi-

mo a Villa Real, por salteadores, que, n'uma investida nocturna feita áquella propriedade, completaram o roubo com o homicidio.

Ficam assim explicadas as referencias de Camillo nas MEMORIAS DO CARCERE.

*
* *

Na MARIA MOYSÉS (2.ª parte), falla Camillo do conego João Correia Botelho, seu parente, cujo retrato se encontra na galeria dos bemfeitores do hospital de S. Marcos em Braga.

*
* *

A familia de Camillo tem jazigo privativo n'um dos tres cemiterios de Villa Real. O epitaphio, que foi escripto por Camillo, como elle proprio declára no romance, AS TRES IRMÃS, é uma das suas primeiras composições poeticas:

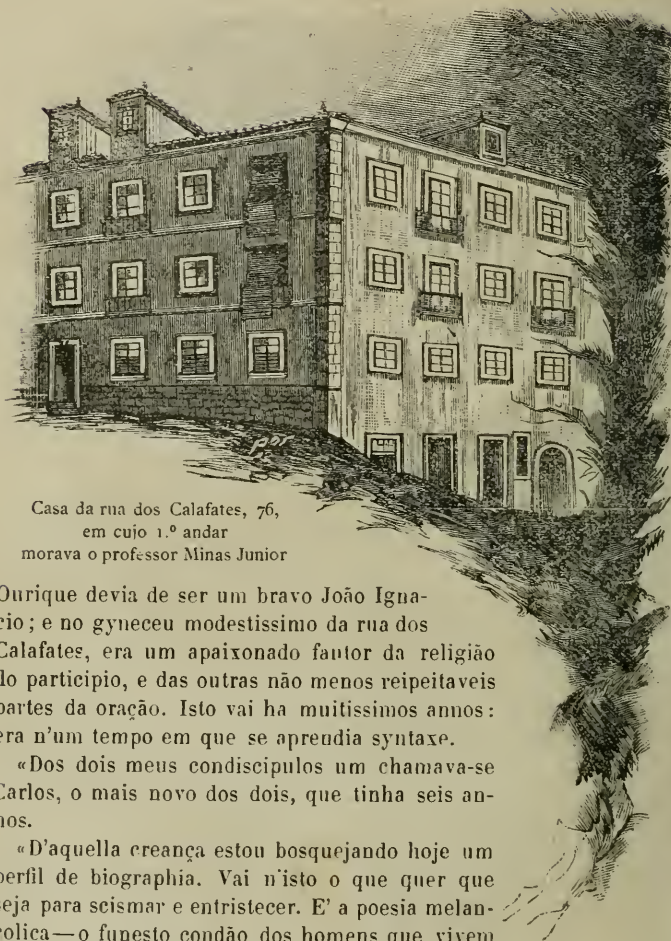
Mortaes, aqui termina esse contracto,
Que tem por condição isto que vêdes.
Um pó, que n'estas pedras se confunde,
Resolve d'esta vida o problema.
Retratos d'este pó, só de mais temos
Um sopro animador, que a Deus se torna.

II

NA SAMARDAN

> Que acerbas melancolias
> Eu tenho d'essas semanas
> Que passei nas serranias
> Das regiões transmontanas.
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO—*Nostalgias.*

MEU LADO, no banco da escola de primeiras lettras, em Lisboa, por 1834, sentavam-se dois meninos, filhos d'um amigo de meu pai. Estou vendo, além, para lá da cerração de trinta e oito annos, aquellas duas creanças loiras e formosas, pedindo commigo a Deus que nosso mestre, o sr. João Ignacio Luiz Minas Junior, fosse para a guerra.

«Porque o nosso professor era guerreiro por aquelles tempos. Com uma das mãos na palmatoria e a outra na espingarda, acudia pelo decoro do Lobato e pela restauração da monarchia representativa. Nas baterias de campo de

Casa da rua dos Calafates, 76,
em cujo 1.º andar
morava o professor Minas Junior

Ourique devia de ser um bravo João Ignacio; e no gyneceu modestissimo da rua dos Calafates, era um apaixonado fautor da religião do participio, e das outras não menos respeitaveis partes da oração. Isto vai ha muitissimos annos: era n'um tempo em que se aprendia syntaxe.

«Dos dois meus condiscipulos um chamava-se Carlos, o mais novo dos dois, que tinha seis annos.

«D'aquella creança estou bosquejando hoje um perfil de biographia. Vai n'isto o que quer que seja para scismar e entristecer. E' a poesia melancolica—o funesto condão dos homens que vivem muito da vida intuspectiva.

«N'aquelle anno de 1831 nos apartamos. Meu pai morreu. E, como

eu já não tivesse mãe nem fosse inteiramente pobre, a desgraça deparou-me parentes em Traz-os-Montes onde vim a entender que não ha lagrimas bastantes a deplorarem o destino de um orphão, com oito annos de edade, e as faces quentes e humidas dos ultimos beijos e das ultimas lagrimas de seu pai.» (O VISCONDE DE OUGUELLA, PERFIL BIOGRAPHICO.)

O ACTUAL VISCONDE DE OUGUELLA

Os dois condiscipulos, a que Camillo se refere, são o actual visconde de Ouguella e seu irmão o sr. Ricardo Sylles Coutinho, secretario da junta consultiva de obras publicas.

E sobre o mesmo assumpo, NAS TREVAS:

(RECORDAÇÃO DOS 9 ANNOS)

AO VISCONDE DE OUGUELLA

Nós aprendemos juntos a grammatica
Do insigne e fecundissimo Lobato.
O nosso pedagogo intemerato
Nos *Calafates* fez resurgir Attica.

Afóra esta funcção assaz sympathica
O mestre era guerreiro; e o desbarato
Que fez nos miguelistas, não relato,
Que eu da guerra civil detesto a tactica.

Devemos-lhe os segredos do *dativo*
E os mysterios do occulto *adjectivo*
E os do *supino*, e mais coisas supinas.

Visconde, é gratidão dizer ao mundo
Que quem nos deu o litterario fundo
Foi mestre João Ignacio Luiz Minas.

Uma nota interessante: O professor Minas foi casado com uma tia do actual escriptor Gervasio Lobato.

*
* *

«Aos meus dez annos levantou-se uma tempestade no seio da minha familia. Uma vaga levou meu pai á sepultura; outra atirou comigo de Lisboa, minha patria, para um torrão agro e triste do norte; e a outra... Não merece chronica a outra: arrebatou-me

um esperançoso patrimonio. Foi bem pregada a peça para que eu não tivesse a imprudencia de nascer, a despeito da moral juridica, filho-bastardo de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da senhora D. Maria I me desherdava.» (DUAS HORAS DE LEITURA.)

"Tinha eu nove annos e era orphão„ diz Camillo NO BOM JESUS DO MONTE.

Portanto seu pai fallecera de 1834 para 1835. N'esse mesmo livro descreve a impressão que lhe deixou o cadaver do pai:

«Devo ajuizar da minha precoce sensibilidade, recordando que, dois mezes antes, entrei, por noite alta, na sala onde meu pai estava amortalhado, sem mais companhia que quatro cirios de chamma azulada. Ajoelhei, sem orar. Afastei da fronte do cadaver o capuz do habito, e beijei-lh'a. Puz tambem a bocca nas mãos glaciaes: senti um frio de que ainda o coração me guarda a memoria; o frio do ambiente dos mortos. Ao meu lado, ninguem. A irman, que eu tinha, alguns annos mais velha, encerrou-se com a sua dor e com o seu terror de cadaveres. E eu estava ali destemeroso das sombras que desciam dos angulos do tecto á penumbra do clarão oscillatorio das tochas. Largo espaço contemplei a face de meu pae, aformoseada pelo resplandor da aurora do dia eterno; e assim ponderei as ultimas palavras que lhe ouvira, confiadas ao frivolo espirito dos meus nove annos: «Que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!...»

O conselho de familia mandou recolher os dois orphãos a Traz-os-Montes para os confiar aos cuidados de uma tia paterna.

Embarcaram no vapor *Jorge IV*, acompanhados por uma criada, Carlota Joaquina: "era uma mulher gorda, façuda, e frescalhona, que bolsava os figados do beli-

che a baixo, e gritava *á d'el-rei* de afflicta com o enjôo„ diz Camillo.

Quando avistaram a barra do Porto, havia muito mar; arribaram por isso a Vigo.

Carlota Joaquina, receiosa pela sua vida, fizera voto, se escapassse, de ir em romaria ao Senhor do Monte. De Vigo seguira com os orphãos e alguns mais passageiros, por terra, para Tuy, de Tuy para Vianna, Ponte do Lima, até que chegaram a Braga e cumpriram a promessa.

Os dois orphãos e a criada, despedindo-se dos restantes romeiros, continuaram jornada para Villa Real.

No livro BOHEMIA DO ESPIRITO tambem Camillo se refere á sua orphandade e viagem de Lisboa para Vigo:

«Eu tinha dez annos quando, pela primeira vez, fui ao Bom Jesus do Monte. Eu, com outros romeiros, vinhamos de Vigo onde nos aproára uma tormenta no alto mar. A minha criada, muito amante da vida, fizera uma promessa ao Bom Jesus; e, no cumprimento da sua palavra, de passagem para Traz-os-Montes, convidára alguns companheiros de jornada a subirem ao alto da mata para agradecerem ao miraculoso Senhor o seu salvamento.»

*
* *

O *torrão agro e triste* (DUAS HORAS DE LEITURA) em que Camillo viveu depois que de Lisboa sahira orphão, tem nas suas obras as referencias seguintes:

«A aldeia chama-se Villarinho da Samardan. Demora em Traz-os Montes, na comarca de Villa Real, sobranceira ao rio Corrego, no

desfiladeiro de uma serra sulcada de barrocaes. E' citada nos epigrammas de Filinto Elysio como typo de chalaça, de galhofa, de surriada. Segundo aquelle mestre do gerundio e artifice de linhas corneamente esquinadas que a calumnia chama versos, dizer a um luzo que a sua patria era a Samardam, equivalia a um *Zut* dos gavroches francezes de hoje em dia sibilado ás orelhas do forasteiro de Pont-á-Mousson, ou Brisves-la-Gaillarde—as Samardans da França, symbolicas de burlesco.»

(LYRA MERIDIONAL, "critica ao livro d'este titulo, publicada primeiro no vol. III dos, SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE, e depois em opusculo, de que apenas se tiraram 40 exemplares não vendidos.)

«N'esta Samardan passei eu os descuidos e as alegrias da infancia, na companhia de minha irman, que alli casou, e d'aquelle padre Antonio d'Azevedo, alma de Deus, missionario fervoroso que me podia ensinar tanto latim, tanta virtude, e só me ensinou principios de canto-chão, os quaes me serviram de muito para as acertadas apreciações que eu fiz depois das prima-donas.» MEMORIAS DO CARCERE, vol. II.

*

«Ha de haver um seculo que a aldeia mais chasqueada era a *Samardan.* (1) Filinto Elysio valeu-se d'aquella aldeia todas as vezes que necessitou naturalizar um patola. Entre varios lanços das suas obras escolho o seguinte:

---

(1) *Samardan* é de raiz persa. O successor de Cambizes e predecessor de Dario chamava-se *Samardous.* Estes meus processos etymologicos são da eschola de *Amador Patricio* das «Antiguidades de Evora»; que Samardou viesse e desse o nome á Samardan é hypothese melhor de aceitar que a outra de ter vindo o heroe de Homero fundar Lisboa; porque chamando-se o heroe *Odisseus* não é crivel que em Lisboa se crismasse em Ulysses. (*Nota de Camillo.*)

Sahiu da Samardan certo pedreiro
Faminto de ouro, em busca de fortuna:
Embarca, vae-se ao Rio, deita ás Minas,
E lida, e fossa, e sua, arranca á Terra
O luzente metal, que o vulgo adora.
Vem rico a Samardan; vinhas, searas,
Casas, moveis, baixella, compra fôfo:
Brocados veste, vae-se nos domingos
Espanejar á Egreja, acompanhado
De lacaios esbeltos: vem o Cura,
Saúdal-o com agua benta; os mais graudos
Do logarejo a visital-o acorrem;
Para elle os rapapés, as barretadas
Se apostavam de longe a qual mais prestes.
Fallavam-lhe os visinhos e a gazeta
Na celebre Pariz, cidade guapa
Onde todo o estrangeiro nobre ou rico
Vae fazer seu papel. Eil-o azoado
Que deixa a Samardan, que se apresenta
Na capital franceza; roda em côche,
Alardeia librés; passeia Luvres,
Versalhes, Trianões. Volta enfadado
A' sua Samardan. — «Gabam tal gente
«De polida! Oh! mal haja quem tal disse!
«Corri casas, palacios corri ruas;
«Não vi um só nem grande nem plebeu.
«Que, ao passar, me corteje c'o chapeu.» (1)

«O padre Francisco Manoel, se em vez da Samardan, — serrana e fragosa aldeia que não tem egreja nem cura — escolhesse para terra natal do seu rico parvajola algumas das cidades notaveis do reino, teria escripto um conto verosimil.»

---

(1) Nas *Memorias do carcere*, Camillo, reproduzindo alguns d'estes versos de Filinto Elysio, nota que elle truca de falso referindo-se a vinhas, egreja e cura, que lá não ha. «Aqui está como são os poetas! »exclama jovialmente.

. . . .

«Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia Transmontana, entre as serras do Mesío e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem á aldeia e sebam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancellar as portas dos curraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubremente e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com raposas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi alli que eu me familiarisei com as bestas-feras; ainda assim topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me erriçaram os cabellos.

«Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fôjo — uma cêrca de muro tôsco de calháos a esmo onde se expunha á voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balídos da ovelha, vinha de longe derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da presa, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo, que ao terceiro pulo lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sobre o espinhaço; porém transpor de salto o muro era-lhe impossivel, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A féra provavelmante comprehendia então que fôra lograda; mas em vez de largar a presa, e alliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estupida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

«De uma d'essas vezes, puz sobre uns sargaços a *Arte* do padre Antonio Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci: marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltára a féra, e, posto ás cavalleiras do muro, gastei a polvora e chumbo que levava granizando o lobo, que raivava dentro do fôjo atirando-se contra os angulos asperrimos do muro. Desci para deixar o lobo morrer socegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de

me retirar, espreitei-o por entre a junctura de duas pedras. Andava elle passeiando na circumferencia do fòjo com uns ares burguezes e sadios de um sujeito que faz o chylo de meia ovelha. Depois, sentou-se á beira da restante metade da rez ; e, quando eu cuidava que elle ia morrer ao pé da victima, acabou de a comer.

«E' forçoso que eu não tenha algum amor-proprio para confessar que não lhe metti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo n'aquelle tempo eram inoffensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.

«Este conto veio a proposito da Samardan, que distava um quarto de legua da aldeia onde passei os primeiros e unicos felizes annos da minha mocidade.» (NOVELLAS DO MINHO : *O degredado.*)

*

* *

No drama O CONDEMNADO, primeiro acto, ha, n'um dialogo de criados, a seguinte referencia á Samardan:

JOAQUIM

«Isto sempre é melhor que andar a guardar ovelhas na Samardan, eim ?

JOÃO

«O que? pois não fostes? Tomára-me eu lá com as minhas ovelhas. Assim que m'alembram os nossos montes, começo a esbaguar e átrigar-me aqui dentro do coração.»

*

* *

«Porque me chama elle *da Samardan ?* Quer expòr-me á hilaridade da Europa denunciando a minha humilde origem no concavo

de uma serra transmontana? Tenho pezar em desmentir o parvoeirão. Nasci em Lisboa e fui baptisado na egreja dos Martyres. Está resolvida a questão perante a posteridade no litigio que ha de correr entre Samardan e Lisboa (BOHEMIA DO ESPIRITO: *Modelo de polemica portugueza.*)

Nas NOSTALGIAS:

> *Manet alta mente*... Emfim,
> Seja dito sem aggravo:
> Nem Lisboa é bem jasmim,
> Nem a *Samardan* é cravo.

*

* *

«Fui educado n'uma aldeia, onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão d'um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre. Fugi de casa para a serra, dava muitos tiros ás gallinholas e perdizes; porém, louvado seja Deus, não me doe o remorso de ter matado uma!

«O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia ácerca da minha dignidade; reprehendia os meus baixos instinctos; attrahia ao seu voto o marido e o padre e cortava-me o rasteiro vôo escondendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a borôa, e a cabacinha da agua-ardente.

«Não obstante eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros. N'este instante, vejo palmo a palmo aquelles sitios. Se eu alli fôr, vou sentar-me ao

pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, ha quinze annos, dois anneis de missanga. Ora estes anneis...»
(DUAS HORAS DE LEITURA.)

*

* *

Na collecção de poesias intitulada UM LIVRO, ha uma clara referencia á Samardan, escripta seguramente de longe, como se deprehende do texto:

Vivi por agras montanhas
Onde a torva natureza
Não tem galas nem poesias;
Onde é triste a primavera,
Sem aromas nem verdores;
Onde o sol calcina a rocha
E não deixa ao prado flôres;
Onde o inverno se contorce
Em vulcões de ventania,
E ruindo sobre a espalda
D'aquellas serras cinzentas
Onde a custo alveja o dia,
Com bramido pavoroso,
Genio infernal das tormentas.
Dei uns longes da agonia
Da terra ao nada volvida.
E vim das margens do Tejo
Na aurora da minha vida
Desterrado para ali.

*

* *

A irmã de Camillo, a sr.ª D. Carolina de Azevedo Castello Branco, que vive na sua casa de Villa Real de Traz-os-Montes. casára com um medico d'aquella villa.

«...era um medico, na flor da edade, com uns bellos olhos absorventes de luz, e a fronte grande a irradial-a em talento, em claridades de boa alma affectiva e devotada ás prodigalidades do bem fazer.» (A LYRA MERIDIONAL, *critica ao livro de seu sobrinho Antonio.*)

Esse medico, pai de tres filhos, Antonio, José, João e duas filhas, chamava-se Francisco José d'Azevedo.

Retrato do medico Francisco José d'Azevedo
(Cunhado de Camillo)

Falleceu a 25 de dezembro de 1867.

Nas DUAS EPOCHAS DA VIDA ha uma poesia de Camillo offerecida a sua irmã. Intitula-se *Meditações.*

Transcrevemos tres estrophes que servem para con-

catenar, n'este ponto, a pagina da sua biographia edolçurada de um suave perfume de amor fraterno, — recordações do primeiro lar.

Correu-te a vida arroio bonançoso,
Teu pranto não verteste em suas aguas:
Ha lagrimas de amor; mas não são magoas,
Que nunca mais permittam ser feliz.
Ha na terra um prazer, que não expira,
Uma luz immortal d'eterno brilho,
Amar um caro esposo, um terno filho,
Sentir um santo amor, que ninguem diz.

Um filho, e acarinhal-o, e comprimil-o
No seio delirante de alegria,
E ouvir-lhe a voz de *mãe*, que balbucia
Nos labios, que o prazer articulou.
Depois, tenra vergontea, ver-lhe as flores,
E os fructos saborosos da candura,
E um docil coração, e a crença pura,
Que o nome de Jesus lá fecundou!...

E's mãe, que mais anceias cá na terra?
Quando afagas teu filho, estremecida?
As glorias e o prazer, que o mundo encerra,
Não valem um surrir do filho teu!
Emquanto o vês, tenrinho, amar-te os beijos,
Repara n'essa fronte luminosa;
Exultará teu seio, mãe ditosa,
Pois n'ella o brilho vês da luz do ceu!

O medico tinha um irmão que era padre.

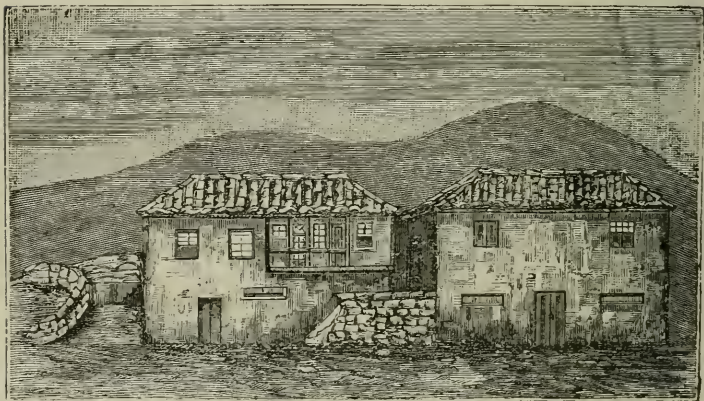
«Teria trinta e oito annos. Ainda o conheci não longe da mocidade. Um homem gentilissimo, as mais harmoniosas linhas curvas de

belleza varonil que ainda vi. Sempre nos olhos e nos labios as lagrimas e os surrisos do coração compadecido ou exultante. Escasso de palavras. A reflexão em demasia escrupulosa apoucava-lhe os dons da eloquencia; mas, se era preciso sahir ao baluarte da sua Fé menoscabada por um voltaireano doutorado em Pigault-Lebrun, então sim, era facundo, traçava gestos grandiosos sem artificio, e até a voz se lhe timbrava extraordinariamente em tonalidades reprehensivas, mais insinuantes que os proprios argumentos dogmaticos.»

Tal era, descripto por Camillo, o padre Antonio d'Azevedo.

«Vivi dois annos com este prior. As nossas camas estavam no mesmo quarto. Ensinava-me latim e musica de canto. Elle era um bello barytono em cantares mysticos e tocava flauta—coisas clasicas, talvez, lidas n'umas velhas solfas. A minha corda vocal nunca poude graduar-se. Inclassificavel. Cantando a escala, quando chegava ao *si*, esganitava-me n'uma engasgação. A minha voz não se parecia com a voz de ninguem. Uma larynge que veio intempestiva para modular as melopeas incognitas da musica do futuro, balbuciada, ha pouco tempo, por Wagner. Desistiu-se de parte a parte pelo que respeitava ao lyrismo. No latim, andei melhor. Antes de saber traduzir o *Eutropio,* pronunciava correctissimamente a prosa e o verso. Padre Antonio fazia-me psalmear com elle os versiculos do *Breviario,* alternadamente. Resavamos, ao romper d'alva, *matinas,* depois *laudes,* á noite *vesperas* e *completas.* Eu sabia de cór os *psalmos penitenciaes,* sem os perceber; — os dogmas da minha religião começavam pelo idioma;—porém o prior, se eu lhe pedia, traduzia-m'os com uncção e enfase, accentuando com um compasso de dêdo no seu *Breviario* a separação dos versiculos para que eu entendesse a correspondencia litteral. Era prégador; mas raras vezes subia ao pulpito, fóra da sua egreja. Redigia todos os seus sermões: não usava expositores, e nunca os repetia. Tinha grande difficuldade em os decorar. Ser-lhe-ia penoso improvisal-os: —apren-

dia-os á custa de eu lh'os reler. Afinal, recitava-lh'os inteiros, sem o papel, e elle, triste e desanimado, ainda balbuciava a primeira pagina.

«Uma vez, prégava de S. Martinho, o orago da freguezia. Nunca lhe fôra tão rebelde a memoria. Os começos dos periodos era-lhe impossivel recordal-os. Fui eu tambem para o pulpito. Acocorei-me no ultimo degrau. Fiz de ponto; e logo ao segundo periodo que

(Casa de Villarinho da Samardan, onde Camillo foi educado)

dizia: *Conduzido a Ninive entre as ingratas tribus que ao furor de Salmanaasar entregaram*, etc., o prior já não se lembrava da cidade maldita, nem do nome do impio tyranno conquistador de Israel. Vali-lhe com a minha geographia e com a minha historia, e d'ahi por diante correu tudo direito até ás tres *Ave-Marias*, pelo mordomo e por outras jerarchias recommendaveis.»

....

«Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu

acordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar rezando os doze mysterios, por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Rezavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e acolitava pingando mais somno que devotas lagrimas. De volta do presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os *Annaes da propagação da fé*, as *Noites de Joung*, a *Miscellanea curiosa e proveitosa*, os *Luziadas*, o *Teatro de ios dioses*, as *Viagens de Cyro*, as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal*, por uma sociedade de inglezes.

«Passados muitos annos, dediquei-lhe um livro — *O bem e o mal*. Quem possuir esta esquecida novella hypnotica, releia a dedicatoria. Parece-me que ahi recordo esses fugitivos dias de innocencia e confiança na intervenção de Deus em coisas humanas. Umas trinta cartas que recebi do prior no transcurso de trinta annos, todas conservo. Aqui tenho uma escripta ha vinte e annos, agradecendo-me a dedicatoria do livro.» (A LYRA MERIDIONAL.)

Após a dedicatoria do romance O BEM E O MAL, encontra-se a seguinte carta de Camillo ao padre Antonio d'Azevedo:

«Meu amigo:

«Ha vinte e tres annos que eu vivi em sua companhia.

«Lembra-se d'aquelle incorrigivel rapaz de quatorze annos que ia á venda da Serra do Mesío jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada muitas vezes?

«Esse rapaz sou eu; é este velho, que lhe escreve aqui do cubiculo de um hospital, muito visinho ao cemiterio dos Prazeres.

«Eu sou aquelle a quem padre Antonio de Azevedo ensinou principios de solfa, e as declinações da arte franceza.

«Sou aquelle que leu em sua casa as *Viagens de Cyro*, o *Theatro dos Deuses*, os *Luziadas*, *As peregrinações* de Fernão Mendes Pinto e outros livros, que foram os primeiros.

«Sou aquelle que, sem saber latim, resava matinas, laudes, terça, sexta, etc., com padre Antonio.

«Sou, finalmente, aquelle, a quem padre Antonio disse: — «O tempo ha-de fazer de você alguma cousa.»

«Passados vinte e trez annos, como eu acabasse de escrever o meu quadragesimo segundo volume, lembrou-me dedicar-lh'o, meu venerando amigo, e rogar-lhe que peça a Deus por mim.»

«Lisboa, 22 de junho de 1863.»

O hospital d'onde Camillo escrevia, muito visinho ao cemiterio dos Prazeres, era a casa de saude, do inglez Fillippe Dart, no largo do Monteiro. (1)

---

(1) Um dos artigos de critica que constituem o livro *Esboços de apreciações litterarias*, está datado assim: *No hospital do Largo do Monteiro, em 11 de agosto de 1862.*

III

PRIMEIROS AMORES

> O amor dos quinze annos é uma brincadeira...
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO. — *Amor de perdição.*

CAMILLO CASTELLO BRANCO cantou os seus infantis amores com uma camponeza de de Villarinho da Samardan, onde passára, como sabemos, alguns annos da infancia.

> Luiza, flôr d'entre as fragas,
> Donairosa camponesa,
> Typo gentil de pureza,
> Lindo esmalte das campinas, etc.

Encontram-se recordações d'estes amores em duas obras de Camillo: DUAS HORAS DE LEITURA e UM LIVRO.

Nas MEMORIAS DO CARCERE refere-se ao facto de ter encontrado, em 1860, n'aquella mesma aldeia, a *donairosa* Luiza d'outr'ora.

«Encarei surrindo tristemente em meu sobrinho (Antonio) e elle disse-me:

«—Não a vê?

«—Luiza?

«—Sim. Aquella que tem os braços cruzados.

«Contemplei-a, e vi uma velha.

«—Aquella que me está olhando?! repliquei.

«—A mesma Luiza de ha quinze annos.

«E eu disse commigo: «Estará ella dizendo ás outras: — Elle é aquelle velho?

«E passei ávante.

«E meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto, consagrado áquella Luiza, que fôra nova e linda, etc.»

*

*   *

O coração infantil de Camillo borboleteava de flôr em flôr, de capricho em capricho, como é proprio das mariposas e das creanças.

Organisação artisticamente impressionavel e vibratil, a pagina dos seus quinze annos é simplesmente adoravel, gorgeada das notas frescas e crystallinas de um idyllio, perfumado dos aromas campestres do rosmaninho e da madre-silva. Creado nos montes, a mulher dos campos foi a primeira que impressionou o seu coração, que a orphandade fizera sedento de amor. Em 1841, Camillo casára com uma aldeã, uma rapariga de S. Cosme de Gondomar, que se domiciliára na povoação de Friume, freguezia do Salvador, concelho de Ribeira de Pena.

O documento authenticamente comprovativo d'esta união conjugal diz o seguinte:

«Francisco Xavier Alves, Reitor da freguezia do Salvador da Ribeira de Pena, archidiocese de Braga:

Certifico e attesto, que em um livro dos assentos de casamento d'esta freguezia do Salvador, concelho de Ribeira de Pena, archidiocese de Braga, está lavrado a fl. 43 o assento do teor seguinte: «Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, e Jacinta Rosa Almeida do Espirito Santo, da cidade de Lisboa e de presente assistente n'esta freguezia do Salvador, e Joaquina Pereira, filha de Sebastião Martins dos Santos e Maria Pereira de França, do lugar de Friume, d'esta freguezia do Salvador da Ribeira de Pena, contrahiram o Sacramento do matrimonio por seus mutuos e expressos consentimentos *in facie Ecclesiae* conforme o Concilio Tridentino e Constituição do Arcebispado com commutação de proclamas para depois de recebidos na minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, a dezoito d'Agosto de mil e oitocentos e quarenta e um: testemunhas presentes o Padre José Maria de Souza, do Pontido d'Aguiar e Francisco Ribeiro Moreira, de Friume, d'esta freguezia: e para constar fiz este termo era ut supra. O Encommendado *Domingos José Ribeiro*. O Padre *José Maria de Souza. Francisco Ribeiro Moreira*. Tem á margem «Friume e Villa Real.». E' copia do proprio original, a que me reporto. E por ser verdade passei a presente que juro *in fide Parochi*. Parochial do Salvador da Ribeira de Pena, 21 de Novembro de 1887 e sete. — *Francisco Xavier Alves.*»

O facto do casamento de Camillo não era em 1852 tão ignorado no Porto, que o abbade da Sé, padre José Vicente Teixeira, não declarasse, n'um documento existente no cartorio da camara ecclesiastica d'aquella cidade, que Camillo Castello Branco *era viuvo de D. Joaquina Pereira de França.*

Vamos agora á historia d'estes amores primaveris, fielmente reproduzida de uma carta escripta por pessoa residente no concelho de Ribeira de Pena. Transcrevo textualmente a carta:

«Joaquina Pereira era natural de S. Cosme de Gondomar; veio para a povoação de Friume, da freguezia do Salvador de Ribeira de Pena, em companhia de seus pais, Sebastião Martins dos Santos e Maria Pereira França, que n'aquella epocha tinham aqui uns parentes rendeiros das commendas de S. Salvador, Santa Maria de Fiães e outras.

«Sebastião Martins dos Santos, na terra da sua naturalidade, era alfaiate; aqui em Friume foi negociante, tendo um estabelecimento de mercearia e fazendas de lã. Era um meio *doutor* lareiro, lido em *Carlos Magno, Princeza Magalona, Prophecias do Bandarra, Lunario Perpetuo.*

«Joaquina Pereira era uma moça reforçada, alta de peitos, d'estatura regular, morena, muito sympathica, folgazã e de uma ingenuidade e bondade a toda a prova. Um verdadeiro typo de camponeza de S. Cosme, do seu tempo.

«Desde que aqui estava a familia de Sebastião Martins dos Santos, appareceu aqui Camillo Castello Branco, em companhia de sua tia D. Rita do Loreto Castello Branco, sogra de Francisco José Ribeiro Moreira, abastado proprietario em Friume, em casa de quem Camillo Castello Branco se hospedou conjunctamente com a tia: e por aqui viveu despreoccupadamente, já fazendo cantigas para descantes, já ensaiando corridas de gallo e entremezes, sendo sempre Camillo o protogonista d'estes divertimentos, sendo *ponto, contra-regra, ensaiador,* ensaiando os papeis áquelles que não sabiam lêr, dando o risco para os tablados onde tinham logar as representações: emfim um rapaz vivacissimo.

«A este tempo, Luiz da Cunha Lemos, então secretario da camara e da administração do concelho, teve que tomar conta dos logares de escrivão de fazenda e de escrivão e tabellião do julgado; e como tivesse agglomeração de serviço, apesar da simplicidade com que,

então, eram regidas aquellas repartições, reconhecendo em Camillo grandes aptidões convidou-o para escrevente, logar que elle acceitou mediante cama e meza e não sei se alguma remuneração em dinheiro.

«Na epocha das corridas do gallo e dos *entremezes*, Camillo principiou namoro com Joaquina Pereira, que lhe correspondia com toda a effusão de sua alma, namoro a contento da familia d'ella, porque se dizia que Camillo tinha uma grande herança a receber. Por isso Sebastião Martins dos Santos, que era financeiro, tanto apadrinhou a inclinação de ambos, que os casou em 18 de Agosto de 1841.

«Pouco depois de cazados, Camillo a instancias do sogro foi leccionar-se em latim com o padre mestre Manoel Rodrigues, da Granja Velha, e como Friume distasse d'aquella povoação cerca de 8 kilometros, o sogro arranjou-lhe hospedagem na povoação de Viella, em casa de Rita Alves, e d'aqui ia á aula da Granja, vindo visitar apenas a esposa aos domingos e dias santificados.

«Quando frequentava o latim, effectuou-se em Ribeira de Pena um casamanto que cauzou grande ruido, pela opposição que a familia do noivo fazia a este enlace. Camillo, instado pela parcialidade dos opposicionistas, fez uns versos em que ridicularisava os noivos, os quaes versos foram affixados á porta da egreja do Salvador, versos estes, que se não é avisado a tempo, lhe renderiam algum desacato pessoal, pois o noivo, que era fidalgo e tinha suas fumaças de valentão, logo que soube quem era o auctor, protestou vingar-se d'elle.

«Camillo, por esta razão e por que o sogro desejava que elle fosse medico, foi para Lisboa e depois para o Porto, onde frequentou algum tempo as aulas superiores.

«Camillo, não sabemos porque, abandonou as aulas e o Porto, regressando a Villa Real, para a companhia da tia D. Rita.

«Por esta razão o sogro, Sebastião Martins dos Santos, ficou inimistado com Camillo. A pobre Joaquina Pereira, que culpa alguma tinha, era a victima innocente das iras do pai. Sabedora de que Camillo estava em Villa Real e desejando que elle viesse para a sua companhia ou ella ir para a d'elle, convidou umas mulheres de Friume para irem a Villa Real, com uma carta sua (Joaquina sabia

ler e escrever) em que lhe dizia que estava doente e que por esta razão desejava vel-o. E ensaiou as mensageiras para que dissessem ao seu Camillo que effectivamente estava muito doente. Foram-lhe porém falsas, fingiram que foram a Villa Real e não foram; esconderam-se ás suas vistas trez dias e apresentaram-se-lhes dizendo que Camillo não estava em Villa Real, mas que a tia D. Rita lhes dissera que, logo que elle alli regressasse, lhe entregaria a carta, e com certeza que o sobrinho iria visitar a esposa.

«Esta, porém, cansada de esperar, convidou Bernardo Alves para ir a Villa Real com nova carta. Este, condoido da pobre Joaquina Pereira, porque sabia da falsidade das duas primeiras mensageiras, foi a Villa Real, entregou a carta a Camillo, pintou-lhe com negras cores o estado de saude da esposa. Camillo, que tambem anciava vel-a, e se o não fazia era por causa dos odios do sogro e não ter recursos para se sustentar e á esposa e á filhinha (a este tempo tinham uma filhinha de trez a quatro annos) veio com o mensageiro Bernardo Alves, e ao chegar junto da esposa, vendo-a de saude, disse-lhe: =Então eu por aqui tão afflicto, e tu de perfeita saude!=

«Demorou-se aqui alguns dias, sempre vigiado pelo sogro, e depois regressou a Villa Real. Nos colloquios que tiveram, accordaram, pela confissão que Joaquina d'elles fez a uma sua intima amiga, no seguinte:

«Que Camillo voltaria ao Porto para continuar os estudos, e que logo que os concluisse Joaquina iria para sua companhia, e que para educarem a filhinha convenientemente, a metteriam n'um recolhimento no Porto.

«Infelizmente, porém, Joaquina Pereira não chegou a ver realizados os seus sonhos dourados, pois que d'ahi a mezes sobrevieram-lhe umas *caimbras* e falleceu em tantos de setembro, e a filhinha falleceu poucos mezes depois da mãe.

«Camillo estava para o Porto e não teve conhecimento das enfermidades da mãe nem da filha, e só depois do seu fallecimento é que o sogro lh'os participou talvez para mais lhe torturar a alma.»

Quer-nos parecer que Camillo Castello Branco deixou nas ultimas paginas do livro CORAÇÃO, CABEÇA

E ESTOMAGO uma photographia da sua vida serena de Friume, d'onde fôra compellido a ausentar-se.

Leiam-n'as attentamente.

Um documento authentico permitte-nos determinar com segurança a data do fallecimento da primeira esposa de Camillo:

«Dom Antonio José de Freitas Honorato, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, etc.

Fazemos saber que por parte de.... Nos foi requerido lhe Mandassemos passar em forma authentica a certidão d'obito de Dona Joaquina Pereira França, primeira mulher do Visconde de Correia Botelho, Camillo Castello Branco. que se acha junta aos papeis com que este obteve licença com dispensa dos proclamas, para se unir em segundas nupcias com Dona Anna Augusta Placido, a qual certidão ante Nós reconhecida, é do theor seguinte: Francisco Xavier Alves, Reitor da freguezia do Salvador da Ribeira de Pena, Arcebispado de Braga Primaz; Certifico, que em um livro findo dos assentos d'obito d'esta freguezia do Salvador, Concelho de Ribeira de Pena, Arcebispado de Braga, achei a folhas dezeseis o assento do theor seguinte: Joaquina, casada. do logar de Friume e freguezia do Salvador de Ribeira de Pena, falleceu com todos os sacramentos em dia vinte e cinco e foi sepultada aos vinte e sete de Setembro de mil oitocentos e quarenta e sete, foi sepultada como pobre, nada teve, e para constar fiz este termo. Era ut supra. O Parocho José Antonio Rodrigues Tem á margem a nota seguinte: Friume. Teve missa cantada. É copia fiel do proprio original a que me reporto. E por ser verdade passo esta que juro *in fide Parochi*. Parochial do Salvador de Ribeira de Pena, quatorze de Julho de mil oitocentos oitenta e cinco. Francisco Xavier Alves. Segue-se ao mesmo documento ou dita certidão a declaração seguinte: Declaro que o assento supra se refere segundo informações a que procedi e que tenho por fidedignas, a Dona Joaquina Pereira França, casada que foi com o Excellentissimo Senhor Camillo Castello Branco, hoje Visconde de

Correia Botelho; e declaro mais que a maior parte dos assentos d'aquelle tempo estão lavrados com o mesmo laconismo e deficiencia de nomes. Todavia, tenho por certo, que o presente assento é attinente á mencionada Dona Joaquina Pereira França. Era ut supra. Francisco Xavier Alves. Segue-se o reconhecimento. Nada mais continha a dita certidão e declaração junta, o que assim Certificamos. E para constar Mandamos passar pela Nossa Camara Ecclesiastica a presente forma authentica a que Damos e Interpomos a Nossa Auctoridade Ordinaria e Judicial Decreto, declarando que o documento d'onde esta foi extrahida se acha legalmente sellado.

Dada em Braga, sob Nosso Signal e Sello das Nossas Armas, aos 2 de Julho de 1890 e noventa. E eu Padre Antonio Augusto Gomes da Costa, Secretario interino da Camara Ecclesiastica, a escrevi.— Antonio, *Arcebispo Primaz.*—Vista: *Monsenhor de Figueiredo Campos.*»

Como se viu, Camillo Castello Branco teve de affastar-se de Ribeira de Pena por um d'estes vulgares conflictos de *politica* d'aldeia, a que as pessoas de idade e reflexão não podem tantissimas vezes ser indifferentes, quanto mais uma creança de quinze annos e temperamento vivaz.

Mas o seu procedimento para com a esposa foi de todo o ponto correcto, como a carta que transladamos, escripta por pessoa fidedigna, inteiramente justifica.

Vamos agora procurar na obra do eminente homem de lettras recordações saudosas, e por vezes confusas, dos factos explanados na carta.

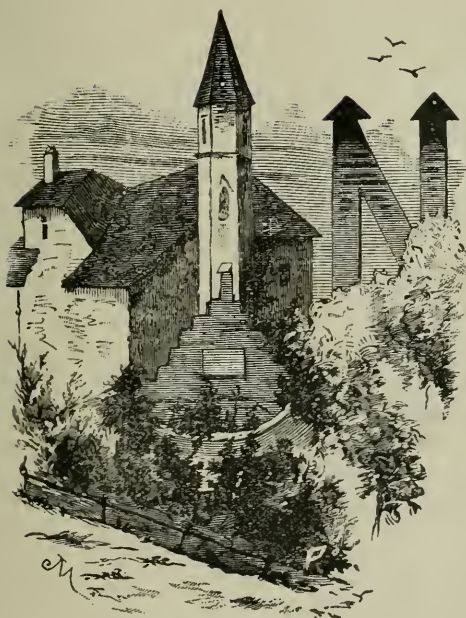
O que vae lêr-se, e prende com aquelles acontecimentos, é nada mais e nada menos que a historia da primeira poesia de Camillo.

O leitor, voltando a pagina, encontral-a-ha escripta por elle proprio.

IV

A PRIMEIRA POESIA DE CAMILLO

«... estou aqui escrevendo o epitaphio d'umas tristezas que me eram quasi tão suaves como o contentamento.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Ao anoitecer da vida.*

o tomo 1.º da collecção de poesias de Camillo Castello Branco, intitulada DUAS EPOCAS DA VIDA, encontra-se uma composição que se denomina TRAIÇÃO E VINGANÇA,— A MINHA PRIMEIRA POESIA.

Segundo o proprio testemunho de Camillo, quando n'esse assumpto conversamos, ultimamente, em Lisboa, não é essa, respeitando a ordem chronologica, a sua primeira poesia, embora seja a que,

de todas as suas primeiras composições poeticas, elle considerou mais litterariamente perfeita.

A primeira poesia de Camillo é, chronologicamente, a que se encontra no prologo do livro de versos Ao anoitecer da vida, [1] escripto em 1862 e publicado em 1874.

Ainda que não houvesse a declaração cathegorica de Camillo, o sabor árcade da poesia, que em seguida vamos publicar, para logo denunciaria a sua prioridade sobre a Traição e vingança, já pautada pelos processos da escola romantica.

Vejamos agora como o proprio auctor commenta, no tom humoristico que lhe é peculiar, a sua primeira inspiração amorosa.

«Devia antes perguntar quando senti a primeira ancia de trasladar do espirito o vago, o intraduzivel, para as linhas de um soneto rithmadas pelos dedos. Isto creio que foi ahi nos meus nove annos, quando li, sem percebel-as, umas estancias dos *Lusiadas*. A musa, n'aquelle anhelante momento, ideou-se-me á feição de uma graciosa menina da minha idade, de cabellos loiros e roupas alvissimas. Borboleteava-me aquella visão iriada de arvore para arvore, de flor a flor. Ia comigo ás margens da ribeira verdejar mais lindas as alamedas e as franças dos salgueiraes. Povoava-me de alegrias as soledades que os moços da minha creação achavam tristes e abhorridas. Tristezas tambem eu as lá sentia; mas tão doces e descançadas, que nenhum dos mais serenos contentamentos da juventude poderam competir com ellas.

---

(1) Camillo parecia ter uma grande predilecção por este tituto, como se vê dos Annos de prosa, edição do Porto (1863), cap. xv, pag. 135.

«Creio que tinha eu então entre os quinze e dezeseis annos. Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escholares. Porém, que poetas eu conversei na minha infancia ! O peculio das riquezas rithmadas que enthesourava a pequena bibliotheca da minha familia d'aquelle tempo, bibliotheca de padres *lá em cima na serra do Mesío em Traz-os-montes*, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem dispersas n'uns cinco tomos denominados «Miscellanea poetica.»

. . . .

«Já então, e de muito antes, se liam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam os Lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, poucos annos depois, os admiramos na pleiade de moços que, em Coimbra, escreveram o *Trovador*.

«Ora, eu, em 1842, não conhecia alguns d'aquelles nomes, nem *áquellas montanhas, onde me fiz homem*, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* á esquerda e o Fernão Mendes Pinto á direita, e as *Viagens do Cyro* por cima, e a theologia do *Lugdonense* por baixo.

«A mim me quer parecer que, se aos meus quinze annos, a fortuna me houvesse posto, *não além no concavo da serra*, mas em atmosphera de lettrados, de academias, de politechnicas e livreiros, outras galas me vestiriam o espirito, luzes mais precoces alumiariam e que quer que era escuro, em que a minha candida e loira musa andava como ás cegas. A natureza, por si só, não me ensinava senão aquillo que, desajudado da arte, pouco monta em poesia. O leitor, meãmente authorisado em materia de versos, sabe que a muita arte dá fóros de copiosa veia á poesia, que só o é no metro, e sae como tirada a forceps do espirito constrangido : ao passo que muita o mui espontanea fecundidade, se a esquadria da arte lhe não rege o derramamento, dispara em desharmonia, e desmancho tal que nem já propensão se concede ao rude poeta, que em pouco está fazer-se cultivissimo. Assim, pois, se me dessem para estudar, n'aquelle

tempo, os modelos que hoje, uns mais esquecidos que outros, ainda assignalam a passagem da eschola sem cunho proprio, para o ecletismo classico-romantico, de vêr é que eu encontraria formas adquadas á mysteriosa poesia que por ali se perdeu em selvagem tracto com arvores e penhascos.

«A minha primeira poesia!

«Quer o leitor desenfadar-se a ler a minha primeira poesia?

«Que alegria a minha, quando ha trez annos, depois de uma ausencia de dezoito, voltei á aldeia onde me creei, e lá, entre os meus livros de infancia, encontrei a minha primeira poesia n'este papel amarellecido, que aqui me está espelhando a decrepidez da alma!

....

«Por esse tempo (1842) fui eu a uma romaria da *Senhora Apparecida*, duas leguas ao sul da mesma serra (Mesío), na quebrada d'outra serra da mesma cordilheira.

«Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rebequista, que era o mais atrevido imaginador de phantasias chulas. «Chulas» chamam lá ao complexo do instrumental que forma o essencial de taes festanças. Em outras partes da provincia dizem «ronda», e «esturdia» n'outras.

«Parára a ronda, como visse que outra lhe sahia á frente, mais galharda, com maior sequito de moças, e sobre-excellencia d'um clarinete que guinchava umas deliciosas variações, algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba, e grilharia dos ferrinhos.

«A ronda, a que eu ia associado, não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia. Esta, um pouco desconcertada, esteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapazio para a rectaguarda; recolheu os musicos ao centro, e cobriu a frente com quatro espadaudos moços de pau ferrado. D'ahi a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os paus; as rebecas iam soando pelas ares como harpas eólias; os bombos gemiam roucos ao arrebentarem; o homem do clarinete salvava-se no topo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira mais insigne d'aquelles arredores, que sustentára desafio duas horas, amaldiçoava o estro fatal que a fez quinhoeira d'uma bordoada que a deslombou. Parecia o dia de juizo!

«Devo á minha presença de espirito sahir illeso d'esta suprema provação. Estava ali perto uma pipa que os gladiadores respeitaram por não sei que prodigioso instincto. Os paus travados desensarilhavam-se, quando, ao roçarem pela pipa, o taverneiro lhes gritava aos cegos da ira:

«— Rapazes! não me boteis a perder! Olhai que me abrides o vinho!

«Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de logar sagrado, e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quaes sahiram moidos da festa, por se metterem a pregoar pazes.

«Salvei-me, pois, encostado á pipa, onde me acolhi, depois de raciocinar friamente sobre as evoluções da tremenda batalha. D'aqui presenceei o triste espectaculo de dezenas de homens esmoucados, e centenares de mulheres, velhos e creanças, ajoelhados por aquellas ladeiras, pedindo clamorosamente á Senhora Apparecida que tivesse mão d'aquelles homens que se matavam.

«Entre-lembro-me de que estas supplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterrados no adro da ermida: um d'estes era o zabumbeiro da ronda aggressora, e o outro era o violista da minha, engenhosissima creatura que tocava tudo quanto havia em dois bordões e uma prima, prima da viola, quero dizer. Deus os tenha a ambos nos córos angelicos, já que o mundo não era digno d'elles.

«Applacada a desordem, agradeci mentalmente á pipa aquelle como inviolavel protectorado de pavilhão inglez? (vem do ceu ao pintar todas as comparações com inglezes, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos.

«Um sacerdote de boa presença andava providenciando ácerca dos mortos e dos feridos. Com este padre, vigario da freguezia proxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente, com suas barretinas de palha de Italia, plumas escarlates, e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! No tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevira em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e succedeu ser eu irmão de uma conhecida d'aquel-

las esbeltas senhoras. Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão, e fructa sêcca, tudo condimentado pelos surrisos supra-celestiaes de uma das duas mocetonas, que a estas horas... santo Deus! como isto é triste! devem ter netos e raros vestigios d'aquellas lustrosissimas perolas que lhes divinisavam o surriso!

«Ao lusco-fusco, o vigario sahiu da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus conterraneos, caminhamos em direcção opposta para os nossos sitios.

«Estive largo espaço no têzo d'um oiteiro emquanto os olhos alcançavam por entre o já carregado crepusculo as brancas visões que transmontavam a colina proxima. Depois que de todo em todo desciam na quebrada invisivel do oiteiro, ainda ali me fiquei, vendo-as no arrebol do horisonte, e na estrella vesper. Depois, tornado em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lagrimas do coração.

«E quer agora ver o leitor o que fazem lagrimas aos quinze annos? Veja nas seguintes linhas a face irrisoria d'um primeiro amor. Olhem a ingenuidade com que eu quiz metrificar as minhas primeiras e parvoinhas innocencias, e admirem-se da mais saudia ingenuidade com que as divulgo, sem corrigil-as, sequer!

«E chamei eu a isto

ODE

Se as tristes expressões do triste Alcino
Em versos dolorosos moduladas
Merecem de attenção um só momento,
Não recuzeis, Senhora, attenção dar-lhes:
Pois se a lyra é d'Alcino, o estro é vosso.
Sensiveis somos. Crime! acaso é crime
Affectos mil sentir no centro d'elles?
Tão fragil coração qual é o do homem
Não pecca, se do amor á mão se dobra.

Sentimentos gravados n'alma existem
Do nobre, do plebeu, quaes tem minh'alma.
Sensiveis todos são; nascemos todos
A' voz d'um só creador, do mesmo sopro.
D'esta doce cadeia, inquebrantavel
Tambem teu peito, Elmena, um elo forma.
Estás tambem a leis eguaes sujeita;
O mesmo astro, que influe na tua alma
Na minha influe e verte amor em fogo.
E é tão violento este imperio, que ata,
Que vence os corações, que os funde e abrasa,
Quanto é sincero, Elmena, ó doce Elmena,
O impulso d'amor que me incendeia,
Nascido sim do amor; mas momentaneo
Qual o raio veloz que abrasa e foge.
Eu vi-te, Elmena, eu vi-te, e, ao ver-te, subito,
Senti amargo fel junto á doçura!
Um presente clarão me fulge á mente;
A nuvem do passado a mente obumbra;
Um funebre porvir me aterra e assombra!
Meus olhos te procuram, vagam, correm;
Mas lagrimas lhe afogam os raios d'alma,
Meus labios, presumidos, se esforcejam
Na exposição da vacillante ideia;
Mas á dôr cordeal sossobram labios!
Meus olhos outra vez a ti se inclinam,
E convulsos de dor não vêem teus olhos.
Teus fugitivos passos sigo attento...
Eis-me inda outra vez, comtigo, Elmena!
Um penoso pudor me estorva as vozes...
Nem ao menos teu nome ouso pedir-te...
Para em meu coração, sacrario d'elle,
Perpetuo altar, perpetuo culto dar-lhe!

Pouco depois, em vão te vou buscando...
Segues a extrema do caminho opposto;

A outra eu sigo... inda tres vezes olho;
Mas já não vejo quem a paz me rouba!
Adeus! ai! para sempre, adeus, Elmena!
Cá fica Alcino, succumbindo á magua!
Se algum dia, esta carta, acaso, vires,
Talvez que sintas commoções de pena:
Talvez te lembres de que viste, um dia,
N'uma romage incognito mancebo
Que, constante, fitou teu rosto bello.

....

....

Mas deixa, ó alma triste, a magoa, o pranto!
Um momento recobra d'alegria
Emquanto a Parca a fatal foice afia!
Recobra de descanço um só momento;
Não lamentes um bem, que vae perdido;
Pois mais do mal se aggrava o sentimento,
Quando cumpre fallar do mal sentido!

«Riram-se?

«Agora saibam que esta cataplasma me foi um vesicatorio no coração. Muita lagrima chorei n'aquelles meus quatorze annos!

«Subia eu á crista d'um oiteiro, d'onde se avistavam umas como nevoas de fumo, a duas grandes leguas de distancia. Ali imaginava eu que devia ser a aldeia de Elmena, e presbiterio do tio, e a guarida das avesinhas, que a viam, e lhe annunciavam a madrugada. Do oiteiro me descia ao intardecer, chorando, e escugitando na traça de lhe mandar a minha ode.

«De ninguem fiava a remessa, ou ninguem se encarregava do mandato. Uns riam de mim, outros escarneciam-me, e os mais sisudos mandavam-me jogar o peão, ou conjugar um verbo da arte do padre Pereira.

«Poucas semanas volvidas, sahi d'aquella terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, prégador de fama, e bom velho sobretudo, o padre Manuel da Lixa.

«Como eu, saudoso das montanhas que deixára, continuasse a escrever outras odes, e a declamal-as aos condiscipulos, o velho latinista quiz ouvir-m'as, e com tanta generosidade o fez, que mordia o beiço para disfarçar o riso. D'estas almas é que já não ha!»

....

«N'aquella terra andavam ás más dois irmãos de fidalga prosapia, á conta do casamento desigual que um d'elles intentava fazer contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes d'este me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chancheados á conta de me não lembra que antecedencias mui ageitadas á galhofa metrica. Deu-me soberbas uma incumbencia d'este genero! Poeta, e de mais a mais requestado para intervir com minha opinião em casamento tão fallado nas vinte aldeias circumpostas!

«Escrevi uma folha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da egreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do morgado, lia a satyra á populaça, que ria ás escancaras.

«E eu de lado a revêr-me na obra, e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!

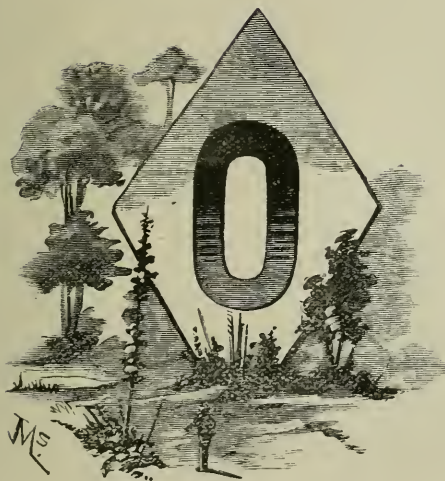
«Por um cabello que não fui então martyr do genio! A victima crucificada na porta da egreja não era das que dizem «Senhor, perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!» Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o fidalgo, que tambem o boticario em paz. Poeta era eu só n'aquelle quadrado de dez leguas: avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberára, abafaria aquelle respiraculo de detracção inimiga.

«O padre mestre avisou-me horas antes da espera e da sepultura. Fugi com o *magnum lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que aquella terra ingrata me queria comer.

«Ahi está ingenuamente escripta a historia das minhas primeiras poesias de mais tomo: a *ode* e a *satyra*.»

V

NOVOS AMORES

> Estas impressões, no principio da vida, não explicam a agonia de vidas mais dilatadas?
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO. — *Duas horas de leitura.*

leitor lembra-se decerto de que, no capitulo II d'este livro, Camillo ia rememorar uma recordação saudosa da infancia, a proposito de uns anneis de missanga, que lhe haviam sido dados ao pé d'uma rocha, no recosto de uma brenha...

A historia d'estes amores é de todo o ponto veridica. Contou-me Antonio de Azevedo Castello Branco que em casa de padre Antonio d'Azevedo estiveram, durante alguns annos, os ossos da Maria do Adro, sem que o padre soubesse d'isso. Foi um acaso que lh'os deparou.

Posto este pormenor, reatemos a historia, que deixamos interrompida.

Abramos o livro DUAS HORAS DE LEITURA:

«Estes anneis, meu caro Barbosa, déramos a Maria do Adro.

«Sabes tu lá quem era a Maria do Adro? Desce da elevada esphera, por onde voejam as tuas preoccupações, cá abaixo, ao raso de uma mulher do povo.

«Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha dezesete annos. Fôra bonita até aos quinze; depois uma enfermidade grave emmagreceu-lhe a face, amarelleceu-lhe a pelle, e sugou-lhe a seiva que viçava em flores por todo aquelle rir e olhar de descuidosa innocencia. A' mudança de semblante correspondeu a da alma.

«Fez-se melancolica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho. Chamavam-lhe «mona» as azougadas companheiras, e ella o que respondia ás provocações era: — «Andai, andai, raparigas; eu tambem me diverti assim quando tinha saude.» E muito divertida dizem que ella fôra! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre-mestre, com versos certos e sentenciosos.

«Minha irmã disse uma vez: — «Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril, que não parece do seu tracto.»

«Isto impressionou-me, e eu reparei na moça que até ali me fôra indifferente.

*

* *

«Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar. Achei a tal distincção. Esqueci as perdizes e as ovelhas; ia sempre que Maria estava em casa, sentar-me n'um tóro de castanheiro á porta d'ella; visitava-a na leira, cortinha, ou horta onde ella estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa, e ella respondia-me sempre com o seu surriso meigo, dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira.

«Maria, de madrugada, não faltava á primeira missa. A aldeia tinha cinco padres; e eu por causa d'ella, (Deus me perdoe a intenção) ajudava ás cinco missas, se Maria estava até á ultima ; se não, não. Na quaresma, era certa todos os domingos á tardinha na Via-Sacra, em redor do presbiterio. Lá ia eu para a Via-Sagra, ouvir o numero de gemidos que uma arithmetica piedosa fez gemer ao Salvador do mundo. Minha irmã, que devia á devoção a sua felicidade, era, quasi sempre, a que entoava as estações. Tudo poesia para mim ! Comecei a quinhoar da fé que a divina graça repartia por ambos. Minha irmã Carolina, que eu vira em Lisboa, preparando-se para entrar no golfão das delicias brilhantes, onde é necessario, para haurir o goso completo, esquecer a Deus !... Ali, depois, entre quatro montanhas, aos vinte cinco annos, com um livro de Via-Sacra, ajoelhada, diante de uma cruz tosca !... Entra n'isto, meu amigo...

*

* *

«Nos dias de calma, pela estação das segadas, eu ia sentar-me debaixo de um castanheiro visinho da leira, á hora da sésta, conversando com Maria, emquanto as outras dormiam ou pulavam em redor de uma viola.

«Nunca lhe disse que a amava. Parece-me até que não conhecia este verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo : é o *plusquam imperfeito*.

«Que lhe diria eu ? Perdi a lembrança do colorido ; retive apenas, as imagens nuas d'aquelles quadros da innocencia. Sei que encostava a cabeça ao regaço d'ella, e este grupo faziamol-o com tanta singeleza, que a aproximação d'alguem não nos assustava.

«Dado o signal do trabalho, Maria tomava a sua foucinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabello.

«Eu, depois, saudoso d'ella, subia ao cerro de uma colina affastada, d'onde nos viamos. Os segadores, se me enxergavam, faziam-me estridorosos apupos, á sua moda ; e Maria, sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquella falta de respeito a mim.

«Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol, e os segadores sahirem do campo. Maria, por caminhos travessios, sahia-me ao encontro, e vinha comigo, quasi sempre silenciosa ou recolhida em si.

«Enfastia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arripiarei os cabellos ás minhas imagens.»

*
* *

«Tres mezes depois, mandaram-me sahir da aldeia. O padre-mestre não me podia aturar. Tinha razão... minha irmã. boa para todo o mundo, menos para mim, era indifferente á minha sahida. Feriram-me todos o meu orgulho, e eu deliberei sahir sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus n'um spasmo, que a não serem as lagrimas, tomal-o-ia por insensibilidade estupida. Demorei-me, algumas leguas distante, em casa de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de familia, *passados sete mezes* dos ociosos quinze annos com loucuras dos trinta, intimou-me a sahida de Lisboa, pena de considerarem o meu estomago uma viscera inutil. *Vim para o Porto estudar preparatorios da universidade*; e, como o tempo me sobejasse, estudei anatomia. Não te pareça demasia de miudesas o meu estudo anatomico. Lá iremos á applicação.

«Encontrei aqui (no Porto) um lavrador lá de cima, vindo de não sei que romagem ahi para o Minho, e pedi-lhe novas da Maria do Adro. Disse-me que a cachopa estava cada vez mais acabada, e o mestre da saude não lhe dava muito tempo de vida.

«Tive muita pena. Quiz então escrever-lhe; mas ella não sabia ler. Mandei-lhe muitos abraços e recados pelo romeiro, e a certeza de que no principio de agosto iria vel-a.»

*
* *

«Senti vivas saudades de Maria, e tambem remorsos de esquecel-a, quasi, em Lisboa...»

Tanto quanto podêmos deprehender de UM LIVRO de Camillo, elle esqueceria a Maria do Adro por novos amores em Lisboa:

> Vi dilucidar-se a alva
> Da minha aurora d'amor,
> Quando uns dobres a finados
> Me coavam frio horror.

Amelia, a mulher amada em Lisboa, era tambem uma creança:

> Como aquelle amor nascêra
> Tenho uma vaga lembrança...
> Da lua um raio descêra,
> E, d'improviso, illumina
> As feições emaciadas
> D'um anjo que, por magia,
> Suas azas convertia
> Nas cabaias alvejantes
> Com que, virgem, se vestia.
> Que mulher, Deus, que mulher!
> *Moça, tão moça, e menina*
> Os seus segredos, se os tinha,
> Nem a arte os adivinha
> Quando sondal-os quizer.

Diz-nos o poeta que era naturalmente melancolica, posto que muito rica:

> Amimada e estremecida
> Da mais carinhosa mãe;
> Das *mais creanças* inveja;
> *Farta dos gosos da vida*,

Que o oiro a froixo lhe dá.
Se aquella alma deseja,
Que desejos sentirá ? !

. . . .

Em redor de nós, viviam
Vida diversa da nossa
Teus irmãos e mãe, que viam
Em nosso amor um gracejo.
E' que não viam no espaço,
Onde a poesia fluctua,
Duas almas n'um desejo,
Presas por intimo laço,
Aos raios d'ouro da lua.
Para elles a tristeza
D'esses momentos ditosos,
E de teus olhos formosos
A pupilla, humida sempre,
Era a indole mimosa
De mimosa compleição;
Era a infancia acarinhada,
Contristada, sem razão;
Era um enfado sem causa,
Sensação indefinivel,
Excesso d'alma sensivel,
Mas, amor... ai! tanto não!

. . . .

Confrontando esta poesia de UM LIVRO com o artigo que nas QUATRO HORAS INNOCENTES se intitula CELESTINA, chega-se á conclusão de que Amelia e Celestina são a mesma mulher — a querida das noites estrelladas do Tejo.

«E eu não tinha visto outra mulher.

«Orphão aos doze annos, sete em vida claustral, quando entrei no

mundo, trazia ainda o lucto molhado com as lagrimas da desesperação.

«Eu não conhecia ninguem.

«Ninguem me conheceu.

«A alcova onde meu pae expirou foi a minha.

«A' mesa, junto da qual eu via a minha cadeira de creança, sentei-me eu sósinho a olhar para a cadeira de minha mãe.

«Defronte de mim estava em pé um ancião que se quedava fixo nos meus olhos e dizia:

«— Estão no ceu.

«No ceu!

«Na leira denegrida de sangue putrido é que elles estavam.» (QUATRO HORAS INNOCENTES.)

Devia residir na Outra-Banda a mulher mysteriosa que tanto impressionára Camillo:

«Uma noite quando a lua se espelhava no Tejo, e as brisas riçavam o lago dormente, um bote, vindo d'além... etc.» (QUATRO HORAS INNOCENTES).

Este trecho de prosa concorda com muitos fragmentos da poesia de UM LIVRO:

A' noite, á beira do Tejo,
no esplendido crystal
d'aquellas ondas dormentes,
pascia a vista encantada
pela visão, *que não via.*
. . . .
Das scismadoras montanhas
nos crepusculos de agosto
que saudades tamanhas
te mandei, chorando, Amelia,

pela andorinha, ao sol posto,
quando a via volitando
e altos serros trasmontando
para os ceos que eram os teus! Etc.

O correio das saudades do poeta para as montanhas da Outra-Banda era, pois, a andorinha que atravessava o Tejo.

As *cabaias alvejantes* da estrophe afinam com a descripção do prosador:

«Alvejava a capa branca de uma mulher, e o rosto d'ella resaltava do alvor do capuz.»

Fôra n'uma noite de maio que o poeta a viu. Nos *crepusculos de agosto* devaneiava, por amor d'ella, contemplando da margem direita do Tejo as montanhas da Outra-Banda.

Continúa Camillo fallando da Maria do Adro nas DUAS HORAS DE LEITURA:

«Esperava com ancia as férias grandes, e affigurava-me o jubilo com que ella me veria, depois de quinze mezes. Quantas vezes eu ia do átrio do Bomfim pasmar os olhos n'aquellas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia...

«Chegaram as férias, fiz acto de anatomia, e fui premiado com um indulgente R. De boa vontade acceitava eu trez, comtanto que me deixassem sahir mais cedo. Esperava-me o cavallo com a magra mala. O arrieiro perdeu-me de vista em Vallongo, e encontrou a meio-caminho o cavallo aberto dos peitos, com não sei quantas sobrecanas a mais, e ferraduras de menos.

«Aluguei em Amarante uma égua nervosa ao estimulo da espora, e em dia e meio venci as oito leguas.

«Quando vi as montanhas da minha terra adoptiva, alvoreceu-me um arraiar de alegria n'alma, que não sei dizer-te! Era não sei que parecia com o trinar dos passarinhos em aurora de estio. Tinha vontade de cantar, de rir, de poetar, de beber a longos sorvos um ambiente balsamico em que o meu coração doudejava embriagado!

«Já via os castanheiros seculares a circumdarem a casa de minha irmã. Já tinha encontrado duas pessoas visinhas d'ella. Estive quasi a apear para abraçal-as! Não sei que traços de parecença eu achava entre Maria e as duas moças que segavam herva n'um lameiro contiguo á estrada.

«Já não conhece a gente?! — disse uma d'ellas.

— Conheço, Luizinha; conheço, Anna; podéra não conhecer! Como estão vossês? rijas, heim?

«Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe?

— O que?

«Pois não sabe que a Maria do Adro...

— Que tem? está doente?

«Está com Deus... Morreu faz hoje um mez.

*

* *

«Meu caro Barbosa, tu crês nas lagrimas aos dezesete annos? O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentanea. Fugiu-me a redea da mão, e apertei instinctivamente os joelhos ao selim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lagrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa similhante a um estalo.

«Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma d'ellas disse á outra:

«Eu não te disse que elle era muito amigo d'ella?»

*

* *

«Passada a turvação, resolvi não estar na aldêa; porém, um outro pensamento, proprio da minha idade e alma de então, venceu o primeiro. Queria vêr-lhe a campa, queria que me contassem a agonia d'ella. Meu cunhado havia de sabel-a... Fui.

«O padre-mestre recebeu-me com affabilidade. Acharam-me todos mudado, mais magro, mais feio, e muito triste. Logo que pude fallei em Maria a minha irmã, respondeu-me sêccamente: «morreu tisica... reze-lhe por alma.»

«Que dia aquelle, meu caro poeta! A uniformidade de trajos, nas mulheres d'aquella aldêa, fazia-m'a vêr em todas. Das janellas avistava os logares onde estiveramos juntos. A mesma fonte, a mesma sombra de castanheiro, o mesmo socalco de relva, tudo, menos ella!

«Ao toque das Ave-Marias d'essa tarde, n'um vasto salão sem luz, quando o padre-mestre proferiu *O Anjo do Senhor,* ergui as mãos, orei fervorosamente por Maria, senti desabafar-se-me o coração em lagrimas, e fiquei melhor.

«Ao anoitecer, sahi. Fui ao adro do presbyterio deserto, espreitei pelo oculo lateral da porta, vi a luz baça da lampada estirando-se nas sepulturas, imaginei a de Maria, e orei ainda. Depois, fui longe, muito longe, por devezas e charnecas, palpando a imagem d'ella nas sombras, sentando-me onde a primeira e a ultima vez lhe fallára.

*

* *

«No dia seguinte, disse-me meu cunhado:

«Sabe alguma coisa de anatomia?

— Eu fiz um exame.

«Atreve-se a ajudar-me a preparar um esquèleto?

— Poderei ajudal-o.

«Então, guarde segredo, porque é preciso que meu mano padre o não saiba. Temos de ir á egreja desenterrar uma rapariga que morreu tisica.

— A Maria do Adro?— atalhei eu com extranha vivacidade.

«Sim: quer?

— Quero, quero. Vamos hoje mesmo desenterral-a?... Não estará ainda corrompida?

«Não: como estava muito magra, bem sabe que os tecidos que primeiro se corrompem são cellulares... É natural que nem sequer cheire mal. Em todo o caso, levaremos agua de cal para borrifar o cadaver...

*
* *

«Lembra-me que fuzilavam os relampagos d'uma trovoada de agosto quando entramos na egreja, pela porta da sacristia. Já lá tinhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na egreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei machinalmente, e senti os sustos d'um sacrilego.

«Meu cunhado deu-me animo com riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentamol-a no pendor com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as taboas lateraes do esquife. Não consenti d'ahi em diante o uso da enxada. Tirei a terra ás mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as fórmas de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebras, e pedaços de habitos mortuarios, comtudo angustiava-me uma sensação de nausea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei.

«Meu cunhado, vendo-me descórar, offereceu-me um vidro de espirito, que eu não acceitei. Prosegui na exhumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas; tirei de vagar o panno, e vi Maria.

«Permaneci quieto, não sei que tempo, com os joelhos enterrados, e a face pendida sobre a face da morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma n'estes lances creio que se aniquila. Ha dôres com que o homem não póde, e Deus quando as dá assim, permitte a lethargia, a morte passageira, a paralysia dos orgãos conductores da impressão.

«Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de extranheza que eu antes quizera não fosse fingida.

*
* *

«O resto do trabalho fel-o elle. Eu sentei-me na cadeira parochial, procurando as minhas ideias, que me fugiam em turbilhões. Como privado d'alma, o estrondo exterior azoava-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da egreja, e o ranger das arvores que açoitavam as cornijas. Eu estava como tranzido de medo. Era no estio, e sentia uma especie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito.

«O cadaver fôra lançado n'um cesto. Esperamos que anoitecesse, e eu tomei uma aza do cesto ajudando a transportal-o para uma mina sêcca na margem do rio.

«O dia seguinte fôra o designado para dissecarmos o cadaver. Prepararam-se escalpellos, tesouras, e bistoris, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada á cama, e achou-me passeando no meu quarto.

«Já a pé! — disse elle, admirado.

— Ainda me não deitei.

«Como?! — E abriu uma janella para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher á cama. Quiz resistir á ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumpril-a.

«Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui perguntei que remedios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com pannos ensopados em vinagre na cabeça. Recordo-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros:

«Diz minha cunhada que muitas pessoas d'esta familia endoudeceram...»

*
* *

«Falta dizer-te, meu caro Barbosa, que o esqueleto de Maria está no quarto de meu cunhado. A caveira é d'uma alvura de jaspe. Os dentes conservam o verniz do esmalte. As phalanges d'aquellas mãos que eu beijava não têm a mais pequena mancha. O seio onde lhe bateu o coração está vasio; todavia a symetrica inserção das costellas fez-me lembrar a cupula d'uma urna, onde um anjo do céo veio buscar um coração que não era de cá.

«Diz-me tu agora:

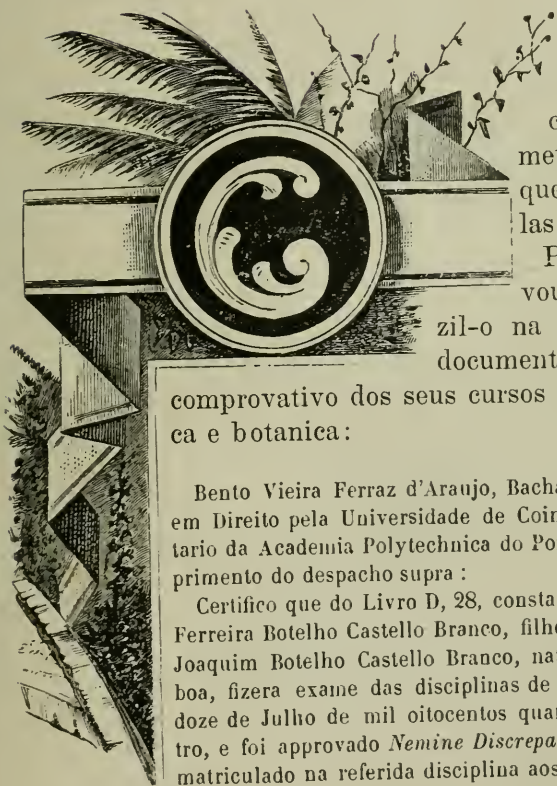
«Estas impressões, no principio da vida, não explicam a demorada agonia de vidas mais dilatadas? Póde-se morrer mais que uma vez. A sepultura é que é só uma para cada homem. É este o segredo do epitaphio de Scoto:

Semel sepultus, bis mortuus.

«Se eu morrer na tua terra, dá-me este epitaphio, ainda que seja esculpido n'uma taboa.»

VI

NAS AULAS SUPERIORES

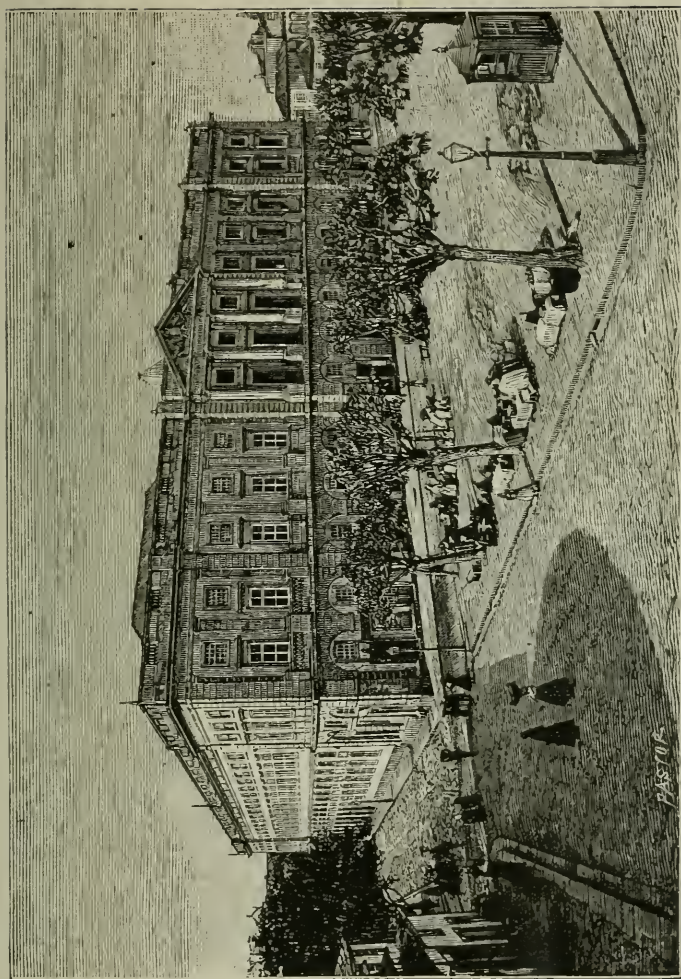
> O meu dezembro álgido está tão
> longe d'este abril florido...
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Bohemia do espirito.*

Camillo tinha ido, como promettera, frequentar aulas no Porto. Possuo, e vou reproduzil-o na integra, o documento official comprovativo dos seus cursos de chimica e botanica:

Bento Vieira Ferraz d'Araujo, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Secretario da Academia Polytechnica do Porto, em cumprimento do despacho supra :

Certifico que do Livro D, 28, consta que Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, natural de Lisboa, fizera exame das disciplinas de *Chimica* aos doze de Julho de mil oitocentos quarenta e quatro, e foi approvado *Nemine Discrepante*, tendo-se matriculado na referida disciplina aos trinta d'Ou-

tubro de mil oitocentos quarenta e tres, como consta do Livro A n.º 15.

Outro sim certifico que do Livro D n.º 30 consta que o mesmo fizera exame das disciplinas de *Botanica*, aos quatorze de Julho de mil oitocentos quarenta e cinco, e foi approvado *Nemine Discrepante*, tendo-se matriculado na mencionada disciplina aos dezeseis d'Outubro de mil oitocentos quarenta e quatro, como consta do Livro A n.º 16. E por certeza se lhe passaram as presentes. Secretaria da Academia Polytechnica do Porto, em 11 de Novembro de 1887 e sete.—*Bento Vieira Ferraz d'Araujo.*

Deparam-se-nos agora interessantes memorias do professor que n'esse tempo regia a cadeira de chimica na Academia Polytechnica do Porto.

Academia Polytechnica do Porto
(Segundo uma photographia moderna)

«O nosso lente, o senhor frei Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto, nunca teve o gosto de nos ouvir. Quando nos chamava, ou não nos via, ou nós não tinhamos visto o compendio, que por signal se chamava o *Lasagne*, parece-me que era: pela orthographia do nome não fico. Fugiamos da aula de cócoras, quando o sol de Deus nos estava incitando á rebellião. Com que tristeza eu via o sol e invejava *a minha vida lá das serras* (Traz-os-Montes) d'onde viera a estudar o sesquioxido de ferro e o bicarbonato de soda n'aquellas frias salas do convento da Graça! O meu condiscipulo Passos (Antonio Augusto de Macedo Passos Pimentel, alferes de infanteria) abundava nas minhas ideias lyricas ácerca do sol. E por isso fugiamos ás recuadas, quando o nosso condiscipulo pharmaceutico (Francisco Pereira de Amorim e Vasconcellos) tinha absorvidas as attenções com a sua eloquencia recamada de *protos*, de *deutos*, de *bis*, de *sesqui*, de *pilhas*, de *retortas*, e varias coisas com que os homens entretêm a vida para não morrerem de tédio.» (CAVAR EM RUINAS.)

Fallando do compendio:

«Era o *Lassaigne*—parece-me ser este o nome do sabio naturalista,—que alguns condiscipulos generosos me emprestavam á porta da Academia, quando se avistava o lente, um ex-frade, Santa Clara, contemporaneo de Orfila, Berzelius e Liebig. Por que mãos sagradas andava então a chimica portugueza!» (O GENERAL CARLOS RIBEIRO.)

Conheci o padre Santa Clara quando tocava já a extrema velhice. Dispunha ainda de uma certa agilidade, restos da sua vigorosa organisação. Tinha filhos com quem vivia. Morava na praça do duque de Beja, que então se chamava Carregal.

Estou a vel-o com a face pergaminhada, rugosa e amarellenta. Sem dentes e com algumas farripas de

cabello branco cahido descompostamente sobre as orelhas.

Tenho ideia de que era de ao pé do Bestança, um riacho que desagúa no Douro entre as povoações de Porto Antigo e Souto do Rio.

N'um artigo seu, publicado no 7.º volume do *Panorama,* descreveu Santa Clara a Torre da Cham, situada na margem direita do pequeno Bestança.

Além dos dois condiscipulos já mencionados, Camillo cita um outro, o sr. José Barbosa Leão, acerrimo propugnador da orthographia sonica, ha pouco tempo fallecido.

Ainda a respeito do padre de Santa Clara:

«Foi meu professor de chimica na Polytechnica do Porto. Escreveu no *Panorama* e fez um folheto de sensação, *O cordão sanitario contra a peste jesuitica.* Elle sabia tanto de chimica como dos jezuitas. Calumniava ao mesmo tempo Berzelius e o instituto de Santo Ignacio de Loyola. No fim da vida, recreava-se puerilmente em presidir a sessões dos *Calenderes,* uns idiotas de gravata e com primeiras letras, proprietarios abastados da Maia que iam mensalmente ao Porto exhibir-se em couces n'um vasto salão para haverem por esse processo exquisito um diamante enorme promettido por um genio, chamado *Dom Alvarado.* O padre Santa Clara fazia o discurso da abertura e rejuvenescia n'aquella deshumana asneira os seus setenta e tantos annos. Assim acabavam os chimicos portuguezes ha quarenta annos.» (ÓBOLO ÁS CREANÇAS, Porto, 1887.)

E' no livro CAVAR EM RUINAS que Camillo Castello Branco faz a historia do seu acto de chimica, e da sua approvação *nemine discrepante,* ao traçar o esboço biographico de um condiscipulo:

«O meu ponto—diz elle—era o *Kermes mineral* e não sei que mais. Tirei-o com outro infeliz da minha tempera em chimica. Fui para um quarto andar onde eu morava na rua dos Pelames. (1) Do quarto andar subi ao telhado com o compendio e uma viola. A mulher, que eu amava, vivia n'uma trapeira da rua do Souto, e estava lá a mondar manjericões. Vi-a, sentei-me na espinha do telhado, e, ao arpejo da viola chuleira, cantei-lhe umas trovas, que eram a negação de toda a chimica, ou se pareciam com as theorias da sciencia em formarem no telhado o polo positivo com que as correntes electricas se haviam de estabelecer, dado que a visinha se constituisse pelo negativo: como de facto.»

No opusculo O GENERAL CARLOS RIBEIRO volta a fallar, de passagem, no seu acto de chimica:

«*Entre os 15 e 16 annos*, fingia eu que estudava chimica na Polytechnica do Porto. Carlos Ribeiro, n'aquelle anno, 1844, já tenente, com 30 annos de idade, completava mathematicas com sinceridade e aproveitamento.»

As palavras griphadas indicam um lapso de memoria a rectificar, e que de nenhum modo pode ser attribuido ao proposito de inculcar menos idade, porque Camillo, ao contrario de Garrett, exaggerou sempre o peso dos annos, fazendo romance da sua propria velhice. Assim é que um livro de versos, escripto muito tempo antes de ser publicado, e publicado muito anteriormente ás suas ultimas obras, se intitulava: AO ANOITECER DA VIDA.

No prefacio do romance A FILHA DO DOUTOR NE-

---

(1) O predio foi demolido recentemente, como noticiou o jornal *A Provincia*, de 29 de maio de 1890.

GRO refere-se Camillo ao anno de 1845, em que era estudante na Academia do Porto.

Estudante de botanica, já sabemos.

Camillo frequentou simultaneamente a aula de chimica na Academia Polytechnica e o primeiro anno do curso da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Devo ao favor de um amigo a seguinte nota:

«Matriculou-se na Escola Medica em 16 de outubro de 1843, e fechou matricula em 5 de março de 1844.

«Matriculou-se no segundo anno em 15 de outubro de 1844, e não fechou matricula em junho de 1845 por ter perdido o anno.»

Antiga Escola Medico-Cirurgica do Porto

Quanto ao acto de anatomia (1.º anno), recordemos o que Camillo escreveu nas DUAS HORAS DE LEITURA: "... e fui premiado com um indulgente R.„

Viria aqui de molde recordar entre as travessuras inoffensivas, mas ruidosas, do moço estudante, a historia d'esse simulacro de duello que Camillo combinára com um seu condiscipulo (o sr. Barros, depois empregado do correio de Coimbra, já fallecido) e que tinha por fim caricaturar a mania dos duellos, então muito em voga no Porto. Mas Vieira de Castro tratou largamente do assumpto; esgotou-o.

A scena, de uma hilaridade pyramidal, ficou memoravel nos annaes academicos do Porto.

Até os bacalhoeiros da rua de S. João riram desenfadadamente do caso.

Por esse tempo compoz Camillo dois poemetos, que são hoje rarissimos, e andam enfeixados n'um opusculo. Vou dar noticia d'elle. Um dos poemetos, PUNDONORES DESAGGRAVADOS, ridiculisa o assumpto então em moda: o duello.

O opusculo tem a data de 1845, e intitula-se:

O JUIZO FINAL
O SONHO DO INFERNO
POEMA EM 3 CANTOS
POR
C. F. B. C. BRANCO (1)

Porto: Typographia da Revista, rua dos Ferradores, n.º 31, (1845)

N'este opusculo, que comprehende 60 paginas, estão encorporados, a pag. 51, OS PUNDONORES DESAGGRAVADOS, *poemeto em duas partes, offerecido aos academicos portuenses.*

Pela *Advertencia*, que precede o segundo poemeto, vê-se que um e outro eram então reimpressos:

«Por dois motivos me deliberei a «reimprimir» os — OS PUNDONORES DESAGGRAVADOS — primeiro, porque um grande numero de senhores que se dignaram assignar no — JUIZO FINAL — estou certo de que não leu aquella pequena obra, sob o qual titulo eu me dava a conhecer nos prospectos; segundo, porque alguns erros de imprensa, na publicação d'ella, houveram, os quaes agora, serão corrigidos.»

Se a edição de 1845 é rara, pois que só um exemplar tenho visto, a primeira edição, a que a *Advertencia* se refere, deve de ser rarissima.

O JUIZO FINAL é offerecido ao seu amigo Alexandre Thomaz de Azevedo, em honra do qual põe por dedicatoria algumas linhas.

(1) Isto é: Camillo Ferreira Botelho Castello Branco.

Segue-se um *Prologo,* em duas paginas, e ahi se encontra uma referencia ao preço da obra:

"Ordinariamente, os que assignam obras, todos são ricos — sendo ricos, como quero que sejam, tanto são com duzentos réis de mais como de menos; e eu como sou uma só cabeça (talvez que a não tenha, mas estou no meu direito) com muitos duzentos réis, já posso levantal-a; e para que a levanto eu? é para ver o mendigo, e favorecel-o; o orfão e favorecel-o; a viuva e favorecel-a, etc., etc.; e assim é que eu ganho o céo; por consequencia — céo cá, e céo lá.„

Abre o poema JUIZO FINAL por uma invocação ás muzas:

> Deusas do Pindo, despertae meu estro
> No lethargico assombro adormentado;
> Dae-lhe ainda outra vez o prisco auxilio;
> Dae-lhe um novo ser, que o ser perdeu
> No golfo do pavor, no sonho horrivel.

Por deante dos olhos do poeta passam, como no *Inferno* do Dante, as pallidas sombras dos mortos condemnados a tortura eterna:

> Ao longe vem um filho d'Esculapio,
> Mil homens apóz elle em altos berros:
> «O' tu, que tão depressa me mataste,
> «Adiantando assim nossos soffreres,
> «Condemnado serás eternamente...
> «Tantos igneos espetos t'atravessem
> «Quantas foram as vezes que embebeste
> «Co'a mortifera lanceta a veloz morte
> «No povo que, illudido, t'acceitava.»

Depois do medico, vem o poeta:

«...Tu que te chamas
— Das Apollineas virgens casto alumno —
— Interprete do Deus que o Pindo adora —
Que a Jupiter chamavas Deus d'Olympo
E não sabias ao céo, chamar-lhe céo;
Que chamavas Plutão o deus do orco,
Tantalo, Ixion, Sisyfo, e Ticio
Tartaro, Acheron, o Stix, o Lethes
Cerbero ou Trifauce Eaco, e Minos
Radamanto — Caron — Cocyto — e outros
Nomes com qu'enchias mil volumes
E por elles — *dez vintens* — te dava o povo,
E' bem que vás saber s'acaso existem
Os diversos logares que imaginaste,
Nada contribuirás pela passagem;
Não temos ambição; irás gratuito.

Continuando a descrever as cavernas terrificas do inferno, prosegue na enumeração dos seus miseros habitantes:

Alli achas tambem o fatuo altivo,
Da vil soberba o detestavel filho;
Monstro execrando que na garra cinge
Férvido freio crepitando em chispas...
Inda assim mesmo penetral-o ousa!...

Observa o jogador que, condemnado,
Castigos soffre... as mais crueis das penas.
Olha a esposa, os filhos, os parentes,
Que mil blasfemias, mil sarcasmos torpes
Ao pai, ao esposo, desesperado, enviam.

. . . .
O quarto abysmo se t'offerece á vista;
O mais mavioso dos infernaes abysmos.
Aqui os namorados se reunem:
E sendo os crimes seus pouco pesados
São leves igualmente as suas penas.
Alli vês trez madamas namorando;
E como lá na terra é seu costume
Alvo lenço passarem pelas ventas
Esfregam-as aqui com um sedeiro,
Alli vês outras trez cartas dictando
P'r'o querido amante qu'ancioso espera,
Amante lá na terra meigo e bello,
E agora transformado em sardão feio
Que expandindo as garras triplicadas
A carta lhe recebe, e trinca os dedos,
Imitando assim os taes apertos
Que em taes occasiões dar se costumam, etc.

Com o canto III acaba o sonho do poeta, a visão do inferno.

Como se vê, a satyra é impessoal.

Em 1862, escrevendo Camillo o prologo do livro — AO ANOITECER DA VIDA —, que só foi publicado em 1874, ria-se do seu poemeto, a que aliás errava o titulo: "Pouco depois, para de uma assentada dizer mal de toda a gente, escrevi e publiquei um *poema*, em que descrevia a vida que viviam no inferno todas as classes sociaes da minha antipathia. O poema denominava-se O SONHO FINAL.„

N'este mesmo prologo allude Camillo ao poemeto OS PUNDONORES DESAGGRAVADOS.

São as suas proprias palavras:

«Qualquer espirito reflexivo, com tão infausta estreia já para o coração já para as costellas, arrancaria de si o aleijão fatal da metromania. Pois não escarmentei! Dois annos depois, cursando estudos superiores no Porto, ridiculisei n'outra *ode* um duello incruento entre o marquez de Chardonnais e um meu condiscipulo de chimica. Tambem, á conta d'isto, estive a pique de ser mettido n'uma retorta do laboratorio.»

A memoria de Camillo, como elle proprio me disse, enganou-o quanto a ser um dos duellistas o marquez de Chardonnais.

Vieira de Castro foi inexacto quando, referindo-se ao duello que o poeta glosára, diz que os contendores eram o marquez de Chardonnais e Passos Pimentel.

Camillo, descrevendo o combate, escreve as iniciaes dos campeadores. Essas iniciaes são: N.—A. Vejamos:

Quatro horas s'ouviram (hora aprasada);
Nenhum dos meus heroes inda apparecia!
O povo já julgava ter presente
A scena qu'em Lysia outr'ora fôra,
Quando o homem de botas de cortiça
Promette transportar-se o largo Tejo!
Mas não! assim não foi; é honra! é honra!
D'oculos appareceu N... excelso;
Guarda-chuva na mão, mas não bengala;
Com grande comitiva — irmão — amigos —
Soldados — regedor, e mais pertenças.

A inicial N, seguida de cinco pontos equivalentes a outros tantos caracteres alphabeticos, corresponde ao appellido *Novaes*.

Eis chega o outro heroe, A... chamado.

Arnaud, que, para o effeito da metrificação, tem apenas quatro lettras. E' esta a razão por que o auctor fez seguir a inicial de só tres pontos, equivalentes á prosodia *Arnó.*

As referencias ás iniciaes dos duellistas abundam no poemeto:

Chegaram vis-a-vis —«Diz o N...:
— Vossa mercê me offendeu com vis sarcasmos.

Falla o regedor, que assiste ao duello:

— Tem rasão, é verdade, mas agora
Que se lh'hade fazer? serem amigos.
E que diz, Senhor A..., está convencido?
Magnanimo A..., N... prudente, etc.

O duello, que aliás não passava de uma inoffensiva brincadeira de rapazes, não chegou a realisar-se.

O local escolhido havia sido a Torre da Marca:

Convieram no logar — Torre da Marca. —

Foi n'este mesmo local, Torre da Marca, que Camillo e o seu condiscipulo Barros representaram o duello quixotesco, a hilariante comedia, para, como diz Vieira de Castro na sua linguagem altisonante, *cobrir os duellistas, que então davam pabulo aos soalheiros do Porto,*

com a tunica do ridiculo que, como a de Nessus, devia maceral-os se tentassem lançal-a de si.

A critica não poupou as primeiras producções incorrectas de Camillo.

Em *Note Bene*, que precede a *Advertencia* aos PUNDONORES DESAGGRAVADOS, escreve o auctor:

«Estive propenso a aproveitar a occasião para responder á judiciosa critica do homem ou criança que se dignou empregar quanta Logica, Poetica, e Rhetorica tinha para censurar-me, quando publiquei (ou dei a quem publicou) o seguinte poema — mas, agora mesmo, sou instruido da pessoa que o fez..., e, graças ao senhor das descobertas, vou aproveitar, dormindo, alguns segundos que gastaria respondendo.»

E annotando um dos primeiros versos do poema, observa:

«Este verso, que na primeira impressão estava errado, foi intacto á critica dos meus correctores, censurando, os por natureza, certos.»

Tal é a rapida noticia que podêmos dar da primeira brochura publicada por Camillo Castello Branco.

VII

AMORES! AMORES!

> Que saudades me fazem estas alegres e esplendidas miserias dos meus vinte annos.
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO. — *A Maria da Fonte!*

STAMOS em 1846. Rebenta no Minho a famosa revolução popular da *Maria da Fonte* contra os Cabraes. Nos fins de julho d'aquelle anno chega a Portugal, enviado por D. Miguel de Bragança, o general escocez Reinaldo Macdonell, com o fim de empolgar o movimento revolucionario para a causa realista, se é que não veio assalariado pelos proprios cabralistas para desvirtuar os intuitos da revolução do Minho, inicialmente espontanea.

«Era eu quem de pé — escreve elle na MARIA DA FONTE — sobre o balcão do Zé-da-Sola, em Villa Real, um logista de cabedaes de bezerro e vacca, muito legitimista, declamava emphaticamente e com os gestos mais violentos as proclamações do padre Casimiro estam-

padas no *Periodico dos Pobres*, e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fénelon, enviada pelo correio á senhora D. Maria II. Era uma carta convulsionada de prophecias tragicas, ás quaes eu dava toadas funereas, expedições guttoraes como diz Renan, valha a verdade, que faziam Ezechiel e Habacuc. A turba que me escutava, toda orelhas, troava urros de um vandalismo que sobrepujava as minhas cordas vocaes. Havia cabeças de granito que choravam como os penedos biblicos; e velhos bachareis formados, antigos juizes de fóra, com o simonte engatilhado aos narizes e as mandibulas n'um prolapso de espanto, diziam: — Grande homem é o padre! é o 2.º José Agostinho de Macedo!

«E eu, na qualidade de declamador correcto, prosodico e muito mimico, attribuia-me um quinhão d'aquellas ovações, muito menos explosivas quando o leitor era Antonio Tiburcio, o meu amigo de infancia que morreu ha muito, depois de ter governado o districto vinte annos, mantendo-se com um grande tino, na média, entre a Republica e o Absolutismo.

«Havia senhoras realistas, filhas de capitães-móres, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição, ás quaes eu lia as peças do «General das cinco chagas.» Em algumas casas brazonadas accendiam-se castiçaes com bobeches de papel verde nos oratorios de talha dourada, e faziam-se preces votivas, bastante caras, a varios santos muito anteriores á formação do regimen parlamentar, e por isso talvez indifferentes á revolução de 1820 e á politica de Villa Real. De permeio com as jaculatorias, bebia-se muita geropiga capitosa para, por meio da etherisação alcoolica, dar alôr aos voadouros da esperança.

«Que noites de alegria doida n'aquelle inverno de 1846!

«Eu tinha um tio analphabeto a quem o padre dr. Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, logar-tenente do sr. D. Miguel I, promettera nomear corregedor da comarca, logo que se desse o grito em Traz-os-Montes. Ah! eu ainda me deliciei a ouvir o grito e o *Rei-chegou*; mas os santos, domesticos das familias heraldicas, cahiram em um descredito politico que não ha fusão possivel que os rehabilite no meu conceito e no d'aquellas familias bigodeadas e scepticas.»

Em outubro d'este anno entra Camillo preso na Cadeia da Relação do Porto, mas a politica de Villa Real e as proclamações recitadas sobre o balcão do legitimista Zé-da-Sola foram completamente extranhas á prisão.

«Eu tinha sido preso — continua Camillo escrevendo na Maria da Fonte — a requerimento da minha familia, quando ia para Coimbra continuar, no *Pateo*, as minhas explorações scientificas, bebendo nos mananciaes latino e rhetorico do padre Cardoso e do padre Simões, — Deus lhes falle n'alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em lettras, dois annos depois, farejavam delictos execrandos na causa mysteriosa d'aquella prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião publica do botequim *Guichard* e da *Aguia* e das *Hortas*, mandei pedir á pessoa, que requerera a minha captura, houvesse por bem explical-a. Pode ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de uma juventude já esquecida, venha a ser estorvo á inauguração da minha estatua, uma coisa que eu havia de ter por força, sobre um pedestal de adjectivos plangentes com altos relevos de adverbios, nos oito dias immediatos ao do meu trespasse. Lamento muito e por antecipação esse dissabor que me ha de consternar na minha individualidade cosmica de cernelha de boi, de cauda de comêta ou de couve lombarda ; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho.

«O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim, nos jornaes de 1849, á minha solicitação :

Sr. Redactor.

«Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas :

«Quem fez prender na Relação d'essa cidade Camillo Castello Branco, fui eu que sou seu tio. A causa por que eu o prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. E' um «rapto», não é um «roubo.» Para *obstar a uma ligação que o faria desgraçado* busquei

um pretexto; se é d'elle que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e authoriso meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultrage que se lhe faça com allusão á sua captura.

«Villa Real, 27 de fevereiro de 1849.—*João Pinto da Cunha.*»

«Este bom homem, *para me salvar de um enlace indiscreto*, ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como *raptor* de uma mulher sem pae nem mãe e de maior idade que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delicto efficaz para a prisão «requerida por meu tio», como se eu fosse o *raptado*, então authorisava o agente a queixar-se de que eu o esbulhára de ricos valores em joias e baixella, 20:000 cruzados, calculava-se no botequim do *Guichard*.

«Para que os genealogistas possuidores da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergontea de *Pintos* e *Cunhas* na minha arvore, devo esclarecer que este homem não me era nada—era marido de uma tia minha. Provavelmente, se eu teimasse em matrimoniar-me honradamente com a *raptada*, seria pronunciado como ladrão de joias e baixella, 30:000 cruzados—computava o botequim da *Aguia*.

«Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que sahi do carcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador que me pagou generosamente o aluguer do macho que me conduziu sem difficuldade, por que eu ia tão leve que não levava um pataco — nem a joia d'um pataco, senhores, e logo saberão por que!»

Foi pois o amor, e não a politica, que levou Camillo Castello Branco á Cadeia da Relação do Porto em 1846. A borboleta continuava queimando as azas na chamma do coração. Amores! amores!

Ao menos a mocidade
Toda d'amor se enfeitice
E deixe em terno legado
Saudades para a velhice

Escreveu Castilho, como se pelo seu espirito passasse n'esse momento a mocidade aventurosa de Camillo.

Mandamos procurar no archivo da Relação do Porto os registos respectivos ao raptor e raptada; serão elles que completarão a propria narrativa do eminente romancista.

Dizem assim:

Sebastião Correia da Costa, Guarda-livros das Cadeias da Relação do Porto, servindo de Director das mesmas, etc.

Em virtude do venerando despacho retro, certifico que revendo os livros das entradas e sahidas dos presos n'estas cadeias, no livro numero quatro, a folhas cento e sessenta e oito, verso, encontrei o lançamento do theor seguinte: Presos entrados n'estas cadeias em doze de outubro de mil oito centos quarenta e seis, á ordem do Juiz Criminal d'esta cidade, entregues pelo official do mesmo Juizo, Antonio José dos Santos. — Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, que assim disse chamar-se, academico, solteiro, de edade vinte e um annos, filho de Manoel Joaquim Botelho Castello Branco e de Dona Jacintha Emilia Rosa do Espirito Santo, já defuntos, natural de Villa Real. De estatura regular, rosto comprido, olhos castanhos, cabello e barba preta e esta pouca. Vestido com casaco e calça de panno preto, collete de seda tambem preto. Declarou que nunca estivera preso n'estas cadeias e é arguido de suspeito de furto. E mandei fazer este assento, que assigno, Francisco José Rodrigues de Macedo — *Notas marginaes* — *Malta* — Solto em vinte e trez de outubro de mil oito centos quarenta e seis, por Alvará de soltura do mesmo Juiz criminal.

Sebastião Correia da Costa, Guarda-livros das Cadeias da Relação do Porto, servindo de Director das mesmas, etc.

Em virtude do venerando despacho exarado na petição retro, certifico que revendo os livros das entradas e sahidas dos presos n'estas cadeias, no numero quatro, a folha centos sessenta e oito, verso,

encontrei o registo da presa Patricia Emilia do Carmo, que é do theor seguinte: Doze d'outubro de mil oito centos quarenta e seis — Patricia Emilia do Carmo, que assim disse chamar-se, solteira e que vivia da protecção de uma sua tia, de edade vinte annos, filha de José Joaquim de Barros e de Anna Pereira de Sampaio, já defuntos, natural de Villa Real. De estatura regular, rosto comprido, olhos e cabellos castanhos. Vestida com vestido de chita escura e coberta com capinha de merino côr de vinho com riscas pretas. E declarou que nunca aqui estivera presa n'estas cadeias e é arguida de suspeitas de furto — *Notas marginaes* — *Saleta* — Solta em vinte e trez de outubro de mil oito centos quarenta e seis, por Alvará de soltura do mesmo juizo criminal. E nada mais continha o dito assento a que me reporto, exarado no referido livro archivado n'esta secretaria. Porto e Secretaria das Cadeias da Relação, vinte e cinco de janeiro de mil oito centos oitenta e oito. É eu Sebastião Correia da Costa, director interino, a escrevi, rubriquei e assigno. — *Sebastião Correia da Costa.*

No volume I das MEMORIAS DO CARCERE escreve Camillo, referindo-se á convivencia que na Cadeia da Relação do Porto tivera por essa occasião com alguns presos politicos:

«No termo de sete dias deixei esta amavel companhia, e esqueci depressa o episodio dos meus vinte e dois annos. Quando, porém, contemplo uma filha que tenho, ainda me lembro d'elle. Hei de leval-a uma vez á cadeia, e dizer-lhe: «Tua mãe esteve n'aquelle quarto.» Esta lição em silencio, no limiar do mundo, ha de aproveitar-lhe mais que a *Introducção á vida devota*, ou os exercicios espirituaes das irmãs da charidade.»

Esta referencia a sua filha podêmos nós amplial-a com algumas indicações interessantes, devidamente documentadas.

A sr.ª D. Bernardina Amelia Castello Branco nasceu a 25 de junho de 1848 em Villa Real de Traz-os-Montes, onde foi baptisada na egreja de S. Pedro.

De tenra idade veio para o Porto em companhia de Camillo, mas voltou depois para Villa Real, como mostram as duas cartas seguintes, que, por espontaneo obsequio, me enviou um respeitavel cavalheiro d'aquella localidade.

São dirigidas a D. Patricia Emilia do Carmo, para Villa Real:

Minha amiga

Se estás resolvida a tomar conta da nossa pequena, com a mesada da mesma conta paga pontualm.te, diz-me se é possivel vir d'ahi alguem p.a conduzil-a, pagando eu todas as despezas q. se fizerem.

As m.as relações com a freira acabaram, e eu te direi os motivos q. se deram. A menina precisa d'uma educação q. só tu lhe podes dar; e ficando eu na certeza de q. a tractarás segundo os meios q. eu te dou p.a isso, fico contente. Responde-me com brevidade, e vê se podes dizer-me como ella será melhor conduzida. Recados á tua fam.a

Teu am.o

1.o de Jan.o de 1857

C. Castello Br.co

Patricio

Rc.a a tua carta

Tenciono ficar no Porto, e aqui estarei quando vieres a banhos. Será então occasião de levares a menina, se a lá quiseres ter dous annos, ou tres. Se a ella ir com vontade, é preciso que a tenhas cá primeiro comtigo alguns. Reconheço q̃ a pequena precisa de certos carinhos q̃ só uma mãe pode dar-lhe. Eu não lhe falto com o q̃ ella precisa, e até m.to com o q̃ lhe sobeja, mas não sei fazer o q̃ outros pais fazem.

Tu dirás o q̃ te parecer a tal respeito.

Teu am.º

Porto 14 de Junho de 1857.

Camillo Cast.º B.º

Mais tarde, D. Bernardina entrou no convento de S. Bento da Ave-Maria, onde a sua educação, subsidiada por Camillo, correu sob a direcção da freira D. Izabel Candida Vaz Mourão. Um estimavel cavalheiro do Porto tambem espontaneamente me informou de que ainda n'aquelle convento existe uma velhinha, de nome Thereza de Jesus Andrade, que tem parentes em Lisboa, e foi criada da freira Izabel Maria.

Extractos de cartas de Camillo Castello Branco a José Gomes Monteiro:

Sem data: «Peço a V. S.ª o favor de mandar um exemplar das TRES IRMANS a minha filha Amelia, que está em S. Bento.»

Lisboa 23 de junho de 1862: «Lembro a V. S.ª o favor de mandar entregar a minha filha, no mosteiro de S. Bento, um exemplar das TRES IRMANS, como ha tempos lhe pedi.»

Lisboa 7 de setembro de 1862: «Da quantia que... peço-lhe o favor de mandar dar 9$600 réis a minha filha Amelia, no convento.»

Lisboa 26 de março de 1863: «V. S.ª terá a bondade de mandar entregar a minha filha Amelia 13$500 réis.»

José Gomes Monteiro

Sem data (Mas deve ser de 1864) : «Do AMOR DE SALVAÇÃO, em conformidade com a sua ordem, incluo as emendas mais notaveis. Não mande V. S.ª este romance a minha filha.»

Sem data (Mas deve ser de 1865): «Peço-lhe o favor de mandar entregar a minha filha Amelia, no convento, 9$600 réis, que encontraremos na paga do romance (A SEREIA.)»

Sem data (Mas deve ser de 1866) · «Peço a V. S.ª o favor de mandar entregar a minha filha 10$000 réis.»

Fixo o anno de 1866, porque Camillo diz a Gomes Monteiro que brevemente lhe vae entregar o *Annel do contador-mór*, romance que foi publicado, n'aquelle anno, com o titulo de — O JUDEU.—

Agradeço reconhecido á pessoa que me proporcionou occasião de examinar o volumoso maço de cartas escriptas por Camillo Castello Branco a José Gomes Monteiro durante um largo periodo de annos.

*

* *

A educanda do mosteiro de S. Bento casou em 28 de dezembro de 1865, medeante consentimento da mãe. Foi a freira D. Izabel Maria que o solicitou. Prova-o este documento, que igualmente me foi enviado de Villa Real:

Estou authorizada pella sua
Filha a Ex.ma Snr.a D. Bernardina
Amelia Castello Branco p.a pedir-lhe
o seu consentimento p.a se unir ma-
trimonialmente ao Ill.mo Snr. Antonio
Francisco de Carvalho. Asseguro a V. Ex.a
q' é um casamento digno de toda
approvação já pellas admiraveis
qualidades do Snr. Carvalho como
pella sua posição social. Aproveito
esta occasião p.a congratular a V. Ex.a
pella felicidade de sua estimavel
filha i minha querida Amiga
Desejo a V. Ex.a mil venturas e despeço-me
da [illegible] da q' é

De V. Ex.a
Atenta Veneradora

Izabel Candida ... Mauá

O casamento realisou-se na egreja parochial de Valbom, sendo padrinhos Bento Luiz Ferreira Carmo (depois visconde de Ruães, intimo de Camillo) e D. Rita Olinda Leite Braga.

Só seis ou sete annos depois do nascimento de D. Bernardina Amelia foi que sua mãe atou relações com outro individuo, de quem teve um filho, que a soccorreu, e morreu em Africa. O cavalheiro de Villa Real, que me conta isto, conclue dizendo: "Aqui ninguem tem duvidas em affirmar que a filha é de Camillo.„

*

* *

«Eu abaixo assignado certifico que n'um livro do registo parochial da freguezia de Miragaya, a folhas 37, verso, se acha o assento seguinte:

«Aos vinte e quatro dias do mez de junho de 1885, n'esta egreja parochial de S. Pedro de Miragaya, da cidade e diocesse do Porto, eu Pedro Augusto Ferreira, bacharel formado em theologia, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e abbade da mesma freguezia, baptisei solemnemente e puz os Santos Oleos a um individuo do sexo masculino, a quem dei o nome de CAMILLO, que nasceu n'esta freguezia ás oito e meia horas da noite do dia trez do mez de janeiro do anno de mil oitocentos e oitenta e cinco; filho legitimo primeiro do nome de Antonio Francisco de Carvalho, capitalista, natural d'esta freguezia de Miragaya, e de Bernardina Amelia Castello Branco de Carvalho, natural da freguezia de São Pedro de Traz-os-Montes, concelho, comarca e districto do mesmo nome, diocese de Braga, recebidos na freguezia de Valbom, concelho de Gondomar, n'esta diocese do Porto e moradores na rua da Restauração em numero duzentos e noventa e seis; neto paterno de Antonio Francisco de Carvalho Guimarães, e de Dona Anna de Sousa Loureiro e Oliveira e MATERNO DE CAMILLO CAS-

TELLO BRANCO, VISCONDE DE CORREIA BOTELHO E D. PATRICIA EMILIA DE BARROS. Foi padrinho o AVÔ MATERNO CAMILLO CASTELLO BRANCO, HOJE VISCONDE DE CORREIA BOTELHO, DISTINCTISSIMO ESCRIPTOR PUBLICO, solteiro, morador na freguezia de São Miguel de Seide, concelho de Villa Nova de Famalicão, arcebispado de Braga, e madrinha Dona Camilla Candida de Carvalho, solteira, irmã do baptisado, moradora com seus paes na rua da Restauração, d'esta freguezia de Miragaya, os quaes todos sei serem os proprios.

E para constar lavrei em duplicado este assento, que, depois de lido e conferido, PERANTE OS PADRINHOS, COMMIGO ASSIGNARAM. Era ut supra. **Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho**, *Camiila Candida de Carvalho.* O abbade *Pedro Augusto Ferreira.*

E nada mais continha o dito assento, o que sendo necessario juro in sacris. Porto e Miragaya 16 de junho de 1890. O coadjuctor *Antonio Manuel de Almeida Ribeiro.*

Corroboro a certidão supra. Porto e Miragaya 16 de junho de 1890. O abbade *Pedro Augusto Ferreira.*»

*

* *

No PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, vol. XI, pag. 983-984, ainda em vida de Camillo, foi incluida uma noticia referente á sua descendencia: dois filhos e uma filha, D. Bernardina Amelia Castello Branco.

Como se sabe, depois da morte de Pinho Leal, prestou-se a continuar o PORTUGAL ANTIGO E MODERNO o reverendo abbade de Miragaya, padre Pedro Augusto Ferreira. A noticia acima referida é lucubração d'este illustrado sacerdote, de quem possuo, autographa e assignada, a declaração de que a redigira — *apro-*

veitando e respeitando muito conscienciosamente os apontamentos e documentos que o proprio sr. visconde se dignou fornecer-lhe.

O sr. José Maria Peixoto, actualmente meu collega na camara dos deputados, conviveu muito em Fafe com Camillo Castello Branco, que o cita com louvor no prefacio das MEMORIAS DO CARCERE.

Aquelle cavalheiro escreveu-me uma carta, que me auctorisou a publicar, e na qual me diz: "Quando Camillo Castello Branco, esteve na Quinta do Ermo, situada na freguezia de S. Vicente de Passos, do concelho de Fafe, e que era propriedade do desditoso José Cardoso Vieira de Castro, de quem fui um dedicado amigo, conviviamos todos na maior intimidade. E quantas vezes, meu caro Alberto, elle nos fallava da sua querida filha, que tinha a educar no Porto, creio que no collegio de S. Bento, evidenciando estas conversações todo o seu amor paternal e uma grande affeição propria d'um coração de pae!„

*

* *

Vamos agora á historia do motivo por que Camillo sahira do carcere sem levar ao menos a "joia d'um pataco„.

Nas MEMORIAS DO CARCERE:

«Em 1846 estive eu preso ali desde nove até dezeseis de outubro. Foram sete dias de convivencia com sujeitos conversaveis, que en-

traram comigo, ou poucos dias antes, por cumplices na contra-revolução, baldada pela captura do senhor duque da Terceira. Fôra então meu companheiro de quarto um correligionario de Macdonell, filho de Braga, excellente creatura, que me emprestou cinco cruzados novos, quando me viu desbaratar no jogo os ultimos cobres de dez moedas, que eu levava para matricular-me no primeiro anno juridico. Ganharam-me as dez moedas umas pessoas de aspecto grave, que, segundo ouvi, eram altamente graduadas nas coisas da republica, e muito conversaveis, como já tive a honra de dizer.»

O filho de Braga era o general *Caneta,* José Maria de Sousa, negociante fallido, que fôra preso a 24 de setembro por espalhar proclamações incendiarias contra os liberaes.

Na MARIA DA FONTE:

«Caneta era um sujeito esgalgado, de meia idade, com suissas de *maître d'hotel*, semblante espasmodico, d'uma immobilidade ceramica, ares doentios e um surriso abstracto de idiotia feliz. Trajava sobre-casaca preta clerical até aos tornozêllos, e um chapeu alto de seda e por debaixo um lenço escarlate de Alcobaça apertado na cabeça com as duas pontas sobre a nuca, em riste, tezas como orelhas fitas n'uma desconfiança de onagro. Jogava o monte e a esquineta n'um quarto dos politicos, presos nos dias seguintes á prisão do duque da Terceira. Era bom ponto e tinha muita sorte. As dez moedas que eu levava para Coimbra ganhou-m'as elle. Era visitado no salão por um setembrista importante. Alguns presos cabralistas, por causa d'essa visita, desconfiaram que elle fosse espião e acautellavam-se. O Barbosa, das Ayras, um manêta valente da Villa da Feira, chegou a ameaçal-o.»

«Depois, em 1851, fui a Braga e pedi a D. João d'Azevedo que me levasse á casa do Caneta. Encontrei-o com o mesmo casaco, e o mesmo Alcobaça por debaixo do chapeu alto. Estava muito magro, queixando-se do intestinal, e que morria breve. Dei-lhe a sua moeda

que elle julgava perdida, por que nem sequer se lembrava do meu nome para me fazer citar.»

Camillo foi para Coimbra: estudar preparatorios, latim e rhetorica, diz-nos na MARIA DA FONTE; cursar o primeiro anno juridico, escreve nas MEMORIAS DO CARCERE. Quereria habilitar-se para exame de algumas disciplinas exigidas como admissão ao curso juridico.

No romance A MULHER FATAL ha esta referencia incidental ao tempo em que estivera em Coimbra:

«Quem se lembra já hoje da rua do Coruche? Ha doze annos que passou por alli o Progresso, este iconoclasta implacavel que subverte as coisas santas da religião artistica de antiquarios e poetas. O Progresso é barrigudo: não cabe em ruas estreitas. Aquella, a do Coruche, levou-a elle deante de si; e, como ás cavalleiras d'esse pujante demolidor andam os bons progressistas para darem o seu nome ás emprezas que elle commette, aquella rua das minbas saudades ficou-se chamando do *Visconde da Luz*.

«Com que prazer eu vi, ha dois annos, o sr. dr. Diniz que n'aquella rua me deu lições de latim! A custo me contive que lhe não dissesse: O' meu querido professor, eu sou um dos que antigamente desceram das regiões transmontanas n'aquelles machos que o progresso tirou da circulação para dar praça a outros maiores. Sou um dos anciãos que ainda viram a rua do Coruche, e imaginaram saltar da vossa janella para a da visinha fronteira. Pertenço áquella extincta raça de homens fortes que patinháram nos attascadeiros da vossa rua, e antecheiraram o fedor da desorganisação geral no dia em que a Providencia converteu em lama as obras do Progresso. Etc.»

Um amigo meu, a quem pedi informações sobre a vida de Camillo em Coimbra, respondeu-me o seguinte:

«Percorrendo as listas impressas ou *Relações dos estudantes matriculados na universidade e lyceu de Coimbra* desde o anno lectivo de 1840-1841 até ao de 1860-1861, não encontrei o nome de Camillo Castello Branco. Além d'isto, fallando com varias pessoas que me poderiam informar a este respeito, todas me disseram que elle não frequentou a universidade nem o lyceu.»

A verdade é que Camillo Castello Branco, segundo o testemunho de Vieira de Castro, adoeceu pouco depois de ter chegado a Coimbra. Mas nem a enfermidade podia ter sido tão longa, como Vieira de Castro diz, o que se prova por um episodio das MEMORIAS DO CARCERE, nem seria a causa de Camillo abandonar os estudos. A causa foi outra: as aulas fecharam-se, os cursos publicos e particulares interromperam-se por effeito da revolução. Não obstante, nos poucos dias que esteve em Coimbra, Camillo escreveu um romance sobre Duarte d'Almeida e a batalha de Toro, *romance de que fez um magusto a pedido de um amigo sincero;* [1] inutilisando tambem alguns capitulos dos MYSTERIOS DE COIMBRA, que principiára a escrever com Antonio Tiburcio Pinto Carneiro, o Antonio Tiburcio, seu dilecto amigo de infancia, de que falla na MARIA DA FONTE.

---

(1) Foi certamente uma recordação da infancia, que levou Camillo a escolher este assumpto.

Diz elle nos ESBOÇOS D'APRECIAÇÕES LITTERARIAS, escrevendo a respeito das poesias do sr. Ignacio Pizarro:

«Por causa do sentido romance denominado *Duarte d'Almeida* andei eu por entre aquellas penedias do castello d'Aguiar; e, com os olhos postos na imaginaria ponte levadiça, era então o marejarem-se-me de lagrimas, recordando o alferes da bandeira

«Olhem que terra aquella! pondéra Vieira de Castro; chega ali um homem, cai doente na cama, e desata logo a devassar-lhe os mysterios!»

Não posso precisar com segurança a casa onde Camillo residiu, como estudante, em Coimbra; mas sei que era um dos predios da Couraça dos Apostolos. Elle mesmo o diz no romancesinho — QUE SEGREDOS SÃO ESTES?...—inserto nas NOITES DE INSOMNIA: [1]

«Trez epochas me occorreram.

«Primeira, a da nossa jovial convivencia em um casebre da Couraça dos Apostolos, em Coimbra, no anno 1845. Segunda, outra menos modesta e menos alegre camaradagem de quarto, no hotel Francez, do Porto, em 1851.

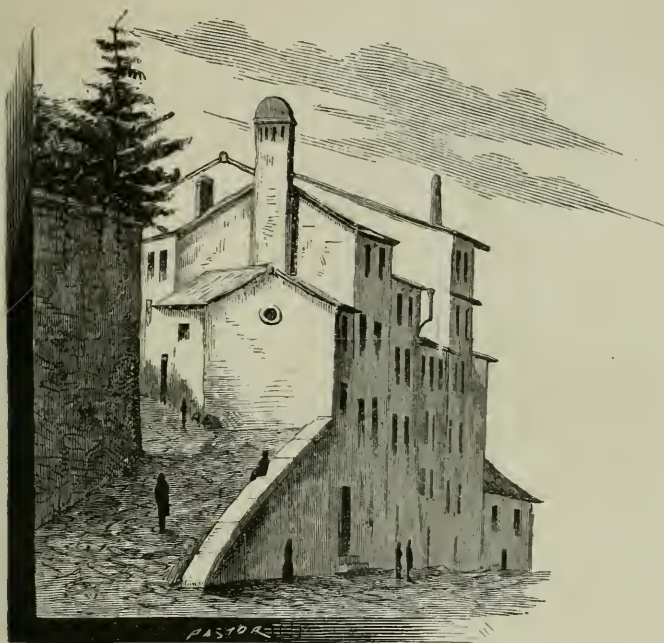
«Antes de mencionar a terceira, urge saber-se que nenhum de nós se formára. Elle contentára-se com um diploma de insufficiencia em rhetorica, e eu com a prenda não commum de arpejar tres varios fados na viola. Não rivalisavamos em sciencia. Formavamos da nossa reciproca ignorancia um conceito honesto. Não queriamos implicar com sabios, nem para os invejar nem para os detrahir.»

---

decepado na batalha de Toro, quando, esquecido de que havia perdido as mãos na defeza da sua bandeira, queria tocar a sineta do castello, e chorava, e dizia ao pagem:

> Fernão Telles, nem sequer
> Posso tocar este sino!
> Nada já posso fazer!
> Ai de mim! cruel destino!

«Eu chorava, e já tinha quinze annos n'aquelle tempo! Parece-me que tive coração com lagrimas até muito tarde.»

(1) Volume IX.—1874.

Couraça dos Apostolos (Coimbra)

No CANCIONEIRO ALEGRE recorda um episodio da sua estada em Coimbra. Falla do poeta Donnas Boto:

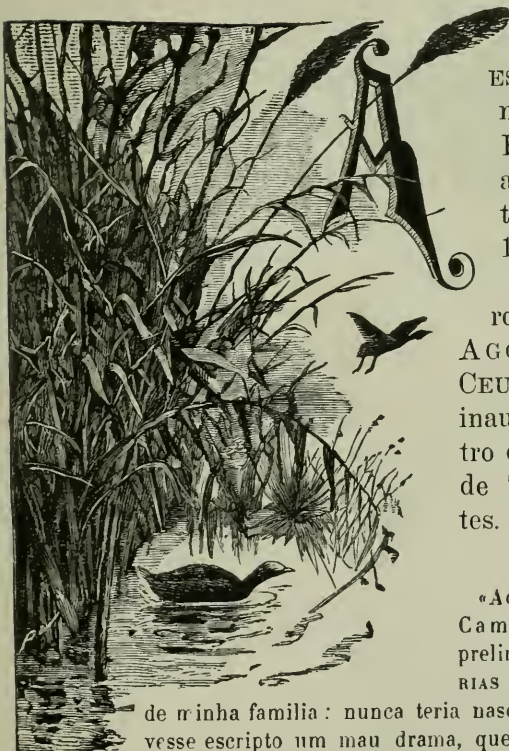
«Conheci-o em Coimbra em 1846 quando a minha batina esfrangalhada abria as suas trinta boccas para admirar e engulir o latim de um padre que não sei se era Simões. Devia ser. Coimbra é a terra dos Simões. E' como em Braga os Gaspares antigos. Mal diria eu que homem era aquelle por dentro, quando o vi por fóra, com os seus oculos de oiro, no livreiro Posselius! Eu comprára o *Diccionario* de Moraes; e elle, com uma gravidade protectora e paternal, disse-

me: «Fez bem, seu caloiro. Manuseie o bom Moraes com mão diurna e nocturna. Gaste assim as suas economias, não as malbarate em fôfas novellas gafadas de gallicismos, nem me vá por botiquins a sorveteal-as, nem por lupanares a desbotar as suas primaveras, nem por tavolagens a perder o dinheiro e a vergonha.» Fallava sempre assim. Era quintanista e quasi velho.»

VIII

O PRIMEIRO DRAMA

«...um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto, escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Agostinho de Ceuta* (prologo da 2.ª edição.)

A ESTREIA de Camillo Castello Branco como auctor dramatico data de 1846.

O seu primeiro drama foi o AGOSTINHO DE CEUTA, com que se inaugurou o theatro de Villa Real de Traz-os-Montes.

«Aquelle theatro, diz Camillo no discurso preliminar das MEMORIAS DO CARCERE, era de minha familia: nunca teria nascido se eu não tivesse escripto um mau drama, que dediquei ao meu tio. Mas que ambiente de mil aromas eu respirava n'aquelles meus

vinte annos! Como as paixões de então me desabrochavam lindas e immaculadas! O que eu via e esperava dos homens e de Deus!»

Theatro de Villa Real

O AGOSTINHO DE CEUTA foi representado por amadores, entre os quaes Luiz de Bessa Correia e José Maria Alves Torgo.

D'este ultimo interprete do seu primeiro drama, escreve Camillo no ÓBOLO ÁS CREANÇAS:

«Era de Villa Real. Teve grande talento quasi inculto. Manifestou-o em um romance em dous tomos, de scenas politicas contemporaneas, baseado na revolução da MARIA DA FONTE. Levou a vida desconcertadamente desde sargento de infanteria até abbade de Torguêda. Acabou em deploravel pobresa. Na sua conversação ordinaria tinha vulcanismos de eloquencia que lhe davam tregeitos des-

compostos de allucinado. Seria um causidico ou parlamentar extraordinario, se a farda e a batina não o arredassem da sua vocação pelas tortuosas veredas que levam á inutilidade e á desgraça.»

Alves Torgo, sempre propenso á faceeia, alterou por jocosidade uma phrase do dialogo. Seria certamente no primeiro acto, quando o conde de Castello Melhor e Henriques de Miranda entram em casa de D. Manuel de Mello com tenção feita de realisarem o libidinoso plano de Affonso VI. Seria ou não seria.

Supponhamos que o caso se passasse no momento em que os dois alcaiotes do rei entram na sala, e o conde se mostra receioso de algum ardil. Henriques de Miranda responde-lhe: —"Não diga isso, sr. conde de Castello Melhor, que mal fica a um privado d'el-rei temer a mordedura dos reptis, etc.„ Ora Alves Torgo emendou jovialmente a phrase: "—Não diga isso, sr. conde de Castello Melhor; um homem é um homem e um gato é um bicho...„

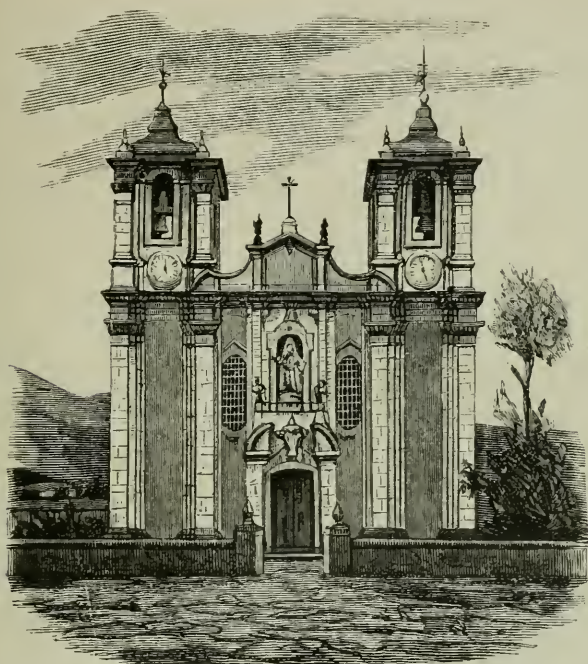
O auditorio riu, mas o auctor, julgando prejudicado todo o effeito do drama, fugiu do theatro, atordoado de pavorosos receios pela sorte do AGOSTINHO DE CEUTA. Faça-se ideia! Façam ideia todos aquelles que, tendo escripto para o theatro, ouvem deturpadas pelos actores as suas palavras. E acontece isso tantas vezes!

Por occasião de eu traduzir para o theatro de D. Maria II, no tempo da empreza Santos, *Monsieur Alphonse*, de Alexandre Dumas, filho, cuidei morrer de vergonha, na segunda representação, quando a actriz Gertrudes, que morreu ha um anno, deixou escapar, dialogando violentamente com o amante, um plebeismo de calão.

Corri ao palco, desabafei a minha colera. Gertrudes ria-se como doida, comprehendendo, e bem, que, para remediar o que não tem remedio, a medicina de Democrito é preferivel á de Heraclito. Meia hora depois, já menos offegante de hilaridade, disse-me a actriz Gertrudes: "O caso é que o publico riu. Talvez o senhor fosse mais applaudido se tivesse traduzido toda a peça em calão.„

E eu, menos possesso de mau humor, concordei.

Todos os que escreveram uma vez para o theatro — porque para experiencia basta uma vez — comprehenderão pois a explosão dos nervos de Camillo, motivada pela facecia de Alves Torgo.

O facto é authentico. Foi-me referido por Antonio d'Azevedo Castello Branco, sobrinho do eminente escriptor.

Egreja do Salvador, em Ribeira de Pena, onde Camillo Castello Branco se matrimoniou em 1841. (Pag. 45) (1)

No anno de 1847 imprimiu-se em Bragança o AGOSTINHO DE CEUTA.

---

(1) Já estavam impressas as primeiras sessenta paginas do ROMANCE DO ROMANCISTA, quando recebi, por fina amabilidade de uma illustre dama, duas primorosas photographias, que vão reproduzidas n'esta e na gravura seguinte. Apesar de distanciadas do respectivo texto, não quiz deixar de publical-as.

Dois annos depois, era representado no Porto.

No *Nacional*, de terça feira 2 de janeiro de 1849, vem publicado um folhetim, assignado C. A. ([1]), em que se allude á representação, no sabbado anterior, do drama AGOSTINHO DE CEUTA, no theatro Camões, d'aquella cidade.

O critico acha bem concebida a fabula do drama, transluzindo em toda ella a "fertil imaginação do poeta.„

Faz porém alguns reparos de pormenor.

Casa da primeira mulher de Camillo Castello Branco, em Friume (Pag 46)

---

(1) *Camillo Aureliano* de Sousa Pinto, que mais tarde foi procurador regio junto á Relação do Porto.

Assim é que nota:

«O padre Antonio Vieira ou não devera figurar n'este drama, ou devera occupar n'elle um primeiro logar, como de feito nos diz a historia que occupou, d'onde lhe não vieram pequenos desgostos e trabalhos.»

Tambem ao critico desagrada que o auctor dividisse o 2.º acto em dois quadros, e não evitasse a mutação de scena no 5.º acto, porque as divisões dos actos e as mutações de scena, mórmente em theatros sem machinismo proprio "quebram o fio do drama, esfriam o seu andamento, e sobre tudo distrahem, se muitas vezes não indispõem o espectador.„

Termina o critico noticiando que o drama fôra muito applaudido e o auctor chamado por duas vezes, e victoriado "com geraes baterias de palmas da platéa e camarotes.„

Foi uma ovação, conclue.

A segunda edição do AGOSTINHO DE CEUTA, emendada foi impressa no Porto, em 1858, na typographia de Francisco Gomes da Fonseca, editor.

O auctor escreveu um prologo, faiscante de graça, como que para justificar a reimpressão da sua estreia dramatica:

«Ha doze annos, diz elle, que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto, escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia.

«Confessava elle mesmo, no prologo, «que lêra quatro dramas originaes portuguezes, e alguns do *Archivo Theatral*». Que ignorancia e que atrevimento!

«O drama fez gemer o prelo e o senso commum. Sahiu d'onde nunca tinha sahido coisa melhor nem peior, das typographias de Bragança.

«Oh! que berço!

«Depois, o aleijadinho teve o desplante de vir até ao Porto, sobre uma mula de almocreve, e por ahi ficou tolhido, não se sabe quantos annos, na casamata d'um livreiro, que o comprou a peso.

«Parece que a traça, compadecida do miserando, o comeu. E' certo que, doze annos depois, um editor infeliz tem a aziaga tentação de editar AGOSTINHO DE CEUTA, e chega até ao desatino de comprar a propriedade do mostrengo.

«O auctor medita um instante antes de responder, e faz pé atraz doze annos na sua vida. Lembra-se das alegrias e chimeras d'aquelle tempo, lembra-se de que, ao escrevel-o, se julgou — não direi Shakespeare ou Malfieri, porque elle então não conhecia de nome sequer essa gente — mas julgou-se pelo menos um dramaturgo, que tinha jus a impingir a leitura da sua tragedia á familia, e aos visinhos:

Assim que via gente logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava.

«Tenho hoje dó das victimas que immolei então ao meu orgulho de dramaturgo. Sobre todas, ha um Luiz de Bessa Corrêa em Villa Real, que ainda hoje me faz chorar o coração, como elle então chorava de riso.

«Querem vêr um rasgo de humildade, de modestia, de despreso de minhas proprias aspirações litterarias?

«Consenti que a coisa se reimprimisse, sem a minha certidão de edade appensa.

«Quem sabe se não é este livro, escripto em 1843, menos tolo que outros escriptos em 1858?»

A terceira edição do AGOSTINHO DE CEUTA é de A. R. da Cruz Coutinho, do Porto. Feita em 1887.

Sabemos, pelo critico do *Nacional*, que o drama tivera primitivamente cinco actos. Camillo reduziu-o a quatro. Tambem sabemos que entrava como personagem secundario o padre Antonio Vieira. Camillo acceitou o reparo do critico, aliás justo, porque o padre Antonio Vieira foi substituido por frei Amaro Vieira, desapparecendo assim toda a responsabilidade historica que devia impôr a revivescencia d'aquelle grande homem no palco. A mutação do quinto acto recuou para o quarto, e a divisão do segundo acto em dois quadros subsistiu.

No—*Discurso preliminar*—das MEMORIAS DO CARCERE, esfuma-se ainda outra recordação saudosa do AGOSTINHO DE CEUTA:

«N'isto pensava eu, debruçado sobre o parapeito da ponte (de Amarante), quando de uma janellinha do antigo mosteiro de S. Gonçalo sairam uns sons de flauta, e logo a toada da chacara d'um meu drama, escripto quatorze annos antes — AGOSTINHO DE CEUTA. — Não sei quem fez aquella musica assim triste. Devo o beneficio de duas lagrimas ao poeta que a tirou de sua alma, e m'a guardou para aquella hora. O flautista sei eu que era o sargento da estação telegraphica. De muita phantasia amorosa da noite e da lua devia ser o impulso que ali o trouxe a tal hora; e com musica tão ajustada ás afflicções de infelizes desconhecidos!»

Isto escrevia Camillo em 1864 e referia-se ao anno de 1860.

A prova de que Camillo Castello Branco "sentia" todos os seus romances, encarnando-se nos personagens a que dava vida, umas vezes sem disfarce, como

no amigo de Guilherme do Amaral, que apparece nos livros ONDE ESTÁ A FELICIDADE? UM HOMEM DE BRIOS, VINGANÇA, e ANNOS DE PROSA, outras vezes animando-os de muitas impressões que elle proprio recebera, vitalisando-os, a espaços, da sua propria individualidade, temol-a, inteira e completa, n'esta passagem dos ANNOS DE PROSA (Porto, 1863), que é manifesta recordação d'aquelle lance da sua vida em 1860:

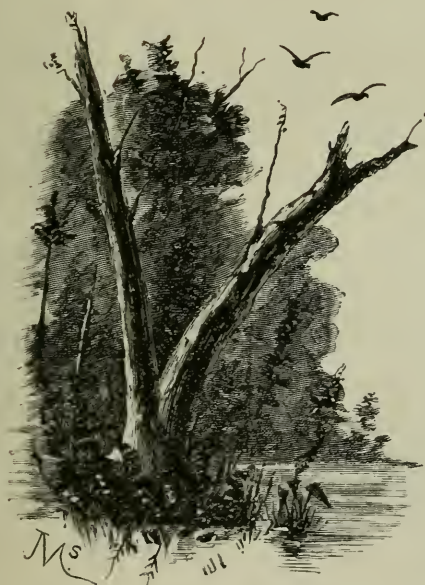
«Eram onze horas d'aquella formosa noite de setembro. Soava apertada nos rochedos a torrente do Tamega, que scintillava em escamas de prata. De longe vinha a toada soidosa d'uma flauta que tocava a chacara popular dos DOIS RENEGADOS. Jorge amava desde os doze annos os versos maviosos e truculentos d'aquella canção de amor que chora como anjo e obsecra como demonio. Proferiu a letra cadenciando-a com a flauta, e rematou chorando, já não em ancias, mas suavissimamente, como se o espirito de sua mãe lhe alcançasse do céu a mercê das lagrimas que desopprimem (ANNOS DE PROSA, cap. XIII.)

De modo que o poeta dos ANNOS DE PROSA, o sentimental apaixonado de Silvina, figura-o Camillo na mesma conjunctura dolorosa em que elle proprio, tambem na ponte d'Amarante, estivera trez annos antes, com o só disfarce de que a chacara do AGOSTINHO DE CEUTA é substituida pela dos DOIS RENEGADOS.

Em 8 de abril de 1863 foi o AGOSTINHO DE CEUTA pela primeira vez representado no theatro de S. Pedro d'Alcantara, no Rio de Janeiro.

IX

LUCTA AMOROSA

> Alma! exforça-te um instante,
> Quebra as algemas da dor!
> Dá-me um hymno agonisante,
> No teu extremo fulgor!
>
> Camillo Castello Branco — *A harpa do sceptico* (poesia).

IEIRA de Castro escreveu na biographia de Camillo:

«Corria já então o anno de 1846, e no mesmo dia em que o batalhão academico sahia para a Figueira, o malsinado moço partia para Villa Real. Desamparado de todos, acolheu-se ali á protecção de um tio realista, (1) que o instigou a seguir as forças de Macdonell, que então chegava de Braga corrido pelas tropas do conde do Casal, de saudosissima memoria para o conterraneo illustre das *frigideiras*. O poeta estava hoje mascarado de general a commandar quatro soldados muito indecentes, muito malcreados, e muito pôdres, se o chefe da guerrilha não tem o capricho

(1) E' o tio analphabeto, a quem Camillo se refere na Maria da Fonte.

de se deixar matar em Sabroso, nas visinhanças de Villa Pouca de Aguiar. Voltou a Villa Real sem condecorações de guerreiro destemido, que tivesse tido a coragem de enterrar uma bala no corpo caido de um agonisante, e sob a impressão dolorosa da carnificina que vinha fazer, escreveu para o *Nacional* e *Ecco Popular* alguns folhetins que acarearam o rancor das auctoridades da terra.»

Vieira de Castro não é seguro em indicações chronologicas.

Camillo entrou na cadeia em 12 de outubro de 1846, indo, quando foi solto, para Coimbra, e o batalhão academico partiu por Montemór-o-velho e Maiorca para a Figueira em 13 de maio d'aquelle anno. (1) Portanto, segundo a inexacta informação de Vieira de Castro, teriamos que Camillo haveria saido de Coimbra em maio, antes de lá chegar em outubro.

Thomaz Ribeiro escreveu no *Imparcial* de 16 de março de 1889 que Camillo Castello Branco fôra ajudante de ordens do general Macdonell.

Ajudante de ordens não me parece que fosse, porque o *estado maior* de Macdonell era composto de Victorino José da Silva Tavares, José Maria de Abreu, *seu ajudante de ordens,* o morgado de Pé-de-Moura, e o major Antonio Luiz Moreira. (2)

Camillo conta nas MEMORIAS DO CARCERE o seguinte episodio do seu regresso de Coimbra a Villa Real:

---

(1) Joaquim Martins de Carvalho, APONTAMENTOS PARA A HISTORIA CONTEMPORANEA, pag. 186.

(2) MARIA DA FONTE, pag. 210.

«Sahi de Coimbra para Villa Real, quando as aulas se fecharam, por motivo da revolução popular de 1846.

A' sahida de Penafiel, eu e o meu companheiro recebemos aviso de termos pela vanguarda uma guerrilha de realistas, capitaneada pelo tenente Milhundres.

Quiz o meu companheiro retroceder; mas eu convenci-o da desnecessidade de fugirem aos realistas dois pobres academicos, que se presumiam politica e socialmente indefinidos n'este mundo. Fomos ávante.

Exactissimamente: lá estava, na quebrada de um serro, densa mó de gente armada, com as armas embandeiradas de escarlate. A tiro de bala mandaram-nos fazer alto, e nós parámos, fiados na lealdade dos parlamentarios, que vieram a nós com as clavinas no braço. Eram dois, com o caudilho á frente.

Milhundres era homem mal encarado. Cincoenta annos teria, e grisalhas as barbas. Vestia casaco de miliciano com insignias de tenente, e dragonas de capitão-mór. Trazia a banda a tiracolo, e uma longa espada de misericordia enfiada n'um boldrié de coiro de anta.

— Quem são, e d'onde vem? disse elle.

— Somos estudantes, e vimos de Coimbra.

— Quem vive? tornou elle.

— O sr. D. Miguel! — respondemos.

— O sr. D. Miguel *primeiro!* — replicou o guerrilheiro, accentuando a palavra supplementar, como se a nossa profissão de fé, sem a addição, ficasse equivoca.

— O sr. D. Miguel primeiro! — repetimos sacudindo os gòrros.

— Então, visto que são dos nossos — retrucou Milhundres — andem lá para a rectaguarda, que nós vamos entrar em Penafiel. Precisamos de quem escreva proclamações ao povo, e os senhores, se são estudantes, hão de fazer coisa que se veja.

Consultei a minha bossa das proclamações, e disse:

— Vamos lá!

O meu companheiro estava enfiado, porque receava que o general guerrilheiro o nomeasse chefe de estado maior. Eu achava extrema graça a tudo aquillo.

Entramos em Penafiel.

Quando surgimos no cruzeiro, que se ergue ao tôpo da primeira rua, os moradores da cidade começaram a fechar as portas.

— Que ovação! — disse eu ao meu condiscipulo. — Dir-se-hia que somos malta de salteadores que irrompemos das brenhas!

— Se pudessemos fugir!... — murmurou o meu amigo.

— Cala-te, que isso é serio — disse eu.

Milhundres entoou os vivas, aos quaes respondemos enthusiasticamente. Ao fim da rua engrossaram as nossas forças com trez maltrapilhos armados de foices, e defronte da cadeia fizemos juncção com um alferes de milicias montado e alguns pedestres em tamancos.

Repetiram-se os vivas.

— Primeiro que tudo — disse o chefe — vamos á egreja dar graças a Deus.

Era um *Te-Deum* economico, com profusão de fervor religioso.

Abriu-se de par em par o templo.

E os valentes prostraram-se, e resaram o *bemdito* com grande estridor de vozes.

Evacuado o templo, disse eu a Milhundres:

— É necessario proclamar?

— É; vá vocemecê escrever um edital, e o seu companheiro outro, respondeu o caudilho.

— Onde é o quartel general? — perguntei.

— Não sei por ora. Vocemecês onde se vão aquartelar?

— Na estalagem do Mulato.

— Pois então, é lá. Eu vou nomear auctoridades, e lá vou ter. Ámanhã vem aqui fazer juncção comnosco o brigadeiro Bernardino. O Mac-Donell já está em campo, e o Candido de Anêlhe é seu secretario. Diga lá isto vocemecê na proclamação.

— Muito bem.

Galopamos para o quartel general.

— Vamos proclamar? — disse eu ao meu companheiro.

— Pois vai, que eu, em chegando ao cimo da rua, enterro as esporas nos ilhaes do macho — respondeu elle, com as cores ainda quebradas.

— Pois não achas isto bonito? Acaso estarás mais divertido na tua

aldeia? Tiremos partido de tudo, em quanto não cheira a polvora. Vamos collaborar n'uma proclamação em estylo biblico.

—Pois fica, se achas graça a isto: eu de certo fujo.

—Pois então tambem eu, que me parece estupida a farça, se me deixas em monologo.

Era facil e segura a fuga, mas honrosa não me pareceu muito. Eu ia envergonhado do meu procedimento, e compadecido do cabecilha. Pareceu-me desgraçado aquelle homem, e d'ahi vem o devaneio da sympathia que lhe ganhei. Além de que, de mim confesso sem pejo que me não seria difficil escrever uma proclamação sentida; grammatical não direi. A minha familia era miguelista, e festejava, como em synagoga recondita, os dias solemnes da sua crença. Milhundres seria o bem-vindo e honorificado em casa de minha familia. Ia-me por isso a consciencia recriminando de mau coração, de covarde animo, e de apostata villão.

Tudo isto me esqueceu quando cheguei a Amarante, e só me tornou á memoria quando vi, em 1861, entrar Milhundres preso nas cadeias da Relação.»

Por onde se vê que Camillo Castello Branco não tomou a sério as proesas militares dos guerrilheiros realistas. Se alguma vez os acompanhou, e se armou cavalleiro, seria propellido a isso por espirito de aventurosa mocidade, e não como partidario aguerrido, disposto a passar do exercicio da palavra ardente ao exercicio da espada sangrenta.

E' certo que Camillo versejou em honra de D. Miguel de Bragança. Na Bibliotheca Publica do Porto existe um exemplar da poesia *Salve, Rei!* que foi composta em 1852 (não em 1855, como suppõe o sr. Lima Calheiros), e appareceu integralmente reproduzida no *Jornal da manhã,* de 19 de maio de 1890.

Transcrevemos ao acaso uma das estrophes:

Rei! no dia em que descestes
Do vosso throno real,
Apagou-se a luz da gloria,
Cerrou-se o livro da historia
Do reino de Portugal.
Surge o anjo do exterminio
Sobre as trevas infernaes!
Traz de fogo a fera espada,
E com mão ensanguentada
Rasga as purpuras reaes.

Esta poesia foi inspirada pelo casamento de D. Miguel de Bragança, realisado a 25 de setembro de 1851. Significa apenas uma condolencia do poeta para com o principe proscripto, não uma convicção intransigente crystallisada no exclusivismo de facção. Camillo não era sujeito a paixões politicas, que aliás o enfastiavam, como em annos sazonados tantas vezes manifestou. Saudou o casamento de D. Miguel de Bragança, é certo, mas pranteou a morte de D. Maria II, como se pode vêr no *Portuguez* de 17 de novembro de 1853. A *Nação,* no n.º 1:834, de terça feira 22 de novembro de 1853, não lhe perdoou esta sentimentalidade de poeta: transcreveu na quarta pagina as duas poesias, a que fôra inspirada por D. Miguel e a que fôra inspirada por D. Maria II, pondo no fim de ambas, por commentario unico, um grande ponto de admiração. Era que a *Nação* procurava erradamente um partidario no homem impressionavel em que só havia um poeta.

O eminente romancista, além de descrever os seus raptos de oratoria miguelista na loja do *Zé-da-Sola*, escreve jovialmente na MARIA DA FONTE:

«Disse-lhe que eu tinha sido miguelista e afivellára esporas de cavalleiro (umas esporas de correia, de 12 vintens, por signal) na legião formidavelmente estupida do general escocez Reinaldo Macdonell.»

Portanto, Camillo seguiria o partido de Macdonell, cuja vida e morte são amplamente narradas na MARIA DA FONTE, mais como um observador desenfadado do que como um sectario convicto e sedento de vinganças politicas.

Uma carta que recebemos de Villa Real diz-nos o seguinte:

«Na revolução de 1846, não me consta que o Camillo figurasse, *n'esta terra*. Creio, até, que elle não residia por aqui; porém, em 1847, depois do desastre de Valpassos, que esta villa ora estava governada pela patulea da Junta do Porto, ora pelos cartistas e, até, alguns dias pela gente do Macdonell, lembro-me que o Camillo, uma noite, em que esta villa estava sem auctoridades nem governo algum, por que os cartistas fugiram para Chaves, e os da Junta estavam na Amarante, o Camillo appareceu *ao escurecer*, de chapeu armado, de espada á cinta, de esporas nas botas, fazendo grande barulho com a espada a rasto, de forma que toda a villa ficou apavorada, todos os habitantes fecharam as portas, e, *elle só* fez a policia da terra.

«Em seguida ao desastre que o Visconde de Sá da Bandeira soffreu em Valpassos, recolheu ao Porto o Governador Civil que aqui estava, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, e todas as forças populares d'esta provincia e de quasi todo o reino. Ali, no Porto, se or-

ganisou de novo o exercito da Junta, indo o mesmo Visconde de Sá da Bandeira com uma expedição para o Algarve, e nós com o General Guedes viemos para Villa Real.

«Foi n'este periodo que o Camillo esteve empregado no Governo Civil como amanuense. O Governador Civil, se bem me recordo, era de Vizeu, e chamava-se Thomaz Maria de Paiva Barreto, excellente pessoa que era.

«Depois do convenio de Gramido, veiu para aqui o José Cabral Governador Civil, e foi então que o Camillo escreveu alguns artigos politicos nos jornaes, contra o José Cabral, do que resultou o conflicto do *Olhos de Boi*, de que o amigo ja tem conhecimento.

«Pouco tempo depois do despotico acontecimento praticado pelo referido caceteiro, *Olhos de Boi*, ás ordens do Governador Civil, foi que o Camillo se resolveu a ir para o Porto.»

O leitor é que não conhece decerto o conflicto occorrido entre Camillo e o *Olhos de boi*. Pois elle proprio o historiou n'um *Communicado*, datado de Villa Real a 23 de agosto de 1847, e ultimamente reproduzido nos Delictos da mocidade:

«Eu devia ter consultado os fastos do despotismo para me convencer, que, tarde ou cêdo, seria victima do sr. José Cabral — governador civil de Villa Real. Devia recordar-me, que me tinha chegado á bandeira dos livres, para temer o ferrête de escravo, e o maior peso da oppressão...

«Todavia, não sei que presentimento me trahiu! Vi offendidos vil e despoticamente os meus cumplices em opinião, e uma vez pungido pela magua d'elles, bradei ao oppressor *Quousque tandem Catilina!...* Este pensamento que se achava traduzido em uma unica correspondencia minha, impressa no *Nacional*, bastante foi para que o dedo de s. ex.ª me apontasse a sepultura, e os seus orgãos procurassem um cadaver para ella!

«Da porta do governo civil no dia 17 do corrente, pelas 10 horas

da manhã, sahiu um homem armado de cacete: espancou-me, deitou-me por terra, e, recolhido outra vez á casa d'onde sahira, appareceu com uma espingarda, e com um desgarre insultuoso, á porta de s. ex.ª Entregue ás mãos do assassino, ainda agora tremo da posição em que estive, quando sei evidentemente que José Cabral tinha dito ao caceteiro: — *mata-o!* — e porque? José Cabral confessa *que á sua ordem fui eu espancado,* e dá a rasão d'este delicto, porque *eu lhe não tirára o chapéo, tendo-o visto á sua janella.*

«*Risum teneatis, amici?*»

O desastre de Val Passos, de que a carta falla, consistiu em passarem-se para o inimigo (Casal) os regimentos 3 e 15 de infanteria, que combatiam sob as ordens do visconde de Sá da Bandeira. (1)

Como se viu, Camillo foi alvo de um desacato praticado pelo caceteiro d'alcunha *Olhos de boi*. Ficou pois, como era natural e justo, aborrecendo os Cabraes, que locupletavam as algibeiras dos caceteiros para que maltratassem os adversarios incommodos. Na politica posterior a 1847, Camillo manteve-se na opposição aos Cabraes. Entre os seus folhetins politicos destacaram-se o *Caleche,* publicado na *Nação* de 28 de novembro de 1849, e *O ultimo anno d'um valido,* publicado no *Nacional* de 19 de dezembro do mesmo anno. Os dois folhetins, com aquelles mesmos titulos, foram estampados em opusculo no Porto, typographia de José Lourenço de Sousa. O opusculo é hoje rarissimo. Por

(1) Antonio Teixeira de Macedo. TRAÇOS DE HISTORIA CONTEMPORANEA, pag. 207 e seguintes.

amor da concatenação logica dos factos antecipamos esta indicação chronologica. Mas voltamos sem demora ao ponto em que interrompemos a narrativa.

Vieira de Castro conta que Camillo planeára suicidar-se por desgostos da sua agitada mocidade:

«Manuel Nicolau Esteves Negrão, e José Augusto Pinto de Magalhães saíam para a provincia. Instava a hora marcada a outros companheiros de viagem, mas o coração segredava-lhes ao ouvido o prenuncio de uma grande desventura, e ia-lhes a pouco e pouco descerrando a nuvem por onde se escondia o pequeno theatro de uma imminente e funestissima desgraça. Eram duas horas da noite. De chofre bate-lhes na face o clarão amaldiçoado da luz que espreitava n'esse instante a ultima estrophe do desesperado poeta. e os dous amigos correm, nuncios de salvação, ao logar d'onde chamava por elles uma existencia que ia fechar sobre si um tumulo que era preciso transpôr para amanhecer no ceu. Manuel Negrão e José Augusto encontraram sobre a *harpa do sceptico* os grãos de opio que deviam matar o auctor. Perto estavam setenta libras para desmentirem a suspeita ignominiosa de que a mingua de recursos lhe aconselhára a resolução tremenda.»

A historia d'esta tentativa de suicidio, felizmente mallograda, conta-a Camillo Castello Branco (jornal litterario a *Semana*, vol. I, n.º 36) no artigo que acompanha a poesia *Harpa do sceptico*. Nem artigo nem poesia vem assignados. Mas Camillo firmou depois a poesia com o seu nome, e até se refere a ella n'um livro, pelo menos.

De novo nos encontramos perante as attribulações d'uma lucta amorosa. Fica assim justificado o titulo d'este capitulo.

Escreve Camillo:

«Aos 14 annos, o meu futuro antolhava-se-me triste, nubloso, e indeciso atravez de infortunios, que a minha phantasia esboçava como no quadro de um sonho.

«Era vaga a predestinação que eu presentia do que tinha de vir-me ao encontro na estrada espinhosa da vida.

«Lembrou-me então o suicidio.

«E esta palavra consubstanciada em todos os meus pensamentos identificou-se com a minha alma — desde então ludibrio de dôres prematuras. Esta ideia não era o ideal philosophico de discussão; pesava-me, pungia-me com todo o seu tremendo positivismo de sangue e de anniquilação.

«E, depois, em cada vicissitude insupportavel da minha vida, a idéa de morrer vinha, como a brisa da tarde, refrescar-me o cerebro ardente de phantasmas.

«A morte lenta, graduada, e contada por pulsações de agonia — horrorisava-me! Eu queria uma transição rapida, definitiva, e irremediavel: — o suicidio concebido e executado: — primeiro a morte do espirito, depois o cair desamparado de um cadaver.

«Morrer á pistola parecia-me a mais nobre, a mais excellente, e, deixai-me assim dizer, a mais significativa maneira de revelar a desesperação...

«*Era em julho de 1847.*

«Por esses tempos que eu chóro... de saudade — não!... que eu chóro porque me revivem as dôres surdas e despedaçadoras das chagas da alma, que de lá me restam... por esses tempos luctavam-me duas paixões furiosas no espirito estreito — acanhadissimo — para duas tamanhas paixões como essas eram!...

«Eu devia sacrificios tremendos a uma mulher que me estremecia de adoração cega, descomposta, e... caprichosa.................

....

«Não sei se a amava por esses tempos, como devêra amal-a sempre; é certo que outra mulher havia ahi no mundo tão fascinadora, tão despota de seus encantos e da sua *posição social*, que eu, reptil

orgulhoso, ousei erguer-me do rasto de seus pés, para guindar-me á altura de seu vôo de anjo.

«Essa mulher... ouviu-me... Deverei escrever aqui uma verdade amarguradissima que a consciencia me diz?... Amou-me....

....

«É uma historia de muitas miserias impossiveis n'uma vida só, e essa apenas estreiada!... Quem sabe se este *livro* será todo *d'ella* e para *ella?* E' o meu segredo, sacrosanto como o mysterio da hostia e do calix.

«Rojei-me aos pés d'essa mulher; acurvei-me, annulei-me em toda a soberbia do falso ouro do meu orgulho — amei-a perdidamente!

«Mas a mulher dos *tremendos sacrificios* resentiu-se, delirou, desmandou-se até ao incrivel de uma vingança senhoril...

«Era uma serpente de ferocidade, como fôra um anjo de amor!

«Foi augusto, solemne, e grandioso de santa resignação o aspecto com que supportei dissabores incomprehensiveis!

«A ancora maldita do suicidio encorajava-me de brios de infeliz por entre parceis de quantos infortunios resaltam de uma vida tempestuosa.

«Determinei matar-me. Era uma resolução firme, tenaz, e indestructivel. Parecia.

«Uma hora antes do momento que eu emprasára para me propinar vinte grãos de morphina, escrevi a poesia, que segue.»

Depois de transcrever a poesia intitulada *A harpa do sceptico — derradeira corda da lyra* —, Camillo conclue:

«Quem me salvou d'essa febre de desesperação?

«O suicidio era-me então um calculo, e, comtudo, sobrevivi a essa rajada de morte que perpassou, a esse halito de impiedade que não teve forças de anniquillar a existencia que empestou para sempre.

«Que foi o que conteve o braço do suicida?

«Um amigo.

«Já lestes MANON DE L'ESCAUT? Sabeis como era *Tilberge?* Assim era esse homem... que perdi.

«Eu fui-lhe um ingrato sem infamias!...»

O amigo a quem se refere seria um dos dois designados por Vieira de Castro. Fallaremos d'ambos, quando, em capitulo especial, procurarmos esboçar o perfil romantico dos mais intimos companheiros de mocidade do eminente romancista.

No BOM JESUS DO MONTE, allude Camillo á poesia *Harpa do sceptico,* que em 1850 deixou trasladada na parede da capella da Ascenção de Christo, no Terreiro dos Evangelistas. [1]

Dias depois a mesa da confraria do Bom Jesus mandava apagar *a minha impia e incorrecta poesia,* diz Camillo.

---

(1) «Appareceu então em Lisboa um poeta, um prosador, um *diabo* como diz Heine de Proudhon, que com uma simples poesia, *A harpa do sceptico*, produziu uma impressão profunda, e ganhou desde logo as attenções para um romance que se publicava na *Semana,* ANATHEMA.» Julio Cesar Machado. *Claudio.*

X

ANNOS ALEGRES

Que tempo! que saudades! que tolice!
CAMILLO CASTELLO BRANCO (*Soneto.*)

EM 1848 vamos encontrar Camillo ora em Villa Real ora no Porto.

Escrevendo a respeito de Guilhermino de Barros na BOHEMIA DO ESPIRITO, diz o illustre romancista:

«Elle tinha dezoito annos e eu vinte e dois, se bem me recordo, quando em 1848 nos preoccupavamos de romances, e tracejavamos de negro as nossas inspirações caudalosas em resmas de papel ordinario. O nosso gabinete de leitura e de escripta era a bibliotheca publica de Villa Real. Ora o publico da bibliotheca era elle e eu. A fallar verdade, a livraria era uma desgraça litteraria, uma mole indigesta que nem a traça nem as

ratazanas seculares do extincto convento de S. Francisco tinham ousado esfarellar. Havia algumas theologias moraes e dogmaticas em edições baratas para uso de frades mendicantes, muitos sermonarios do peior periodo da parenesis portugueza, poucos classicos latinos com valor bibliographico, e de historia nacional lembro-me ter visto dois tomos truncados da *Monarchia Lusitana*, uma edição parda do *Portugal restaurado* e o fallacioso *Anno historico* do padre Francisco de Santa Maria.

«Pois n'este meio esterilisador, Guilhermino de Barros e eu alinhavavamos romances — elle com uma calligraphia que dava ares de idioma semitico, e eu com um bastardinho correcto que fazia de mim um invejavel guarda-livros de uma mercearia, — armazem de escripturações mais alimenticias. Guilhermino de Barros inspirava-se na edade media : — cavalleiros, pontes levadiças, pagens, menestreis, adais, castellãs, cathedraes, torres de menagem, monges e laminas de Toledo. Eu já fisgava osgas nos escombros contemporaneos.

«Não sei se nos admiravamos reciprocamente. Elle decerto me invejava o bastardinho. Eu de mim confesso que lhe invejava principalmente os remates dos capitulos, em que ficava suspenso, a vibrar, o punhal do monge sobre a gorja do cavalleiro spartario ; ou Hildegonda, a castellã, estava a ponto de se atirar aos braços do cytharêdo. Ah ! que saudades eu tenho da edade-media, e da bibliotheca de Villa Real, e do aspecto gentilissimamente juvenil do Guilhermino de Barros de ha trinta annos !»

E' d'este mesmo anno, A MURRAÇA, poema epico em 3 cantos, impresso, anonymo, na typographia do *Ecco Popular*, rua do Bomjardim. Os exemplares tornaram-se rarissimos. Camillo disse-me que o abalisado orador conego Alves Mendes possuia um. Escrevi-lhe a pedir que m'o deixasse vêr. Alves Mendes levou a sua gentilesa até ao ponto de offerecer-m'o.

Camillo estaria no Porto quando escreveu este poema

heroi-comico, em que canta o conflicto que occorrêra na sachristia da sé entre o arcediago Passos Pimentel e o padre João Bernardo. E' um folheto de occasião, escripto sob a impressão ridicula do facto.

O frontispicio do opusculo diz textualmente copiado:

A MURRAÇA

POEMA EPICO

EM

3 CANTOS

PORTO

TYP. DO ECCO POPULAR

Rua do Bomjardim n.º 650

1848

O poema, escripto em oitava-rima, comprehende 32 estancias.

O canto primeiro principia em diapasão altisonante de epopea:

Os conegos, e os sôccos bem puchados
Que da Sé episcopal na sacristia,
Em queixos n'unca dantes soqueados
Ferveram com *rev'renda* valentia:
E aquelles que deverem ser cantados
Quaes filhos de sagaz patifaria,
Cantando, espalharei por todo o Porto
Qual se espalha o fedor de cão já morto.

O lance capital da acção compendia-se nas ultimas oitavas, que por isso mesmo trasladamos:

Stavas, padre João, pacato e quêdo
Da prebenda comendo o pingue fruito.
C'os queixos inda virgens do soquêdo,
O que o Passos não deixa durar muito.
Na pandiga folgada sempre ledo
Co'o estomago de vinho nunca enchuito,
Mandando aos jornaes artigosinhos,
Contra o Passos, que *come a dous carrinhos.*

Desprezas-te, meu tolo, o são conselho
Que te déra a sagaz tua comadre,
Na meia enfias-te o magro artelho
E foste para a Sé, meu pobre padre!
E apenas que chegaste alli de joelho
Resavas no altar da Augusta Madre,
Quando o Passos entrou d'aspecto iroso,
Qual um *Lopo da Silva* myst'rioso.

Ao vêl o rebuçado em negro manto
Atraz d'umbrosa nave solapado,
Qual o gato que mura em escuro canto
A ratazana em nicho acostumado,
Dil-o-ieis cavalleiro, que, um quebranto
Se vinha a demandar, atraiçoado,
Ao seu perfido amor jurada fé
Stando ella a casar-se alli na Sé.

Supponde que era a noiva o João Bernardo
E o Passos Pimentel trahido amante,
Este cá raivoso em seu resguardo,
Aquelle lá piedoso e edificante.

O Passos que vergava ao duro fardo
De peso ferreo, atroz, agonisante,
Solta um grito d'horror qual se estallara
O peito que, colerico, o soltara.

Ergueu-se de repente o padre João,
Espalha os olhos seus por toda a igreja,
E no seu nobre peito o coração
Furiosas pulsações rapido archeja.
Vê vulto negrejar lá n'um desvão,
Palavras cabalisticas boceja,
E rapido se esgueira, esconde e enfia
No sagrado local da sacristia.

E n'isto o Pimentel no limiar
Assoma do portal, e diz d'est'arte:
«Quando tracto, ó João! de me vingar,
«Vingança vou buscar a toda a parte!
«No sacrario que fôra eu encontrar
«A ti... com pedra ou faca ou bacamarte
«A cara te quebrára meu bregeiro,
«Patife! patifão! vil! caloteiro!»

E nisto um bofetão nos virgens queixos
Lhe arruma o Pimentel sem mais reparo!
Longo tempo tremeu nos grossos eixos
A porta principal, ó caso raro!
Qual ruidoso vaivem que contra os seixos
Derruba d'um castello o forte amparo,
Tal força leva o murro que estoirou
Na cara que inda mais quatro levou.

Muito obrigado, ó Musa, vai-te embora,
O meu empenho fiz — cantar os murros.

Tu comigo serás, se em outra hora
Necessario me for cantar taes burros.
Pelo pouco que disse aqui agora
Se eu nos padres sentir alguns esturros,
O' Musa, tu virás, logo que eu possa,
E vós padres, fugi, que eu dou-vos coça. (1)

O conego João Bernardo *(tout court)* fôra capellão militar, e um dos intimos do conde de Thomar. Tinha o habito de S. Thiago, antes d'esta ordem ser malbaratada como distincção litteraria. Os seus papeis estavam ha pouco tempo em poder de um negociante portuense, que hoje anda homisiado. Consta-me que alguns poderiam servir para a historia anecdotica do cabido portuense.

O arcediago Francisco de Passos de Almeida Pimentel, deputado ás côrtes desde 2 de janeiro de 1848 até 25 de maio de 1851, era irmão do barão de Grimancellos, que foi governador do castello de S. João da Foz. Lembro-me de o ter visto algumas vezes: magro como uma mumia, e alto como um eucalypto. Cara risonha. Acompanhava a passeio a sobrinha baronesa, filha do governador do castello.

A causa do conflicto deprehende-se do poema de Camillo: padre João Bernardo, apesar de militar no mesmo partido politico, accusára o arcediago de comer a dous carrilhos. Questão de barriga... canonica. Invejas: Passos Pimentel accumulára o subsidio

(1) Conservamos textualmente a orthographia em toda a transcripção.

de deputado com os benesses da Sé. A' volta de Lisboa, dissolvido em 1851, por ter sobrevindo a *regeneração,* encontrou o conego João Bernardo na passagem do côro para as casas das murças (camarins onde os conegos se vestem) e ahi mesmo o sovou a murros. Eis o que um portuense, testemunha ocular do sacrilego feito, me informa circumstanciadamente.

No mesmo anno, publicou Camillo outro folheto anonymo.

Thomaz Ribeiro escreveu a respeito d'este opusculo: [1]

«Os jornaes noticiaram então o assassinato d'uma pobre velha, attribuido á sua propria filha; e dizem hoje informações insuspeitas que, — falsamente lh'o attribuiram. — Camillo escreveu uma noite o pequeno livro que ia sendo consecutivamente impresso. No dia seguinte a commovente narrativa, comprada soffregamente, salvava o poeta d'uma bancarrota. — O titulo — *Maria não me mates que sou tua mãe* — era tão popular, que o livro teve successivas tiragens, mesmo sem levar o nome do auctor.»

Contou-me Camillo que recebera em cobre o preço d'este opusculo, e que foi grande a sua satisfação quando em casa começou a despejar as algibeiras atulhadas de patacos.

O crime descripto por Camillo tem uma historia que leva pouco tempo a contar. A narração é baseada no noticiario dos jornaes lisbonenses, precedida de um pequeno prologo.

---

(1) *Imparcial,* de 16 de março de 1889.

Uma viuva, Mathilde do Rosario da Luz, que morava em Lisboa na travessa das Freiras n.º 17, tinha duas filhas, uma das quaes se chamava Maria José. Esta rapariga enamorou-se d'um rapaz chamado José Maria, o qual foi pedil-a em casamento. Desde esse dia Mathilde do Rosario admittiu em sua casa José Maria, que abusou da intimidade. Maria José appareceu gravida. A mãe, indignada, ameaçou ir denuncial-a ao regedor. Maria José, segundo se dizia então, fôra aconselhar-se com o amante, que, por suppôr que Mathilde era rica, induzira a filha a assassinal-a. Maria José acceitára o conselho, e matára a mãe á facada. A pobre velha, quando a filha investiu deshumana com ella, em vão appellou para os sentimentos de piedade e ternura filiaes: *Maria, não me mates, que eu sou tua mãe.*

Morta Mathilde do Rosario, a filha esquartejou o cadaver para esconder os vestigios do crime. Foi lançar o tronco do corpo junto ás obras de Santa Engracia, e os braços e as pernas á travessa das Monicas. O craneo, depois de queimados os cabellos, enterrou-o em casa, junto ao lar e aos pés da cama.

Eu possuo a terceira edição do raro opusculo de Camillo. O frontispicio diz:

MATRICIDIO SEM EXEMPLO

UMA FILHA

Que matou e esquartejou sua propria

MÃI,

MATHILDE DO ROSARIO DA LUZ

EM

LISBOA — NA TRAVESSA DAS FREIRAS, N.º 17

(Uma vinheta representando uma mulher de capote e lenço.)

Ás almas sensiveis — aos paes de familia — e aos bons Christãos offerece-se em meditação, a descripção do attentado praticado pela perversa matricida Maria José — seguido do interrogatorio da accusada, e da sentença do tribunal do 1.º districto, que a condemnou a morrer n'uma forca, no Campo de Santa Clara, em Lisboa.

3.ª EDIÇÃO

Publicado por Guimarães e Silva

Comprehende 16 paginas em oitavo francez. Reproduzo textualmente o prologo de Camillo:

«Attendei, e vereis um crime espantoso, um crime novo, o maior de todos os crimes — um matricidio!!! É uma filha que rasga as

proprias entranhas da mãi que a geraram, que decepa a cabeça a quem, quando creancinha, tantas vezes se encostára, chorando; que corta os braços, que a sustentaram, e que a ajudaram a ensaiar os primeiros passos no caminho da vida, e que, emfim, corta as pernas e mutila o cadaver de sua mãi!!! O coração enche-se de horror só d'ouvir a narração de tão negro e atroz delicto, e nem a certeza de que elle será exemplarmente castigado dá allivio á dôr que afflige e atormenta as almas compassivas!

«Pais de familia! Lêde a narração que vou fazer-vos d'este horrendo crime, e vêde n'elle os effeitos d'uma educação pouco desvellada talvez, e aprendei a educar melhor vossos filhos n'estes tempos em que a desmoralisação tem chegado ao maior auge a que nunca jámais chegára! — n'estes tempos em que se mofa da religião de Jesus Christo, e em que impunemente se chama imposturas aos mais augustos mysterios da crença de nossos maiores! Horrorisae-vos com a narração que vou fazer, mas reconhecei ao mesmo tempo o dedo de Deus, que guiou a Justiça para descobrir a criminosa que derramára o sangue de sua mãi, e meditai por um pouco nas causas que concorreriam para endurecer o coração d'uma filha a ponto de que, vendo o cadaver de sua mãi feito pedaços, nem o menor signal deu de compaixão, e continuou a comer com a maior indifferença! E por ultimo lembrai-vos que ha no ceu um Juiz mais recto que todos os Juizes da terra, e ensinai vossos filhos a amal-o e a temel-o, porque Elle a todos nos pode julgar.»

Este folheto tem sido reproduzido, segundo me consta, em successivas edições; mas eu nunca vi senão a terceira que, como já disse, possuo.

Aproveito a occasião para agradecer o seu offerecimento a um cavalheiro portuense, que tem n'este momento assento na camara alta, como par electivo.

A primeira edição do drama em cinco actos — O MARQUEZ DE TORRES NOVAS — foi feita no Porto em 1849.

Camillo estava então n'um periodo inicial de grande actividade litteraria.

No jornal portuense — *O Nacional* —, d'esse anno, encontram-se, publicadas em folhetim, numerosas producções suas. Citaremos, entre outras, *Um episodio em Lessa, Na morte de Carlos Alberto,* o romance *Leiam, Proverbios* (para o theatro), muitos versos, revistas de semana, etc.

Além de que, Camillo tinha a seu cargo o noticiario d'aquelle jornal, como de passagem refere, fallando de D. Antonio Alves Martins, no ÓBOLO ÁS CREANÇAS *(Procissão dos mortos):* "Quando elle (Alves Martins) redigia o *artigo de fundo* e eu o *noticiario do Nacional* (1849), era eu ás vezes quem escrevia os artigos dictados pelo egresso Antonio Alves Martins, rapidamente e atabalhoadamente. Não mandava pontoar; e, no fim, dizia-me: "Se você quizer, ponha lá as virgulas.„

O MARQUEZ DE TORRES NOVAS dramatisa as intrigas palacianas originadas no projecto de casamento, finalmente realisado, do infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva.

A ideia fundamental da peça foi suggerida pela leitura dos *Annaes de João III.* O proprio dramaturgo faz esta declaração em nota final. Annos depois, a pessoa que escreve estas linhas explorou o mesmo assumpto n'um romance em dois volumes — *Um conflicto na côrte.* De feito, a historia d'esse celebre casamento, tão mal succedido, presta-se copiosamente á exploração litteraria tanto no theatro como no romance. E',

no fundo, um grande drama susceptivel de adaptar-se a todas as fórmas de execução artistica.

Os personagens do drama são:

D. Guiomar Coutinho.
D. Maria de Noronha.
Infante D. Fernando.
Marquez de Torres Novas.
D. Fernando de Castro.
D. Guterres de Paiva.
Pedro d'Affonseca.
Ezequiel—Judeu.
Pedro—Pagem,
Mestre Gil—Taverneiro.
Carcereiro.
Inquisidores do ecclesiastico, damas, pagens, cavalheiros, frades franciscanos, encapotados e camponezes.

No anno de 1848, em que O MARQUEZ DE TORRES NOVAS foi escripto, havia no Porto censura dramatica.

Conta Vieira de Castro que o drama estivera entalado na censura, a qual exigira do auctor a seguinte modificação:

«Não poderá representar-se o drama—MARQUEZ DE TORRES NOVAS—emquanto o auctor não emendar com lettras maisculas a palavra «rei» que teima sempre em escrever com *r* pequeno.»

O absolutismo tinha deixado profundas raizes até na... orthographia. Quem havia de dizer que, quarenta annos depois, não só os reis passariam a ser mi-

nusculos, mas até o manto real seria apodado publicamente de encobrir suppostos peculatos!

A posteridade ha de espantar-se, e com razão, de que os insultadores da monarchia chegassem a envergar a farda de ministros da corôa!...

Do drama O MARQUEZ DE TORRES NOVAS foi feita segunda edição (emendada) no Porto, em casa de F. G. da Fonseca, editor, em 1858.

Este drama, como o AGOSTINHO DE CEUTA, subiu á scena representado por estudantes do Porto.

Camillo, rememorando nos SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE (vol. V) a biographia do seu condiscipulo José Maria Dias Guimarães, escolasticamente conhecido pelo *Dias da Feira,* fanatico amador da arte dramatica, dá uma noticia curiosa, que vem a ponto:

«Eu tive um quinhão enorme das ovações do Dias. Elle executou no meu drama *Agostinho de Ceuta,* o protogonista, e no *Marquez de Torres Novas,* a victima da descaroada Guiomar Coutinho (1849). Fomos ambos sublimes! Eu espatifava a grammatica, a historia e o bom-senso. Elle espatifava os corações das plateas, remoendo nos dentes as minhas phrases até as fazer espirrar grumos de sangue ás cáras mais insensiveis da Rua das Flores e travessas circumjacentes.»

Vem a pello dizer que este anno de 1849, em que sahiu a lume a primeira edição do MARQUEZ DE TORRES NOVAS, coincide com um periodo de vida mundana em que Camillo Castello Branco floresceu entre os Saint-Preux portuenses.

No livro DUAS HORAS DE LEITURA *(Sete de junho*

de 1849), esboçando a historia amorosa de José Augusto Pinto de Magalhães, que em 1864 explanou NO BOM JESUS DO MONTE, escreve Camillo referindo-se áquelle seu dilecto amigo:

«Até simulavamos reciproca anthipathia, e razão havia para ella, desde que nos encontramos em crua guerra por causa *das celebres rixas de theatro lyrico em 1849*, no Porto, em que eu fui um tolo, e José Augusto um pretendente.»

Camillo bandeava-se no partido da cantora Clara Belloni, em opposição ao grupo que quebrava lanças pela Dabedeille. Quebrar lanças é uma figura de rhetorica, que todavia não anda por muito longe da verdade. As duas facções lyricas tiveram recontros e scenas de pugilato, que deram brado. Ahi vai, narrada por Camillo, com aquelle surriso ironico que lhe custava lagrimas, a historia de uma das mais interessantes peripecias d'essa encarniçada campanha theatral:

«Os paladinos da Dabedeille, em numero passante de vinte e quatro, deram-lhe um jantar na Ponte-de-Pedra. Concorreram damas da primeira extracção com os seus perfidos esposos.

Ditosa condição, ditosa gente
Que não são de ciumes offendidos.

«Casualmente passava eu por aquelles sitios. Ia comigo Aloysio Ferreira de Seabra, um *bellonista*, fallecido ha muitos annos, conjurado tambem em deixar-se bater e matar por ella, que era feia, doente, casada e de mais a mais honesta.

«A fileira espectaculosa dos trens á porta da taverna beliscou-me a curiosidade. Quando soubemos que se festejava a cantôra, apeamos com a innocente cobiça de ouvir os brindes. O taverneiro serviu-nos um quarto e umas enguias de caldeirada, ao pé da sala do banquete.

«Um dos commensaes que ainda vive e não podia ser senão o festival João Guimarães — que Deus conserve dilatados annos na recebedoria de Belem — vira-nos curvados, ugolinamente, sobre as enguias rescendentes de coloráo, e chamou, de longe, a nossa attenção com uma palmatoria que um prospero acaso deparára ao seu espirito magistral; e, dando palmatoadas na sua mão esquerda, exprimia o symbolista imaginoso que o jantar dado pelos dabedeillistas á sua dama eram ideaes palmatoadas nos menestreis, a sêcco, da Belloni.

«Não soubemos estheticamente apreciar a symbolica de João Guimarães, sob aquella formula pedagoga — uma ratice genial, com todas as irresponsabilidades de um organismo esquisito, como era o do nosso jovial amigo. Capitulou-se pois de repto o acto; e, sem previo debate, entramos, os dois, de copo em punho, na quadra do banquete, e brindamos á nossa dama, a dessorada Belloni, feia, enfermiça, casada e de mais a mais honesta.

«Entre aquelles vinte e tantos convivas havia rapazes muito valentes. Estavam os quatro famosos Guedes, da casa da Costa, o terror dos caceteiros cabralistas; os Leites de Paço de Sousa; bastantes morgados de Riba-Douro e Riba-Corgo e Riba-Tamega — uma gente bravia, com ares de recem-vindos da Palestina, fartos de fluminar o montante, espostejando mós de turcos. Conhecia-se apenas que eram nossos contemporaneos pelas mirabolantes côres com que vestiam — pittorescos como araras.

«Pois d'esses façanhosos nenhum se insurgiu contra nós. Ergueram-se apenas, floreando as facas do talher, com cabo de osso sujo, os tres ou quatro unicos poltroens da companhia. Aloysio de Seabra retirara ferido em uma das mãos pela ponta de um estoque de bengala: e eu que entrára resoluto a morrer, inutilisado o copo na cabeça do mais cobarde, cruzei os braços esperando a Morte n'uma attitude romana; e, se não cubri o rosto como Cesar, em vista de

varios brutos sem maiuscula, foi por que a aba do frak não me chegava á cabeça.

«Parece que entre os trez ou quatro carnifices havia hesitações: se me rebentariam de encontro á parêde, ou se seria mais exemplar enforcarem-me em um galho do pinhal.

«Uma senhora hysterica, com uns soluços, dava-se geitos de querer desmaiar.

«Outra matrona unctuosa, frescalhona, de caracóes postiços, com ares de muito emancipada de etiquteas, dardejava-me olhos exophtalmicos furiosamente e vociferava:

«— Pouca vergonha! pouca vergonha!

«Ella parecia dominada do cruel apetite de me dar meia duzia de facadas nas entranhas.

«— Que eu tinha-lhe perturbado a digestão — dizia, muito azêda, com flatulencias, pondo as mãos espalmadas no alto ventre tympanisado.

«João Roberto d'Araujo Taveira e Antonio Guedes Infante perfilaram-se comigo. O Guedes ria-se — aquelle gentilissimo rapaz que damas e homens todos amavamos pela graça incomparavel do seu rosto e pelos encantos do seu riso sarcastico. Elle tinha inventado o *italico* na palestra oral; era pôr o dedo sob o labio inferior quando a palavra era expedida. «É preciso — disse-me elle então — dar uma satisfação a madame Dabedeille, que é uma virtuosa senhora» e griphava com o dedo debaixo do beiço a *virtuosa senhora*.

Entretanto, João Roberto, voltado contra o grupo dos canibaes, perorava com gestos forenses e 5 rasoens:

«1.ª Que era indecoroso attacarem um homem só e inerme.

«2.ª Que o nosso brinde romanêsco a mad. Belloni se não era uma expansão de corações sensiveis, tambem não podia considerar-se explosão definitiva do vinho da Ponte-de-Pedra que não prestava para nada.

«3.ª Que mad. Dabedeille, com o seu rico, saluberrimo sangue e marmoreas carnes, a rebentar de sadia, não poderia levar a mal que dois cytaredos da sua rival anemica proposessem um brinde á saude de mad. Belloni, uma dama que expedia dos gorgomilos infelizes

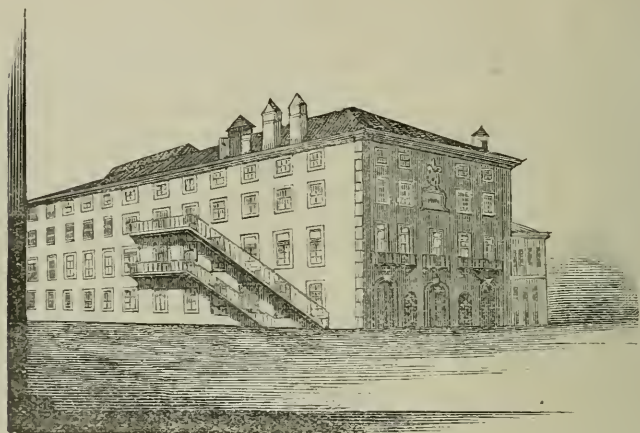
notas cacheticas a pedirem misericordia e oleos de figado de bacalhau.

«4.ª Que o sangue derramado por causa das duas primas-donas n'aquelle recinto, ou taberna, era uma orgia de sentimentalismo que envergonhára Portugal, um paiz serio, perante as naçoens da Europa culta e talvez na propria Tartaria.

«5.ª e ultima razão, que me deixassem ir em paz e incolume, a digerir a minha paixão, ou o meu vinho, se elle fôra o elixir que fizera retroceder o meu espirito até á edade media, enchendo-me a cabeça de Rolandos, de Amadizes, de Clarimundos e *Cavalleiros da Triste figura*, isto n'uma epoca de prosa em que as Dulcineas se festejavam a 3 pintos por cabeça n'uma estalagem de almocreves.

«E, curvando-se ao meu ouvido: — Vá-se embora emquanto elles mastigam o meu discurso. Lembre-se você que a rhetorica de Cicero nem sempre salvou os seus clientes; nem elle proprio com toda a sua eloquencia se eximiu de o levar o diabo.

«Achei razão a João Roberto e fui-me embora.

«E, no dia seguinte, inventei uma vingança estrondosa — uma cornêta de lata feita na Rua Escura que expedia berros atroadores; e, no theatro de S. João, inaugurei pateadas á Dabedeille com trompa.

Theatro de S. João no Porto
(Segundo um *croquis* moderno)

Nem inventei mais nada em toda a minha vida, na região do lyrismo. O martello já estava inventado pelo Diogo Maria, conde de Casal — o principe dos elegantes — que hoje esconde os destroços da sua vida atormentada nas brenhas de uma quinta no Alto Minho, sem saudade do que foi, porque entre as pompas da sua juventude e a sua velhice obscura está a imagem de uma filha morta a nublarlhe o passado com tamanha paixão que todos os horisontes lhe fecha e aperta á volta de uma sepultura.

«Quem são os que ainda vivem d'aquelle banquete? seis ou sete dos vinte e tantos, quando muito. Ha seis mezes acabou de morrer um, nas angustias da ataxia: elle era o mais irriquieto e alegre de todos nós — o Antonio Duarte Guimaraens. Que desconto acerbo o dos seus ultimos annos, confrontados com os jubilos imperturbaveis da sua mocidade, e pela vida fora, sempre honrada, até que os cabellos lhe encaneceram, e a doença entrou a esphacellal-o por todas as fibras! Um dos restantes, era esse, o juiz da Relação João Roberto que a esta hora, hirto na sua mortalha de tafetá em S. Ilde-

fonso, inicia a putrefacção transformista do seu quinhão de materia que alli serve de pretexto á algazarra latina fanhoseada por algumas dezenas de presbyteros com mercenaria uncção e grande aproveitamento.

«Restámos poucos d'aquelles genuinos de 1849, sinceramente rapazes, pouco dinheirosos, nada convencionalistas; mas desinfectantes e imputreciveis no seio das familias, por que eram romanticos, castamente romanticos.

«Guedes Infante é consul na Gallisa. Quando nos encontramos, com interpostas ausencias de annos, conversamos de uns sujeitos que tiveram o nosso nome. Se os nossos risos podessem ser liquidados, davam uma lagrima.

«Constantino de Sousa Guedes, um dos restantes, seguiu immaculadamente a magistratura. Antes de envelhecer, quando o vulgar dos magistrados se arredondam e arrotam boas digestoens, elle adelgaçava-se e estorcia-se nas dilacerações da nevralgia. Dos outros, não sei; ou, se os encontro, não os conheço, nem me reconhecem. Este que hontem morreu encontrei-o, ha poucos mezes, pelo braço da esposa que lhe era um anjo bom em paga de uma adoração de muitos annos e sem intermittencia. Eu disse-lhe que ia morrer; e elle com um surriso animador: — «você está a ir morrer ha trinta annos.»

«E as primas-donas, o que é feito d'ellas? Onde tiritam essas duas velhinhas que trouxeram ahi de escantilhão, de asneira em asneira, a juventude d'esta cidade, medieval nos seus amores, e os coraçoens dom-juanescos dos morgados de Riba-Douro, Riba-Corgo e Riba-Tamega?

«A Belloni nunca mais cantou. Morreu logo. A Dabedeille poucos annos sobreviveu á sua pobre rival no proscenio. Lá foram ambas desafinar no côro dos anjos.» [1]

Clara Belloni morreu na Corunha em 20 de setembro d'aquelle mesmo anno (1849). Camillo celebrou

---

(1) SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE, vol. II.

nas DUAS EPOCHAS DA VIDA, em estrophes condolentes, o passamento da rival da Dabedeille.

Transcrevemos uma estrophe, indicativa do generoso impulso de Camillo em favor da Belloni:

E, depois... vêl-a humilhada
Receber affrontas vis,
Como as recebe a virtude
Se é o patrimonio da actriz...
Era triste inda mais vel-a
A chorar-se, não por ella,
Que foi martyr com valor...
E' que em seu regaço tinha
Mãe, e esposo, que mantinha
Do seu pão... do seu suor...

O *Caffé Guichard,* tantas vezes citado nos romances

Antigo Caffé Guichard, no Porto
(Na 3.ª, 4.ª e 5.ª portas, a contar da esquina do predio)

de Camillo, era então o foco de todas as intrigas elegantes e de toda a vida litteraria do Porto. (1)

Camillo frequentava assiduamente o *Guichard*.

Ainda recordando memorias das suas relações de amisade com José Augusto, escreveu nas DUAS HORAS DE LEITURA:

«Uma noite, porém, no Caffé Guichard, o nosso amigo sentou-se á minha mesa, e não sei o que me disse á cerca de uma poesia-folhetim, etc.»

Talvez por descansar alguns dias da vida agitada do Porto, esteve Camillo Castello Branco, em 1849, hospedado na quinta de José Augusto Pinto de Magalhães, em Santa Cruz do Douro.

N'uma carta que Camillo me escreveu em 1870, e que eu publiquei no livro *Peregrinações n'aldeia*, dizia-me elle: "Estive á porta do Mosteiro d'Alpendurada com José Augusto Pinto de Magalhães, da casa de Lodeiro, em Santa Cruz do Douro. E' o personagem d'um fragmento d'um livro que intitulei: NO BOM JESUS DO MONTE. Era em dezembro de 1850...„

A não ser que repetisse a visita em dois annos con-

---

(1) No romance O SANGUE, Custodia da Porciuncula refere-se ao *Caffé Guichard*, o paradeiro habitual dos janotas portuenses:

«D'ali a pouco fui ouvir outra missinha aos Congregados, e quando saia para ir resar aos Clerigos vi o tal Guimarães *á porta de um botiquim que está nos baixos dos frades, sim dos frades que lá estavam quando havia religião*, e estava elle no meio de outros a ler um papel, e os outros a dar gargalhadas.»

O botiquim ficava nos baixos do convento dos Congregados de S. Filippe Nery, esquina da Praça Nova.

secutivos, o que a incommodidade da viagem n'aquelle tempo não torna provavel, Camillo enganar-se-ia na data. Deveria ser em 1849, por isso que no livro NOITES DE LAMEGO vem inserto um espirituoso artigo —*O tio egresso e o sobrinho bacharel* —, datado de Santa Cruz do Douro, em 1849.

Ainda uma nota interessante relativa a este mesmo anno:

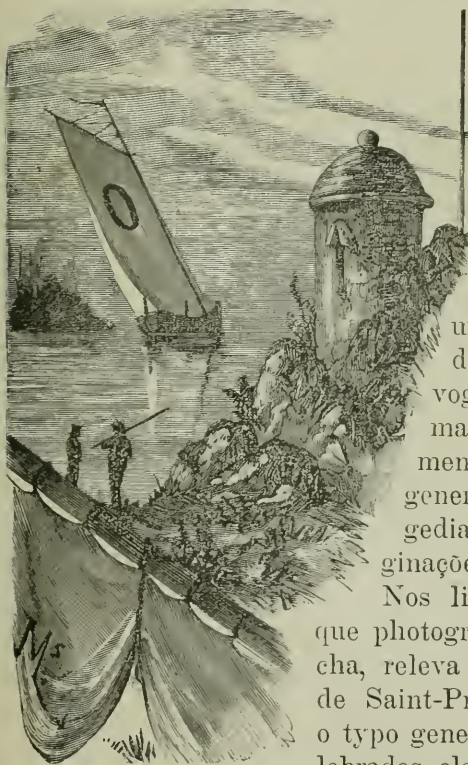
«Em 1849, José da Silva Passos, fiando demasiadamente da nossa idoneidade para historiador, nos convidou a escrever, sob sua influencia, a HISTORIA DA JUNTA DO PORTO.» (2)

Camillo, se chegou a emprehender este trabalho, abandonou-o; mas pendemos a crêr que o não encetou.

(2) *Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu,* ESBOÇO BIOGRAPHICO, por Camillo Castello Branco.

XI

OS SAINT-PREUX DE 1849

> Saudade de tantos amigos mortos, e saudade de mim mesmo, da minha alegria, das minhas doidices, dos meus 23 annos.
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Seroens de S. Miguel de Seide* (vol. II)

Os moços de 1849 respiravam a plenos pulmões a atmosphera capitosa do romantismo. O Saint-Preux da *Nova Heloisa* de Rousseau era um typo á-la-moda, um figurino em voga. O amor, sublimado em desprendimentos heroicos e em generosos lances de tragedia, exaltava as imaginações.

Nos livros de Camillo que photographam essa epocha, releva o vulto lendario de Saint-Preux, como sendo o typo generico dos mais celebrados elegantes do Porto.

Dêmos exemplos. Nos *Gracejos que matam* (NOVELLAS DO MINHO, I):

«A sexta pessoa do grupo, que povoava o cinceiral do Vizella, era um dos *Saint-Preux* portuenses, o modelo acabado da belleza varonil, já passante dos trinta e cinco annos, cançado, mas fingindo que amava sempre porque era deveras querido.»

NO SANGUE:

«Se a orphã conhecesse o jogo da scena da comedia humana, continuaria a fomentar as suspeitas do indifferente Innocencio, indo á janella na occasião em que as patas de cavallo denunciassem a passagem de algum façanhudo *Saint-Preux*, terror da moral desde a Porta Nobre até ao Poço das Patas.»

NOS ANNOS DE PROSA:

«Jorge Coelho estava sentado na cama, lendo a *Nova Heloisa* de J. J. Rousseau. O egresso foi de mansinho ao pé do leito, tirou pausadamente os oculos d'um enorme estojo escarlate, montou-os na ponta do nariz, abriu e arredondou os beiços, pendido o queixo, e examinando o livro, disse:

«— Era um grande homem esse Saint-Preux, ó Jorge!...

«— Pois o tio conhece Saint-Preux?

«— Relacionei-me com esse cavalheiro e com outros da sua estofa ha bons quarenta annos. Nunca t'o apresentei, quando praticavamos litteratura, porque sempre entendi que os ias encontrar a Coimbra, de parçaria com os muitos filhos que elle gerou para amparo de muitas *Heloisas* novissimas, de que está inçado o mundo, graças ás novellas, e ao descredito a que baixou a roca e o fuso. Que carta lês?»

Jorge Arthur de Oliveira Pimentel, amigo intimo

de Camillo, é o typo perfeito e completo do romantismo em acção.

Suicidou-se por amor, na noite de 10 de janeiro de 1849, fazendo-se protogonista de uma tragedia, que deu brado no Porto.

Camillo, escrevendo a MULHER FATAL, cujo enredo decorre em pleno periodo romantico, revive nas cinzas d'esse cyclo de aventuras, e o seu talento prodigioso aquece ephemeramente as cinzas que o tempo havia esfriado.

E' um quadro romantico, posto que verdadeiro, o da morte de Jorge Arthur:

«Verdade é que eu, n'aquelle mesmo anno, tinha conhecido um poeta de caracter sombrio, fino amador d'uma esbelta senhora, que lhe queria com a devoção dos vinte annos immaculados. Estorvos da má fortuna impediram que Jorge Arthur offerecesse deante de Deus o perfume de seu coração e intelligencia áquella senhora. Ora, elle não era já mancebo que buscasse vida e felicidade fóra da vereda da honra. Tinha trinta e oito annos. As paixões n'esta idade, quando são contrariadas, pesam sobre a alma, immobilisam-n'a, açamam-lhe os impetos, e privam-n'a de prevaricar na satisfação dos ruins desejos. Em annos mais floridos, um obstaculo remove-se; lagrimas, infamia e a publica abominação escassamente assustam. O homem salta por sobre abysmos, e ás vezes acontece deixar cair lá as perdidas almas que lhes teriam sido anjos do lar se as colhessem abençoadas pelo padre e depois pela sociedade. Jorge Arthur de Oliveira Pimentel só conhecia dois caminhos: o da egreja, e o do suicidio. O da egreja atravancaram-lh'o porque era pobre. Encaminhou-se pelo outro. Mas, na vespera d'essa ida em busca do abscondito, ou do *nada*,—cuidaria elle e o leitor por infortunio d'ambos—encontrei-o n'uma assembléa onde se jogava. Vi-o apontar tranquillamente, surrir ao revez da sorte, esvasiar as algibeiras e sahir. Parece que nem o óbolo levava para o barqueiro do Lethes!

«Ao outro dia, por noite, ouviu cantar a doce voz da sua pallida amiga, que era chamada a divertir as visitas de seu pai. Ouviu, desceu á margem do Douro que rugia entre as escarpas que o estreitam, deu a ultima moeda de cobre ao recebedor da portagem, e, em meio da ponte, sentou-se na guarda de ferro, cravou os olhos no golphão onde não se espelhava estrella, e... morreu.»

Cerca de quarenta annos depois, Camillo Castello Branco é o primeiro a crivar com as ironias do realismo a recordação saudosa de um passado longinquo, que se afundou nos abysmos da historia.

Na *Procissão dos mortos* (ÓBOLO ÁS CREANÇAS), escrevendo de Jorge Arthur, vê apenas a prosa da vida fechando com chave de ferro a biographia romantica de um poeta de 1849:

«Em a noite de 10 de janeiro, Antonio Ayres de Gouveia, hoje bispo, Adolpho Cardoso, consul em Vigo, e eu assistimos ao levantamento do seu cadaver que boiava na ressaca do Douro de encontro á muralha da Ribeira. Tinha sobre o coração, debaixo do casaco preto abotoado até á gola, um bonet de velludo bordado pela mulher por quem se suicidára. Publicou muitas poesias gemidas todas na mesma corda — a paixão por essa virgem que depois casou, viuvou e gosa saude ao fazer d'esta. *Indocti discant.*»

Outro amigo de Camillo: D. João de Azevedo, auctor do romance O SCEPTICO.

E' com o artigo relativo a este livro que Camillo abre os ESBOÇOS D'APRECIAÇÕES LITTERARIAS. O artigo tem a data de 1848.

O critico acha que o romance de D. João d'Azevedo tem o seu capital de magestosos florões na philosophia;

mas falta-lhe a base na natureza. Eis a summula da critica.

Conclue dizendo:

«O romance do sr. D. João d'Azevedo veio fortalecer-me na ideia, que eu tinha, da impossibilidade de definir o homem. Não seria, talvez, assim, se aquelle romance, em vez de SCEPTICO, fosse intitulado O CRENTE.»

Vamos agora ás linhas caracteristicas do perfil de D. João de Azevedo, vulgarmente conhecido por D. João da Tapada, traçadas por Camillo NO BOM JESUS DO MONTE:

«D. João amava uma mulher rebelde. Imprimiu um livro de cincoenta paginas desairosas para a senhora impassivel. Tirou um exemplar unico, e mandou desfazer as fôrmas. Mandou-lh'o a ella; e dessedentou assim a sua sede d'amor! Ganhou, com o feito, o rancor da mulher, que lhe custou lagrimas das que se choram aos vinte annos! Era, pois, o coração que chorava: não podia ser a cabeça.

«Todos os calculos lhe sahiam invezados; tropeçava no caminho chão para toda a gente; de principios communs e infalliveis na logica trivial inferia disparates; passadiços que os outros venciam com passo firme eram para elle abysmos em que se lhe quebravam as pernas. Isto era um mal da cabeça: não podia ser do coração.

«Era bello ouvil-o recopilar as suas irrisorias desventuras e derrotas. Elle mesmo se punha em alvo dos tiros que lhe revertiam ao peito, chanceando-se e dando-se como exemplo de doidos sublimes, para quem unicamente o Dante designou paragem n'um recanto do paraizo, na região tristissima dos suicidas.

«D. João d'Azevedo deixou Braga em 1851, e foi para Lisboa no séquito do marechal regenerador. Alistou-se nos defensores da reforma... de homens, como quem tinha escripto *Costa Cabral em*

relevo, objurgatoria fulminante digna de mais corpulento Verres. Escreveu com varia fortuna em dialectica jornalistica; mas sempre desfortunado em proventos d'ella. Enfuriou-se contra as barreiras ferreas do seu destino, e partiu n'ellas o craneo.

«D. João morreu de uma sobreexcitação moral. Foi uma onda de sangue que lhe afogou, a final, o herpe devorador d'aquelle magnifico cerebro.

«Não havia lençol em que amortalhar D. João de Azevedo, cuja familia estava em Braga.

«Tenho aqui autographa uma carta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, escripta no dia do trespasse de D. João, a José Carlos de Freitas Jacome, auctorisando-o a dispender, por conta d'elle, o necessario no decente enterro do seu acerrimo accusador. Rodrigo *lastima o destino d'um espirito distincto entre os bemfadados do talento.* Nas biographias de Rodrigo da Fonseca Magalhães este acto, como tantos de egual quilate, esconde-os ainda a mão caridosa e liberalissima do grande homem. Deixou elle de modo veladas as suas virtudes, que ainda agora o resguardo d'ellas, preceituado no Evangelho, lhe está relevando mais o brasão na lapide. Morreu mal conhecido.» (1)

Manoel Nicolau Osorio Pereira Negrão. Camillo escreve d'elle na Maria da Fonte:

«Filho do desembargador Pereira Negão e neto do celebre e erudito chanceller-mór do reino, Manuel Nicolau Esteves Negrão, cofundador da Arcadia Ulyssiponense, retirou ha vinte e cinco annos do Porto para a sua casa solar de Mosteirò, na margem direita do

(1) E é verdade. A paixão politica tem evidenciado apenas a astucia do estadista que alcunhou de — *Raposa.* Ainda hoje ha quem julgue que Rodrigo da Fonseca Magalhães fôra um cynico. Mas este facto notificado por Camillo, e outro que refere o sr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, no prologo do seu livro *Esboço critico-litterario* (Funchal, 1866), além de demonstrarem o contrario, affirmam um caracter superior.

Douro. Entre os rapazes mais presados, mais cavalheiramente briosos em que o Porto primava n'esse tempo, Manuel Negrão era modelo dos mais selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pela distancia das leguas e dos annos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aquelles dois rapazes nada romanticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavallo de dezoito leguas, até Coimbra; e elle, se lhe pruíam saudades, mettia de esporas e ia alli a baixo até Lisboa, visitar sua avó, a sr.ª viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes do sybaritismo da mala-posta e da estupida celeridade da via ferrea. E, nos intervallos d'essa gymnastica restaurante, amollentavamos a alma, recitando com muita ternura as poesias lacrimaveis dos menestreis nossos contemporaneos, quasi todos da rua das Flores. A's vezes apeavamos dos nossos fouveiros á porta das tavernas d'onde vaporavam chanfanas predilectas, e digeriamos com as estrophes da *Lyra poetica* as colladas rescendentes de colorau. Eu vim d'ahi, de colica em colica intestinal, até esta ruina gastrica que sou hoje.

«Manuel Negrão está forte, muito surdo como em rapaz, donoso cavalleiro como sempre, e sobre tudo rejuvenescido pelas delicias de avô, as delicias da familia que lhe foram, toda a vida, as supremas.»

Negrão foi um dos moços de 1846 que se alistaram sob o commando do general Macdonell, e é largamente citado por Camillo, como testemunha presencial dos factos, na MARIA DA FONTE.

Em 1860, Manoel Negrão desceu das suas montanhas (Mosteirô) e foi visitar Camillo na Cadeia do Porto. Essa entrevista dos dois amigos occupa, n'um doce colorido de saudade, uma pagina das MEMORIAS DO CARCERE. (1)

(1) Primeiro vol., capit. XII.

José Augusto Pinto de Magalhães. Vem NO BOM JESUS DO MONTE o essencial da sua notavel biographia. Casou com uma das filhas do coronel inglez Owen. Simplesmente por que lhe foram entregues as cartas que Fanny Owen escrevera a outro homem, nunca, apesar de a ter desposado, desflorára o corpo virginal da esposa.

José Augusto falleceu a 24 de setembro de 1854, em Lisboa, na hospedaria da D. Luiza, na travessa de Estevam Galhardo, onde, annos depois, se estabeleceu o *Hotel universal.* Teve um fim tragico. N'aquelle mesmo *hotel* estavam hospedados Hugo Owen, irmão de Fanny Owen, hoje barão de Pero Palha, meu particular amigo, e sua esposa. José Augusto, que tinha chegado doente no vapor *Porto,* logo que soube que estava ali Hugo Owen, foi atacado de febre cerebral. Nas suas *memorias* inéditas, que me confiou, conta o barão de Pero Palha as horas horriveis que passára ouvindo gemer, n'um quarto proximo, aquelle que considerava o verdugo de sua irmã. Fallecendo José Augusto, justamente no dia em que se completava um mez que Fanny Owen fallecera, a estalajadeira, D. Luiza, pediu á esposa do barão que lhe emprestasse vinte libras para occorrer ás despezas do funeral do hospede. A boa senhora, coração angelico, intercedeu com o marido para que consentisse no emprestimo. O barão, que é um nobilissimo caracter, cedeu. "Depois do enterro, diz o barão nas suas *memorias,* abriu-se o bahú judicialmente, e D. Luiza veio entregar á Sylvia (o nome de sua esposa) o dinheiro que ella lhe tinha em-

prestado. Aqui está como na realidade eu emprestei o dinheiro para ser sepultado o verdugo... de minha pobre irmã Fanny Owen!.. Alludo a estes factos, aliás interessantissimos, com auctorisação do barão.

Que bellos romances não poderão desentranhar-se das *memorias* d'este homem tão honrado como infeliz!

A biographia de José Augusto, escripta por Camillo, pode dividir-se em duas partes: os primeiros traços do seu drama de amor estão nas DUAS HORAS DE LEITURA; os ultimos NO BOM JESUS DO MONTE.

Evaristo Basto. Assim definido por Camillo nas DUAS HORAS DE LEITURA:

«E. B.: qual de vós não conhece E. B.?! O escriptor é de todos: anda na imaginação de cada um que lhe tem de cór um pensamento, uma maxima, um verso. N'esse verso iria a sua mais querida aspiração? E, recebida ella na maioria dos outros, não se deu ahi uma intimidade, uma nupcia que ata para sempre o poeta á admiração do leitor? Não sei se me entenderam; mas eu queria dizer que E. B., publicista ha doze annos, aínda que pouco tenha dito de si, define-se pelo que ha dito dos outros.

«Aqui tendes uma maravilha: E. B. não tem o seu nome no frontispicio de um livro!»

E no ÓBOLO ÁS CREANÇAS:

«Foi o implantador do folhetim *Revista semanal*, no Porto. Ninguem o rivalisava em graça, a não ser Ricardo Guimarães (visconde de Benalcanfôr). Escreveu em metro opusculos politicos de satyra tartarisada. Era um robusto homem em 1853. N'esse anno, o Sant'-Anna, abbade de S. Martinho da Barca, deu um jantar a um grupo de amigos dos quaes vivem trez, e eu sou um d'elles. Evaristo Basto,

depois de jantar, entrou no carrinho do abbade, e sahiu aos solavancos pela aldeia. O auriga, quem quer que fosse, para congostas tão tortuosas, ia talvez *torto* de mais. O carro tombou, e Evaristo ficou ferido n'uma ilharga. Nunca mais teve saude, e, seis annos depois, morreu paraplegico. Pouco tempo antes de morrer, e depois de alguns annos de abstinencia de escripta, redigiu contra o ministro da justiça uma diatribe coruscante de violencias sublimes. Quando lhe elogiei a satyra como um exemplar do genero, disse-me que se vira em grandes apertos para recordar-se da orthographia; não obstante, esperava morrer breve, na pujança do talento; mas sem orthographia.»

Continúa nas Duas horas de leitura:

«A agua estanque em ampla bacia, reflectindo a lua, é um bello espectaculo; mas, se o quereis mais bello, deixai derivar essa agua em pequenos arroios pela esplanada dos prados: então, é mais dilatado o brilho, mais engraçada a combinação da relva com a prata do regatinho, onde brincam as estrellas, espelhando-se.

«Assim vão correndo repartidas e distilladas a pouco e pouco as bellezas de um talento, que se não dá da prova do livro em quinhentas paginas, e nem cura de saber se, para a immortalidade, é necessario o fòro grande de um romance em seis volumes. Se lhe perguntaes porque não escreve livros, responde-vos que não sabe, e pendura pelos cabellos na picota da irrisão alguns que os fazem. Se lhe dizeis que cobre paciencia para o trabalho aturado, e escreva um livro, que seja flamma purificada do muito que leu, responde-vos que esqueceu tudo o que sabia; e com os olhos postos na deusa da ociosidade, que lhe surri de entre o fumo do charuto, murmura, na mais sancta beatitude, uma caustica apotheose aos sandeus que escrevem, sem poderem dizer que esqueceram alguma cousa que souberam. Se lhe dizeis que recorde o que soube, chama para o collo as suas tres lindas filhinhas, brinca com ellas como creança, beija-as, e pede a uma d'ellas, de tres annos, que recite duas poesias que sabe de cór. Comprehendeis a resposta? E' que as esperanças nobres,

superiores á baixeza de outras que se não erguem do chão, tiveram alli o seu complemento, embora mirassem por outro prisma que aos vinte e cinco annos se desfaz em lagrimas, ou a sociedade nol-o quebra na cara. Para as tempestades do moço, e do moço poeta, não ha senão um porto, e são muitos os naufragios... O porto achou-o E. B., que o merecia: é a paz domestica, a sanctidade das affeições de esposo e pae, tudo que ha de melhor abaixo do céo.

«Ahi tendes o meu amigo de oito annos, o mais antigo de todos, época feliz em que alcancei quatro, dous dos quaes não teem já n'este mundo senão o nome em raras almas que o mereceram.»

Em julho de 1856 Camillo, Evaristo Basto e os dois irmãos Barbosas (José Barbosa e Silva e Luiz Barbosa e Silva) fizeram uma excursão a Braga, parando em Villa Nova de Famalicão com o fim de consultarem um famoso curandeiro da ténia, que era geralmente conhecido no Porto pelo *homem da bicha.*

A historia d'essa excursão, da consulta ao *doutor* da ténia escreveu-a Camillo nas DUAS HORAS DE LEITURA, e recorda-a NO BOM JESUS DO MONTE.

São paginas de um bom humor molièrêsco.

José Barbosa e Silva, descripto por Camillo nas DUAS HORAS DE LEITURA:

«Lêstes VIVER PARA SOFFRER? Se tivestes o tacto de respirar n'um livro, aqui e alli, o coração do auctor, achal-o-ieis. Não vos quero denunciar aonde, porque a amizade não dá azo a tanto. Surprehendam-no lá, se podem; que eu lh'o diga, não. Vêde a physionomia serena d'este homem: invejar-lhe-heis a paz intima, o recolhimento ditoso em que parece adormecida aquella alma, no seio da bemaventurança. Não o julgueis assim. Lá dentro vão tempestades como as dos bellos lagos de Italia, que se não bolem sequer agora, á crispa-

ção de uma brisa, e teem dentro a vaga que logo se levanta com o dorso irriçado de tormentas. Alli não está só o poeta que vive

> Morrendo por um nada,
> Que desejado afflige, e havido enfada. (1)

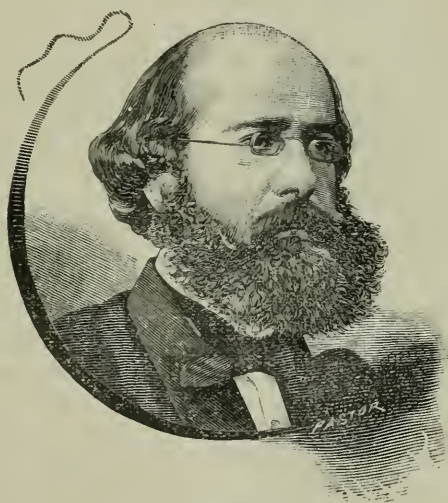
«Ha mais, ha o peior das chimeras mortas, o veneno d'ellas que fica, depois que o verme da saudade lhe sorveu os succos bons. E d'ahi, aquella immersão e tristeza profunda, d'onde não ha salval-o, sem que a sezão tenha cumprido sua phase. Noite alta, a insomnia trava-lhe da imaginação affogueada, e o visinho do seu quarto, ao amanhecer, escuta os passos monótonos do authomato, que se move, emquanto a alma, desatada do corpo, corre triste fadario. Não sabeis de certo o que é o enojo da vida, sem desejar a morte, porque a zombaria da esperança cava-nos abysmos, e, se nos vê em perigo de resvalar, transforma-nol-os em flôres, mas flôres com espinhos sempre. Oh! meu Deus! não é melhor ir com os olhos postos nas estrellas, e cahir de chofre em um poço, como o philosopho grego?! Este morrer a retalhos, para nós que não somos ténias, é sobremaneira indecoroso.

«Não cuideis, porém, que J. B. é algum Manfredo de faces cavadas e cabellos hirtos, como elle se pinta nas edições illustradas de L. Byron. Maravilha é vêl-o, no baile, modello de obsequiosas finezas ás damas, e esmerando-se em não esquecer os cavalheiros. O surriso de convenção, o ademane cultivado lá fóra em alguns annos de viagens obedecem-lhe sempre, e dão-lhe um ar de contentamento que muito deve penhorar os donos da casa; e assim é bom para que não fiquem só penhorados os que se retiram, já que os jornaes não permittem outra cousa.

«J. B., officioso por educação, conhece que não póde furtar-se aos obsequios com que a sua ampla roda procura galardoar-lhe o merecimento.

«N'esta tarefa, de que Deus me livre pela sua infinita misericor-

(1) F. d'Alvares do Oriente.

dia, consome J. B. muitas horas que precisaria, se a litteratura não entrasse na sua educação simplesmente como ornato. Não obstante, a applicação, a paciencia, e a vontade tenaz, n'outra época, fizeram que elle, aos vinte e oito annos, conheça linguas e a litteratura de cada uma, tanto quanto a sua modestia, e algumas vezes a sua indole acanhada, fazem por esconder aos que o não teem acompanhado no seu progressivo desenvolvimento.»

José Barbosa e Silva

A estes traços biographicos accrescenta No Bom Jesus do Monte:

«José Barbosa?

«Foi engulido de todo! E' agente de negocios em Constantinopla.

Já esteve no gume do perigo de ser governador civil. Quando deputado, reune em sua casa os conciliabulos nocturnos dos legisladores. Tem escripto sobre o sêllo das alfandegas provinciaes. Conhece todos os homens publicos, vive de mano a mano com estas feras, e receio que afinal o devorem.» (1)

Nos ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS analysou Camillo o romance de José Barbosa: *Viver para soffrer.*

Defrontemo-nos agora com o retrato de Luiz Barbosa e Silva. DUAS HORAS DE LEITURA:

«L. B. é o typo completo da estremada bondade. Obriga-vos a estimal-o, antes de vos dar de si e das suas qualidades uma ideia justa pela convivencia, e pelo tracto. Tem a alma no semblante. A delicadeza com que vos acolhe chega a ser carinho, sem effeminação, sem o nauseante melindre dos affectados das salas, que julgam estar sempre em trocadilho de finezas com mulheres tôlas. Tem trinta annos, e falla-vos com a madureza dos cincoenta. Não é porque as paixões da mocidade o envelhecessem prematuramente. L. B., a meu vêr, rebate os golpes do amor, que incommoda, com o escudo da prudencia. Domina-o a cabeça mais que o coração, se estas duas potencias travam peleja. São em pequeno numero os dotados d'este temperamento; e, se a excepção, com o andar dos tempos,

(1) Uma nota biographica, que podêmos accrescentar:

José Barbosa e Silva foi eleito deputado pelo circulo de Vianna do Castello— para a legislatura que começou a 7 de junho de 1858, e findou, por dissolução, em 23 de novembro de 1859.

Foi novamente eleito para a de 2 de janeiro a 15 de maio de 1865, e ainda para a de 30 de julho de 1865 a 14 de janeiro de 1868.

N'esta legislatura nunca chegou a tomar assento, com quanto a eleição tivesse sido approvada e elle proclamado deputado, pois já então estava doente. Falleceu no dia 5 ou 6 de novembro de 1865.

viesse a ser regra, a humanidade seria um congresso de anjos, e os fazedores de romances e dramas sanguinarios podiam tractar d'outra vida.

«L. B. falla pouco, e nem sempre escuta os que lhe fallam. Abstrahe-se, e para não desconsolar o fallador, dá á cabeça o movimento regular d'uma pendula. Se lhe contaes aventuras de rapaz, escuta-vos com religiosa attenção; mas não espereis uma revelação por outra. O mais que faz é rir-se comvosco das vossas veleidades, e alguma vez da fatuidade com que irriçaes a juba do leão. Não julgeis que o seu surriso é de crudelidade. A bondade não tolhe os fóros da critica. L. B. conhece perfeitamente os parvos, e, sabendo em que mundo está, tem o bom siso de os respeitar. Sem isso, elle não teria cathalogado uma excellente collecção de anecdotas contemporaneas, que traz frizantes e salgadas sempre, sem descobrir a creatura ridicula d'ellas. Resta-me dizer-vos, com grande espanto vosso, que L. B. não é litterato, nem dramaturgo, nem jornalista, nem sequer poeta! Falla e escreve um portuguez chão, desenfeitado, correcto, e claro como a sua physionomia, como a sua excellente alma. Homem — e diz-se tudo assim — que lhe merecer amizade, tem encontrado as delicias de Seneca, o thesouro de Sancto Agostinho, e a pedra philosophal do seculo XIX.»

NO BOM JESUS DO MONTE:

«E o Luiz? Vi-o, ha mezes, mais velho nove annos, e mais triste. Quando me abraçou, disse-me: E's um grande desgraçado!» Como então lhe vi os olhos turvos de lagrimas, inferi que era o mesmo o coração.»

José Joaquim Gonçalves Basto, proprietario do *Nacional*. Casou romanescamente com mademoiselle Locre-Veimars, irmã do barão Locre-Veimars, que em 1863 fazia parte da redacção do *Jornal dos Debates* em Pariz. Camillo escreveu nas NOITES DE LAMEGO

uma encantadora pagina relativa a esta senhora, sob o titulo de: — *A formosa das violetas.* Ahi conta tambem o eminente romancista como se ataram, no escriptorio do *Nacional,* as suas antigas relações com Gonçalves Basto. Eu proprio, que estou escrevendo estas linhas, lembro-me perfeitamente de ter visto, ermar na alameda de Mattosinhos e atravessar as ruas do Porto, a *Formosa das violetas,* velha e demente, entrajada de cores desconcertadamente garridas. Sobre o fim tragico d'esta senhora, cuja belleza Julio Janin elogiára, escreveu Camillo um opusculo em 1880, intitulado SUICIDA. Tambem me lembro perfeitamente de Gonçalves Basto: alto, elegante, cabellos brancos, faces sanguineas.

Antonio Tiburcio Pinto Carneiro, *um dilecto amigo,* (vidè MARIA DA FONTE) com cuja collaboração Camillo planeára escrever o romance *Mysterios de Coimbra,* como refere Vieira de Castro.

Conheço apenas um traço anecdotico da sua vida, e vou contal-o. Era elle então governador civil de Villa Real, cargo que, durante muitos annos, desempenhou.

Pinto Carneiro, mundano *blasé,* tinha entrado no regimen hygienico e sceptico do chá preto com torradas. Deitava-se das onze horas para a meia noite e, coberta a cabeça com a dobra do lençol, cahia no fundo de um abysmo. A maior delicia do seu cargo era a somneca. O districto atravessava um parenthesis de pacatez phenomenal n'aquelle districto. Parecia que Villa Real, enjoada da geropiga capitosa das suas

eleições, tambem havia entrado no regimen patriarchal do chá preto. Os cacetes transmontanos, cravados em descanço na horta de cada casa, começavam a fructificar pedaços de nuca e fragmentos de omoplata, com que em dias turbulentos tinham sido fecundados. As delicias da paz dorminhoca succediam ás furias homicidas da mócada.

Pinto Carneiro dormia, e á volta d'elle o districto resonava.

Eis senão quando, pela meia noite — a hora fatidica das balladas — um telegramma chega e bate-lhe á porta.

O governador civil, do fundo da sua cama, parlamenta com o boletineiro.

—E' um telegramma? Pois bem! deixe-o ficar para amanhã.

—Mas...

— O que diz, você, homem?

—Digo quo o telegramma traz a nota de urgente.

—Isso então é mais serio! Os telegrammas em Portugal, para o effeito de chegarem, nunca são urgentes. Um telegramma urgente devia ser um pleonasmo; mas, na realidade de Villa Real, é um caso novo! Vamos lá vêr isso.

Pinto Carneiro levantou-se tiritando, com o Marão ás costas. Foi ao seu escriptorio, assignou o recibo, abriu o telegramma, leu-o.

— O que?! Será possivel?!

Os seus olhos não queriam acreditar no que viam. As lettras, no traço indeciso do lapis azul, esvaiam-se

como espectros que desapparecessem n'um fundo branco e transparente.

— O que?! Pois elle é isto?!

Era isso, era. Dizia o telegramma:

Governador civil de Villa Real.
Bragança, tantos de tal.

Foi roubada, esta noite, por um cigano bexigoso, a Manuel Cerejo, de Rebordãos, uma mula malhada, cega de um olho e coxa da perna direita. Peço a apprehensão do cigano e da mula.

O governador civil
FULANO.

Pinto Carneiro foi metter-se na cama, frio como se sahisse de um banho do Corgo, que a essa hora devia estar gelado.

Soprou á luz, e os seus olhos fecharam-se n'uma quietação reparadora de governador civil que não tivesse a pesar-lhe no somno um cigano bexigoso e uma mula malhada.

E, dentro de pouco tempo, no seu resonar cavernoso rugiam artigos soporiferos do *Codigo Administrativo* com sibillos roufenhos de bem digiridos paragraphos respectivos.

D'ahi a duas noites, Pinto Carneiro demorou-se mais do que o costume no club. Foi a casa perpetrar o seu chá preto com as torradas correlativas, e voltou

—Olá! isto é caso! diziam por entre dentes os politicões do loto e da carambola.

—O Pinto Carneiro fóra de casa a esta hora! segredava-se um caconso que julgava que os outros não tinham extranhado o facto.

O governador civil estava jovial, contava anecdotas, rememorava as suas alegres partidas com o Camillo e com o Guilhermino de Barros.

—Quer distrair as attenções... rosnavam os politicões, em grupo, ao pé do taqueiro.

—Disfarça... monologava o caconso julgando ver mais longe e melhor que os outros.

A' sahida, toda a gente se offereceu para acompanhar a casa o governador civil.

—Que não; que muito obrigado; que tinha que fazer.

—Pois que n'esse caso, boa noite: que estava muito frio, e que iam todos a correr para casa...

E esconderam-se todos, espreitando os passos do governador civil.

Pinto Carneiro foi bater á porta do telegrapho. O telegraphista, extremunhado, só abriu quando reconheceu a voz do governador civil.

—Que tivesse paciencia, disse-lhe Pinto Carneiro: era negocio urgente.

E n'esta occasião cahia uma hora da noite, como um pingo de bronze, tão frio como o ar...

O governador civil escreveu:

Governador civil de Bragança.
Villa Real, tantos de tal.

Diga urgentemente se a mula roubada era cega do olho esquerdo ou do direito.

O governador civil

FULANO.

E, depois, Pinto Carneiro foi saborear sob seis cobertores de papa as delicias de uma boa vingança administrativa, que teve por instrumento o fio electrico, e por cumplice o cigano bexigoso.

Escusado será dizer que não viu mais a mula malhada, — nem mesmo em sonhos.

José Augusto da Silveira Pinto, victima do naufragio do vapor *Porto,* na foz do Douro, em 29 de março de 1852. Camillo faz-lhe referencia n'uma das poesias de UM LIVRO. E, em nota á terceira edição (Porto, 1866), publica o improviso, *gemido de mui lancinante saudade,* que composera quando recebeu a noticia da catastrophe.

Traslado alguns versos que podem dar ideia do caracter melancolico e scismador do mallogrado moço:

Nos bailes, onde a vida se reveste
das gallas mentirosas da alegria,
quantas vezes o vi fugir ás turbas,
vergar ao pensamento da tristeza,
buscar a solidão, buscar o amigo,
contar-lhe as pulsações da sua alma,
sacrario de honradez, defêso ao crime!

No segundo tomo da CORRESPONDENCIA EPISTOLAR ENTRE J. C. VIEIRA DE CASTRO E C. C. BRANCO, ha uma carta de Camillo, que diz: "Amei um José Augusto, que *morreu afogado.* Outro José Augusto que morreu despedaçado de paixão ahi em Lisboa. (1) Tu eras o meu terceiro amigo.„

Faustino Xavier de Novaes. Poeta satyrico portuense, não inferior, por certo, a Nicolau Tolentino em veia comica e observação de costumes. Camillo reproduziu nos ESBOÇOS D'APRECIAÇÕES LITTERARIAS o *Juizo critico* com que em 1858 prefaciou um volume de poesias de Faustino. E no *Eusebio Macario* (HISTORIA E SENTIMENTALISMO) figura-o com o Evaristo Basto, ambos de dominó, dando caça ás mascaras semsaboronas do theatro de S. João, do Porto. Vê-se, e confirma-o a tradição, que Faustino Xavier de Novaes não desdizia na vida particular o tom jovial das suas composições, o que nem sempre acontece com poetas e actores comicos. Sei d'elle que embarcou para o Brazil e que lá, na mallograda e ambiciosa esperança de enriquecer, cultivou as lettras, publicando um periodico litterario que, se me não engano, se chamava *O Futuro.* Tentou uma parodia aos *Luziadas,* que ficou incompleta.

Morreu esphacelado pela doença e pela desventura tendo como unico proctector o conde de S. Mamede. Camillo publica no CANCIONEIRO ALEGRE tre-

(1) Referencia a José Augusto Pinto de Magalhães, de quem já fallamos.

chos desolantes da ultima carta que recebeu de Faustino.

José Cardoso Vieira de Castro. Diz Camillo, na CORRESPONDENCIA EPISTOLAR, referindo-se a Vieira de Castro: "Eu não o conhecia, n'aquelle tempo, em 1854. Via-o nas janellas da sua casa, que abriam sobre a quinta do Pinheiro (no Porto), onde eu morava. Observei que elle não desfitava de mim a luneta com uma fixidez que me lisonjeava. E, ás vezes, ouvia-lhe as gargalhadas de jovial applauso, quando eu cavalgava um mau cavallo em pello; e, remettendo em desenfreado galope por debaixo do esgalho de uma arvore, me pendurava no ramo, e deixava em vertiginosa liberdade o cavallo.„ No mesmo livro: "Foi na *Estrella do Norte* (*hotel* portuense) que eu fallei com Vieira de Castro, em 1857, quando elle recolhia riscado da Universidade porque, a impulsos de generosa indignação e com a omnipotencia da palavra, obrigára o corpo docente a reparar a injustiça — injustiça, ao parecer de Vieira de Castro — feita ao sr. dr. Augusto Cezar Barjona de Freitas. Barjona entrou rehabilitado no magisterio; o academico que elucidára a rasão obcecada dos cathedraticos foi riscado.„

José Cardoso Vieira de Castro

Estabelecidas relações de amisade entre Camillo e Vieira de Castro, o grande romancista, antes de entrar na cadeia do Porto em 1860, acolheu-se á quinta do Ermo, propriedade que Vieira de Castro possuia em Fafe.

No *discurso preliminar* das MEMORIAS DO CARCERE descreve Camillo a quinta do Ermo, e a franca hospitalidade que ali recebera de Vieira de Castro.

Estando já Camillo na cadeia, Vieira de Castro, n'um

esforço de nobilissima amisade, escreveu um volume de 286 paginas com o titulo de CAMILLO CASTELLO BRANCO, NOTICIA DE SUA VIDA E OBRAS. O livro teve em 1863 segunda edição. Como biographia, o trabalho de Vieira de Castro deixa muito a desejar; mas como apotheose de um homem de talento, que um drama de amor levára ao carcere, como defesa espontanea eloquentemente produzida por uma alma dedicadissima e enthusiastica, é soberbo de pujança e de audaciosa arremettida contra os preconceitos sociaes.

O livro de Vieira de Castro sahiu precedido de uma carta de Camillo. "A pagina mais crivel e instructiva da minha biographia — diz Camillo — será aquella em que escreveres que a desgraça é a pedra de toque onde se aquilatam os amigos. Podes dizer que eu perdi os muitos em quem me fiava, no dia em que a desgraça me deu o seu abraço mais apertado; mas diz tambem que vi em redor de mim aquelles com quem não contava. Olha se inventas palavras com que exprimas o nojo, que me fazem os primeiros, e nada escrevas em louvor dos outros, que a esses lhes basta a recompensa da sua consciencia.„

Eleito deputado ás côrtes, pelo circulo de Fafe, Vieira de Castro affirmou no parlamento os altos dotes tribunicios que brilhantemente havia revelado nos comicios do theatro Academico de Coimbra e do theatro Baquet do Porto por occasião de tempestades juvenis levantadas no seio d'academia. Foi desde logo preconisado como orador bem fadado para as glorias

da tribuna politica. Impressos em volume os seus mais notaveis discursos parlamentares, foi elle proprio leval-os ao Brazil. Ahi, a sociedade fluminense ficou encantada de ouvil-o discursar sobre a *Charidade,* discurso que corre impresso em opusculo. O Brazil, pela voz da sua capital, glorificou o orador eminente. Vieira de Castro casou no Rio de Janeiro e recolheu a Portugal com a esposa, que eu vi algumas noites, radiosa de brilhantes e felicidade, sentada ao lado de seu marido, n'um camarote do theatro de S. João, do Porto. Mais tarde, n'uma casa da rua das Flores em Lisboa, uma tragedia conjugal fez de Vieira de Castro o assasino de sua propria esposa.

A biographia do condemnado está escripta por seu irmão o sr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro. Foi publicada no Porto em 1871. A posteridade poderá procurar n'esse livro a noticia de factos que estão ainda muito vivos na memoria dos contemporaneos.

Camillo Castello Branco pagou prodigamente a divida de gratidão que tinha em aberto para com o seu amigo e glorificador. Foi um defensor inexcedivel de dedicação na hora da adversidade. Eu vivia então no Porto, e posso dar testemunho presencial dos esforços heroicos empregados por Camillo para impressionar a opinião publica em favor de Vieira de Castro. Quatro livros de Camillo fallam eloquentemente d'essa piedosa cruzada, emprehendida pelo grande romancista, para minorar a sorte do seu infeliz amigo: são o drama O CONDEMNADO, representado no Porto e em Lisboa, e impresso em volume; o opusculo VOLTAREIS,

ó CHRISTO?; o LIVRO DE CONSOLAÇÃO, que Camillo principiou escrevendo sob o titulo de *Espelho de desgraçados,* [1] e os dois volumes da CORRESPONDENCIA EPISTOLAR, estampados em 1874.

(1) *Correspondencia epistolar*, segunda volume, pag. 20, nota.

XII

DESALENTOS

«... a torrente das vagas vai na direcção do pharol do Golgotha.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO — Prefacio á sua traducção da IMMORTALIDADE, A MORTE E A VIDA.

IEIRA de Castro dá noticia de um opusculo de Camillo Castello Branco intitulado O CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCULANO. Diz que não pudera haver o opusculo, mas transcreve a referencia que Herculano lhe fizera. "Que estava ainda muito moço o author para entrar n'aquellas questões, mas que viria a fazel-o, sahindo d'ellas com muita honra sua, e da patria.„

O opusculo O CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCU-

LANO não é vulgar no mercado, sem aliás ser tão raro como o JUIZO FINAL. Póde adquirir-se em leilões de bibliothecas particulares, e encontra-se ordinariamente colleccionado com outros opusculos relativos ao milagre de Ourique, sejam os que Herculano escrevera em propria defeza, como *Eu e o clero, Solemnia verba,* sejam os do seu contradictor Magessi Tavares, e outros.

O CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCULANO sahiu anonymo. O frontispicio, copiado litteralmente, diz o seguinte:

O CLERO

E O

SR. ALEXANDRE HERCULANO

LISBOA

IMPRENSA DE FRANCISCO XAVIER DE SOUZA

Rua da Condessa n.º 19

1850

Comprehende 19 paginas em 8.º, entrando na ultima, além do texto, uma *Errata.*

Este opusculo accusa, sobre o JUIZO FINAL E OS PUNDONORES DESAGGRAVADOS, um notavel progresso. A linguagem, comparada com a da advertencia do JUIZO FINAL, tem consistencia, certa unidade flexivel

que obedece ao pensamento; no estylo ha já o que quer que seja de individualidade, posto que vacillante.
Vejamos:

«Verdade, sentimento, historia, e poesia — são a contextura de Eu e o clero. E' um triumpho; mas o vencedor, no arraial dos vencidos, olha compassivo os pedaços da hoste desbaratada, crusa os braços, e exclama: «Coitada da ignorancia!...»
«Quizeramos chamar ao sr. Herculano o facho illuminador de prestigios aposentados na escuridade intellectual do maior numero de portuguezes... mas — nada de lisonjarias — muito tempo ha, que um compendio de historia, sem dizer-nos o porque, duvidava da apparição de Christo ao fundador da monarchia. Agora, sim — sabe-se como pensavam os scepticos do milagre; vê-se que o raciocinio e religião vivem n'um abraço muito cingido; e, portanto, bemdita esmola foi essa que nos veio d'um esforço — esmola de caridade tão incompativel na apparencia com o sentimento que a inspirou; — finalmente, fructo saboroso sacudido da arvore da sciencia por tufão violento.»

Suppomos que o compendio de historia, a que Camillo se refere, seria o excellente *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação em Portugal*, publicado em 1841 pelo dr. Coelho da Rocha e ainda hoje lido na Universidade. Em nota á noticia da batalha de Ourique, escrevera Coelho da Rocha: "Esta batalha deve lêr-se na *Chronica gothorum*. Appendic. a P. 3, da *Monarch. Lusit.* Escript. I. E' o documento originario, d'onde passou para os Chronistas e Historiadores, *os quaes tem escripto este acontecimento com mais desvanecimento e maravilhoso, do que exactidão.*„
Sobre o titulo com que Alexandre Herculano enci-

mou a carta ao cardeal patriarcha (Lisboa, 1850) discretea Camillo:

«EU E O CLERO. — *Eu* — representa uma intelligencia superior nas lettras portuguezas do seculo XIX. Não é uma intelligencia perecedoura como o metheoro que passa; tem no seu brilhar a perpetuidade dos luzeiros celestes; mas, mais agraciado que elles, não é dado aos outros cá em baixo eclipsal-o. Homens, que fazem a litteratura de um seculo, passam desafrontados e sosinhos na ecliptica da sabedoria.

«*O Clero* — representa os padres portuguezes. Estes, divina e humanamente escrevendo, representam a classe que, d'antes, ensinava aqui aos reis e aos povos a vereda que levava ao ceu, algumas vezes. O padre, ungido entre os preceitos do Altissimo, e corações tão rudes como crentes, era o enlace d'ambas as philosophias — a do ceo, e a terrena. Depois, materialisado, empobrecido, e desalentado no seu abandono — o pobre do clero assim rachytico e passivo — é como elle estava na epocha em que este paiz saudou o natalicio da *Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano.»

Alexandre Herculano

Camillo Castello Branco enumera os ataques de que Herculano fôra victima. Refere-se ao sermão de um egresso, em Braga, que condemnára de irreligiosa a opinião do historiador a respeito da apparição de Ourique. Este foi o signal de alarme por parte do clero. Seguiram-se depois outros ataques, feitos no pulpito, e quantidade enorme de artigos de jornaes e folhetos avulsos. Camillo vae seguindo a par e passo a narrativa de Herculano no *Eu e o clero.*

O resto do opusculo é um brado de juvenil indi-

gnação contra as censuras vibradas a Herculano. Camillo escreve da abundancia do coração; mas a defesa é frouxa por declamatoria. O joven escriptor não estava ainda preparado para a discusssão de materias que lhe foram depois familiarissimas, a theologia e a historia. Irritara-se nobremente, doia-lhe a magua, mixto de azedume e desalento, que penetrára o coração de Herculano. Magua, a meu ver, injustificada, porque o historiador devia ensoberbecer-se pela maneira como o clero o recebera, temendo n'elle um heresiarcha como Luthero ou Calvino. Herculano comprehendeu que tinha a medir-se com o clero todo, o que escrevia e o que pensava do mesmo modo, posto não escrevesse. Indica-o o titulo da sua carta ao patriarcha: *Eu e o clero.* Mas elle não era um reformador do catholicismo: era um reformador da historia. Quebrantou-se por isso n'uma lucta aspera, em que as suas intenções estavam desfiguradas. Não queria vencer a igreja; queria reconstruir a historia. Acabou por aborrecer-se de esgrimir com uma classe que pretendia vencel-o na enterpresa de historiador, que elle não havia tentado com o proposito de deixar vencida a egreja e a cleresia.

No ROMANCE DE UM HOMEM RICO, Camillo, referindo-se a este seu opusculo de 1850, põe na bocca do padre Alvaro Teixeira as seguintes palavras:

«Foi temeridade assentar-se á beira do caminho, por onde passava triumphantemente o primeiro sabio de Portugal; mas, *feliz culpa,* ditoso atrevimento o do rapaz, que não tinha exhauridas

ainda todas as lagrimas da compuncção. Atrevimento reprehensivel fôra o da porção do clero, que desenrolara do pulpito abaixo o sudario da sua ignorancia, disputando á sciencia o que era da sciencia, e arriscando a causa da verdade ás vaias de ingenerosos adversarios, os quaes, não podendo hombrear com o historiador doutissimo no solio da sciencia, e castigar de lá os ignorantes, entenderam que bem mereciam do mestre apanhando-lhe a lama do chão das suas botas, e atirando-a á cara dos padres. No folheto do meu amigo não havia polemica nem sciencia; mas sobejavam conselhos aos parciaes do clero, que profiavam em levar vantagem de injuria aos inimigos. Não se corra de ter, um dia, escripto que o padre é ignorante porque o não ensinam, e que as verdades santissimas de Jesus não podem ser menospresadas pelas argucias da razão philosophica, nem pela rude e escura hermeneutica dos mal aviados defensores da exclusiva razão do catholicismo...»

E', pode dizer-se, Camillo julgado por Camillo, interposto o intervallo de onze annos.

Lendo hoje, á distancia de trinta e oito annos, o opusculo de Camillo Castello Branco, o tratamento de *senhoria*, que é o uzual em todos quantos opusculos se escreveram sobre a questão de Ourique, afigurou-se-nos de uma antiguidade gothica. Como os tempos vão mudados!

Parecia vigorar ainda então a pragmatica de D. João V, que só consentia o tratamento de excellencia aos arcebispos e bispos, aos presidentes dos tribunaes na séde da sua judicatura, aos generaes e vice-reis em exercicio de funcções, e aos titulares de visconde para cima. E que se contentassem, porque a *senhoria* tinha sido outr'ora um tratamento real.

Todos os que entraram na questão de Ourique, ha

trinta e oito annos, permutavam-se uma simples *senhoria.* Hoje, o barbeiro de Herculano teria *excellencia,* só por uzufruir a honra de escanhoar um homem illustre, que durante muitos annos fôra tratado de *senhoria.*

Trinta e oito annos!

Alteraram-se banalmente, n'este lapso de tempo, os costumes portuguezes.

Entretanto o author do CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCULANO principiava definitivamente a sua jornada de escriptor, estudando, trabalhando, caminhando sempre, e ao passo que a sociedade que o rodeiava pouco mais fez do que demolir a pragmatica, elle edificou em solidas bases uma das mais consistentes e perduraveis reputações litterarias do nosso tempo.

A sociedade portugueza perdeu trinta e oito annos a dilacerar o pergaminho da pragmatica. Camillo Castello Branco ganhou-os para honra sua e do paiz em que nascera.

Como vimos, foi estampado em Lisboa o opusculo— O CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCULANO.

Era justamente em 1850 que se publicava em Lisboa *A Semana,* jornal litterario, redigido por João de Lemos, Manoel Maria da Silva Bruschy, Ayres Pinto de Souza, Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.

No n.º 18, correspondente ao mez de maio, principiou a ser publicado O ANATHEMA, romance de Camillo Castello Branco.

Na secção do *Expediente,* dizia o emprezario da *Se-*

mana que o romance ia ser tambem publicado ás folhas.

Pelo proprio auctor sabemos em que rua de Lisboa começára a escrever o seu primeiro romance.

Referindo-se a Julio Cesar Machado, diz Camillo Castello Branco:

«Não sei como elle foi dar comigo a escrever o ANATHEMA n'um cubiculo da rua do Ouro. O que me lembra é que me saiu muito engraçado o Machadinho, e fiquei admirado, quando me elle disse que tinha um romance em começo, e muitos romances embrionarios. Parece-me que o romance começado se chamava *Estrella d'alva*. Bem escolhido titulo para a alvorada de um esplendido dia! Mandei publicar na *Semana*, jornal litterario, o começado romance do pequeno, cuidando que elle se deteria a compor e recompor a continuação, por algumas semanas. Um dia, sentou-se Julio á minha banca, pediu-me papel, e escreveu ali mesmo a continuação do romance, conversando ao mesmo tempo, em variados assumptos academicos, desde a escola realista da novella franceza até ao nariz aquilino da minha visinha.» (ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS, pag. 169.) (1)

(1) Julio Cesar Machado alludiu a este facto nas *Scenas da minha terra* (pag. 162) e nos *Apontamentos de um folhetinista* (pag. 144).

JULIO CESAR MACHADO
(Retrato da mocidade, publicado no 1.º volume da *Vida em Lisboa*)

O conto *Estrella d'alva,* de Julio Cezar Machado, principiou a ser publicado na *Semana* em setembro de 1850.

A publicação do ANATHEMA na *Semana* ficou suspensa no fim do capitulo XV, a que, no livro, Camillo accrescentou, para fecho do capitulo, esta phrase: "A historia, essa é que o padre não esquecia por coisa nenhuma."

No anno seguinte, 1851, appareceu em volume, no Porto, o romance ANATHEMA, impresso na Typ. de Faria Guimarães, formato 8.º

No livro A GERAÇÃO MODERNA, por *Bruno* (pseudonymo do sr. José Pereira de Sampaio, do Porto) dá

este escriptor noticia da hostilidade com que Camillo Castello Branco fôra recebido por os que já tinham um nome feito no mundo litterario.

«Assim, Lopes de Mendonça, que era o critico litterario que ao tempo firmava as reputações para a grande massa do publico, facil na sua tolerancia benevolente de talento que não imagina a concorrencia ou que, na consciencia altiva do merito, a desdenha, n'um folhetim da *Revolução de Setembro* registrou com palavras de censura o romance do ANATHEMA, elle, todavia tão prompto a tecer encomios ainda aos mais subalternos, como se mostra do preambulo das *Poesias*, hoje esquecidas, do logo ignorado Augusto de Lima. E Alexandre Herculano pronunciou ácerca do recem-chegado essas palavras duras que vemos registradas na *Peninsula*, apesar dos commentarios rectificantes do adversario do futuro romancista e que se inspirou d'essa pura idéa da justiça que vestiu d'aço o seu mestre Proudhon.» (*A geração nova*, pag. 35).

Não podémos vêr a *Peninsula*, periodico portuense. Tambem não lográmos encontrar ainda a apreciação hostil de Lopes de Mendonça.

Pelo contrario, folheando a collecção da *Revolução de Setembro*, encontramos um folhetim de Lopes de Mendonça, de 15 de dezembro de 1851, em que aquelle talentoso e desgraçado folhetinista noticìa a apparição do ANATHEMA, qualificando-o de *bello* romance, e promettendo occupar-se d'elle detidamente.

Não podémos rastrear o cumprimento da promessa.

Tambem na *Revolução de Setembro*, e no folhetim de 27 do mesmo mez e anno, dizia Lopes de Mendonça:

«O sr. Camillo Castello Branco, *cujo talento litterario é incontestavel,* tem escripto no *Portugal* uns artigos debaixo do titulo — *O christianismo,* dignos da attenção publica.

«No VII propõe-se a analyse de algumas proposições que inserimos de passagem n'um folhetim. Esperamos que elle finalise para respondermos. Entretanto, seja-nos licito affirmar que nos é summamente desagradavel ter de acceitar combate em assumptos religiosos. Nós pertencemos á escola philosophica, o sr. Camillo á escola catholica.»

Eis o que por emquanto conseguimos averiguar com referencia a A. Herculano e Lopes de Mendonça; de outros criticos sabemos ao certo que receberam Camillo Castello Branco aggressivamente.

Mas se considerarmos de todo o ponto exactas as informações do sr. Pereira de Sampaio em opposição ás que do conceito emittido por A. Herculano nos dá Vieira de Castro, o que é certo é que sete annos depois, em 28 de outubro de 1858, Alexandre Herculano ia á Academia Real das Sciencias propor Camillo Castello Branco socio correspondente. A rehabilitação de Camillo não podia ser mais completa nem mais prompta. Faz honra ao caracter de Herculano a confissão espontanea do seu engano: elle proprio correu a investir nas honras de academico, se o são, o escriptor que sete annos antes havia recebido com dureza.

No archivo da Academia não existe copia da proposta de Herculano. Crêmos por isso que tivesse sido verbal. Notaremos de passagem que dos poucos socios, que assistiram á sessão de 28 de outubro de 1858, apenas sobrevive o sr. Antonio de Serpa.

Na sessão immediata foi apresentado parecer sobre a proposta de Alexandre Herculano. Vamos transcreve-l-o integralmente:

«A Commissão encarregada de dar o seu parecer sobre a propos-«ta feita em sessão de 28 de Outubro pelo Socio A. Herculano para «ser eleito socio correspondente o Sr. Camillo Castello Branco, é «de voto que a mesma proposta seja approvada. São já conhecidos «tão vantajosamente os escriptos do Sr. Camillo Castello Branco, de-«monstram tanto engenho e fecundidade tão singular, e gozam de «popularidade tão geral, que seriam sobejas todas as considerações «que se fizessem a este proposito. A Commissão limita-se a decla-«rar que concorda plenamente com o auctor da proposta. — Lisboa, «2 de dezembro de 1858. — Assignados — Rodrigo José de Lima Fel-«ner — Dr. Levy Maria Jordão.»

Fazendo uma nova edição das LENDAS E NARRATIVAS, Alexandre Herculano escrevia no prologo:

«N'estes quinze ou vinte annos, creou-se uma litteratura e póde dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso. Desde as LENDAS E NARRATIVAS até ao livro ONDE ESTÁ A FELICIDADE? que vasto espaço transposto?»

Alexandre Herculano como que applaude, n'estas palavras, o acto de justiça que praticára propondo Camillo socio da Academia.

Camillo, no prefacio da quinta edição do AMOR DE PERDIÇÃO, reproduzido na sexta, cita de passagem as palavras de Herculano.

Em 1858, fazia-se, tambem no Porto, segunda edi-

ção do ANATHEMA, emendada, na Typ. da Revista, formato 8.º.

No prologo d'esta nova edição, escreve Camillo:

«Este romance foi, ha oito annos, a estreia do auctor. Elle mesmo considera-o agora uma tentativa, que a critica tolerante acceitou. Os merecimentos que ella então lhe viu, talvez hoje lh'os acoime como faltas. O auctor lava as mãos d'esses velhos peccados.

«O livro reimprime-se com algumas emendas, e reimprime-se porque a primeira edição está consumida. Os retoques d'esta são tão ligeiros que não remedeiam os vicios da forma primitiva.

«A critica justiceira ha-de inculpar o auctor pela reincidencia na culpa que se lhe perdoou ás verduras dos vinte e dois annos.

«A isto responde o auctor, submissamente, que ha velhos que regeneram os desvarios da mocidade, reproduzindo-os: este, que hoje se repete, é dos menos offensivos.»

No capitulo VIII do ANATHEMA ha uma nota biographica, que deve ficar incluida n'estas outras que estamos citando:

«Em 1843 (1) era eu—diz Camillo—rapaz de 18 annos, tão estranho como hoje á politica eleitoral. Achava-me, nos suburbios de Villa Real, em uma aldeia (a Samardan); e sendo-me forçoso á meia noite passar para outra, encontrei-me na estrada com um grupo de homens, á testa dos quaes sobresahia uma creatura de casaca, nisa ou quer que era que tinha abas, em disputa de maioria com os respectivos collarinhos. A tres passos arredados de mim, gritaram todos, para melhor se fazerem ouvir:

—Quem vem lá?

(1) Na *Semana* sahiu 1845, certamente por erro typographico.

— Sou eu.

— E quem é você?

— Sou...eu.

— Faça alto... ou *morre!*

Fiz alto para viver. «São ladrões com disciplina militar» — disse eu comigo. — Se pelos seus regulamentos o corpo for inviolavel, não me podem prejudicar muito na fazenda...

Aproximaram-se.

— Então que faz você por aqui?

— O que faço?... sigo esta estrada que vê.

O commandante da força poz o gatilho no descanço. O meu espirito socegou.

— Está preso! — bradaram todos.

— Preso... porque?

— Vmc. é algum *agiota* (queria dizer *agente*) dos setembristas, que vem aos votos á freguezia de S. Godenho...

— Eu!... aos votos!... Ora deixe-se d'isso... eu começo por não saber que havia um santo chamado Godenho... Deixem-me passar...

— Está preso, já se lhe disse... e não se bula...

Não me buli.

— Quem é o senhor?

Não me convinha dizer quem era: dei um nome tão desconhecido para elles como para mim. Empataram-me as vasas vintes minutos, e deixaram-me, depois de lavrado a lapis, *au clair de lune*, uma especie de auto de inquerito, n'um sobscripto de carta.

O regedor da freguezia de S. Godenho, e a sua escolta de cabos de policia, armados de enxadas e foeiros, entenderam que era assim que se entendia o espirito da *Carta*. D'entre todos os interpretes não eram aquelles os mais sandeus.

....

No dia seguinte o governo venceu as eleições em S. Godenho. O regedor teve habito de Christo; mereceu-o.»

O ANATHEMA está hoje em 3.ª edição, feita no Porto

como as duas anteriores, mas impressa na Typ. de A. R. da Cruz Coutinho, 1875, 8.º

Foi de 1850 a 1852 que Camillo Castello Branco cultivou os estudos religiosos, chegando a frequentar o seminario episcopal do Porto.

Qual a causa d'esta subita evolução do espirito de Camillo?

Dizia-se no Porto que o impressionára o exemplo do dr. Camara Sinval, lente da escola medica d'aquella cidade, o qual, já encanecido, tomára ordens e estreiára a sua carreira de orador sagrado prégando em honra de S. Filippe Nery (1).

Camillo reproduziu, nos ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS, o prefacio que antepoz ao volume de Camara Sinval e ahi revela, realmente, uma profunda admiração por esse homem superior, com quem manteve cordeaes relações d'amisade.

Mas na DIVINDADE DE JESUS, livro em que enfeixou alguns dos artigos escriptos durante esse periodo de orientação theologica, diz, alludindo á corrente de ideias que, subito, arrastára o seu espirito para os assumptos religiosos:

«Quando eu escrevi os artigos, que me foram testimunhos da minha ignorancia ou hypocrisia nas praticas dos meus julgadores imprudentes, me estava eu dando a mim as razões da minha crença. *Não sei se foi algum ingente infortunio que me fez ir alliciar o peso de minha cruz ao pé da cruz do Homem-Deus: devia de ser;*

(1) Vidè HORAS DE PAZ, cap. XXIX.

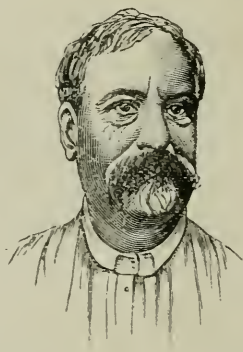
umas quasi delidas reminiscencias do coração d'aquella idade me dizem que foi. O aperto da dôr espertou-me na memoria as orações da infancia. A mãe, que eu não conhecêra, devia fallar-me n'essa hora. A luz, que depois me guiou no rasto dos grandes infelizes, caminho do Calvario, devia de preluzir-m'a ella ao animo conturbado e afligido, antes que o estudo me volvesse á serenidade da fé, e ás fontes novas das aguas bemditas da esperança. Vi então rasgarem-se-me os horisontes da vida em annos de paz. Contava com a graça divina para luctar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexoravel inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopráram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de maus sedimentos. Volvi ás angustias antigas, ás trevas d'uma cegueira, em que, por vezes, umas visões, como os lampejos dos amorothicos, me davam rebates de saudade da luz perdida.»

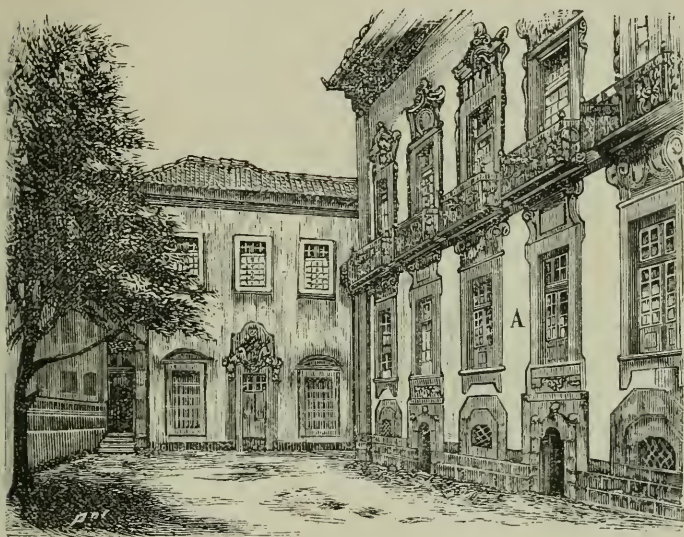
Foi n'este periodo de sua existencia que Camillo Castello Branco sustentou no periodico *O Christianismo*, com o illustre professor Pedro de Amorim Vianna (que hoje apenas vai arrastando em Setubal uma vida vegetativa), então redactor do periodico a *Peninsula*, uma longa e assanhada polemica, em que Camillo combatia pela Fé, e Amorim Vianna pela Razão. [1]

---

(1) Vidè HORAS DE PAZ, especialmente os cap. VIII, IX e X.

Amorim Vianna publicou mais tarde, em 1866, um notabilissimo livro—*Defeza do racionalismo ou analyse da fé.* Hoje, reduzido a authomato, é provavel que nem mesmo se lembre de o ter escripto.

Camillo, no ÓBOLO ÁS CREANÇAS, estampou, sob o titulo *Pedro d'Amorim Vianna,* um artigo em que rememora a polemica travada entre os dois, e traça um rapido, mas caracteristico, perfil do seu adversario, que na cidade do Porto era geralmente conhecido pela gloriosa alcunha de Newton.

PEDRO DE AMORIM VIANNA
(O Newton)

Disse eu que Camillo frequentára o seminario episcopal do Porto.

Paço episcopal do Porto, onde Camillo frequentou as aulas
de theologia dogmatica e moral

As aulas eram no andar marcado por este signal: A

Não pude encontrar certidão authentica da sua frequencia como estudante de theologia; mas depararam-se-me notas particulares, e os autos de ordens.

Os papeis de um dos professores do seminario n'esse tempo, o conego Antonio Roberto Jorge, que eu ainda conheci e tratei, estão hoje em poder do padre Sebastião Leite de Vasconcellos, o conhecido director da officina de S. José.

N'esses papeis, encontrou-se menção de Camillo Castello Branco ter frequentado de 1850 a 1851 as aulas do seminario; tendo porém perdido o anno por faltas.

O espirito de Camillo mal podia sujeitar-se decerto á disciplina escholar. Queria librar-se como a aguia, sem peas nem entraves. E para aproveitar o anno lectivo ter-lhe-ia sido preciso perpetrar uma semsaboria por ventura superior á sua paciencia e ao seu temperamento: contentar-se com pequenos goles diarios de theologia, que o conego Jorge, por alcunha *O Bico,* tomava gallinaceamente no compendio, que elle proprio havia composto.

Foi n'este anno que Camillo veio a Lisboa, como já vimos. A viagem ser-lhe-ia precisa ao espirito para desenfado das horas crueis do seminario, em cuja cáthedra o padre-mestre Jorge ia pulverisando o racionalismo e o simonte.

Julio Cesar Machado descreveu Camillo, n'esta sua vinda a Lisboa, em dois traços do *Claudio:*

«O seu amigo, o seu companheiro era Ricardo Guimarães, então em toda a graça da mocidade e do espirito, um dandy das lettras e da moda, brilhante no estylo e no vestuario, folhetinista elegante do *Nacional* do Porto. Andavam quasi sempre juntos; alegres, intrepidos, emprehendedores: muito agradaveis no trato, propriamente amaveis, litteratos cavalheiros.»

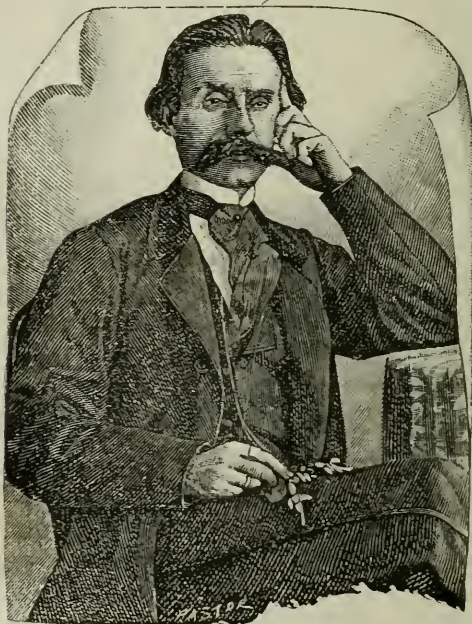
Ricardo Augusto Pereira Guimarães
(Visconde de Benalcanfor)

Não obstante, Camillo forcejava por subordinar-se á massada quotidiana de aturar o conego, por isso que voltou a cursar as aulas do seminario de 1851 a 1852. Padre-mestre Jorge diz, nas suas notas, com referencia a este anno: "Por decreto do duque de Saldanha foram dispensados os actos, por occasião da visita da rainha a Senhora D. Maria II ás provincias do norte de Portugal.„

Camillo propoz-se tomar ordens menores, que aliás não chegaram a ser-lhe conferidas, posto houvesse sido examinado e approvado para as receber.

«MONSENHOR ANTONIO JOSÉ DE MESQUISTA, CAMAREIRO Secreto Supra-numerario de Sua Santidade o Papa Leão decimo

terceiro, e Escrivão victalicio da Camara Ecclesiastica da Cidade e Diocese do Porto, &.

CERTIFICO, em cumprimento do Venerando Despacho retro, do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Doutor Provizor e Vigario Geral, dado por commissão de Sua Eminencia Reverendissima o Senhor Dom Americo, Cardeal Bispo d'esta Diocese, que em meu poder e Cartorio existem archivados uns Autos de Ordens, a favor de Camillo Castello Branco, principiados a dezesete de Março do anno de mil oitocentos e cincoenta e dous, os quaes Autos, o seu theor é o seguinte:

Camillo Castello Branco em 1852

TITULO DOS AUTOS

Lisboa e Porto. Mil oitocentos e cincoenta e dous. Ordens, Camillo Castello Branco. Autos de Ordens a favor de Camillo Castello Branco, natural da freguezia de Santa Justa de Lisboa, e residente na da Sé Cathedral d'esta cidade e d'este Bispado do Porto. Camara.

AUTUAÇÃO

Anno do Nascimento de Nosso Jesus Christo, de mil oito centos e cincoenta e dous, aos dezesete dias do mez de Março do dito anno n'esta cidade do Porto e Cartorio da Camara Ecclesiastica me foi apresentada a petição ao diante, de que fiz o presente auto que eu

PETIÇÃO

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor. Diz Camillo Castello Branco, filho natural de Manuel José Botelho Castello Branco, nascido na freguezia de Santa Justa em Lisboa, e residente na da Sé Cathedral d'esta cidade, que tendo sincero desejo de abraçar a vida ecclesiastica, e tendo obtido Breve Apostolico de compatriotado, Pede a Vossa Excellencia a graça de o admittir a exame, e ficando approvado, dar-lhe os quatro graus d'Ordens Menores. Espera Receber Mercê.

DESPACHO

Admittido a Tonsura, e aos quatro graus d'Ordens Menores; e examine-se com os Muito Reverendos Mestres das Aulas d'este Paço. Paço Episcopal do Porto treze de Março de mil oitocentos cincoenta e dous. J. Bispo do Porto.

DESPACHO

Autuada proceda-se, Porto treze de março de mil e oitocentos e cincoenta e dous. J. J. C. Vasconcellos.

EXAME

Examinado e approvado para os graus de Ordem para que está admittido. Porto dezesete de Março de mil oitocentos cincoenta e dous. Balthazar Velloso de Sequeira. O Padre Antonio Roberto Jorge.

ATTESTADO

Attesto em como Camillo Castello Branco, viuvo de Dona Joaquina Pereira de França, filho natural de Manuel José Botelho Castello Branco, nascido na freguezia de Santa Justa da cidade de Lisboa, he morador n'esta freguezia da Sé Cathedral desde o setembro ou outubro de mil oitocentos cincoenta um, e desde que he meu freguez, não me consta cousa, que possa denegrir a sua conducta moral, e ultimamente pelos seus escriptos no—Christianismo—tem manifestado publicamente seus sentimentos religiosos, digo, sentimentos de verdadeira Religião. Sé Cathedral do Porto onze de Março de mil oitocentos cincoenta e dous. O Abbade da Sé, José Vicente Teixeira.

Nada mais se continha em os ditos autos de Ordens que para aqui bem fielmente copiei, aos quaes me reporto, indo esta subscripta, rubricada e concertada por mim Escrivão Monsenhor Antonio José de Mesquita, e conferida com outro official de Justiça commigo ao concerto abaixo assignado. Porto vinte de Junho de mil oitocentos e noventa. E eu Padre Antonio José de Mesquita, Escrivão da Camara Ecclesiastica do Porto o subscrevi, rubriquei e assigno.

P.e Antonio José de Mesquita.

Concertada por mim Escrivão

P.e Antonio José de Mesquita.

E commigo contador

P.e Joaquim de Carvalho Moreira Pinto.»

Com um dos professores do seminario episcopal do Porto chegou Camillo a atar boas relações de amisade. Refiro-me ao padre-mestre Balthazar Velloso de Sequeira. Conheci-o muito bem. Morreu repentinamente durante uma solemnidade religiosa na egreja dos terceiros de S. Francisco. Camillo offereceu-lhe o poemeto *Hosanna* publicado em 1852 e appenso desde 1865 á segunda edição das DUAS EPOCHAS DA VIDA. *Ao meu amigo* P. Balthazar Velloso de Sequeira, diz Camillo na dedicatoria.

O livro DUAS EPOCHAS DA VIDA caracterisa perfeitamente a evolução religiosa de Camillo: a segunda edição comprehende dois volumes, — 1.º, *Preceitos do coração;* 2.º, *Preceitos da consciencia.* Ambos os volumes foram publicados, independentemente, com os titulos que os relacionam na edição das DUAS EPOCHAS DA VIDA.

Coração e *consciencia.* Estas duas palavras explicam toda uma phase da vida de Camillo, que vai desde 1850 até á sua collaboração effectiva no seminario *A Cruz* (1854).

Por algum tempo se suppoz que Camillo chegaria a ordenar-se padre: tal era, como se viu, o seu intento.

Pinho Leal, n'uma carta que vem inserta na MARIA DA FONTE, diz-lhe: "... e morava na rua de S. Sebastião n.º 1, quasi visinho do bom padre-mestre Balthazar Velloso (que tambem V. devia conhecer, e até, se me não engano, foi um dos seus mestres, não sei de quê, *quando constou que V. queria ser padre* e mais o Camara Sinval.)„

Certamente passaria pelo espirito de Camillo a lembrança, o exemplo d'aquelle bom padre Antonio de Azevedo, que o educára, e que tão fundas saudades lhe deixou para toda a vida. N'uma phase de desalento, esse santo exemplo attrail-o-ia de longe, sobredoirado em suas virtudes pela poesia da saudade. A imagem de padre Antonio foi na vida de Camillo uma recordação persistente, reflectida em muitos dos seus romances, porque os bons padres avultam na obra litteraria do romancista, e a critica, quando um dia disser a sua ultima palavra sobre essa vasta obra, terá de ir procurar nos factos biographicos de Camillo, que aqui lhe deixo coordenados, a origem de muitas situações e perfis dos seus bellos romances.

Referindo-se ao protogonista do ROMANCE DE UM HOMEM RICO, diz Camillo nas MEMORIAS DO CARCERE:

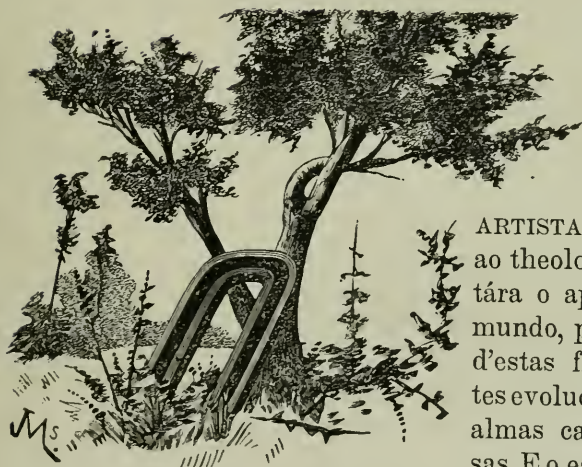
«Aquelle padre, como todos os bons padres dos meus romances, — e creio que os fiz sempre bons para andar sempre ao invez da verdade — copiei-o d'uma excepção, como outras excepções, que o leitor conhece. E' um padre Antonio, que vive obscurissimo n'uma aldeia chamada Samardan, em Traz-os-Montes...»

E na BOHEMIA DO ESPIRITO *(Sebenta, bolas e bulas)*:

«... não conheço senão dous ou trez padres (acho que são só dois) illustrados e honestos, cujas convicções respeito, *por que me habituei a respeital-as n'um sacerdote bom que principiou a minha educação litteraria.*»

XIII

REGRESSO Á VIDA

> Eu peço á divina Providencia que me deixe este raio de luz intellectual, estas flores immorredouras da minha imaginação, embora o caminho real da vida me seja tapetado de espinhos e cortado de precipicios.
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Scenas innocentes da comedia humana.*

ARTISTA resistiu ao theologo. Voltára o apêgo ao mundo, por uma d'estas frequentes evoluções das almas caprichosas. E o escriptor ganhára um importante peculio de sciencia, colhido nos livros que por algum tempo constituiram a orientação predilecta do seu espirito. Dos estudos theologicos de Camillo vieram mais tarde a nascer alguns

livros religiosos, como as HORAS DE PAZ; a traducção de outros, como a IMMORTALIDADE, A MORTE E A VIDA, de Baguenault de Puchesse; e prefacios de san moral, que antecedem os *Pensamentos sobre o christianismo,* de José Droz, e o *Parocho,* de Roselly de Lorgues.

Dir-se-ia que esta ligeira incubação lhe reforçára as faculdades litterarias, e lhe espiritára alentos para entrar definitivamente n'uma carreira, que não se antolhou a principio isenta de attrictos. A critica sahira por vezes aggressiva ao encontro das primeiras obras de Camillo. Todos assim começam, recebendo em cheio no peito os golpes da mordacidade. Isto é de todos os tempos.

Tenho aberto deante de mim o segundo volume do periodico litterario *A Semana,* e n'elle encontro a pag. 311 este *suelto* dicaz, sob a epigraphe *Tragedia que degenerou em comedia:*

«Escrevem-nos do Porto, que esteve a ponto de haver um desafio entre o sr. C....lo C. B. e um dos redactores de uma folha periodica d'aquella cidade, sendo a causa d'este desaguisado uma opinião litteraria pouco favoravel.

«Lia o sr. C. C. B., poeta noviço, ao sr. F., bem conhecido no Porto e avaliado em Lisboa pela argucia dos seus ditos sarcasticos, na presença de varias pessoas todas notaveis pela sua muita prosa, um drama original romantico em que a heroina se via obrigada pelo tyranno, a escolher entre a morte do pai e a do amante, os quaes ambos o mesmo tyranno tinha mettido no subterraneo do seu castello feudal a pão e agua, a ver se com aquelle dilemma de defunctos, resolvia a esquiva belleza a dar-lhe ouvidos (o tyranno, segundo a rubrica da peça, era um conde feio como um bode.)

«No fim do quarto acto achava-se a malfadada nos transes de se decidir, sob pena de vêr acabar logo ali os dois infelizes com um pote de veneno já preparado. Corriam lagrimas no auditorio, arripiavam-se cabellos, o auctor gosava do seu triumpho. Momento de pausa solemne. O sr. F... levanta-se, e com ar inspirado rompe o silencio, e traduz o horror da scena final, recitando improvisamente estes versos, de cuja originalidade duvidamos:

No mesmo lance se via
A mãe que vinha de Torres,
E disse: ó meu pai tu morres?
E' forte semsaboria.
Mas para minha alegria
Cá fica Manoel Coelho,
Que sempre é melhor conselho,
Mais que pai marido ter,
E emfim, morrer por morrer
Morra meu pai que é mais velho.

«E' inutil dizer que o poeta dramatico, com similhante saida, caiu das nuvens da sua gloria, e no meio das gargalhadas do auditorio, atirou com o volumoso cartapacio tragico ao rosto do seu impiedoso Aristarcho. E resultou de tudo isto armarem-se logo ali os preparatorios para um duello, e ficar o auditorio dispensado de ouvir o quinto acto, e de assistir infallivelmente á morte do pai ou do amante.

«Não sabemos se a estas horas terá corrido sangue litterario em prol da heroina vilipendiada pela decima burlesca, ou se um almoço no Guichard terá rehabilitado a honra do auctor dramatico, e a dos seus personagens offendidos.»

A *Semana* não levantou mão do assumpto, continuou flagellando o novel escriptor.

A pag. 340 encontro novo *suelto:*

«*O dito por não dito* — Um senhor lá do Porto, a quem não temos a honra de conhecer pessoalmente, e que diz chamar-se (valha a verdade) Camillo Castello Branco, está todo agoniado por suppor que se referia a elle uma scena tragico-burlesca, que narramos no *album* do n.º 27 da *Semana*, com a epigraphe — *Tragedia que degenerou em comedia*, e por esse motivo parecia tentado a regenerar a comedia em tragedia. Como temos muito amor á verdade, e somos muito sensiveis, e nos havia de fazer muita pena, que uma pessoa de tão boa cabeça viesse agora a damnar-se, por tão pequena coisa, decidimos em pleno consistorio, na casa do prélo, dar-lhe aqui n'esta pagina todas as satisfações. Declaramos por tanto—em primeiro logar que não sabemos ao certo que o sr. Camillo Castello Branco seja poeta, nem novel, nem veterano, e se com aquelle termo o offendemos lhe pedimos perdão; — em segundo logar, que o temos por pessoa de muito juizo, e incapaz de se metter a dramaturgo, pois nunca ouvimos fallar em drama seu, nem em coisa que o parecesse; — em terceiro logar, que não sabemos mesmo se elle lê diante de gente ou não; —em quarto logar, que não o suppomos capaz de atirar com um cartapacio á cara de ninguem, que seria uma acção muito feia para uma pessoa tão bem creada ;—em quinto logar, que não tendo nós fabricado, mas recebido lá da sua terra aquella noticia, como quem mal não usa mal não cuida, a publicamos innocentemente, por signal que até estivemos a scismar o que significariam aquellas lettras : uns diziam que era *camello*, outros *cavallo*, outros até *Catullo*, ora vejam como andavamos longe da verdade! Agora já não poremos mais *logares* (para não parecer uma ribeira de peixe); concluimos no estilo d'aquellas protestações das livros antigos. Declaro que as palavras deusa, nympha, providencia e outras empregadas n'esta obra, foram tomadas como adornos poeticos, e sem intenção de faltar ao respeito devido á nossa fé catholica romana. Assim nós repetimos, que todas aquellas designações litterarias que démos na fé dos padrinhos ao sr. C... lo, foram unicamente para rir e debicar, e não para tirar a S. S. do seu serio.»

A causticidade d'estes *sueltos* devia magoar o espirito de Camillo, no principio da sua carreira littera-

ria. Tanto mais que o redactor da *Semana*, Silva Tullio, não largou facilmente o assumpto.

A pag. 350, sob a epigraphe *Já aqui não está quem fallou*, voltou á carga:

«Quando no num. passado dissemos que o sr. Camillo Castello Branco nunca tinha escripto dramas, nem coisa que o parecesse, commettemos, sem querer, uma grande malfeitoria litteraria, que hoje vamos reparar, porque não somos dos que negam o seu a seu dono. Dizem-nos que o sr. Camillo, *quando viera a Lisboa*, trouxera do Porto um *Lobis-homem*, que vendeu pela modica quantia de quatro moedas, preço igual ao que n'uma feira se poderia dar por um jumento bem anafado, etc.»

Annos volvidos, Silva Tullio, o que faz honra á sua memoria, converteu-se n'um dos mais fanaticos admiradores de Camillo Castello Branco, a quem na ausencia ou na presença tratava habitualmente por *mestre*. Nós mesmo fomos testemunha presencial d'este facto. O sr. Manuel da Assumpção comprou em 1883, no leilão da preciosa livraria de Camillo, vendida em Lisboa, [1] um exemplar dos dois volumes da *Semana*, e no segundo volume o grande romancista annotou por seu proprio punho os *sueltos* que trasladamos, lembrando que a pessoa que os escreveu acabou por confessar-se publicamente seu discipulo.

(1) O respectivo *Catalogo*, comprehendendo 80 paginas, foi impresso n'esse mesmo anno na typographia Mattos Moreira & Cardosos, Largo do Passeio Publico 15-16, Lisboa.

Antonio da Silva Tullio

Não foi pois isenta de contrariedades a estreia de Camillo; mas a grandeza que o seu vulto litterario attingiu no periodo de quinze annos impoz-se ao respeito e consideração d'aquelles mesmos que o tinham recebido mal.

A verdade é que as primicias de tão abalisado talento não deixavam adivinhar a phenomenal vocação litteraria que as dores intimas, o soffrimento, conseguiram mais tarde evidenciar brilhantemente. Uma tempestade da vida, que em outubro de 1860 se repercutiu nas abobadas do carcere, parece ter depurado o

talento de Camillo como n'um chrysol de torturas. Foi o amor, a paixão absorvente da sua longa mocidade, que rasgou em toda a luz o horisonte da incontestavel gloria do eminente escriptor.

Julio Cesar Machado escreveu, com muito acerto de critica psychologica, no *Claudio*, referindo-se a Camillo:

«Qual é, por fim de tudo, o grande defeito d'este homem? O amor! O doce e abençoado defeito dos poetas que se perdem á simples ideia de que o mel se encontra nos labios das mulheres, como no calix das flores, e se prendem áquellas como a estas se prende a abelha!... E para quem escreveu elle tantos romances, senão para ellas, que sabem melhor que os homens apreciar o que ha de sentimento e de imaginação, o que ha de dedicação e de amor no mysterioso thesouro, que loucamente se dissipa na imprensa, para entreter o publico, que lhe quebra imprudentemente a chave!?

«A mulher! Mas, Deus meu! pois existe alguma cousa além d'ella? Porventura, todos os escriptores que se teem feito notar pela delicadeza do gosto, pela finura do espirito, e pela elegancia do estylo, não teem devido sempre estas qualidades ás mulheres? Não tem sido acaso o desejo de lhes agradar, que, em todos os seculos, creou as maravilhas da arte, produziu a epistola, a elegia, o epithalamio, o folhetim, o romance, e a canção, todo esse numero infinito de trabalhos apaixonados, monumentos immorredouros do poder da belleza?

«Tenho visto Camillo em epochas muito diversas. Quando elle escrevia aquelle admiravel romance *Anathema*, em cujo titulo parece ter havido não sei que vaga adivinhação, ainda era feliz ou parecia sel-o. Viam se-lhe na physionomia as boas ou más impressões do espirito; lia-se-lhe no rosto, como n'um livro aberto, a colera, a paciencia, o orgulho, a sympathia.

«Isto tinha de passar e passou. Annos depois vi outra vez Camillo em Lisboa; n'uma manhã de inverno, no passeio publico. Parecia

abatido, pallido, e cansado: — tinha vivido. O seu olhar tão depressa era imperioso, como indeciso: e os diversos movimentos do corpo, os gestos, as attitudes, o porte, o andar, o modo de fazer um comprimento, haviam tomado valor physionomico; tinha o modo grave dos espiritos serios, atraiçoado ás vezes pelos gestos vivos, multiplicados, impetuosos, dos genios que o povo diz azedos. Levava comsigo um cão da Terra Nova, que parecia estimar devéras; ia com uns poucos de homens de lettras, conversando, mas não olhava senão para o cão.»

Chamava-se *Neptuno* o Terra-Nova de Camillo [1]: era uma estampa soberba, um cão musculoso, forte e

---

(1) Nas *Memorias do carcere* (pag. xxxiii) ha uma recordação relativa ao Terra Nova: «Ao fundo de uma collina, sobre a qual assenta a casa de Vieira de Castro, serpenteia uma ribeira de claras aguas, que vão ajuntar-se ao Ave. As margens penhascosas d'este córrego eram o nosso passeio de forçada predilecção, que não tinhamos outro. Comnosco ia *Neptuno,* o cão da Terra-Nova, que eu dera ao meu amigo, *como quem lhe dava um dos raros seres da creação por quem mais sentidos affectos tenho experimentado. Neptuno* brincava na corrente do ribeiro, e assim nos dava horas de passatempo, quaes o genero humano não poderia dar-nos mais divertidas de entorpecidos prazeres.»

O Terra-Nova não ficou em poder de Vieira de Castro. Diz Camillo n'outro relanço das MEMORIAS DO CARCERE:

«Um dos meus amigos escolhidos era este cão, que eu tenho aos pès. Todas as manhãs entrava na cadeia, quando se abriam as portas, e sahia espontanaamente ao toque da sineta. Nunca lá quiz pernoitar. Era o instincto do seu pulmão, que o levava a respirar de noite o ar puro, e a voltar no dia seguinte, quando a atmosphera circulava nos corredores infectos da cadeia.»

Neptuno ainda existia, muito velho e quebrantado, quando Camillo residia na rua do Almada, no Porto.

O *Jornal do Commercio* publicou ultimamente (agosto de 1890) e o *Portuguez* transcreveu a seguinte noticia relativa ao Terra Nova. Não sei até onde possa garantir-se a sua authenticidade; eu, pelo menos, desconhecia o facto.

«Em 1862, tinha Camillo Castello Branco um cão da Terra Nova; mansissimo, de tamanho quasi d'um jumento, e que era o enlevo e a attenção de quantos o viam, e pelo qual Alexandre Herculano tambem ficou encantado.

«Herculano em todas as conversas com Camillo espraiava-se em elogios ao soberbo animal.

dedicado como todos os da sua raça. Lembro-me muito bem de o vêr seguindo Camillo em passeio pelas ruas do Porto. O escriptor conservava ainda n'esse tempo a *toilette* romantica dos *Saint-Preux:* calça clara, casaca azul de botões amarellos, chapéu alto de aba direita, tendo uma accentuada predilecção pelo chapéu branco; ou então capa hespanhola e botas á Frederico. Foi assim, de capa hespanhola, com o *Terra Nova* aos pés, que eu o ouvi discursar no tablado de um quintal da rua Chã, do Porto, n'um comicio eleitoral que patrocinava a candidatura de Custodio José Vieira em opposição ao industrial Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães.

«Camillo percebia perfeitamente que o grande historiador estava dominado por um ardentissimo desejo de possuir aquelle gentilissimo animal.

«Herculano não queria por modo algum privar Camillo d'aquelle seu companheiro, ao qual mostrava tanta affeição. Mas Camillo tanto e tanto instou que Herculano acceitou o cão, e com elle se dirigiu para Lisboa.

«Ignoro quantos dias, semanas ou mezes se medearam até quo o nosso Camillo escreveu uma carta a Herculano com o fim de pedir a D. Pedro v para elle, Camillo, não sei o que.

«O que, porém, sei, é que Herculano azuou com o pedido, e respondeu de prompto a Camillo n'uma carta mui secca e sem refolhos — que jámais pediria fosse a quem fosse na casa real coisa alguma, quer para si, quer para outrem.

«Camillo tomou uma tal resposta muito a serio, e passados alguns dias, eil-o em Lisboa, e na manhã seguinte, eil-o ainda bem cedo em direcção ao palacio d'Ajuda.

«E Camillo pouco depois a ver o cão, que seu fôra, no parapeito d'uma janella.

«O cão tambem vê Camillo, e entra logo o animal a fazer todas as diligencias para ir para o seu antigo dono.

«E Camillo a passear para a direita e para a esquerda, para que o cão não perca a vista d'elle.

«O cão, porém, está n'uma fôna, ladra, pula, quer com as patas abrir a porta, mas nada consegue.

«Eis porém a vendedeira de leite que apparece; e mal se abre a porta o cão foge, e acompanha seu dono em direcção a Lisboa, e depois ao Porto.»

Creio que foi esta a unica vez que Camillo Castello Branco fallou em publico. Não seria já o ardente tribuno da loja do Zé-da-Sola em Villa Real; mas, em compensação, que fina e percuciente ironia, que cortante dicacidade politica não desfechou contra o candidato, que disputava a Custodio José Vieira o suffragio popular!

Nós, os muitos estudantes que o ouviamos, fizemoslhe uma ovação estrondosa. Mas, se não estou em erro, Custodio José Vieira perdeu a eleição. Podera! nenhum de nós tinha voto ainda!

Entre as primeiras obras de Camillo citam alguns catalogos o volume *Poesias* (1852). Nunca o vi; nem o viu tambem o sr. Henrique Marques, que principiou a publicar no *Imparcial* de terça-feira 17 de setembro de 1889 o *Esboço d'uma Camilliana*, trabalho que no mesmo jornal completou, e que tenciona colligir em volume, depois de revisto e correcto. Por lealdade litteraria supprimo n'este livro o catalogo das obras de Camillo, que laboriosamente coordenei [1].

Eis a noticia dada pelo sr. Marques:

---

(1) O sr. Marques, ao encetar o seu interessante trabalho, declarou em som de prefacio:

«Dizem-nos que no Porto o sr. Freitas Fortuna, e em Lisboa, o nosso... collega do *Illustrado*, o sr. Alberto Pimentel, amigo intimo do illustre romancista, estão elaborando, independentemente um do outro, um catalogo completo das obras de Camillo.»

Agradeço ao sr. Marques as suas amaveis palavras. E não serei eu quem estorve ao probo e modesto escriptor a occasião de reeditar o seu trabalho, prestando um bom serviço ás lettras patrias.

«POESIAS, 1852, 1 vol.—Nunca vi livro de Camillo com este simples titulo: *Poesias;* comtudo incluo-o n'este logar, não só porque o tenho visto indicado no *Primêiro de Janeiro* ([1]) e no *Catalogo* do sr. Lima Calheiros, mas porque vem apontado, com aquellas simples indicações é facto, mas emfim vem apontado no artigo que o mestre de bibliographos portuguezes, Innocencio consagra no *Supplemento do seu Diccionario Bibliographico,* a Camillo Castello Branco.»

Foi no anno seguinte que Camillo Castello Branco, passada a crise que arremessou o seu espirito para o lago sereno dos estudos religiosos, voltou com ardor ao trabalho exclusivamente litterario. Durante o anno de 1853 escreveu os tres volumes dos *Mysterios de Lisboa,* annunciados em dezembro d'esse anno. ([2])

Esta novella é vasada nos antigos moldes da escola romantica, guiada pelos modelos que Victor Hugo perpetuou nos seus primeiros livros em prosa.

Mas eu não estou fazendo um livro de critica; traço apenas uma biographia. Limito-me por isso a chamar a attenção do leitor para o que ha de reflexo pessoal nas paginas iniciaes dos *Mysterios de Lisboa:*

«Era eu um rapaz de quatorze annos, e não sabia quem era.

«Vivia na companhia d'um padre, e d'uma senhora, que diziam ser irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscipulos.

---

(1) O sr. Marques refere-se ao catalogo publicado no *Primeiro de Janeiro* de 4 de março de 1889, e reproduzido, com algumas correcções, no *Imparcial* de 16 do mesmo mez e anno.

(2) Vieira de Castro, pag. 148.

«D'estes, algum mais cultivado em conhecimentos do mundo, perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe.

«Ora este padre parecia um homem muito virtuoso; mas nem por isso seria extraordinario eu ser seu filho.»

Está a gente a lembrar-se da casa da Samardan, de padre Antonio d'Azevedo, e da orphanada infancia de Camillo . . .

Engolphado de novo no trabalho litterario, Camillo readquiriu a antiga alegria do seu espirito, voltou ao mundo, experimentou a sêde de popularidade que devasta o espirito de todos os artistas, quando desabrocham as primeiras flores ou quando reflorecem novamente vitalisadas.

São d'esse periodo AS FOLHAS CAHIDAS, APANHADAS NA LAMA, opusculo já hoje raro no mercado.

Reproduzo textualmente o frontispicio do livro:

FOLHAS CAHIDAS

APANHADAS NA LAMA

POR

UM ANTIGO JUIZ DAS ALMAS DE CAMPANHAN,

E

Socio actual da Assemblea Portuense,
com exercicio no «Palheiro»

OBRA DE QUATRO VINTENS

E DE MUITA INSTRUCÇÃO

(*Uma vinheta*)

PORTO:
Typographia de F. G. da Fonseca,
Rua das Hortas n.º 152 e 153
1854

Comprehende 62 paginas, *numeradas:* porque ha mais duas, uma com um *Post-scriptum* em prosa; outra com o prospecto do *Bico de gaz,* jornal semanal.

Não reproduzo nenhuma das poesias humoristicas das FOLHAS CAHIDAS, porque o proprio auctor reeditou uma, *Um jantar de barões,* a pag. 87 da 1.ª edição do CANCIONEIRO ALEGRE. Comquanto as poucas palavras

que no CANCIONEIRO a precedem estejam subordinadas á epigraphe *Anonymo*, Camillo, a breve trecho, denuncia-se autcor da composição: "Como quer que fosse, esta satyra brutal desfechada ao peito magnanimo de um barão, feriu no estomago varios amigos *meus*.„

Resta dizer, para inteira comprehensão do *texto*, que o *Palheiro* era uma sala onde, na Assembleia Portuense, costumavam reunir-se os conversadores mordazes.

Houve tambem quem attribuisse a Camillo as FOLHAS CAHIDAS, APANHADAS A DENTE. Não são d'elle, como declarou o sr. Thomaz Ribeiro no *Imparcial* de 16 de março de 1889.

Do BICO DE GAZ sahiu apenas o 1.º numero, exclusivamente redigido por Camillo. Na bibliotheca publica do Porto existe um exemplar, encadernado conjunctamente com a *Gazeta Litteraria do Porto*. [1].

Camillo lançara-se então n'uma bohemia, de que elle proprio foi por vezes Henri Murger; quero dizer, o chronista. "Evaristo Basto — escreve Camillo no CANCIONEIRO ALEGRE —, primeiro folhetinista do seu tempo, Girão, o actual visconde de Benalcanfor e eu tinhamos dias assignalados, ha 24 annos, de jantar no Reimão, na taberna de um maneta que levou d'este

(1) *Catalogo das obras de Camillo Castello Branco (visconde de Correia Botelho) coordenado por José Pedro de Lima Calheiros, 1.º official da bibliotheca publica municipal do Porto.—Porto, 1889. Additamento e continuação das obras de Camillo Castello Branco (visconde de Correia Botelho)*, pelo mesmo auctor.— Porto, 1890.

mundo o segredo da boa pescada com cebolas (2). Eram uns jantares que eu chamaria girandolas de espirito, se não fossem tambem de linguados fritos. Se, quando, depois, os quatro entravamos no Café Guichard, entrasse Garrett comnosco, elle, conforme á sua theoria de ajuizar das terras pelos botiquins, diria: "Estou em Pariz.„ Até dos brasileiros gordos extrahiamos ditos finos, como se de mexilhões se podessem tirar perolas.„ E, no mesmo livro, escrevendo o ultimo capitulo, que se intitula: *Camillo Castello Branco:* "No cerebro d'este sujeito nunca phosphoreou pyrilampo de poesia bem medida. Não perpetrou grandes delictos de romantismo impresso, porque foi de uma roda de homens praticos, scepticos, desconhecidos da lua, mais amigos do theatro que das florestas rumorosas, e mais dados ao ponche queimado do que ao remugir das vagas e ás brisas fagueiras do mar, do qual principalmente apreciavam as ostras na *Aguia d'Ouro*.„

Os abbadessados ou *outeiros* eram então cenaculos de moços talentosos e alegres, que se reuniam nas *grades* de um convento para festejar com glosas e libações a eleição ou reeleição de uma abbadessa. Camillo frequentou essas festas mais pagãs do que conventuaes. Já em 1844 concorrera com Antonio Luiz Ferreira Girão a um abbadessado em Santa Clara.

---

(2) Nos romances de costumes portuenses, taes como O SANGUE, a taberna *do Reimão* apparece memorada varias vezes. Por exemplo: «Apesar das precauções do avisado enfermo nos lanços de preguiça de estomago, Thomazinha era vista dos peraltas que ainda em 1841 se não pejavam de apear de seus cavallos e carruagens á porta das tavernas do Reimão e Barros Lima.» (O SANGUE, cap. II.)

"Elle e eu puzeramos as nossas melhores decimas á disposição intelligente das criadas do mosteiro, ás quaes os nossos émulos em Apollo, com aristocratico desdem, chamavam "tachos„. Estas criadas entendiam-se comnosco sobre assumptos metricos, n'um bêco para onde talvez davam as grades da cosinha. Emquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heroicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebiamos colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos, e os conhecidos pasteis de Santa Clara.„ (CANCIONEIRO ALEGRE.) Em 1850 versejava Camillo no mosteiro de S. Bento por occasião de ser reeleita abbadessa a madre D. Anna Delfina de Andrade (DUAS EPOCHAS DA VIDA). [1] Depois abrira-se na vida do escriptor um periodo de fastio mundano, em que o seu espirito fôra absorvido pelos assumptos religiosos. Mas a reacção da mocidade viera, e o escriptor voltou aos seus antigos habitos de bohemia inquieta, faiscante de graça mordente.

O theatro de *Liceiras* ou *Camões* podia vangloriar-se de ser por esse tempo a sala de espectaculos mais querida de litteratos, que ora eram actores, como por exemplo os irmãos Luzos, que eu ainda vi representar, ora espectadores. Camillo não faltava como bom *habitué*. Ali se tinha representado em 1849 o AGOSTINHO DE

---

(1) Veja-se, nas HORAS DE PAZ, o cap. intitulado *Abbadessados*.

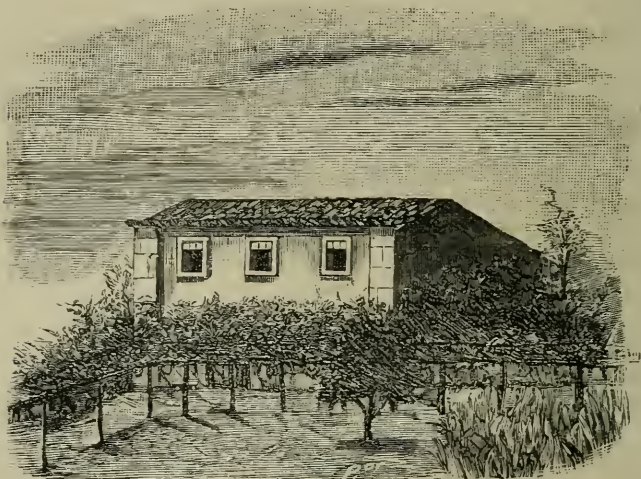
CEUTA. Fallando de seu sobrinho Antonio de Azevedo, diz no CANCIONEIRO ALEGRE: "Aos quinze annos vivia comigo; e, quando eu o imaginava versando com mão nocturna o seu Virgilio, elle assistia no theatro de *Camões,* com a insensibilidade de um Claudio subalterno, recostado no meu camarote de assignatura, á flagellação da Arte que o saudava moribunda.„

Porventura o desejo de ir levar ao Brazil as producções do seu talento, um sonho de nababo litterario talvez, poderá explicar o decreto de 8 de agosto de 1855, pelo qual Camillo Castello Branco foi nomeado addido honorario á legação portugueza na côrte do Rio de Janeiro, sem direito a vencimento algum ou accesso na carreira diplomatica.

A vida sorria-lhe, effervescendo como uma taça de *champagne.* Mas no fundo da taça devia estar o travôr das grandes crises amorosas, em que o coração arderia como o *ponche* de outr'ora.

Felizes tempestades de amor as que vieram depois de 1855, especialmente a ultima, porque foram ellas que polvilharam de lagrimas, lucidas como perolas, o estylo de Camillo Castello Branco, e ungiram o seu coração de poeta com esse oleo sagrado da desventura que se chama pranto. Soffreu, illuminou-se. Despertou n'elle um homem novo, e um grande escriptor. A dor propria, eternisada nas paginas dos seus livros, immortalisou-o.

Camillo residiu durante algum tempo em Vianna do Castello. Quando elle falleceu, a *Aurora do Lima* recordava esse facto, dizendo:

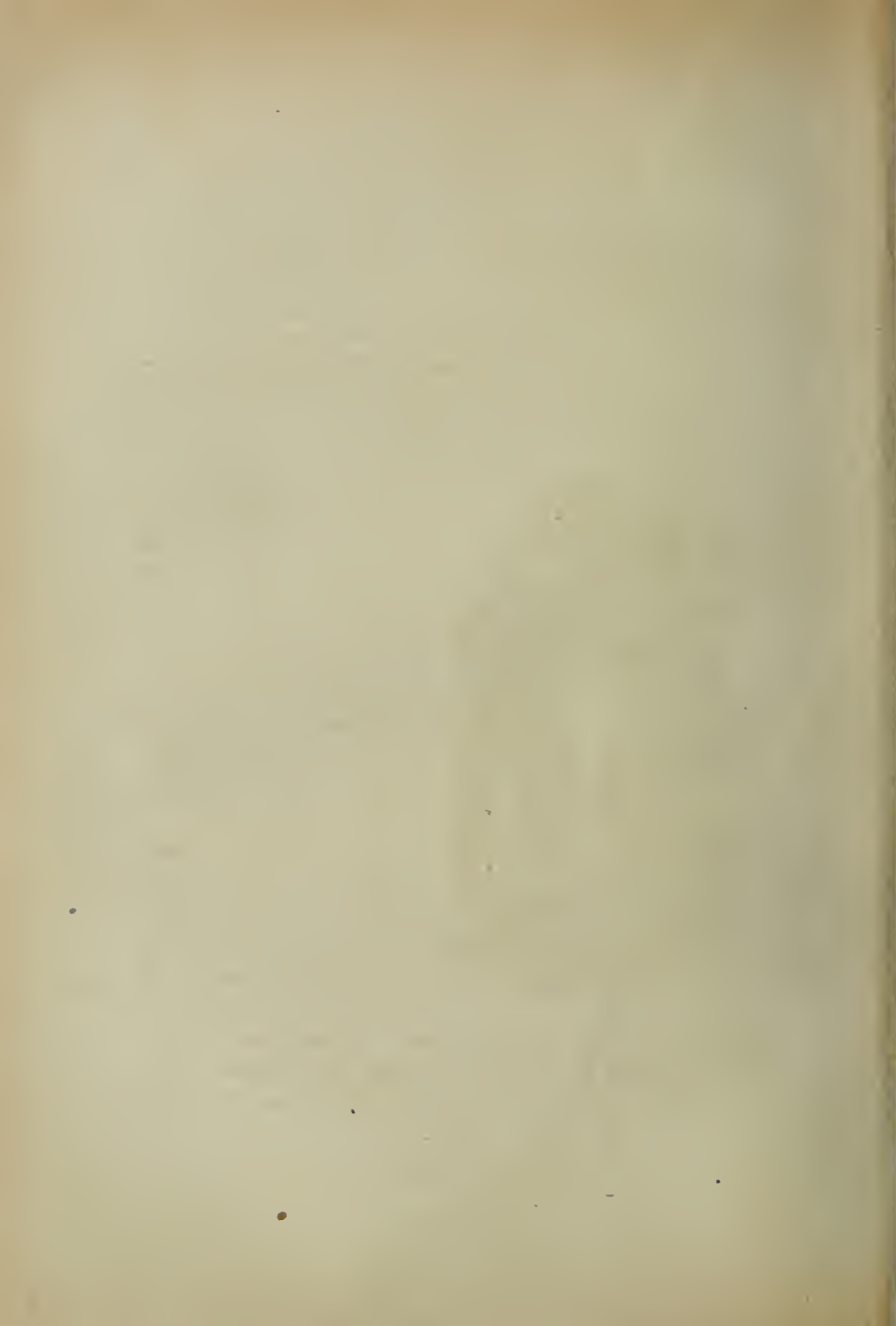
«Ainda existe em S. João d'Arga, arrabalde formosissimo, a casa que foi habitada pelo grande escriptor e onde elle traçou as pittorescas paginas do seu romance *Carlota Angela*, cuja primeira edição pertence a este jornal. Tambem alli escreveu as *Scenas da Foz* e fez ainda outros trabalhos de menor tomo, que foram publicados em diversos jornaes litterarios d'essa epocha.

Casa que Camillo habitou em S. João d'Arga

«Foi collaborador da nossa folha, nos seus primeiros tempos, e aqui, á compita com Faustino Xavier de Novaes, escreveu folhetins e artigos humoristicos, que são verdadeiramente um modelo no seu genero.»

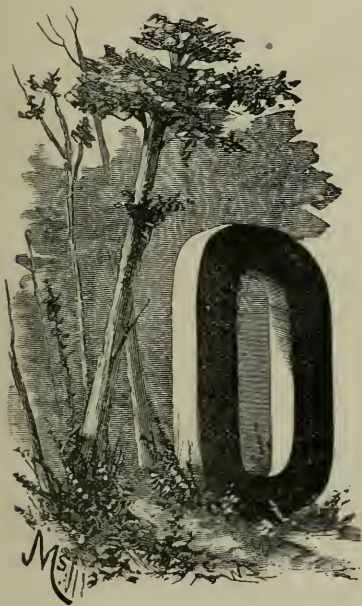
N'uma carta a Gomes Monteiro, datada de Vianna em 15 de maio de 1857, dizia Camillo: "Cá nas margens do Lima andava eu scismando n'aquelle pobre

Bernardes, que por aqui poetou a estes Getas, de que elle se queixava, porque o não entendiam. Deu-me vontade de escrever uma biographia do meu poeta; porém, não sei onde estão os apontamentos para ella. Pode V. S.ª indigitar-me o que devo ler? Pode, pode, assim o tempo lhe sobre para accudir a esta impertinencia...„

No primeiro capitulo das ESTRELLAS PROPICIAS esfumam-se recordações deleitosas da paizagem do rio Lima, e dos amigos que lá havia deixado.

A CARLOTA ANGELA, depois de ter sahido em folhetins na *Aurora do Lima,* foi reeditada em volume, tambem em Vianna, pela empresa do jornal (1858). E' edição rara, de que possuo um exemplar estimavel.

XIV

AMAR PARA SOFFRER

> A minha vida é uma elegia continuada...
>
> Camillo Castello Branco — *Annos de prosa.*

romance Onde está a felicidade? appareceu em 1856. Litterariamente, demarca a *segunda maneira* de Camillo como romancista. Pois que, já o dissemos, não estamos fazendo um livro de critica, mas uma biographia, só muito summariamente tocaremos este ponto.

A nosso juizo, a obra litteraria de Camillo destaca-se em tres periodos distinctos correspondentes a outros tantos da historia das litteraturas. Assim como um povo, segundo a philosophia de Comte, atravessa estados successivos de perfeição social, a litteratura, que é o reflexo da alma dos povos, acom-

panha parallelamente essas evoluções, até que entra no dominio dos conhecimentos historicos, correspondente ao estado positivo em sociologia.

Camillo começa pelo romance de imaginação, pelo ANATHEMA e pelos MYSTERIOS DE LISBOA. As tradições do maravilhoso anecdotico das phantasias de frei Bernardo de Brito e quejandos, que principiavam a ser banidas da historia pelo criterio philosophico, alimentavam em grande parte a imaginação peninsular na elaboração do romance que começara a florejar sobre os escombros do classicismo, como uma rozeira sobre as ruinas d'um castello. N'este genero que reproduzia completamente as influencias do momento historico, é força confessar que Camillo Castello Branco foi, no ANATHEMA por exemplo, até onde chegaram os mais notaveis romancistas da escola franceza. Na critica de uma obra artistica ou litteraria, convém, para não a apreciarmos injustamente, collocarmo-nos na época em que foi produzida, e se recuarmos até á elaboração dos primeiros romances de Camillo, se conseguirmos impregnar-nos das exigencias do tempo, essas novellas, em que as pompas da phantasia corriam parelhas com as pompas da linguagem, satisfazem-nos plenamente.

A obra de Balzac, á medida que foi crescendo, começou a irradiar influencia no sentido da observação dos costumes, exaggerando comtudo essa observação até deixar espreguiçar ás vezes a paciencia do leitor em bocejos de aborrecimento pelo fastidioso das descripções. Era já um grande passo evolutivo, mas a morosidade da observação não era certamente o unico

defeito da escola balzaquiana. O estylo de Balzac era affectado, como a sua linguagem, ás vezes impenetravel. Camillo deixou-se influenciar pela orientação da nova escola, mas com grandes vantagens sobre o fundador d'ella. As descripções eram menos prolixas, procedendo já menos da phantasia que da observação. A linguagem de Camillo não era abstrusa como por vezes a de Balzac, e via-se que derivava fluentemente, espontaneamente, sem o laborioso *remaniement* do romancista francez, que refundia duas e tres vezes os seus romances sobre as provas da typographia.

Camillo introduziu, pois, em Portugal a escola de Balzac, melhorando-a pela superioridade das suas qualidades litterarias individuaes. Diz-se ordinariamente que o *realismo* é de hontem; moderno. Não ha tal. O sr. Latino Coelho já uma vez demonstrou plenamente que o naturalismo ou, como vulgarmente se diz, o realismo, se encontra nos velhos poemas de Homero. Notou que na *Illiada* "os proprios deuses no seu anthromorphismo não podem resgatar-se inteiramente dos senões da carne e da materia„; que na *Odysseia* ha episodios d'um *realismo* completo, como por exemplo aquelle em que Nausicaa vae lavar ao rio "as roupas necessitadas de deixar nas aguas a impureza que as deslustra.„ (1) Mas se nos referirmos unicamente a Portugal e aos tempos modernos, não se poderá dizer em boa verdade que o realismo entrou no dominio do

(1) *Artes e lettras*, n.º 12, de 1872.

romance com O CRIME DO PADRE AMARO e O PRIMO BAZILIO, de Eça de Queiroz. Perfeitamente realistas são as SCENAS DA FOZ, de Camillo Castello Branco, escriptas sob a influencia de Balzac por uma notavel assimilação em que o talento de Camillo era deveras prodigioso, sem sacrificio da propria individualidade. Ninguem como elle se deixou penetrar melhor das circumstancias do *momento* em que escrevia. Sómente Camillo, comprehendendo bem, com a sua poderosa intelligencia, esta antiga questão de *realismo* e *ideialismo,* sabia temperar o meio termo, de modo a evitar o excesso para qualquer lado que se voltasse. "No idealista, escreveu o sr. Latino Coelho, ha pois sempre de necessidade um esteio, uma base, um *substratum* real, tangivel, material: no *realista,* ainda no mais extremo e exaggerado, para que não deixe de ser arte, é força haver tambem um quanto de espirito, de intelligivel, de ideial.„ Estamos perfeitamente de accordo com estas ideias, e já tivemos occasião de as expôr. [1] Uma obra d'arte pede á obervação os elementos da concepção, que são discretamente trabalhados no nosso espirito, de modo a sairem perfeitamente caracterisados pela *expressão.* Fazer o contrario, é, simplesmente, imitar, copiar; para isso não é preciso ter talento, bastará possuir uma machina photographica.

Muitas vezes a verdade é inacreditavel, inverosimil. Solon não estabeleceu penalidade para o parri-

---

(1) *A Arte*, numero correspondente a março de 1879.

cidio por julgar impossivel a perpretação d'este crime. Todavia o parricidio tem-se dado muitas vezes. Um romancista grego do tempo de Solon, que tivesse descripto o primeiro delicto d'esta especie, não seria acreditado, e todavia elle escrevia sobre um facto não só possivel mas até verdadeiro, exacto. Na justa comprehensão d'esta boa theoria artistica, Camillo Castello Branco começou por procurar na observação os elementos de formação dos seus romances, trabalhando-os de modo que a verdade apparecesse mais verosimil do que ás vezes o é. Sob este ponto de vista, Camillo foi um antigo sectario da escola do natural, com a differença de não levar o seu enthusiasmo litterario pelo realismo até o ponto de copiar servilmente a verdade, transformando-se de potencia creadora em simples instrumento de copia.

Á medida que os estudos historicos se principiaram a desenvolver nos paizes mais cultos da Europa, dado o *momento* em que a historia se transformou pelo estudo das litteraturas, e se reconheceu que uma profunda correlação existia entre uma e outras, Camillo comprehendeu perfeitamente que o romance não podia ficar empedrado perante a evolução que se realisava, e que devia subir desde a observação da vida da familia até á observação da vida da nação. Os horisontes do romance alargaram-se, e elle acompanhou esse desenvolvimento.

E não se supponha, seja dito de passagem, que esta nova phase prejudicou tudo quanto deixamos dito. O que variou apenas foi a natureza dos elementos, e o

campo da observação. Camillo, em vez de procurar materiaes na actualidade, foi procural-os ao passado. O seu processo de trabalho subsistiu. Procurando um typo historico, accentuando-o em toda a sua individualidade, comprehendendo o seu caracter, Camillo combinou artisticamente as scenas que melhor podiam revelar as intenções d'esse caracter, e, para assim dizer, pôl-o em acção. Quanto ao realismo, manteve-se firme nas suas ideias; a novella EUSEBIO MACARIO foi o producto d'uma aposta, um desenfado caprichoso.

Então a sua penna começou a entregar-se ao labor do romance historico, de que a LUCTA DE GIGANTES, O JUDEU e O OLHO DE VIDRO deverão considerar-se apenas ensaios. O periodo mais completo de perfeição relativa, n'este genero, attingiu-o elle seguramente no REGICIDA, na FILHA DO REGICIDA, e na CAVEIRA DA MARTYR. N'estes romances, o ponto de vista é perfeitamente complexo: abrange o estudo de toda a sociedade portugueza n'uma determinada epocha. Um dado episodio deixou de lhe servir apenas para uma conclusão psychologica, levou-o até á illação philosophica do facto historico. O progresso era enorme, e Camillo Castello Branco não se deixou esmagar por elle. Acompanhou-o n'um exacto parallelismo, e n'uma justa comprehensão.

N'esta ultima phase da obra litteraria de Camillo, o seu espirito tomou uma orientação erudita caracterisada pelos seus copiosos estudos historicos. Não se cançava, apesar dos melindres da sua saude, de procurar elementos estimabilissimos para uma segura ca-

racterisação de factos da historia portugueza, aproveitando todas as indicações que uma indefessa investigação lhe suggeria. Os velhos pergaminhos, os poentos manuscriptos de familia, as enlabyrinthadas arvores genealogicas, tudo lhe servia para apurar os traços principaes d'uma epoca, porque toda a gente sabe que houve tempo em que a verdade historica, receiosa da censura official, ficava sotterrada nos archivos particulares, tendo apenas licença para correr mundo sob a mascara da conveniencia politica ou religiosa.

A escola balzaquiana, bazeando-se na observação, invadira a psychologia. O homem estudou o homem, em si mesmo ou nos outros. Muitos romances poderiam chamar-se mais propriamente autobiographias. ONDE ESTÁ A FELICIDADE?—ao mesmo passo que assignala um progresso litterario, como notou Herculano, é um estudo *d'aprés nature,* em que o romancista se observa a si proprio. Camillo retrata-se no poeta d'esses trez livros, que se intitulam ONDE ESTÁ A FELICIDADE? UM HOMEM DE BRIOS e VINGANÇA. Esta observação salta aos olhos do leitor. Não era preciso que Vieira de Castro tivesse escripto: "UM HOMEM DE BRIOS... Este livro é só por si toda a existencia de Camillo Castello Branco.„

Mas o proprio Camillo se denuncía quando diz nos ANNOS DE PROSA:

«Eu tenho escripto alguns volumes de semsaborias: creio que são vinte e tantos. Entre estes, mergulharam de cachapuz no rio do negro esquecimento e eterno somno

trez livros denominados: ONDE ESTÁ A FELICIDADE? — UM HOMEM DE BRIOS — e a VINGANÇA.

«N'estes tres romances figura um homem, ao qual eu nunca puz nome. Umas vezes chamei-lhe poeta, outras jornalista, outras litterato, e assim fui aguentando com embaraços da composição, mas venci a minha. Custava-me a falsificar o nome d'um homem que espiei com esmeros de rigorosa fidelidade; figurava-se-me irreverencia o que em si não era senão escrupulo banal. Ainda agora me deixo levar da creancice, e não acabo commigo dar um nome qualquer ao homem. Quer-me parecer que ha uns longes de poesia n'este segredo. Diga o leitor que é tolice, e saldemos assim as contas amigavelmente: eu dou-lhe a troco da injuria esta revelação da minha crendice, e guardo as chimeras como o homem de boa fé guarda o tôco de cera benta para se alumiar á hora da morte.

«Pois é verdade. Aquelle poeta era o amigo de Guilherme do Amaral e de Augusta.»

As faculdades affectivas de Camillo haviam entrado visivelmente n'um novo periodo de vibração. O amor é na bocca do amigo de Guilherme do Amaral um assumpto constante, predilecto.

A sua unica philosophia é agora a do coração. Mas aquelles dous homens, o auctor e o amigo de Guilherme do Amaral, assemelham-se tanto, que se confundem um com o outro.

Um novo periodo *de amor* estava, pois, iniciado; — não d'esse louco amor de rapaz, que ora é raio de sol ora é nuvem, mas d'esse amor, sereno e forte, que mede todas as suas responsabilidades, soffre todas as angustias, e absorve uma existencia inteira.

A hora da catastrophe chegou annos depois, como o livro succede ao prefacio. Quando começou o grande

drama de amor de Camillo? Não sei ao certo: são investigações que se perdem no segredo de duas almas. Mas no livro de D. Anna Augusta, LUZ COADA POR FERROS, leio esta pagina, que ligeiramente sublinho indicando-a á perspicacia do leitor:

«Acordada aos dezesete annos, fixei a aurora do meu caminho com o seio aberto a todos os rigores da vida, a todas as expansões amorosas que se me abriam na imaginacão noviça.

«*Em uma sala de baile, no meio do esplendor das luzes e do aroma rescendente de mil vasos entumecidos de flores, uns olhos disseram-me ao coração «vive»— um surriso fez-me estremecer todas as fibras que estavam intactas.*

«Diluiu o tempo muitas idéas jubilosas da ante-manhã d'este dia, disfizeram-se muitas impressões da infancia, d'estas que ficam sempre gravadas n'alma; os annos correram morosos na tempestade; a vereda oscilou em volcanicas convulsões; mas esta visão primeira do amanhecer, aquelle olhar caido em seio virgem, jámais póde ser esquecido!...

«Ao pôr do sol, annos depois, ia eu sentar-me nas tardes de agosto ao sopé de uma cruz tosca d'aldeia, embalada pelo cantico dos segadores e o chilrear dos passarinhos.

«Victima dos calculos e da ambição, achava-me só, e perguntava á minha alma se o reflexo que um dia me fulgira era um sonho, ou uma perdida realidade!

«Ai!... que grito, que som humano poderá exprimir o que eu soffria n'estas horas de longa e cruel soledade!...

«Era já talvez a adivinhação do martyrio: era seguir em espirito as phases d'este tormentoso trance por que estou passando; era a alma insaciavel a buscar essa parte distante que a devia tornar completa um dia; e o meu anjo bom a chorar-me, e a afastar este prophetico destino...

«De repente, senti-me arrebatada n'uma nuvem dourada, etherea e olorosa.

«O espirito elevou-se embriagado com o celeste perfume saido d'esse raio divino que me batia no coração.

«Estendi os braços para achegar a mim tudo o que houvesse de real ali; fechei os olhos cégos pelo fulgor esplendido que me cercava, e deixei-me ir na torrente feiticeira que adormecêra os meus pezares.

«Esperára muito, mas conseguira chamar essa realisação ambicionada. Estava na esphera luminosa em que, afastadas as exhalações da terra, vemos identificar-se á nossa uma outra alma, uma affinidade sympathica, um enlevo que nos leva a scismar até no imponderavel da vida!

Agora ponho em confronto aquella pagina da LUZ COADA POR FERROS com esta dos ANNOS DE PROSA, e deixo á perspicacia do leitor o leve trabalho de deduzir a illação que naturalmente resulta do confronto:

«Rachel tem vinte e quatro annos. E' encorpada, mas a robustez não desdiz da gentileza. Não tem attitude alguma de estudo, e parece esculptural em todas ellas. Nos mais communs movimentos ostenta graça, e garbo que vem de seu natural, e ninguem o dirá se a não tiver visto em toda a sua desaffectada singeleza no recesso das suas occupações caseiras. Quando Rachel está n'um baile... *N'um baile foi que eu a vi a primeira vez. Era ella solteira, e teria quinze annos.* Isto já lá vai ha quinze. Se eu me não lembrar do que ella era então, melhor me será despedir de mim esta bruta alma que nem para a saudade já serve. As minhas reminiscencias dão-me Rachel vestida de branco. Não lhe hei-de aqui chamar anjo, porque não foi essa a impressão. Era tudo magestade, tudo estatuario n'aquella criança; não a vi descer do céo, onde os poetas teimam em ir buscar tudo que é excellente, como se o céo não fosse um puro congresso de espiritos que valem de certo lá muito mais do que pesam, mas que passariam despercebidos nos nossos bailes, se não tivessem a esperteza de entrarem em corpos como o de Ra-

chel. E quando a vi lembrou-me a Grecia, as artes em requinte de pompas, a numerosa familia das Venus, todos esses marmores eternos, que hão-de sobreviver á mythologia dos anjos, dos archanjos e dos seraphins. Os olhos de Rachel...—estou-os vendo— nem as franjas sedosas e longas das palpebras m'os escondem; poderiam as arcadas espessas e travadas do sobr'olho quebrar a luz d'aquelles olhos; mas nem assim!

«Como tu olhas. Rachel!

«Diz a antiguidade que na Scytia havia umas mulheres que matavam olhando se o rancor lhes fuzilava nas pupillas; porém tu que paixão tiravas da alma toda amor, para a lançares de ti como um incendio que te abrasaria, se eu, se todos que te viam, não tomassem de joelhos um quinhão d'esse fogo! Que haverá alli de mysterios n'aquelles olhos, se o fluido electrico não basta a dizer o que é que vem de lá como corpo estranho que vos entra no seio, e vos não cabe na alma, e quer fugir ás ancias do coração que o aperta, e vos leva do amor ao transporte, do extasis ao phrenesi, do rir ébrio da felicidade ás lagrimas incessantes de noites desveladas! E, depois, porque não eram só os olhos o condão d'esta mulher? Diante de Deus somos todos iguaes! Na alma se quizerem, e o Creador, lá se avenha com os que o injuriam assim; mas que desigualdade diante do divino artista! Lembra-me que a um lado de Rachel estava uma menina de olhos vesgos; do outro lado uma senhora com um nariz ultra-judeu; mais longe outra menina em torturas para esconder quatro dentes enclavinhados; além d'aquell'outra franzindo os labios, exercitando uma laboriosa mechanica do surriso para corrigir a natureza que lhe dera uma bocca limitrophe das orelhas. E ella, Rachel, toda primores, a estremecida creatura, com uma luz serena de céo n'aquella face em que se espelhava o seu Creador, o Deus que nos fez para a adorarmos, a rever-se n'ella! Abençoada sejas tu de todas as venturas, que tão perfeita és, tão cheia de tua belleza, tão digna dos thronos da terra, já que o Creador, o teu Pigmaleão, te não arrebatou para si! Onde está, ó Senhor Deus das maravilhas, o homem digno d'aquella obra tua, aqui posta entre nós que apenas temos thronos, imperios, talentos, epopeas, as riquezas da Asia, e o sangue das nossas veias para lhe

offerecer! De que barro, ó mão divina, fizeste o homem que ha-de primeiro embriagar-se nos aromas que recende aquella virgem? Onde está o homem que...»

No livro AO ANOITECER DA VIDA, compilado em 1862, ha versos a *Rachel*, datados de 1857. Mas outro livro, NAS TREVAS, estampa um soneto, que não deixa a menor duvida sobre o pseudonymo de *Rachel:*

Libavas, borboleta, a flor da vida
No parque ameno d'ideaes chimeras.
Que seja amor, não sabes; mas esperas
Vencer captiva, e captivar vencida.

Chega a paixão... Retraes-te espavorida!
Saudade tens das quinze primaveras,
Em que, menina e moça, amada eras,
Sempre isenta, risonha, e distrahida.

Vence a paixão... E o teu anjo innocente,
Desligado de ti, mésto e dolente,
Regressa para o ceo; mas vai chamando-te...

Não foste! E's presa á minha desventura!
Em grande amor te dei grande amargura...
Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te.

Vem já aqui a ponto uma transcripção do prefacio com que Camillo Castello Branco abre os dois volumes de correspondencia epistolar trocada entre elle e José Cardoso Vieira de Castro. São palavras de Camillo que esmagam uma calumnia torpissima, assoalhada no Porto quando o romancista estava no carcere. Diz elle, fallando de Vieira de Castro:

«Referiu-me (Vieira de Castro) com intercadencias de hesitação que nas praças, nos botequins e nas salas se contava o seguinte:

«Que eu, confidente e depositario das cartas que uma senhora casada escrevera a um homem ausente, ameaçára essa senhora de revelar ao marido a culpa indiciada nas cartas, se ella continuasse a repellir-me; e que a senhora ameaçada, acceitando metade da minha infamia, transigira com a proposta. Eis ahi descarnadamente a ignominia com que tentavam suffocar-me uns homens que me apertam a mão. E' certo que as lagrimas me suffocaram. Vieira de Castro viu-as; mas a minha grande angustia era por ella, e não por mim; por ella tão incapaz da cobardia de succumbir ao biltre que a envilecesse com taes ameaças, como valorosa para affrontar o descredito e a pobreza. E tudo ella tinha afrontado n'aquelle dia. Estava sem patrimonio, sem familia, sem ninguem: tinha apenas de seu e por si o coração e o trabalho do homem que fizera de seu peito, culpado mas leal, a ladeira do abysmo d'ella.

«Não me lembra o que respondi a Vieira de Castro. Abri a minha gaveta, desatei dous pacotes de cartas datadas e numeradas nos sobre-escriptos, e disse-lhe:

«— Aqui tens a minha correspondencia com essa senhora — as suas e as minhas cartas. Lê-as tu, desde a primeira que escrevi e a primeira que recebi. Não posso dar-te outro testemunho contra essa calumnia, que eu, por amor á minha especie, seria incapaz de inventar em uma novella. Eu não posso metter na cabeça de cada homem que me ultraja o raio da luz da justiça mediante uma bala. Antes quero recapitular na tua razão e na tua consciencia, a consciencia e a razão dos meus amigos e inimigos.

«Vieira de Castro leu as primeiras cartas, e exclamou com vehemencia da alma indignada:

«— Deixa-me esmagar esta injuria que é atroz!

«— Não! nem uma palavra! Bem vês que eu não devo permittir que essas cartas sejam lidas. E não tenho outra justificação. O homem, que recebeu cartas d'essa senhora, vive e sabe que em meu poder não está nenhuma. Elle me defenderá quando a curiosidade dos meus detrahidores o interrogar. Não escrevas nem falles a tal respeito.

«Desde este lance, conheci que Vieira de Castro acrisolára por mim o sentimento da estima alliado ao da compaixão. Teve dó do homem que a sociedade aviltava diffamando-o, ferindo-o no seu ultimo baluarte — o amor proprio, o orgulho até de haver amado com quanta honra um amor reprehensivel póde ser indultado na consciencia — honra, que tem hoje a prova de dezesseis annos.»

As MEMORIAS DO CARCERE são a historia da catastrophe; especialmente o 1.º volume é uma pagina de autobiographia.

Em maio de 1860, Camillo Castello Branco, perseguido pela justiça portuense, sahiu do Porto pelo arrabalde do Bomfim. Um amigo dedicado, Custodio José Vieira, constituiu toda a assistencia do bota-fóra. Foi este um amigo certo de Camillo em todas as horas incertas. Era distinctissimo advogado no Porto, veio eleito deputado ás côrtes em 1865, e, sendo nomeado director geral das contribuições indirectas, foi novamente eleito por Lisboa em 1876. Circumstancia notavel: residiu em Lisboa no mesmo predio em que Camillo nasceu. Morreu no Porto, para onde retirou muito doente, em 5 de maio de 1879. [1]

Camillo destinava-se a Villa Real, á casa da Samardan, guiado por esse natural impulso de saudade que faz com que procuremos nos dias amargos os sitios em que já tranquillamente vivemos. Mas combatido por mil pensamentos diversos, todos elles dolorosissimos, retrocedeu, e voltou ao Porto, onde Custodio José Vieira lhe deu abrigo em sua propria casa.

---

(1) Camillo dedicou-lhe uma das NOVELLAS DO MINHO, O FILHO NATURAL (1876).

Veio ao Porto buscal-o seu cunhado, o irmão do padre Antonio de Azevedo, e levou-o para a Samardan. "Acompanhei-o, e não pude fugir-lhe do caminho. Vi minha familia, que deixára doze annos antes. Desconheci-a. A irmã de meu pai, descrepita e cadaverica, disse-me que era necessario ser desgraçado para não contradizer os fados de nossa familia. Minha irmã, que eu deixára viçosa e bella com duas creanças a brincarem-lhe no regaço, mostrou-me a filha em projectos de casamento, e o filho, pouco depois, academico do primeiro anno juridico. Ah! ella quão depressa envelhecêra!„ "Estive dois dias com minha irmã. Ao terceiro, a inquietação insoffrida, o espinho fatal, que me rasga as cicatrizes do coração apenas fecham, cerrou-me os ouvidos ás razões amoraveis e judiciosas da minha familia, e de sinceros amigos. Quasi fugido, voltei para o Porto, e vi as amoreiras e as acacias da praça de D. Pedro mais floridas e aromaticas que nunca. Refrigerados os ardores da quasi infantil saudade da terra em que entrevira o crepusculo, o crepusculo sómente do meu primeiro dia feliz, sahi do Porto, e fui a Guimarães não sei para quê, nem com que destino.„

De Guimarães foi para a quinta de Briteiros, propriedade do sr. Francisco Martins Sarmento [1], e d'aqui

(1) Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento. — Nos ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS incluiu Camillo um artigo de critica ás poesias do sr. Martins Sarmento. O livro NO BOM JESUS DO MONTE abre por uma carta dirigida a este cavalheiro, a quem a obra é dedicada. O sr. Martins Sarmento não tem descontinuado de cultivar as lettras, desde 1854. Foi elle que promoveu a excursão archeologica ás rui-

para a quinta do Ermo, em Fafe, propriedade de José Cardoso Vieira de Castro.

«Dei um abraço em Vieira de Castro, e fui para Villa Real, sabendo que os aguazis, expedidos do Porto, se acoutavam em Fafe, esperando occasião segura de me capturarem.» «Passei a serra do Marão sob a tempestade famosa do dia 2 de julho de 1860... Ao dobrar a serra tremi de vêr cruzarem-se os coriscos, e perto de mim cahiu um raio, cuja fenda na rocha eu fui examinar, e da rocha lascada colhi uma urze queimada, que ainda tenho.»

No regresso á Samardan avistou Camillo a Luiza do Adro, que o leitor já conhece desde as primeiras paginas d'este livro.

«Ao amanhecer do dia immediato fui para Amarante. Nas proximidades da Regoa fui sacudido pelo meu cavallo contra uma pedra, e chegei á estalagem golphando sangue.»

De Amarante voltou á quinta de Briteiros, e d'ali excurcionou ás ruinas de Citania e á floresta do Bom Jesus do Monte.

«Apenas apeamos, Francisco Martins, o voluntario quinhoeiro das minhas tristezas, e propheta de horrendas desgraças já agora

---

nas de Citania. E' elle que está á frente da sociedade vimaranense, promotora da instrucção popular, que se condecora com o seu nome. E em 1887 publicou um notavel trabalho — *Os argonautas,* — subsidios para a antiga historia do occidente.

No *discurso preliminar* das MEMORIAS DO CARCERE descreve Camillo a quinta de Briteiros, do sr. Sarmento, e as excursões que em 1860 fizera com este cavalheiro entre a Citania e o Bom Jesus do Monte.

realisadas, desceu comigo a encosta, que se decliva do Terreiro dos Evangelistas. Fomos em procura da inicial entalhada um anno antes. Lá estava a entrar no amago do tronco, já vestida de musgo. Parecia querer oblitterar-se antes que a memoria d'ella se esvaecesse do meu espirito. Desraizei as hervinhas, levantei a nova crusta da lettra, e disse-lhe: «Vive mais alguns annos, memoria d'uma hora feliz! Some-te, quando eu perder de ti a lembrança, ou possa vir aqui zombar do pobre coração que te gravou. Menos duro será então o sarmento que te ha de tragar, menos duro que o coração mofador de si mesmo.» A saudade podia assim expressar-se á puridade, com Francisco Martins, interprete de todas as lagrimas derivadas de glandula nobre.» (NO BOM JESUS DO MONTE.)

Da quinta de Briteiros voltou a Villa Real, onde passou "vinte interminaveis dias de enfermidade, de desalento e de ancias de morte.„ A esse tempo alguns rapazes de Villa Real estavam representando n'aquelle mesmo theatro, da familia de Camillo, onde pela primeira vez fora representado o AGOSTINHO DE CEUTA.

«Na primeira noite de recita, recordo-me eu que fiquei ouvindo de minha tia a historia de meu avô assassinado, de meu tio morto no degredo, de meu pae levado pela demencia a uma congestão cerebral.

«Que delicioso recordar, quando eu me estava vigorisando para entrar nos carceres da Relação do Porto, e estender os pulsos ás gramalheiras d'ouro, que os meus inimigos batiam na bigorna da moral publica!»

Falta no prologo das MEMORIAS DO CARCERE, d'onde extraimos as transcripções d'este capitulo, uma nota interessante e romanesca. Uma dama transmontana, certamente exaltada por todo esse drama de amor

em que Camillo se achava envolvido, viera-o seguindo amorosamente até Amarante. Camillo fugia-lhe pressuroso, embevecido na recordação agri-doce que absorvia toda a sua existencia. Na quinta do Ermo, em Fafe, tinha elle escripto:

Tudo trevas! e teu rosto
Me refulge luz maior.
Tambem no mar procelloso,
Quando o ceu é pavoroso
E' que o fanal tem fulgor.

A aventurosa dama retrocedeu, reconhecendo que a inspiradora da quintilha enchia todo o coração do poeta.

«Sahi d'ali, sem dizer á familia o meu destino. Espavori algum raro amigo a quem o revelei. Era proposito que nem a perspectiva do patibulo demoveria.

«Cheguei ao Porto em meado de setembro de 1860. Custodio Vieira, Marcellino de Mattos e Julio Xavier sostiveram quinze dias a pressão dos esbirros, porque me viram com mais alma que corpo para encarar na morte da liberdade, e na outra que desprende a alma dos podres vinculos da materia.

«Terminado o prazo das treguas, que os aguazis me concederam magnanimamente, fui ao tribunal do crime, pedi um mandado de prisão, mediante o qual obtive do carcereiro licença de recolher-me a uma das masmorras altas da Relação.

«Era o primeiro dia de outubro de 1860.

«O ceu estava azul como nos mezes estivos. O sol parecia vestido das suas galas de abril, a bafagem do sul vinha ainda aquecida das ultimas lufadas do outono. Que formoso ceu e sol; que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem á porta da cadeia!»

No archivo das Cadeias da Relação do Porto, livro n.º 14, folhas 46, verso, lê-se o seguinte registo:

«Outubro, primeiro de mil oitocentos e sessenta. Camillo Castello Branco, que assim disse chamar-se, solteiro, de trinta e quatro annos de idade, escriptor publico e proprietario, filho de Manoel Joaquim Botelho Castello Branco e de D. Jacintha Rosa de Proença, já fallecidos, natural da cidade de Lisboa. De estatura regular, rosto comprido, trigueiro, bexigoso, cabellos pretos, olhos castanhos escuros. Vestido com casaco e calça de panno preto. Declarou que já aqui estivera preso e agora por crime de adulterio, de que lhe é parte Manoel Pinheiro Alves, d'esta cidade.»

XV

NO CARCERE

> Que formoso ceu e sol; que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem á porta da cadeia!
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO. — MEMORIAS DO CARCERE.

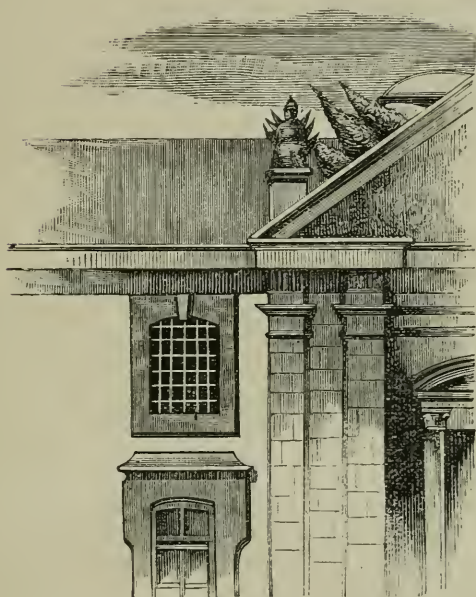
amillo Castello Branco, recolhido desde logo a um quarto de malta, foi transferido para outro melhor, quando um preso de appellido Marinho, sahindo affiançado, o deixou devoluto.

Camillo descreve o seu novo quarto:

«De lá sahira para a forca, em 1829, o conselheiro Gravito; ali estivera o duque da Terceira, durante o reinado provisorio da Junta. Alguns coevos de Gravito, que estiveram simultaneamente presos, me disseram que n'um lanço da parede do meu quarto tinham sido escriptos os nomes dos suppliciados na *Praça-nova*, com bellas e floreadas lettras romanas, por um dos padecentes, na base d'uma

imagem de nossa Senhora da Esperança, pintada com mediana arte. Nenhum vestigio havia d'isso. Alem de ser o quarto forrado a papel modernamente, constava que o carcereiro de 1829 mandára passar a broxa de cal sobre a imagem e os nomes.

«Inscripções vi só duas abertas na porta, e nas portadas da janella, com datas do seculo passado. Uma é o nome do preso, já carcomido como o seu proprietario; a outra é um hespanhol que se mostra descontente da sua situação, e declara ali estar ha tempos infinitos e sem esperança de sahir. Cobre este lettreiro uma corôa ducal. Em quanto a mim, a insignia nobliarchica, que o preso se deu, não passa d'uma innocente distracção de canivete. Não vá por ahi algum romancista, á conta d'aquelle duque, enganar a gente em quatro volumes.

«Era o meu quarto virado ao nascente, e sobranceiro á porção da cidade velha. Áquem d'um boleado horisonte de serras, accidentavam-se agradaveis pontos, e o mais dilecto dos meus olhos, algumas vezes turvos de lagrimas, era a egreja do Bomfim. Encontrára eu ali um dia a felicidade, e retive-a uma hora comigo. Fiquei depois olhando para lá, como a procural-a, e de lá para o ceu, onde eu cuidava que ella devia estar.

Janella gradeada do quarto de Camillo
(Fachada da cadeia sobre a rua de S. Bento da Victoria)

«Deram-me flores invernicas, que eu alinhei no parapeito da janella. D'uma japoneira cuidava eu com todo o esmero; mas o ar do carcere empéstava-lhe os botões, que despegavam amarellecidos antes de desabotoarem. Tambem me deram uma avesinha, chamada *viuva*. Tinha sido de Alvaro Ramos, que morrêra delegado em Moçambique. O meu serviço de todas as manhãs era cuidar do aceio da gaiola, e do alimento da avesinha. Conhecia-me tanto que já se deixava afagar. O cantar da viuva era um encadeamento de notas gemebundas, e d'este carpir penso eu que lhe vem o nome, como

quem dá a entender que assim se lastima a viuva inconsolavel. Foi ella a minha companhia de um anno...»

Por um livro de Julio Cesar Machado, SCENAS DA MINHA TERRA, sabemos que Camillo abrira duas inscripções nas paredes do seu quarto, porque o romancista, como vimos, apenas se refere a outras duas que já encontrára quando entrou.

Julio Machado escreve:

«Camillo estava no quarto em que gemeu o duque da Terceira durante todo o tempo da Junta, e de onde o Gravito marchou para a forca em 1829; quarto, ainda assim, melhor do que eu esperava, quando subi as escadas da cadeia. Uns livros n'uma estante, alguns papeis sobre uma mesa d'escripta, nenhum jornal, e nas paredes estas duas legendas:

Rebus in angustis facile est contemnere vitam
Fortiter ille facit, qui miser esse potest.

«O que pode traduzir-se assim:

E' facil despresar na angustia a vida:
Coragem é viver forte na angustia!

«A segunda legenda é tirada do Ecclesiastico, cap. 2.º:

Ai d'aquelles que perderam a paciencia.»

Julio Machado continúa na pagina seguinte:

«N'outro quarto da cadeia, mas distante d'este, estava alguem que eu conhecêra no mundo, bella, elegante e moça,—que eu esperava

ir encontrar abatida, extenuada, cadaverica,— e que fui achar, da mesma forma, elegante, moça, e bella! Singular contraste: uma figura cheia de vida, de formosura, e de força, no centro d'aquelle carcere fétido! As paredes do seu quarto são humidas e negras; as suas faces, rosadas e brilhantes; em redor d'ella, a miseria, a desgraça, o odio humano; em si, a tranquilidade, o bom gosto, o esmero; e sobre tudo isto o talento, porque é decididamente uma senhora de grandes dotes de espirito, que se deixam apreciar naturalmente no decurso da conversação mais simples, além de se manifestarem em alguns brilhantes escriptos, que o publico conhece.

«Não tem visto a leitora, assignando alguns folhetins litterarios na *Revolução de Setembro,* alguns romances na *Revista Contemporanea,* estas duas singelas iniciaes A. A.? Pois A. A. é a senhora de quem lhes fallo, e a quem eu visitei na cadeia da relação.»

Actual viscondessa de Correia Botelho: D. Anna Augusta Placido

(Retrato que sahiu na LUZ COADA POR FERROS, 1863)

Camillo, no segundo volume das MEMORIAS DO CARCERE, refere-se a A. A., quando descreve a visita d'El-Rei D. Pedro V á Cadeia da Relação do Porto:

«Passou Sua Magestade á enfermaria dos presos, e á das presas em seguida.

«Na extrema d'esta ha uma porta que abre para o quarto d'uma senhora, que ali estava presa.

«—Que é ali dentro?

«— Saberá Vossa Magestade—disse o carcereiro—que é o quarto da senhora D. ···.

«O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor onde tinha o seu asylo de trabalho.

«Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.

«D. Pedro V cumprimentou a presa, perguntando-lhe o tempo de sua prisão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a idade. A mãe respondeu pela creancinha, e o rei deteve-se a contemplar a infeliz. Ao lado do monarcha compungido estava o sr. marquez de Loulé, pensando, por ventura, que n'aquelle dia tinha de banquetear-se no palacio d'uma irmã d'aquella encarcerada.»

EL-REI D. PEDRO V

Referindo-se á segunda visita de D. Pedro V á Cadeia do Porto, escreve Camillo:

«Sahiu o rei, e correu de novo as enfermarias, e retrocedeu quando se abriu a porta da prisão onde estava a senhora, a mãe do menino, que vinha pela mão do general Caula.

El-rei chamou de parte o senhor infante D. João, naturalmente a dar-lhe a causa de não entrar n'aquelle quarto, onde a senhora, expondo-se á mera curiosidade de quem quer que fosse, ajuntava a

humilhação inutil ao infortunio insanavel. O rei constitucional não podia repetir as palavras de Jesus de Nazareth.»

Os folhetins e romances de A. A., publicados na *Revolução de Setembro* e na *Revista Contemporanea*, foram em 1863 reunidos em volume sob o titulo de LUZ COADA POR FERROS, *escriptos originaes por D. Anna Augusta Placido*, com o retrato da auctora e um prologo por Julio Cesar Machado. Editor, Antonio Maria Pereira; Lisboa.

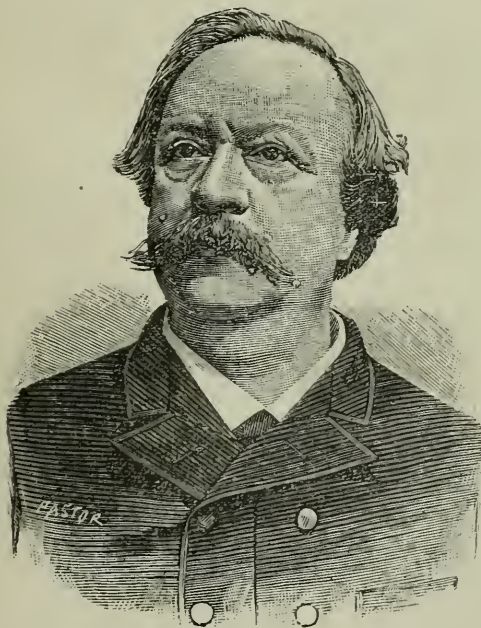
Vem aqui a ponto uma pagina commum á biographia de Camillo Castello Branco e Julio Cesar Machado. E' das MEMORIAS DO CARCERE:

«Voltou o estimado escriptor (J. C. Machado) no dia seguinte, e tirou da algibeira algumas libras, que um editor portuense lhe déra por um romance. (1).

«— Tira d'ahi o que quizeres — exclamou elle — a mim pouco me basta.

«Convenci a boa alma do moço que me sobrava dinheiro, e sobejo despreso para o que não tinha. Isto parece episodio dispensavel n'estas *Memorias;* mas esse nada revela o muito oiro d'aquelle coração de Julio. Quem lhe escrever a biographia hade restringir os gabos a poucos dizeres, e assingelar as palavras de modo que tudo funda n'isto: branduras de coração feminil; infancia de affectos; amor a tudo, porque em tudo vê uma face amavel; *talento de bem dizer e de bem fazer;* excellencias antigas em novos feitios; as graças mythologicas nas virtudes christãs.»

(1) Não foi por um romance, mas por vinte folhetins que Julio Cesar Machado contratou com o proprietario do *Jornal do Porto*. Veja-se o livro A VIDA ALEGRE, pag. 30.

Longe estaria do espirito de Camillo, ao escrever aquellas palavras, a suspeita de que esse alegre e amavel Julio havia de succumbir a 12 de janeiro de 1890 n'uma das mais dolorosas e inesperadas tragedias domesticas, que teem impressionado Lisboa! Quem poderia imaginal-o sequer Que desgraçado fim, por motivos differentes, tiveram dois dos mais dilectos amigos que não abandonaram Camillo no carcere: Vieira de Castro e Julio Machado!

Julio Cesar Machado, ao tempo da sua morte

Descreve Camillo a sua primeira noite de carcere:

«A's nove horas da noite os guardas correram os ferrolhos, e rodaram a chave da pesada porta do meu cubiculo, a qual rangia estrondosamente nos gonzos.

«Estava sósinho. Sentei-me a esta mesma banca, e n'esta mesma cadeira. Estavam aqui defronte de mim alguns livros. Recordo-me de Shakspeare, Plutarcho, Senancourt, Bartholomeu dos Martyres e uma *Tentativa sobre a arte de ser feliz* por J. Droz (1).

«Folheei-os todos, e de todos me fugia o espirito para entrar no coração, e sair de lá em ancias do inferno que lá ia.

«A' força de contensão d'alma consegui ler e meditar algumas paginas da *Arte de ser feliz*. Em que local eu buscava a arvore dos bons fructos! E' este um livro de philosophia racional que preparou o animo de seu auctor para mais seguras e levantadas crenças na philosophia de Jesus Christo.

«Fez-me bem esta leitura. Principiei logo a pôr em portuguez as vinte paginas que lêra, com o intento de fazer publicar o livro inteiro em folhetins.

«Fui ás tres horas da manhã procurar no somno a restauração das forças corporaes; que as do espirito, até esta hora, nunca as senti indignas da ousadia com que elle se arremessou a perigosas batalhas com o mundo.

«Tinha adormecido ás quatro horas, quando as sentinellas cessaram de bradar o *álerta*, que rompe em oito vozes, puxadas d'alma de quarto em quarto de hora.

«A's cinco horas despertou-me o estrepito dos ferrolhos de muitas portas e tambem da minha, que se abriam. O primeiro accordar na cadeia é muito triste. Soaram logo as sinetas em diversas repartições da cadeia, e começaram a entrar as familias dos presos meus visinhos dos quartos de malta.

---

(1) «Lembra-te que eu, na primeira noite que entrei na cadeia, assim que me correram os ferrolhos d'um quarto abafado, comecei a traduzir *L'art d'être heureux*, de Droz.» CORRESPONDENCIA EPISTOLAR ENTRE J. C. VIEIRA DE CASTRO E C. C. BRANCO. Tomo II, pag. 21.)

. . . .

«As minhas noites eram repartidas em escrever até ás duas horas, e escutar do leito, até á madrugada, os pregões das sentinellas. Quando o coração e o espirito cahiam extenuados da lucta, e o bemfazer do dormir me vinha das mãos da natureza misericordiosa, abriam-se as portas, e estalavam os tamancos.

. . . .

«Principiei logo a publicar em folhetins do *Nacional* a versão do livro de Droz, e os artigos principaes de politica. Dava-me este pequeno trabalho duas horas de diversão em cada dia. E a diversão me bastava como estipendio: nenhum outro pedi, nem acceitei, quando m'o offereceram. O *Nacional*, periodico onde experimentei a vocação, e a minha curta capacidade se desenvolveu, foi o unico jornal do Porto que affrontou a injustiça e o ouro, levantando a voz em meu favor. Os outros jornaes ou não esperaram que a lei me sentenciasse para me sacudirem a lama que vendem a dinheiro de contado, ou afivelaram nos labios a mordaça chamada da prudencia. A todos venero, porque eu sei em quantos escolhos roça o baixel da honra, quando as ondas da dependencia se levantam a baldeal-o do silencio miseravel para a miseravel arguição.»

E no segundo volume das MEMORIAS DO CARCERE:

«Já n'outro relanço disse que os meus primeiros trabalhos na cadeia foram a traducção do *Ensaio sobre a arte de ser feliz*, de José Droz, e artigos de politica, politica innocentissima, politica de estylo para o *Nacional*.

«Ao terceiro mez de prisão senti-me revigorisado para o trabalho, e com bastante socego para prender o espirito ás transformações da phantasia. Ensaiei me, como quem começa, pelas leituras aturadas de livros portuguezes. Quando a alma fugia das ideias alheias para se infernar nas suas, lá ia a paciente razão arrancal-a, e de lá a vinha chamando com a luz da esperança que parece alimentar-se do mesmo oleo santo, que flammeja e arde na lampada da religião.

«Da leitura passei á escripta. Tracei alguns capitulos do romance

Annos de prosa, para a *Revolução de Setembro*, e traduzi uma novella, muito aprazivel e consolativa, para o *Commercio do Porto*. (1) Convidado pelo editor Gomes da Fonseca, puz em linguagem a *Fanny*— romance exquisito que só tem os meritos de sua maliciosa voga, popularidade sobre modo significativa do derrancado paladar dos francezes e das francezas. Fez-me triste impressão saber eu que o senhor Fonseca publicava deslealmente o meu trabalho n'um *jornal de annuncios*, com não sei que fito ganancioso. Abaixo d'aquillo não sei onde está o paradeiro d'um escriptor decahido! Ri primeiro de mim, como quem se é de si proprio espectador nas farças de sua vida; depois ri da bem-querença d'um jornalista, que fizera do jornal de annuncios a rasa campa da minha reputação, com o romance vertido, por epitaphio.

«Escrevi *Revistas do Porto* nos jornaes de Lisboa, e parece-me que tambem escrevi *Revistas de Lisboa* nos jornaes do Porto. Era de mais para quem não via nada! Formei parte d'uma redacção programmatica para o *Nacional*, que esteve por um cabello a hombrear com o *Times* em tamanho corporeo e intellectual. Sahiramlhe os fados esquerdos, e apenas se manteve em egualdade com o seu cofre de pagadoria.

«Tomei parte na redacção do *1.º de dezembro*, jornal anti-iberico, o qual valeria um Nuno Alvares e um Pinto Ribeiro se o iberismo não fosse um phantasma, e os apostolos da nacionalidade uns terroristas, que já escassamente se aturam, de enfadonhos que são no palco. O jornal calou-se, ha dias, deixando acamadas algumas resmas de mau papel e maus artigos, como pyramide monumental de seu patriotismo. De crer é que não tenham outro padrão os preclaros heroes de 1640.

«Escrevi tambem um epitaphio a pedido d'um veneravel sacerdote, que me julgou em maré cheia de inspirações funebres. Descreveu-me as virtudes do morto em duas horas, pedindo-me que as mencionasse todas, incluindo nas virtudes ter sido grande grammatico o defuncto. Engenhei uma oitava, que era uma biographia com-

(1) O ROMANCE DE UM RAPAZ POBRE, original de Octavio Feuillet, primeiro trabalho que Camillo publicou n'aquelle jornal.

pleta. No dia seguinte veio o padre buscar sua encommenda, e chorou a jorros, principalmente no verso em que eu dizia que o defuncto teria inventado a grammatica, se ella não existisse antes d'elle. Encareceu-me o poemeto, comparando-o ás melhores inspirações de Nicolau Tolentino, e isto era estreme e lizo de intenção epigrammatica.

«Depois d'outras duas horas de glossas ás virtudes aconsoantadas da oitava, o panegyrista metteu a mão á algibeira, e estendeu-me o braço na postura desempenada de quem tira do bolso do collete um imperio.

«— Aqui tem para almoçar! — exclamou.

«Abriu a palma da mão, que parecia abater debaixo do peso de cinco tostões, e accrescentou:

«— O que é bom paga-se bem!

«Ora eu, que sempre fui euthusiasta admirador d'um quadro em que Hippocrates rejeita os thesouros de Artaxerxes com magnifico gesto de repulsão, remedei exactamente o velho de Cós na attitude esculptural.

«— Padre! guarde os seus thesouros! — clamei com emphase — Os genios, quando se abrem, são gratuitos, como as nuvens que chovem a abundancia do céo, e tambem fazem a lama na terra.

«Respeitou o padre a independencia da poesia, e foi-se nas boas horas.

«Fui egualmente honrado com as remessas de albuns, cujos donos acharam bonito possuirem uma pagina datada da cadeia. Poderei apenas nomear um dos cavalheiros que me enviaram o seu album, onde eu escrevi algumas linhas que fallavam da amargura de minha alma. Se o leitor as lesse contristava-se, e, sendo-me inimigo, indultava-me de seu odio. Pois o cavalheiro, cujo capricho delicadamente eu servira, aconteceu depois ser um dos sessenta jurados que deviam julgar-me, e um dos doze que me haviam de condemnar, se eu o não recusasse, apenas lhe ouvi o nome: tão manifesta fizera elle a sua ruim tenção, apregoando-a nos corredores do tribunal. Creio que era ourives, e appellidava-se Santa Anna o sujeito que eu denominei cavalheiro, por achar que lhe concerta o epitheto. Ahi fica uma revelação que ha de acarear-lhe amigos, e satisfa-

ção de sua dignidade e lavada consciencia, por ventura de quilate egual ao do seu ouro.

«Do livro publicado com o titulo *Doze casamentos felizes* escrevi seis ou sete na cadeia. Senti prazer n'aquellas ficções, e orgulhei-me de ter n'ellas imaginado a vida como ella podia ser, sem desbarato do divino engenho que bafejou o lodo dos corações. Dediquei o livro ao senhor Antonio Rodrigues Sampaio, que exercita a virtude da amizade, como se esta de per si abarcasse todos os dictames do Evangelho.

«Coordenei em seguida os apontamentos, que me havia dado o fallecido Antonio José Coutinho, na novella intitulada: *Romance d'um homem rico*. E' o livro a que eu mais quero, e a meu juizo, o mais toleravel de quantos fiz. Estava ao meu lado um coração que eu ia desenhando n'aquella *Leonor*, da mão da qual eu me deixaria cahir no abysmo, se para cada homem pudessem abrir-se as fauces de dois abysmos. Aquelle padre, como todos os bons padres dos meus romances,— e creio que os fiz sempre bons para andar sempre ao invez da verdade — copiei-o d'uma excepção, como outras excepções, que o leitor conhece. E' um padre Antonio, que vive obscurissimo n'uma aldeia chamada Samardan, em Traz-os-Montes, aldeia que Francisco Manoel do Nascimento, lá de Paris, mettia a riso, quando queria dar terra a um selvagem, ou a um brazileiro. Para que me não tomem de esguelha o asserto, dou-lhe o exemplo em nota.

. . . .

«O romance escripto em seguimento d'aquelle, foi o *Amor de perdição*. Desde menino eu ouvia contar a triste historia de meu tio paterno, Simão Antonio Botelho. Minha tia, irman d'elle, solicitada por minha curiosidade romanesca, estava sempre prompta a repetir o facto, alligado á sua mocidade.

«Lembrou-me naturalmente, na cadeia, muitas vezes meu tio, que alli devêra estar inscripto no livro das entradas, e no das sahidas para o degredo. Folheei os livros desde os de 1800, e achei a noticia com pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memoria, como recompensa das suas tragicas e affrontosas dores em vida tão breve. Sabia eu

que em casa de minha irman estavam acantoados uns massos de papeis antigos, tendentes a esclarecer a nubelosa historia de meu tio. Pedi aos contemporaneos que o conheceram noticias e miudezas, a fim de entrar de consciencia n'aquelle trabalho.

«Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida. Tão horrorisada tenho d'elles a memoria, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não saiu tolhiço incorregivel da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor chorou com elle. De mim lhe juro que...»

Nos ANNOS DE PROSA encontra-se uma allusão ao sitio em que este romance fôra começado a escrever: a cadeia.

«Estas incisões intermittentes hão-de perdoar-m'as os leitores que souberem o que é escrever um romance n'um carcere, onde ja não ha carrasco, mas existe o espirito do carrasco identificado a uma cousa que nós cá os assassinos e os salteadores denominamos as *authoridades*, que medram no cêvo do erario, uns chamando-se procuradores do rei, outros carcereiros, outros chaveiros, outros guardas, a mesma familia representando o rei de theor e modo que fazem odiosa a palavra do symbolo que lhes legitima a crueza, a barbaridade que lhes tem ladrilhado o coração, e muitas vezes a infamia que se abona com a justiça, essa divina irmã dos anjos, que os cafres trazem tão nusinha e pustulosa por sobre os esterquilinios d'elles.»

O escriptor entregava-se no carcere a um trabalho quotidiano e áspero para auferir os meios necessarios de subsistencia. Corrêra então o boato de que o senhor D. Pedro V, depois de ter visitado pela primeira vez a cadeia do Porto, enviára a Camillo um subsidio pecuniario. Camillo, dignamente ,desmentira o boato pelo imprensa.

São palavras suas, extraídas do segundo volume das Memorias do carcere:

«Mezes depois voltou Sua Magestade á cadeia. Receiava-me eu de ser mal visto do monarcha, á conta de uma imprudente carta que estampei nos jornaes. Revivo com desprazer a causa. Dissera-se que eu recebera dois contos de reis, dadiva do soberano. Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebera, como certissimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Porto, e ponderei-o como todas as calumnias que por aqui me assaltam, e eu esmago entre a sola e a lama. Quando, porém, um respeitavel cavalheiro e amigo, Antonio Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa, dizendo que o senhor Conde da Ponte me ia enviar dois contos de reis por ordem do rei, apressei-me a desmentir a calumnia, ou a rebater a esmola sem mais vaidade que a do trabalho, que a si se basta.

«A minha carta era necessaria; as phrases é que peccaram de leviandade de orgulho. O rei, que entre as suas maximas virtudes preluzia na delicadeza, que doura todas, certamente não mandaria esmolas ao homem que tinha a facil coragem do suicidio, antes da augustiosa fraqueza de as pedir.

«Ora eu sabia que nenhum escripto de certos jornaes era estranho a el-rei, e a minha carta fôra publicada em alguns, e encarecida n'outros como briosa acção.

«D'isto me accommettia o receio de ter-me malquistado com a primeira benevolencia do rei.

«Enganei-me. O senhor D. Pedro v era um anjo: não sei dar-lhe outro nome.»

Vive no fogo a salamandra, dizia a lenda antiga. O talento de Camillo encontrou nas tempestades do sentimento um poderoso elemento de vitalidade. A catastrophe amorosa de 1860, em vez de requeimar-lhe as florescencias do espirito, desabotoou novas e extraordinarias exuberancias de fecundidade e perfeição.

Se folhearmos os seus romances anteriores áquelle anno, e ainda os ANNOS DE PROSA, que começou a escrever no carcere, reconheceremos facilmente que depois de 1860 não só a linguagem se moldou em novas flexões de elegante simplicidade, e de naturalidade fluente, senão que tambem, depois d'esse baptismo de lagrimas, a urdidura das novellas começou a derivar mais espontanea, abundante, e melhor concatenada. Que enorme differença entre a linguagem, por vezes arrevesada e redundante, a intermittente contextura dos ANNOS DE PROSA e a linguagem facilmente castigada, a acção naturalmente conduzida do ROMANCE DE UM HOMEM RICO e do AMOR DE PERDIÇÃO, escriptos já depois de saturada a alma da impressão dolorosa do carcere! Camillo considerava O ROMANCE DE UM HOMEM RICO como superior ao AMOR DE PERDIÇÃO e outras novellas posteriores. Era, como elle dizia nas MEMORIAS DO CARCERE, o livro a que mais queria. *Estava a seu lado um coração que elle ia desenhando n'aquella Leonor.* Ora foi já depois de dez mezes de carcere que começára escrevendo o romance do padre Alvaro Teixeira; a dedicatoria, a José Julio de Oliveira Pinto, tem a seguinte data: *Na cadeia, em 15 de agosto de 1861* (1). Não estamos inteiramente de accordo com aquella opinião de Camillo: já o dissemos n'um opusculo publicado ha annos (2). Preferimos ao

---

(1) Seis annos depois, Camillo consagrava á honrada memoria de José Julio, morto em duello, a novella A DOIDA DO CANDAL.

(2) UMA VISITA AO PRIMEIRO ROMANCISTA PORTUGUEZ EM S. MIGUEL DE SEIDE.

ROMANCE DE UM HOMEM RICO o AMOR DE PERDIÇÃO, que foi escripto em seguida, e em quinze dias, apenas. Mas, como quer que seja, o que é certo é que esse drama de amor, que teve Camillo um anno no carcere, accentuou enormes progressos nas suas eminentes qualidades de escriptor. A alma, principalmente, adquiriu esse mavioso timbre de melancolia, de vaga saudade incoercivel, que tocou deleitosamente todos os romances que se succederam vertiginosamente depois de 1860. A linguagem, já o dissemos, retemperou-se n'uma pureza malleavel, que faltava nos ANNOS DE PROSA. Camillo reconheceu o facto, porque, na segunda edição do AMOR DE PERDIÇÃO, datada de 1863, confessa ter a preoccupação do "valor da linguagem sã e ageitada á expressão de ideias, que pareciam extranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escriptos dos Sousas, Lucenas e Bernardes.„ A acção, que no ROMANCE DE UM HOMEM RICO principia a derivar sem confluencias nem despenhos, refina esta estimabilissima qualidade de narrativa no AMOR DE PERDIÇÃO.

Foi a coincidencia de estar na cadeia do Porto, onde tambem estivera seu tio Simão Botelho, que suggeriu a Camillo a ideia de escrever o AMOR DE PERDIÇÃO; mas faltaria ao romance a nota impressionista, experimental, que o faz vibrar, se Camillo se não tivesse encontrado sob a abóbada de um carcere em identidade de circumstancias e de impressões pessoaes. Aquelle romance só n'uma cadeia poderia escrever-se.

O mundo exterior, visto atravez dos varões de ferro de uma janella, deve ter aspectos, posto que novos, muito mais seguros pelo que respeita á critica dos costumes. E á mistura com a melhor sciencia de observação deve evolar-se de fóra para dentro um agri-doce perfume de saudade, que eu chamarei a fragrancia da liberdade perdida.

Querem uma prova d'isto? Dos *Doze casamentos felizes* seis ou sete foram escriptos na cadeia do Porto. São os melhores. Um d'elles, o oitavo, tem a data de —junho de 1861. E' uma joia de sentimento, facetada litterariamente por um artista parcimonioso e sóbrio.

Camillo foi julgado no 1.º districto criminal do Porto, e absolvido, conjunctamente com a sr.ª D. Anna Augusta, no dia 17 de outubro de 1861.

No AMOR DE SALVAÇÃO, romance escripto em S. Miguel de Seide (1864) e offerecido a José Gomes Monteiro, ha trez notaveis paginas que se referem aos acontecimentos que levaram Camillo á cadeia do Porto, em 1860, e que d'algum modo accidentam a historia d'esse saliente episodio de sua biographia:

«Não longe da obscura paragem de Affonso de Teive, á margem do córrego chamado *Péle*, riacho, que, pela primeira vez, é revelado ao mundo em lettra redonda, assentei eu a minha tenda nómada. A minha tenda são uns vinte volumes, um tinteiro de ferro e um cabo de penna de osso, que me deram n'outro ponto do mundo, ondo ha quatro annos assentára tambem a minha tenda, — ponto do mundo que por um singular acaso implicava ao meu sestro vagabundo: era no anno do Senhor de 1860, nos carceres da Relação

do Porto, o menos conveniente dos paradeiros para homem de gostos impermanentes em objecto de aposentadoria. Isto, sem embargo, não impedia que esta minha tão querida penna, tão amiga confidente d'aquellas trezenta e oitenta noites — de janeiro todas, que lá a dentro dos congelados firmamentos de pedra, reina perpetuo inverno, e giam as abobadas, não sei se lagrimas, se sangue, se agua represada nos poros do granito, — não impedia, vinha eu dizendo, que a minha penna, com o seu incansavel fremir sobre o papel, me aligeirasse as noites, e aos assomos da alvorada me convidasse para a banca do trabalho, que foi o meu altar de graças ao Senhor, e o confessionario onde abri a minha alma ao perscrutar do anjo providencial que me dava a uncção dos athletas e dos grandes desgraçados, para mais affrontosos e excruciadores supplicios.

«Os meus vinte volumes, e o meu tinteiro de ferro, estão hoje sob o tecto gasalhoso d'uma alma que eu n'outras eras encontrei na minha. Não sei ha que seculos isto foi, nem que congerie de abysmos nos separam para sempre. Parei aqui, porque ainda aqui, a tempos, se me figura rediviva a imagem do passado, ainda aquella alma se me hospeda no coração em instantes de sonhos do céo, ainda a pedra tumular das affeições cahidas á voragem infernal do desengano. está pendida sobre a derradeira: que a saudade é ainda um affecto, excelso amor, o melhor amor e o mais incorruptivel que o passado nos herda.

«A casa, onde vivo, rodeiam-na pinhaes gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas. Este incessante soido é a linguagem da noite que me falla: parece-me que é voz d'além-mundo, um como borborinho que referve longe ás portas da eternidade. Se eu eu não amasse de preferencia o socego do tumulo, amaria o rumor d'estas arvores, o murmurio do córrego onde vou cada tarde vêr a folhinha secca derivar na onda limpida; amaria o pobre presbyterio, que ha trezentos annos acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações pacificas, ditosas, e incultas d'estes selvagens felizes que tão illuminadamente amaram e serviram o seu Creador. Amaria tudo; mas amo muito mais a morte.

«Aqui, se Deus se amercear de mim, embargando o passo ao anjo exterminador, que contínuo me assalteia os aditos do meu eden de

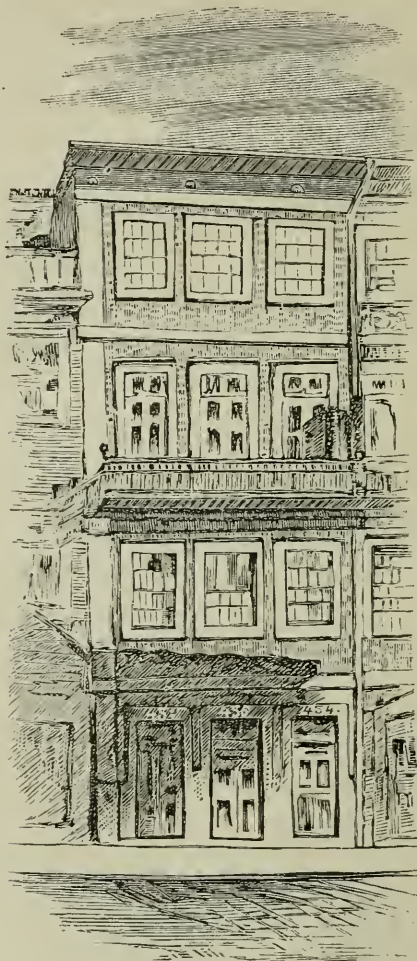
quinze dias, aqui escreverei, com quanta fidelidade a memoria me suggerir, a narrativa que Affonso de Teive me fez.

«Seis mezes ha que se fez noite no meu espirito. Por arrebatados impetos de quem quer furtar-se ás garras de um imaginario dragão, tenho fugido para defronte do meu tinteiro de ferro, e avocado as graciosas imagens, filhas do céo, que, nos dias da mocidade fremente de más paixões, me refrigeravam a fronte, e disputavam ao encanto do mal, psalmeando-me o hymno de amor ao trabalho. O perdimento d'esse amor foi a suprema provação, a forja ardentissima em que minha alma foi lançada á voracidade d'um fogo depurante. Mas, no interior, por tudo em que sombreava a negrura do coração, eram tudo trevas, frio, lethargia, esquecimento.

«Não sei de que futuro abril do meu porvir me veio esta manhã um bafejo aromatico de flôres, umas ondulações de luz, que me pareciam as da minha juventude. Tudo me visitou como em mãos do fugace archanjo do contentamento. Passou o nuncio mysterioso, passou depressa, mas o meu espirito ergueu-se alvoroçado a saudar o sol de Deus, do Deus immenso que na immensidade dos seus mundos ainda guardará para mim um quinhão de alegrias parcas e modestas, as que unicamente podem dar consciencia repousada, prelibações de bemaventurança, e honrada alliança com os homens.»

Mas o drama de amor ainda não acabou aqui.

Um telegramma do Porto, para a *Gazeta de Portugal*, dizia no dia 9 de março de 1888:

«O sr. visconde de Correia Botelho, Camillo Castello Branco, casou hoje com a sr.ª D. Anna Placido. Foi o celebrante o sr. abbade de Santo Ildefonso; foram testemunhas os srs. dr Ricardo Jorge, Alves Mendes, Joaquim Moutinho e João Freitas Fortuna. Assistiram tambem os srs. visconde de S. Miguel de Seide, dr. Urbino de Freitas e Antonio Dias Guilhermino.»

Casa da rua de Santa Catharina, no Porto, onde Camillo desposou a sr.ª D. Anna Augusta Placido

O casamento realisou-se, mas no segundo andar do predio n.º 458 da rua de Santa Catharina, mediante certidão medica de que Camillo estava impossibilitado por doença grave de sahir de casa. Celebrou-se á noite, sendo effectivamente celebrante o abbade de Santo Ildefonso.

XVI
NAS TREVAS

«Que terás tu pensado pois, meu adorado poeta, d'essa desgraça cuja magestade levanta o martyr a uma altura de respeito, que eu não sei quando elle foi mais sublime, se no goso do imperio, se na mesta reverencia com que o vemos na grandeza da sua queda, e na santa resignação do seu destino.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO. — CARTA D'ALFORRIA.

ANTES de 1860, Camillo Castello Branco, residindo sempre no Porto, viveu por largo tempo n'uma casa de hospedes da rua do Sol, de que era arrendataria uma D. Eufrasia, a quem o romancista se refere n'uma das cartas dirigidas a Vieira de Castro. (1)

Sahindo do carcere, viera no anno seguinte a Lisboa, onde se demorou.

---

(1) CORRESPONDENCIA EPISTOLAR. 2.º vol., pag. 51.

A 17 de março de 1862, escrevia Camillo, da capital, a José Gomes Monteiro, dizendo-lhe:

«Tenho que demorar-me algum tempo em Lisboa.»

A 28 de abril, n'outra carta:

«Escrevo romances, e que remedio senão escrevel-os sempre?! Em Lisboa tenho editor que me paga o volume a 14$000 réis. Se dentro de um anno me não pagarem a propriedade de cada vol. a 50 libras, creio que abrirei uma tenda, e acabarei tranquillo, honrado, e estupido, como convém.»

Que desgraçado mister o de escriptor em Portugal! E de mais a mais obrigado a pagar annualmente uma contribuição industrial na razão de 32$000 reis. Em 1871 dizia Camillo a Gomes Monteiro que n'aquelle anno o obrigaram a pagar 352$000 reis de collectas vencidas desde 1861, e que só então lhe pediram.

Em 1863, voltou novamente a Lisboa.

«Adoeci logo que cheguei. A'manhã vou para Bellas. E' um retalho do Minho que está escondido a trez leguas de Lisboa. Vou convalescer d'um ataque pulmonar, vigesimo, creio eu.» (*Carta a Gomes Monteiro, de 15 de maio.*»)

E n'essa mesma carta:

«Dizem-me que vou ser não sei que na secretaria da Marinha. Acceitarei para mais facilmente poder conseguir collocação no norte, Barcellos que seja.»

Camillo dava-se mal em Lisboa. Acclimou-se ao norte do paiz, onde gostava de viver. Em carta a Gomes Monteiro, escripta da Povoa do Varzim a 19 de setembro de 1873, confessava esta sua idyosincrasia:

«O Alberto Pimentel tambem foge do Porto? Essa terra é insalubre para todos os que respiram pela alma; e eu a dizer a verdade, *em nenhuma outra me dou tão bem, quer do corpo quer do espirito.*»

Na CORRESPONDENCIA EPISTOLAR dizia a Vieira de Castro: Eu vivi sempre mal ahi (Lisboa).

Não se realisou o despacho para o ministerio da marinha. Camillo continuou occupando-se de litteratura, sempre mal remunerada. Gomes Monteiro aconselhava-o do Porto a produzir um romance sobre S. Frei Gil de Santarem, o *Fausto portuguez*. Camillo não se mostrava encantado com o assumpto:

«Se elle me sahisse *Fausto* não m'o entenderiam os juizes dos 500 réis; se sahisse milagreiro, cada lorpa se faria Voltaire para o arguir. Contemplarei o meio termo entre os dois juizes.»

Isto escrevia em maio de 1863. Em julho dispunha-se a metter mãos á obra, que aliás não chegou a realisar. Monteiro convinha em que o assumpto ficaria melhor tratado n'um poema do que n'um romance; mas Camillo objectava-lhe: que não chegava lá (ao poema) a sua aptidão.

E' tambem na correspondencia epistolar de Camillo para Gomes Monteiro que eu encontro a sua opinião a respeito de trez obras que produziu:

«... Não é no genero popular e contrafeito em que escrevi o Coração, cabeça e estomago e ultimamente as Coisas espantosas, trabalhos de que não gosto; mas que os gizei á vontade dos compradores.» *(Lisboa, 8 de fevereiro de 1863.)*

«Em Lisboa tem agradado as Estrellas propicias. Dizem que é o melhor dos meus romances. Apearam, portanto, o Amor de perdição, que estava em primazia. O meu melhor romance é o *d'um homem rico:* o peior é o Coração, cabeça e estomago. As senhoras de Lisboa invertem de todo em todo este meu insuspeito parecer.» *(Lisboa, 4 de março de 1863.)*

Em 1864 galhofava nas Vinte horas de liteira com a sua afadigada pobresa:

«D'ahi a pouco, Antonio Joaquim assentou-me duas sonoras palmadas nos hombros, e exclamou:

«— Tu hoje deves ter uma boa *fortuna !*

«— Quem, eu ?!

«— Pois então ! A calcular sobre os livros que tens publicado!... Olha que eu já ouvi rosnar que alguns dos romances não são teus... Calumnias!...

«— Calumnias, realmente, meu amigo. *Alguns*, dizem elles? Nenhum dos livros, que correm com o meu nome, é meu. São todos dos editores.

«— Mas o que dizem é que não podes ser materialmente o auctor do que se lê com o teu nome.

«— Ah! entendi agora... Pois sou materialmente essa desgraçada machina que escreveu tudo, todo esse lastro da nau das lettras nacionaes, que anda á matroca.

«— Mas estás rico ou não! Falla verdade!

«— Estou. Possuo quintas ajardinadas, em comparação das quaes, os hortos pensis de Semyramis são charnecas intransitaveis. Tenho palacios, que seriam dignos de um principe aziatico, se não fossem mais dignos de mim. As minhas equipagens de urcos, *landaux*, e librés...

«— Falla serio, homem! — atalhou Antonio Joaquim — Tu tens a tua independencia feita, e estás no caminho de...

«— Morrer...

«— Com cem contos, e uma estatua na tua terra, á custa da nação agradecida.

«— Estatua de espanto me fazes tu, amigo Antonio! Se não fosses engraçado, serias tolo! Pois tu cuidas que eu vivo dos romances?

«— Cuidei...

«— Nada, não... Eu vivo da gloria. Descobri em mim um segundo apparelho digestivo, que elabora, em substancia nutritiva, a gloria.

«— Isso parece-me util; —obtemperou o meu amigo—porém, seria justo que tivesses de teu um decimo do dinheiro que tens dado a tanta gente...

«—A quem?!

«— Aos personagens das tuas novellas. Por exemplo: áquella *Augusta* da rua Armenia, do romance — «Onde está a felicidade?» Oitenta contos debaixo de uma taboa! Quasi um Banco! á taboa faltava-lhe só quatro pés para sustentar a inteireza da comparação. Oitenta contos!»

Eu já vi escripto algures que Camillo dissipára rios de dinheiro. Rios de dinheiro... a 14$000 réis o volume! Só póde dizer isto quem ignorar como as lettras são mal remuneradas em Portugal. Camillo trabalhou excepcionalmente, e morreu pobre.

Em 15 de fevereiro de 1865 escrevia elle a G. Monteiro:

«Eu trabalho, ha trez annos, incansavelmente a ver se consigo morrer sem dividas, dividas contrahidas em cinco annos de infortunio, que se vão prolongando pela vida fóra.»

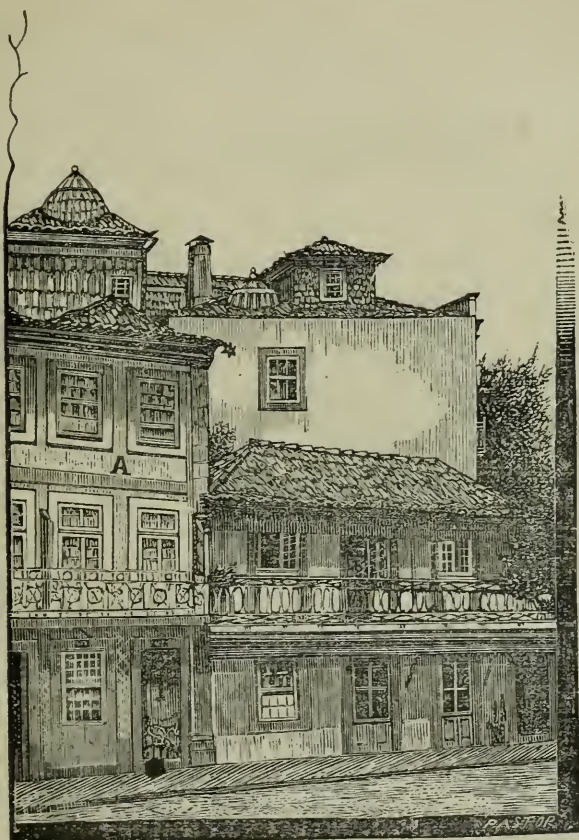
E em 6 de janeiro de 1871:

«Eu nada tenho em que possa ser executado, graças a Deus e ao paiz onde escrevi 80 volumes, etc.»

O prefacio da 2.ª edição dos DOZE CASAMENTOS FELIZES é datado de Lisboa em 10 de setembro de 1862.

Referindo-se a esta temporada de Lisboa, dizia Camillo, tambem n'uma carta, a Vieira de Castro:

«Ainda te não disse que tenho ahi um sophá e cadeiras. Se os queres, manda buscar isso a casa do Ayres (o conselheiro Ayres Baptista Pinto.) Disseram-me ha pouco que tu nada levaste de tua casa. Os nossos pobres trastes estão todos em monte n'uma cosinha do consultorio homœpathico do conselheiro (era na rua Nova do Carmo). Queres que eu dê ordem para te levarem á cadeia uma ideia dos salões de Semiramis?»

Transferindo-se ao Porto, estabeleceu domicilio, primeiro, na rua do Sol (1864), depois, na rua do Almada; e d'ahi passou para a rua do Triumpho, onde em 1868 estava residindo n'um predio fronteiro ao portão (para vehiculos) do Palacio de Crystal. Redigia n'esse tempo a GAZETA LITTERARIA DO PORTO. Em 1872 occupou um predio da rua de S. Lazaro, onde, por occasião da sua primeira viagem a Portugal, o visitou, no dia 2 de março d'aquelle anno, o imperador do Brazil, D. Pedro II, que o condecorou com a commenda da ordem da Rosa.

Casa da rua de S. Lazaro, no Porto,
onde Camillo foi visitado pelo imperador do Brazil
(O predio vai designado pela lettra A)

Na dedicatoria do LIVRO DE CONSOLAÇÃO, Camillo, dirigindo-se ao imperador, escrevia:

«Alem de que, Senhor, quando eu escrevia estas linhas, em frente da cadeira onde Vossa Magestade se assentou, no escriptorio do operario, etc »

E dirigindo-se a Thomaz Ribeiro, na CARTA D'ALFORRIA:

«Estou a vel-o (ao imperador) sentado no meu pobre canapé. Defronte de Sua Magestade havia um quadro com os retratos de todos os monarchas portuguezes até ao fundador da dynastia brigantina. Alli perto estava o retrato, gravado, do poeta Beranger.—Está Vossa Magestade contemplando os retratos de seus avós? perguntei.—Não. Estava contemplando Béranger, respondeu o Imperador. Dizem-me que o meu quadro está hoje no Paço de S. Christovão. E' de presumir que lá se conserve longos annos, visto que os reis retratados não teem lista civil nem hão de intrometter-se na libertação dos negros, quando a escravidão se reconstituir o nervo agricola da republica.»

No predio contiguo, na rua de S. Lazaro, viveu o poeta portuense Guilherme Braga, com quem Camillo estreitou relações de dedicada amisade.

Creio que foi entre 1872 e 1873 que Camillo Castello Branco, pretendendo educar seus filhos, residiu em Coimbra, primeiro n'um predio situado aos Arcos do Jardim, e depois na rua Larga (actualmente do Infante D. Augusto) n'um predio que pertenceu ao antigo reitor da Universidade, dr. José Machado de Abreu.

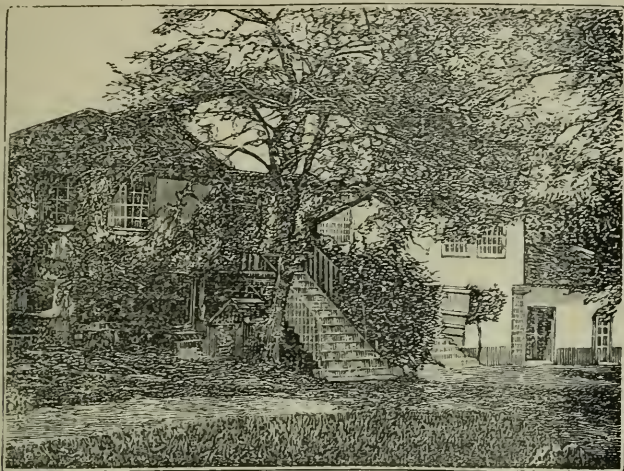
D'este ultimo predio, pudemos obter um *croquis:*

Em 1873 domiciliou-se Camillo n'um predio da rua do Bomjardim, no Porto, fronteiro á rua que atravessa para o quartel de Santo Ovidio. Eu descrevi n'um folhetim do *Primeiro de Janeiro,* que depois encorporei no livro ENTRE O CAFFÉ E O COGNAC, o seu gabinete de trabalho n'esse predio.

Fui ahi muitas vezes, especialmente com José Gomes Monteiro, que andava então escrevendo OS CRITICOS DO FAUSTO, e successivamente lia a Camillo o manuscripto á medida que o preparava.

Um dia Camillo resolveu retirar-se definitivamente para a quinta de S. Miguel de Seide, para a sua Thebaida do Minho, onde até ahi se tinha limitado a passar temporadas, e onde Castilho, Thomaz Ribeiro

e J. C. Vieira de Castro o haviam visitado em julho de 1866.

No opusculo UMA VISITA AO PRIMEIRO ROMANCISTA PORTUGUEZ EM S. MIGUEL DE SEIDE dei larga noticia descriptiva da quinta de Seide, cuja casa de habitação foi reproduzida em gravura nas capas dos SERÕES DE S. MIGUEL DE SEIDE e no MINHO PITTORESCO, pelo já hoje fallecido José Augusto Vieira, vol. II, pag. 109. A noticia respectiva encontra-se a pag. 94; vem ahi obsequiosamente citado aquelle meu opusculo. Observarei de passagem que é muito interessante a informação dada por J. A. Vieira ácerca do typo do Feliciano da BRASILEIRA DE PRAZINS, copiado por Camillo de um velho proprietario de Landim.

CASA DE S. MIGUEL DE SEIDE

É a vista da fachada sobre o interior da quinta.—A arvore que se vê junto á escada é a *Acacia do Jorge*, denominada assim por ter sido plantada pelo filho mais velho de Camillo.—As duas janellas engrinaldadas pela trepadeira são da casa de jantar.—No segundo andar, cujas janellas estão meio escondidas pela ramaria da acacia, ficava o quarto de cama de Camillo.—Dobrando-se o cunhal formado pela parede da casa de jantar e, andados poucos passos, voltando-se á esquerda, encontra-se a pyramide de granito commemorativa da visita de Antonio Feliciano de Castilho em 15 de julho de 1866.

Foi em S. Miguel de Seide, no estudo e na solidão, que a fecundidade litteraria de Camillo não conheceu limites, subsidiada copiosamente por uma larga erudicção adquirida nos longos dias e nas noites interminaveis da provincia. Atormentado pela nevrose e pela imaginação, atravessando crises agudas de soffrimentos e desalentos, — a que tantas vezes se refere, por exemplo nas cartas a Vieira de Castro — fazendo

frequentes excursões ao Porto, a Braga, á Povoa de Varzim, e recolhendo d'essas excursões mais desalentado ainda, a sua producção litteraria era torrencial, inexhaurivel, assombrosa.

N'esta applicação infrene, ininterrupta, sobre o papel e os livros, foi que novos ameaços de cegueira, annunciados em 1861 na cadeia do Porto, vieram fulminar o indefesso trabalhador.

Em 1864 escrevia elle nas VINTE HORAS DE LITEIRA:

«Basta dizer-te que escrevo sempre á luz do crepusculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidissimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho, durante os mezes esplendidos do anno, é um continuado começo de noute. D'esta escuridade, muitissimo de entristecer, diffundida em volta de mim, de força a minha imaginação ha-de sentir-se. A terra sem o sol é uma cousa de fazer pena e afflicção, como se ella houvesse de voltar ao cahos primitivo: assim é sombria a alma, que não pode banhar-se nos oceanos de luz, que os teus olhos fitam sem dôr. Eu affiz-me a ver uma quasi noute no mundo exterior: o meu mundo subjectivo está povoado de imaginações escuras.»

Dois foram os livros em que o eminente escriptor commemorou a noite tenebrosa que lhe apagou a visão: dois foram os gritos de sua alma atormentada, feitos de lagrimas e surrisos, de resignação e ironia, similhantes ás estrophes de Henri Heine no *Livro de Lazaro.*

E é para notar a coincidencia de que Camillo Cas-

tello Branco, traduzindo em 1872 o *Livro de Lazaro* (QUATRO HORAS INNOCENTES), precedia-o de palavras que perfeitamente definem a psychologia dos seus dois ultimos livros: NOSTALGIAS e NAS TREVAS.

«Toda a gente medianamente lida — dizia Camillo — sabe que Henri Heine dictou o *Livro de Lazaro*, quando a cegueira e a paralysia o atormentavam. Os derradeiros versos do brilhante humorista formaram-se no espirito infernado em abysmos de dor, que espantam a mais corajosa indole. E todavia ha ahi umas estrophes, que parecem lampejar d'uma alma ébria de alegria a doidejar n'um corpo exuberante de saude. Como quer que seja, quem tiver coração da pouca vulgar tempera de chorar, doer-se-ha tanto das amarguras como das facecias do *Livro de Lazaro*.»

Ha dezoito annos que Camillo Castello Branco antecipava, n'estas palavras, o juizo critico que hoje podêmos formar dos seus dois livros dictados, como o de Henri Heine, durante a cegueira. Substituido o nome do escriptor allemão pelo do escriptor portuguez, a apreciação é de todo o ponto exacta e commum aos dois escriptores.

Notarei a circumstancia de que Camillo Castello Branco parecia temer, por um antigo presentimento, a desgraça da cegueira, que o arrastou ao suicidio. Tal presentimento viera certamente do cansaço dos seus olhos myopes, longos annos, e sem interrupção, applicados a trabalhos litterarios. Na galeria dos personagens de suas novellas, raros cegos apparecem, como logo mostrarei: poderá dizer-se que o romancista, presentindo a sua desgraça, não ousava defrontar-se com

ella. Fugia-lhe, para não medir antecipadamente a profundeza do abysmo.

Em 1861, estando Camillo na cadeia da Relação do Porto, o primeiro rebate da cegueira fizera-se annunciar. Os medicos receiaram que os olhos habituados ás trevas do carcere lentamente se apagassem n'ellas.

Referindo-se, nas MEMORIAS DO CARCERE (vol. 2.º), ás suas numerosas e continuas lucubrações na cadeia do Porto, escreveu Camillo:

«Era de mais para quem *não via nada!*»

E n'uma carta a Vieira de Castro:

«Quando eu estive preso achei grande difficuldade em encontrar um jornal que dissesse *que eu soffria da vista.*»

Do ministerio da justiça baixou a seguinte portaria ao conselheiro Presidente da Relação do Porto para que o preso, que esperava o seu julgamento, podesse sahir a passeio, na esperança de que melhor hygiene lograsse salvar os ultimos lampejos dos olhos estiolados na atmosphera sombria do ergastulo:

«Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei o officio do Conselheiro Presidente da Relação do Porto de 20 d'este mez sobre a licença pedida pelo prezo Camillo Castello Branco para dar alguns passeios por fora das Cadeias d'essa Relação attento seu mau estado de saude, Manda o Mesmo Augusto Senhor declarar ao referido Conselheiro que, mostrando-se identico este objecto ao da Portaria de 31 de Maio de 1859 relativa a Domingos José da Cunha, prezo na Cadeia de Braga, importa que o dito Conselheiro dê conhecimen-

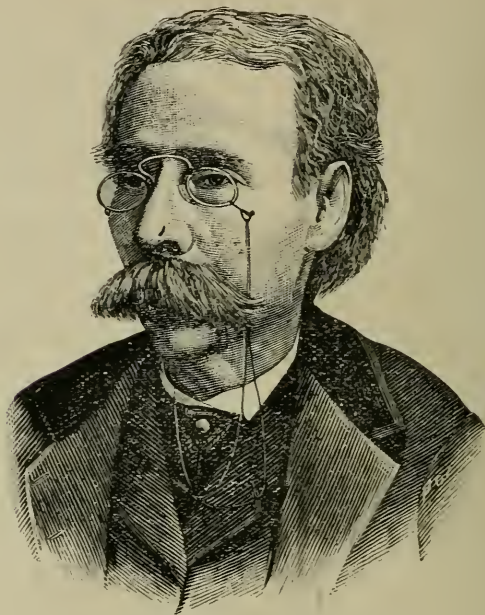
to d'ella ao Juiz de Direito do 1.º Districto Criminal da Cidade do Porto, a fim de que este Magistrado, tomando tudo como resposta a seu officio de 13 do corrente, faça examinar aquelle prezo, Camillo Castello Branco por tres Facultativos; e que no caso de se concluir do exame que o prezo soffre actualmente molestia grave pela qual necessite dos passeios requeridos, haja de regular a permissão d'elles de modo que sejam só para remedio e não para outro qualquer effeito; empregando porem todas as cautellas e seguranças necessarias.—Paço 24 de Abril de 1861.—Alberto Antonio de Moraes Carvalho.»

Camillo allude a este facto nas MEMORIAS DO CARCERE (vol. 1.º, cap. XII).

O que é certo é que Camillo evitava crear nos seus romances personagens em que a si mesmo se estivesse contemplando nos horrores da cegueira, que temia. Em toda a sua vasta obra litteraria lembro-me apenas de dois cegos: o senhor do Paço de Gondar, nos BRILHANTES DO BRAZILEIRO, e o CEGO DE LANDIM.

Por 1884, as ameaças de cegueira tornaram-se cada vez mais temerosas. Em 1885 estive eu em casa de Camillo na Povoa de Varzim, e ahi lhe li o original dos IDYLLIOS DOS REIS. Quatorze luzes, em duas serpentinas de sete castiçaes cada uma, illuminavam a sala, que aliás era pequena. Era assim que Camillo queria afugentar as trevas, que avançavam...

Um anno depois dizia-me Camillo, de S. Miguel de Seide:

«Ha dois mezes que não escrevo nem leio, por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge...»

Camillo Castello Branco em 1886

E em março de 1887:

«Depois veio um periodo de quasi cegueira; e agora com muita difficuldade e quasi em trevas lhe escrevo.»

A 20 de outubro d'aquelle anno, chegava Camillo Castello Branco a Lisboa, depois de um largo periodo de ausencia.

O *Diario Illustrado*, do dia seguinte, dizia:

«Chegou effectivamente hontem de manhã a Lisboa este eminente escriptor, que se acha hospedado no *Hotel Universal,* quarto n.° 22 do primeiro andar.

«Camillo Castello Branco não sahiu hontem dos seus aposentos, onde á noite recebeu varios amigos que estavam anciosos d'abraçal-o.

«Durante o dia muitas pessoas foram ao *Hotel Universal* deixar o seu cartão.

«Camillo deseja consultar em Lisboa alguns medicos, *porque nos ultimos tempos tem-se-lhe aggravado a falta de vista*, em consequencia do trabalho a que durante quatro mezes se entregára a fim de recolher elementos para o seu estudo historico ácerca de Ignez de Castro e Leonor Telles, que está ainda incompleto, etc.»

Prêsa de intermittencias de desanimo e esperança, que as incertezas do seu espirito attribulado plenamente justificavam, Camillo, retirando-se para o Porto, voltou pouco depois a Lisboa, hospedando-se por alguns dias no *Hotel Borges.*

Em janeiro de 1888, veio de novo procurar na medicina da capital a esperança que sombras de intimo receio tornavam cada vez mais vacillante. Demorou cerca de vinte dias, sem experimentar allivios, em Carnaxide. N'uma hora de maior desalento, resolveu partir para o Porto. Um telegramma expedido d'aquella cidade em 24 de fevereiro, para o *Jornal do Commercio,* noticiava:

«Os medicos Ricardo Jorge, Gramacho, Joaquim José Pereira (aliás Ferreira) e Santiago, fizeram uma conferencia sobre o estado de saude de Camillo Castello Branco, julgando-o animador. Prescreveram o tratamento a seguir.»

Um telegramma e duas cartas, que, em 1888, Camillo Castello Branco dirigira ao rev. Sebastião Leite de Vasconcellos, são uma prova da angustia a que a cegueira fizera vergar o seu espirito brilhante:

«*Povoa de Varzim, 10 de setembro, ás 12 h. e 54 m. da tarde.*— Rev. Sebastião Leite de Vasconcellos, Officina de S. José, Porto.— Só Deus póde valer-me. Interceda por mim. Regresso para Seide.— *V. de Correia Botelho.*»

«*Ex.*^mo^ *e rev.*^mo^ *sr.*— Commovido até ás lagrimas ouvi ler a sua carta. Senti fazer-se a luz da esperança na minha alma em trevas; mas, considerando-me indigno das suas preces e da Misericordia Divina, a escuridão da alma volveu ao estado em que se acham os meus pobres olhos. Entretanto espero que as orações de v. ex.ª e dos seus innocentes protegidos consigam aligeirar a minha agonia de modo que a morte me seja menos tormentosa. Deus Nosso Senhor lhe dê saude para amparo de outros infelizes a quem v. ex.ª ensina o caminho do trabalho e da virtude.— De v. ex.ª, amigo e criado admirador, *Camillo Castello Branco.*— 13 — 9 — 88.»

E' tambem de setembro de 1888 a seguinte carta:

«*Ex.*^mo^ *e rev.*^mo^ *sr.*— Vão-se multiplicando os favores que lhe devo e com elles a minha gratidão inutil mas indelevel.

«Eduardo da Costa Santos foi o portador do obsequio que solicitei da prestante virtude de v. ex.ª, e pelo qual me confesso tão reconhecido como se a Virgem do Céu me houvesse restituido a luz dos olhos, quasi de todo extincta.

«Cresce o meu agradecimento quando vejo que v. ex.ª recorre ao poder divino para que se opere o milagre que a sciencia não fez nem poderá fazer. Eu tenho muita confiança nas suas preces, acompanhadas da voz innocente dos seus filhos adoptivos, cuja alma v. ex.ª regenerou.

«Se Deus me permittir ainda a cura d'este fatal padecimento irei beijar-lhe a mão e ajoelhar ao seu lado, deante do Deus misericordioso; mas se as trevas têem de ser eternas, peça v. ex.ª a Deus que me illumine a alma com a paciencia e a conformidade. — De v. ex.ª, amigo, criado respeitador, *Camillo Castello Branco.*»

Atormentado n'essa lucta terrivel entre a luz e as trevas, voltou a Lisboa em novembro de 1888 hospedando-se no *Hotel Universal,* d'onde sahiu para casa do conselheiro Joaquim Peito de Carvalho, rua de Santo Antonio, a S. Mamede. Ahi esteve em tratamento durante muitos dias, até que se transferiu por algumas horas para a Casa de Saude a Entremuros, e em seguida para os hoteis *Borges* e *Durand,* alugando depois casa na rua Capello (n.º 26, 3.º), onde, no dia do seu anniversario natalicio, os estudantes de Lisboa lhe foram offerecer uma corôa.

Da rua Capello trasladou-se para Bemfica (casa do sr. Barjona de Freitas), de Bemfica para a quinta de Val-de-Pereiro, onde o desthronado imperador do Brazil o visitára no dia 21 de dezembro de 1889, e d'onde no dia 6 de janeiro de 1890 sahiu inopinadamente para o Porto, recolhendo a S. Miguel de Seide.

Como Henri Heine, Camillo disfarçava, nos dois ultimos livros publicados, a dôr atroz da sua alma em estrophes em que as lagrimas parecem rir e os surrisos parecem chorar.

Nas NOSTALGIAS, a ironia cravava-se como uma flecha no coração do poeta, que, surrindo, sangrava.

Mas o proprio Camillo explicava n'uma quadra este phenomeno psychologico:

Nas vidas atormentadas,
Quando a dôr faz explosão
As rimas bem concertadas
São cintos de salvação.

E n'outro relanço:

Depois, faço alegres trovas,
Motejos de espedaçar;
Mas tu, surriso, o que provas?
Que é bem mais doce o chorar.

O livro NAS TREVAS é certamente superior ás NOSTALGIAS pelo acume de dolorosa ironia que retemperava o poeta perante a desgraça da cegueira, e ainda pelo primoroso lavor parnasiano dos sonetos.

O boleio moderno do metro, por vezes a riqueza de rima e, mais que tudo, o tom sarcastico com que o pensamento surria sobre as ruinas de uma trabalhada velhice, manifestavam claramente que para aquelle homem superior, que se chamava Camillo Castello Branco, a arte não tinha difficuldades nem mysterios, e que os annos e os trabalhos, longe de lhe acabrunharem o espirito, lh'o refloreciam e renovavam. A que olympicas culminações de talento não chegaria esse homem, que todos os dias se ia aperfeiçoando, e divinisando na propria desgraça, se a natureza lhe concedesse viver ainda o dobro dos annos que vivera! Que enorme distancia percorrida, na prosa, desde o ANATHEMA até á BRAZILEIRA DE PRAZINS e, no verso, desde as DUAS EPOCHAS DA VIDA até aos sonetos NAS TREVAS!

Embalado na sua infancia pelas tradições da poesia classica, evolutiu para o romantismo de Garrett com a facilidade com que a chrysalida se transforma em borboleta. Assimilando os processos da escola romantica, havia comtudo em alguns dos seus versos uma negligencia artistica que por vezes os prejudicava e tornava inferiores em maneio á sua prosa esculptural.

Oiçamol-o depôr sobre os seus antigos defeitos como poeta. São do livro AO ANOITECER DA VIDA estas palavras:

«Os meus versos estão dizendo que eu nunca estudei os rythmos variados e elegantissimos da poesia moderna. A minha sêde de ideial e de infinito não se apagava com a sciencia das graças cadenciosas, em que funda a sublimidade do poema. Achava eu mais consolação em poetar pelas velhas artes, e consoante o arpejar chão e monotono dos mestres, que eu tinha acceitado ao sahir da provincia, sem saber que havia outros melhores. Quando, mais tarde, dei tento do atrazo e anachronismo das minhas oitavas rimas, e superabundancia de hendecassylabos, era fóra de tempo o reformar-me. Continuei a versejar sem arte, e a pensar que o muito do coração suppria bem o desatavio, ou o demasiado alinho da fórma.

«Se alguma vez me desci da minha pertinaz ignorancia, tentando modelar os meus versos pela accentuação metrica e rythmica dos melhores poetas contemporaneos, sahia-me o dizer tão amaneirado e contrafeito, que acabava comigo em persuadir-me que não havia corrigir o rachitismo da mocidade.»

«Assim, pois, de boa mente e má vontade me apartei da eschola do meu tempo, e, por bem não saber qual havia de seguir, fiquei fóra de todas.»

Nunca estudou os rythmos variados e elegantissimos

da poesia moderna! Era fóra de tempo o reformar-se! Camillo amesquinhava-se gracejando com o mesmo bom humor com que no prefacio da CARTA D'ALFORRIA chamava obra de fancaria ao AMOR DE PERDIÇÃO. O opusculo NAS TREVAS deixa em nitida evidencia que elle chegou a possuir o pleno conhecimento dos rythmos modernos e que attingiu a ironia vibrante de Beaudelaire no metro dos cinzeladores que se chamam Banville e Richepin.

O livro de que me estou occupando abre por uma ligeira *Nota illustrativa*, em que apenas faço reparo para fixar uma indicação biographica. A proposito de descarrilamentos, lembra Camillo que ha nove annos sahiu "d'igual desastre (igual ao do sr. Marianno de Carvalho) com a cabeça oito vezes fendida.„

Foi na linha do Minho, proximo a S. Romão, que o comboio que conduzia Camillo descarrilou.

A este respeito escrevia-me elle já de regresso a Seide, depois do desastre:

Meu prezado A. Pimentel:

«Sangue pouco, porque eu pouco tinha que sacrificar ao progresso locomotor; mas dôres de sobra porque soffri sacudidelas a que não estava affeito. Depois, como a minha carruagem estava ás costas do *tender*, tive de saltar de alto, logo que pude sahir pela vidraça que parti com a cabeça, quando o vapor das caldeiras me ia asfixiando. Agora, estou peor do que me senti no conflicto. Abraça-o pela sua fineza

Do coração

Amigo velho

Camillo Castello Branco.»

As allusões á cegueira principiam logo no primeiro soneto, dedicado á memoria do conde de S. Salvador de Mattosinhos:

> Partiu chorando. E nunca mais nos vimos.
> Mortos! Ao mesmo tempo, ambos cahimos
> Na eterna escuridão que nos envolve.

No soneto X:

> E' certo que as desgraças são enormes;
> Mas tu, Deus abscondito, não dormes,
> Quando eu te invoco a divinal clemencia.
>
> Ao dar-me as penas com que me torturas,
> Um thesouro me deste de venturas:
> Chama-se este thesouro a *Paciencia.*

Vem agora a ponto fallarmos dos dois filhos de Camillo Castello Branco, Jorge e Nuno. A um outro moço amou Camillo com entranhado affecto paternal: era Manoel Placido, filho do primeiro casamento da sr.ª D. Anna Augusta Placido, e fallecido, aos dezenove annos, a 17 de setembro de 1877. Que sentida commemoração d'essa catastrophe não escreveu Camillo no prologo das SCENAS DA HORA FINAL!

O mais novo dos filhos de Camillo, Nuno Castello Branco, é hoje 1.º barão e 1.º visconde de S. Miguel de Seide.

O soneto XIV (NAS TREVAS) é dedicado a seu filho Jorge, que um persistente desequilibrio mental affastou do mundo:

Constantemente vejo o filho amado
Na minha escuridão, onde fulgura
A extatica pupila da loucura,
Sinistra luz d'um cerebro queimado.

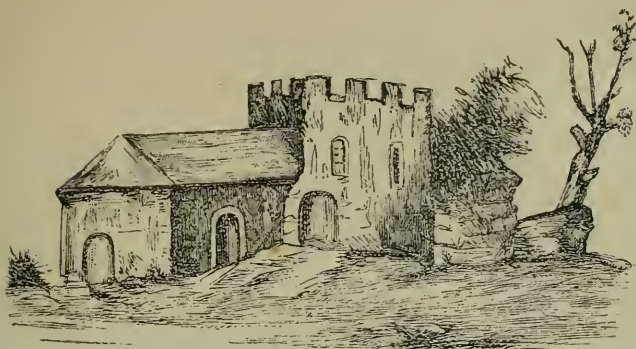
Nas rugas de seu rosto macerado
Transpira a cruciantissima tortura
Que escureutou na pobre alma tão pura
Talento, aspirações... tudo apagado.

Meu triste filho, passas vagabundo
Por sobre um grande mar calmo, profundo,
Sem bussola, sem norte e sem pharol!

Nem gôso nem paixão te altera a vida!
Eu chóro sem remedio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.

Foi a desgraça d'este talentoso rapaz, hoje reduzido á *vida de estatua*, como diria frei Antonio das Chagas, que lhe inspirou essas lacrimaveis quadras que na BOHEMIA DO ESPIRITO se intitulam *Durante a febre*, e que eu expliquei n'uma pagina do livro ATRAVEZ DO PASSADO.

Foi tambem a Jorge Camillo que o grande romancista dedicou o seu bello romance A FILHA DO REGICIDA.

Que santas esperanças não punha o coração affectuoso de Camillo no futuro d'esses dois filhos queridos, um dos quaes, volvidos poucos annos, a má fortuna lhe inutilisou, deixando-o sobreviver semi-morto ás auroras promettedoras de uma intelligencia precoce!

Um desenho de Jorge Castello Branco

Em 1866 escrevia Camillo no livro CAVAR EM RUINAS:

«O meu cahique levava desfraldada uma bandeira com o nome de um meu filho. Deu-me nos olhos, que se levantavam para o azul do ceu de agosto. Vi o nome. Lembrei-me dos anjos e esqueci os frades.»

E em 1868 no livro AS VIRTUDES ANTIGAS:

«—Não, senhor: a minha fortuna não é dinheiro.
«—Então?!
«—E' a conformidade.
«—Só a conformidade?
«—E dois filhos a que Deus entregou as chaves do thesouro das minhas alegrias...»

N'uma carta escripta da Povoa de Varzim a Vieira de Castro:

«Volto para a pobre mãe e para os pequenos. Soffro lá menos, como quem vê os braços onde ha de expirar.»

De outra carta:

«Tenho orado, e hoje ouvi com profundo reconhecimento os meus filhos orar por ti.»

No soneto de Camillo resôa essa dôr profunda, sobrehumana, que os paes experimentam quando Deus lhes rouba metade do *thesouro das suas alegrias.* Mas na chave do soneto reflecte-se o dolorido contentamento de vêr que a desgraça do pae é superior á do filho—*que pode vêr o sol.*

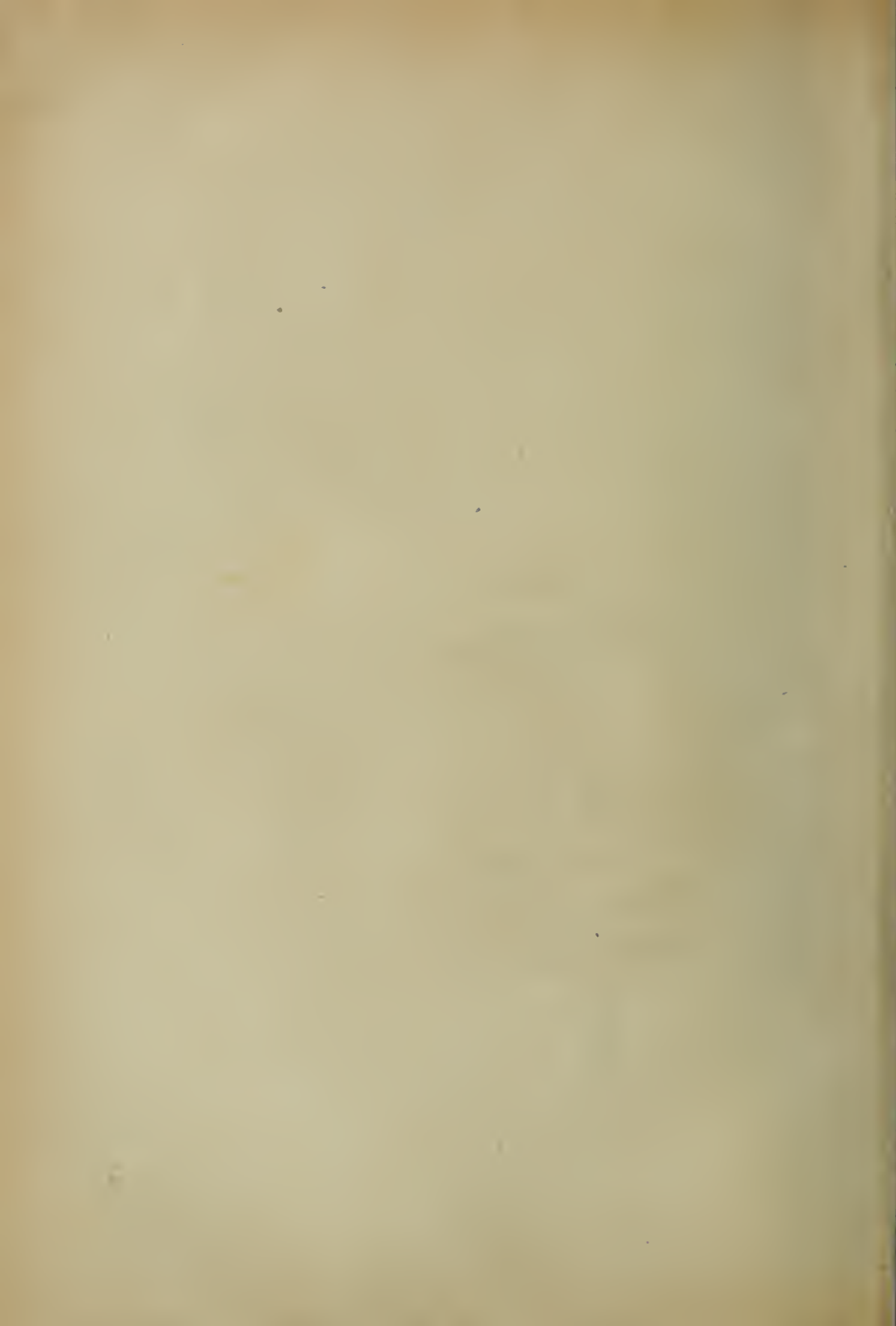
O soneto XXXII, ultimo da collecção NAS TREVAS, é, depois dos magnificos humorismos que o precedem, a suprema expressão da dôr humana, a synthese da aridez devastadora de uma alma que já nem sequer podia desafogar-se em lagrimas:

Paroximos da luz! tristes cantares!
Sahis da treva, em treva esquecereis!
Romanticos leitores, não choreis;
Poupai-vos para os vossos maus azares.

Se navegaes por bonançosos mares,
De subito, no azul do ceu vereis
A nuvem que se rompe nos parceis
De imprevistas borrascas de pezares.

Disse Henri Heine, o cego: «Não lastimem
«As lancinantes maguas que me opprimem..
«Espere cada qual chorar por fim.»

E eu, que tanto carpi os condemnados,
Os cegos — os supremos desgraçados!
Já lagrimas não tenho para mim!

No romance d'este immortal auctor de romances, n'esta biographia que projectou em tantas novellas um reflexo das suas proprias tempestades e bonanças, só faltava, como grandioso coronal, entre a loucura de um filho e a morte de uma neta, o lance dramatico de uma cegueira que, á similhança da de Henri Heine, surria e cantava revolvendo-se n'um leito de espinhos, até que, n'uma hora de desespero, procurou descanso na morte.

XVII

APOTHEOSES

«A illustração não lh'a irradia a toada pedagogica com que lhes pregoam as bellezas, quando lh'as não desluzem, os apontadores immeritos. Quem directamente lh'as commenta e aquilata é o senso publico.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO. — POESIAS E PROSAS INÉDITAS DE SOROPITA.

TTENDENDO ás qualidades que concorrem na pessoa de Camillo Castello Branco; e querendo dar-lhe um publico testemunho da minha real consideração e do apreço em que tenho o seu distincto merecimento litterario: Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de Visconde de Correia Botelho, em sua vida.

O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. — Paço, etc., — 18 de junho de 1885. Rei.—*A. C. Barjona de Freitas.*

O titulo de visconde de Correia Botelho, com que Camillo Castello Branco foi agraciado, deu logar a que o parlamento portuguez, na sessão legislativa d'aquelle anno, prestasse a este eminente escriptor um testemunho nacional de subida consideração, como ainda não havia exemplo nos annaes parlamentares de Portugal.

A resolução da camara electiva, tomada na sessão de 26 de junho d'esse anno, constitue uma verdadeira apotheose em que, para nada faltar que podesse assemelhal-a aos grandes triumphos romanos, houve duas vozes discordantes, que, fiel chronista do que se passou n'aquella sessão memoranda, não devemos esquecer.

Tendo-se entrado na *ordem do dia*, o deputado Manoel d'Assumpção pediu a palavra e, por parte da commissão de fazenda, mandou para a mesa o parecer relativo ao projecto que dispensava o escriptor portuguez Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos e direitos de mercê pelo titulo com que fôra agraciado.

O mesmo deputado accrescentou:

«O parecer é resumido e breve e por isso pedia a v. ex.ª que consultasse a camara sobre se dispensa o regimento para entrar desde já em discussão.» *(Apoiados)*

Leu-se na mesa o

PARECER

«Senhores. — A vossa commissão de fazenda considerou o presente projecto de lei, destinado a dispensar o escriptor portuguez Camillo

Castello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello, pelo titulo de visconde de Correia Botelho, com que foi agraciado, como um testemunho de preito nacional pelo formosisismo talento do brilhante escriptor. Bom é que nos vamos costumando a glorificar o talento e o trabalho, sem esperarmos que a desgraça e a morte os venham santificar.

N'esses termos, é de parecer a vossa commissão que deve ser approvado o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' dispensado o escriptor portuguez Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello, pelo titulo de visconde de Correia Botelho com que acaba de ser agraciado.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario. — *Lopo Vaz de Sampaio e Mello — Pedro Augusto de Carvalho — Luciano Cordeiro — Correia Barata — Marçal Pacheco — Frederico Arouca — Antonio Maria Pereira Carrilho — A. C. Ferreira de Mesquita — Pedro Roberto Dias da Silva — Filippe de Carvalho — Augusto Pope — João Ferreira Franco Pinto Castello Branco — Antonio J. Lopes Navarro — João Marcellino Arroyo — José Maria dos Santos — Manuel d'Assumpção*, relator.»

Dispensado o regimento, entrou em discussão.

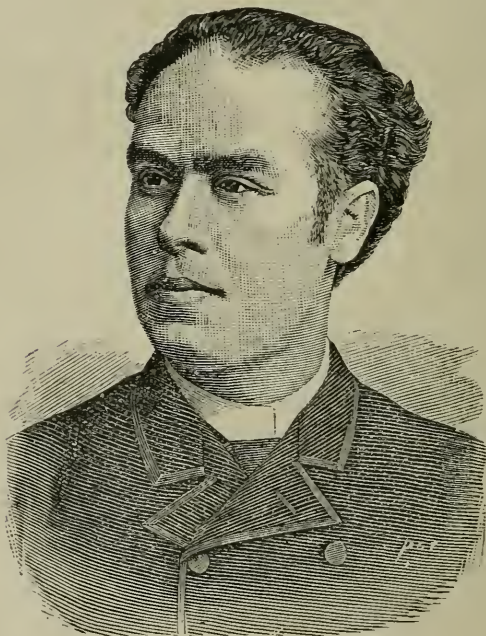
Foi a palavra brilhante do sr. Antonio Candido, uma das de maior auctoridade litteraria n'aquella camara, a primeira que se fez ouvir:

O sr. Antonio Candido: — Eu tive a honra de assignar o projecto que o meu distincto amigo, o sr. Arroyo, acaba de mandar para a mesa.

Não me levanto para o defender, ninguem se lhe opporá; estou certo que a camara, sem distincção de partidos ou de escolas, aproveitará esta occasião para render ao eminentissimo escriptor uma justa homenagem de consideração pelo seu genio litterario e pelas grandes qualidades do seu espirito.

A mercê regia, que acaba de ser feita a Camillo Castello Branco,

deve ficar assignalada pela cooperação do parlamento. (*Apoiados.*) E' um acto de justiça, puramente.

A politica, no seu significado mais alto e mais complexo, abrange todas as fórmas do progresso nacional, e uma d'estas fórmas é a arte, com certeza a mais bella e, talvez, a mais moralisadora de todas. (*Muitos apoiados.*)

Dr. Antonio Candido

Camillo Castello Branco é um artista de raça. A sua obra é assombrosa, genial. As maiores nações do mundo honrar-se-iam de ter este escriptor entre as suas primeiras glorias. (*Muitos apoiados.*)

Mas não é momento azado para fazer a critica de Camillo Castello Branco, nem eu, o mais obscuro admirador e discipulo d'elle, seria competente para a tentar. O futuro ha-de fazer-lhe inteira justiça, reconhecendo que no seu grande espirito ha vivas similhanças da fecundidade e do brilho de Alexandre Dumas, da observação e da analyse de Balzac, e d'esse duplo poder do riso e das lagrimas, que assignala o extraordinario *humor* de Henri Heine, e é o grande relevo artistico da obra de Charles Dickens. (*Muitos apoiados.*)

O visconde de Castilho dedicou-lhe uma das suas admiraveis traducções, proclamando-o *principe dos classicos portuguezes.* O velho e glorioso poeta nunca foi mais justo. Ainda não houve quem exemplificasse tão poderosamente a força, a graça, a malleabilidade e opulencia da nossa lingua, em livros que hão-de ficar para sempre. (*Apoiados.*)

O parlamento, fazendo-me a honra de applaudir calorosamente as minhas palavras, confirma a confiança que eu tinha na sua disposição de cooperar na mercê feita ao grande romancista portuguez, mestre incomparavel da nossa lingua. (*Muitos e repetidos apoiados.*)

O sr. Simões Ferreira: — Tenho a convicção de que o pouco que vou dizer não influe absolutamente nada na votação que ha-de ter este projecto. E não tomaria a palavra se houvesse de recair sobre elle votação nominal, porque n'este caso limitava-me a votar expressamente contra elle.

Não a havendo, como todas as conveniencias aconselham, entendi do meu dever não ficar silencioso, não só para fazer declaração de voto, mas para dizer a razão que em mim impera para assim proceder.

Sr. presidente, o facto de serem agraciados com mercês honorificas alguns homens de lettras não é novo entre nós, e eu não tenho nada a estranhar que o governo agraciasse com o titulo de visconde de Correia Botelho o sr. Camillo Castello Branco. E' novo, porém, que a essa graça, de pura iniciativa e responsabilidade ministerial, se accrescente outra, a que este projecto significa, a qual envolve a responsabilidade do parlamento, e por consequencia a da nação que elle representa.

Eu tenho pelo sr. Camillo Castello Branco a minha opinião formada ha muitos annos. Sou admirador dos seus escriptos, e quasi posso dizer que fui creado com elles; mas, desde que n'este paiz homens tão distinctos, como Almeida Garrett e Antonio Feliciano de Castilho, foram agraciados com titulos iguaes ao que acaba de ser concedido a Camillo Castello Branco, e não tiveram esta distincção, eu não posso votar o projecto que se discute, sem que esta minha resolução deprima em cousa nenhuma o merecimento litterario de Camillo Castello Branco. Não comparo, mas approximo.

Nós não estamos aqui para apreciar o merecimento litterario de ninguem, e já outro dia um illustre deputado da maioria, tratando-se de Victor Hugo, disse que nós não constituimos uma academia onde se aquilatem merecimentos litterarios.

Que as academias dêem ao sr. Camillo Castello Branco todas as distincções, de accordo; mas nós, representantes da nação, só podêmos dar distincções aos homens que tenham concorrido para melhorar o estado moral e intellectual da sociedade, e, para mim, o merecimento de Camillo Castello Branco está, sob este ponto de vista, abaixo do valor que reputo indispensavel para justificar esta prova publica da gratidão nacional. Para se abrir um precedente d'estes, é preciso que haja razão superior para o fazer. E penso que não ha.

Além de que, Camillo Castello Branco é bastante brioso para acceitar o favor que se lhe vae fazer, e que para muita gente póde significar apenas um favor de dinheiro.

Por estas razões declaro que voto contra o projecto, sem querer significar com isto, repito, que tenho em menos conta o merecimento litterario de Camillo Castello Branco. Tenho dito.

Comquanto fosse politicamente melindrosa a posição do sr. Antonio Candido n'este debate, pois que tinha de impugnar a opinião emittida por um seu correligionario, a resposta do eloquente orador não se fez esperar.

O sr. Antonio Candido: — Pedi a palavra para responder ao discurso do illustre deputado o sr. Simões Ferreira.

Declaro que me custa muito ter de me levantar para contrariar as considerações feitas por um cavalheiro, que respeito, e tem a sua inscripção no mesmo partido a que me honro de pertencer, mas a minha posição relativamente ao projecto que se discute obriga-me a este sacrificio.

Nas poucas cousas, que vou dizer, saberei guardar a attitude conveniente ao decoro d'esta camara e ás relações que prendem dois homens, que embora discordantes no assumpto de que se trata, militam comtudo sob a mesma bandeira e pelo mesmo programma politico.

Quando assignei o projecto que se discute, não me passava pela ideia que alguem, n'esta casa, o viesse contestar! (*Apoiados.*) Não me enganei muito, porque, segundo me parece, a maioria d'esta camara está disposta a votal-o; (*Apoiados*) em todo o caso, sinto-me magoado vendo que a approvação d'este projecto não tem a unanimidade que era de esperar para gloria do grande escriptor e honra do parlamento portuguez. (*Apoiados.*)

O sr. Simões Ferreira terminou o seu discurso dizendo que não era justo, nem digno, nem decoroso, que se fizesse a Camillo Castello Branco um favor de dinheiro!

Não sei dizer a má impressão que me fez isto! Tão má... que não quero responder a esta parte do seu discurso!

Respeitando a intenção dos que firmaram este projecto de lei, e a consciencia e dignidade do nosso glorioso romancista, não levanto este argumento, (*Apoiados*) parecendo-me impossivel que alguem desconheça a verdadeira significação d'este projecto, que visa sómente a assignalar e distinguir a mercê regia conferida ao homem que hoje preside, gloriosamente e incontestadamente, á arte e á litteratura d'este paiz! (*Muitos apoiados.*)

E' isto o que se infere do relatorio, foi isto o que eu disse quando, na apresentação d'este projecto, me levantei para o acompanhar de algumas palavras minhas.

E com relação a este argumento apresentado pelo sr. Simões

Ferreira, argumento que não quero reproduzir textualmente, nem mais uma phrase direi.

Ponderou mais o illustre deputado, combatendo o projecto, que não havia precedente algum n'este sentido, não se tendo feito cousa similhante ou parecida a Almeida Garrett, a Castilho ou a Alexandre Herculano. E, pelo modo por que fallou, viu-se que o sr. Simões Ferreira ligava grande importancia a esta consideração... Pois não devia ligar-lh'a. Este argumento não é tão infeliz como o outro, mas, logicamente, não vale mais...

Se se tivesse aqui apresentado um projecto de lei como este com relação a qualquer d'esses escriptores a que s. ex.ª se referiu, e se esse projecto tivesse sido rejeitado, isso ainda poderia, até certo ponto, servir ao illustre deputado; mas tal facto não se deu.

Depois, é preciso ponderar que as homenagens aos grandes homens não podem ser iguaes em toda a parte, nem em todos os tempos; essas homenagens variam por mil razões, dependem de mil circumstancias, que quasi nunca se repetem, e nunca o que se faz a um magôa ou desconsidera a susceptibilidade ou a memoria de outros a que se não fez o mesmo. (*Apoiados.*)

Na sessão de 1880, quando se discutiu o orçamento geral do estado, porque n'esse tempo ainda se discutia o orçamento geral do estado, tive a honra de apresentar aqui uma proposta, para que da verba relativa á conservação dos monumentos publicos se distrahisse a quantia de 10:000$000 réis, destinados ao monumento de Alexandre Herculano, e ninguem se levantou para dizer que tal proposta não devia ser approvada pelo facto de não termos feito exactamente o mesmo, com relação ao visconde de Almeida Garrett, a cujo altissimo merecimento ia bem, decerto, uma distincção igual.

A memoria de Balzac não está offendida pelas exequias de Victor Hugo, ha pouco celebradas, por essa manifestação extraordinaria, mystica e pagã, de um espiritualismo surprehendente n'este ultimo periodo, positivo e triste, do nosso seculo! (*Muitos apoiados.*)

O sr. Simões Ferreira disse ainda que o parlamento não era uma academia, e que só as academias podiam decretar corôas e conferir diplomas a homens como Camillo Castello Branco!

Sem fazer offensa ao nobre deputado, julgo que não tem a mais perfeita comprehensão da politica, como ella é hoje entendida, e que restringe, indevidamente, a missão do parlamento, muito mais complexa do que se lhe affigura.

A politica é a synthese definitiva e pratica de toda a vida nacional, e, portanto, abrange e consubstancía em si todos os interesses moraes e materiaes do paiz; o parlamento é a sua funcção essencial, e nada do que respeita á justiça, á arte, á moralidade, ao trabalho, á consagração da gloria lhe póde ser estranho. (*Muitos apoiados.*)

Mas a votação d'este projecto fica como um precedente perigoso?

Não fica, não.

Estabelece-se o precedente, mas não ha perigo.

Os precedentes são invocados em hypotheses iguaes.

Oxalá que esta hypothese se repita.

E se apparecerem homens como Camillo Castello Branco: se, por felicidade da nossa terra, florescerem ahi outros espiritos d'aquella grandeza; se a fecundidade intellectual do nosso paiz produzir ainda escriptores de raça como elle é, se a montanha que elle subiu laboriosamente até se firmar no ponto culminante e glorioso, onde o contempla o amor e a admiração de nacionaes e estranhos, fôr vencida por outros, se houver ahi a premiar um trabalho como o seu, indefesso, prodigioso de tenacidade e de prestimo, levado ao excesso de lhe sacrificar a vista e de lhe exhaurir a vida, se isto succeder, os nossos successores politicos não terão escrupulo de apresentar este precedente, e nós, os que o estabelecemos agora, teremos praticado um bom acto, cuja justiça se repercutirá no futuro. (*Muitos e repetidos apoiados.*)

Vozes: — Muito bem, muito bem.

O sr. Azevedo Castello Branco:—Peço a v. ex.ª que me reserve a palavra para quando terminar a discussão d'este projecto.

O sr. Simões Ferreira: — Não esperava, sr. presidente, que a simples manifestação do meu voto levantasse discussão. Parecia-me melhor que a não levantasse. Um voto de mais ou de menos não influe, agora, na resolução a tomar.

Tenho toda a certeza de que este projecto não será rejeitado pela

camara, mas, tendo dito um meu presadissimo collega e amigo, homem que estimo e que é uma das mais robustas intelligencias do meu paiz, que eu não comprehendia o alcance do projecto, preciso de accentuar com mais firmeza e inteira clareza o meu pensamento.

Ha pouco foram aqui apresentadas umas moções para que o parlamento portuguez inscrevesse na acta das suas sessões um voto de sentimento pela morte de um dos vultos mais brilhantes da França. (*Apoiados.*)

N'essa occasião quasi todos os meus collegas abandonaram esta sala, conservando-se apenas presentes os auctores da proposta e aquelles que a apoiavam (*Apoiados.*)

Eu fui dos que ficaram.

Perguntando-se a razão por que não havia vontade de votar essas propostas, disse-se que o parlamento não era o logar para se apreciar o merecimento litterario de ninguem.

Vejo que a maioria está hoje disposta a fazer exactamente o contrario do que sustentou então. (*Apoiados.*)

E' ou não o parlamento o logar competente para aquilatar o merecimento litterario de qualquer individualidade, nascida n'este ou n'aquelle logar?

Se muito bem cabida era a distincção que nós faziamos a Victor Hugo, porque eu não conheço no seculo actual homem cujos escriptos abranjam horisontes tão largos sob o ponto de vista, não só litterario, mas social e humanitario, já não tenho igual opinião a respeito de Camillo Castello Branco, cujos escriptos não visaram nunca a levantar o espirito publico, propagando as grandes ideias, ou os grandes sentimentos que nobilitam os homens e a sociedade. Os seus escriptos têem muito merecimento, mas merecimento restrictamente litterario.

Pergunto a mim mesmo, na serenidade da minha consciencia, se, dos livros que Camillo Castello Branco tem escripto, alguns d'elles teem concorrido para levantar o espirito ou o sentimento nacional, e a consciencia responde-me que, pelo contrario, elles não teem concorrido senão para infundir a tristeza e o desalento.

A mim tem-me succedido, e não sei o que succede aos outros, que ao ler um livro d'este escriptor, aliás bem escripto, me sinto

tão desalentado, e, deixem-m'o dizer, tão aborrecido, que o fecho e largo com a tenção formada de nunca mais o abrir.

Eu prefiro o escriptor cujos livros deixem uma boa impressão a quem os ler.

Será opinião unica, mas é a minha e antiga.

Por isso, entre os livros de Camillo Castello Branco e os de Julio Diniz, prefiro estes, porque dispõem melhor a alma do povo, dandolhe impressões serenas e boas. Sem comparar meritos litterarios, tenho por superiores, socialmente fallando, os de Julio Diniz.

E entendo que o parlamento, como representante da sociedade civil e politica, só deve apreciar os livros e os escriptores sob este ponto de vista. O merito litterario que o apreciem as academias.

Por isso neguei e nego o meu voto ao projecto, não por que não seja muito o merito litterario dos livros de Camillo Castello Branco, merito que não aprecio aqui, nem deprimo em cousa nenhuma, mas porque esses livros não teem valor social de tal modo notavel e proeminente, que explique e justifique o precedente que vae abrir-se em nome da sociedade.

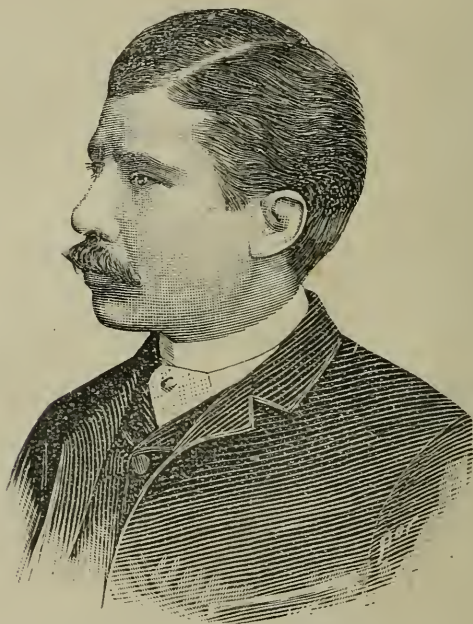
Pelo contrario, os livros de Camillo Castello Branco, se alguma influencia têem exercido na sociedade portugueza, é uma influencia deprimente e demolidora. São livros para destruir, não são livros para edificar ou engrandecer.

E nada mais digo, sr. presidente, para não dizer o muito mais que sinto. Não me propuz combater o projecto, mas só pensei em manifestar o meu voto. A camara tomará a resolução que tiver por mais justa e mais sensata, ou a que mais se combinar com o seu modo de ver as cousas e as pessoas, e a opinião do paiz nos julgará a todos. Eu cumpro o meu dever como o entendo, e a camara procederá como quizer, no pleno uso do seu direito de resolver. Respeito a opinião de todos, mas não estou obrigado a seguil-a, quando é opposta á minha propria opinião.

E nada mais direi sobre o assumpto.

O SR. FRANCO CASTELLO BRANCO: — Pouco tempo tomarei á camara. Mas, tendo assignado, e muito espontaneamente, o projecto que se discute, visto o caminho que as coisas levam, entendo do meu dever confessar os motivos por que o fiz.

Não nos alonguemos em dissertações quanto á missão que aos parlamentos incumbe desempenhar. Lamentemos antes, cheios da mais profunda tristeza, que n'esta manifestação de respeito e admiração por um dos mais prestantes cidadãos d'este paiz, se tenham feito ouvir discordancias censuraveis. (*Apoiados.*)

Nunca me passou pela lembrança, que tal podesse succeder. (*Apoiados.*)

João Franco Castello Branco

Eu disse «um dos cidadãos mais prestantes do paiz» e muito intencionalmente, porque considero a lingua um dos elementos mais primordiaes e fundamentaes para a existencia de uma nacionalidade. (*Apoiados.*)

E eu sei que na actualidade nenhum dos nossos escriptores, mesmo dos mais distinctos, se póde julgar offendido ou aggravado com a affirmação de que entre elles nenhum existe, que tanto haja feito pela lingua patria, como Camillo Castello Branco. (*Apoiados.*)

Para mim, repito, a lingua é um factor e uma força social de primeira ordem. E por isso de ha muito considero, que João de Barros e frei Luiz de Sousa não foram menos no desenvolvimento e na vitalidade da sociedade portugueza do que os conquistadores da Africa e da India. (*Apoiados.*)

E por esta fórma o facto recae legitimamente sob a missão do parlamento, que não póde ter expressão mais honrosa, nem emprego mais nobre da sua actividade e da sua força, do que decretando a glorificação de um homem tão eminente como Camillo! (*Apoiados.*)

O parlamento aproveita assim a occasião, em que outro poder do estado julgou do seu dever honrar e distinguir, por um dos meios em uso no nosso tempo, o maior dos escriptores portuguezes da actualidade, e collabora com elle em tão merecida homenagem.

Eis o fim a que visava o projecto de lei em discussão.

Só este intento moveu os signatarios e apresentantes.

E lembrando ao parlamento esta obrigação, porque o é, ao parlamento em que mais directamente deve palpitar o sentimento da nação, pareceu-me e parece-me ainda que somos antes credores de agradecimento do que de censura. (*Apoiados.*)

Por isso não me arrependo do que fiz, e bem ao contrario penso, que decorridos vinte ou trinta annos, arrefecidas as crenças e mortas pelos desenganos as paixões politicas, quando eu perpassar pela imaginação tudo o que n'esta minha primeira campanha parlamentar hei passado e hei feito, talvez nada me dê tanto orgulho nem tamanha consolação, como o haver iniciado esta gloriosa manifestação, e ter combatido pela grandeza nacional do maior escriptor do meu tempo.

Vozes: — Muito bem.

O sr. Elvino de Brito: — Não desejo discutir o projecto, e pedi a palavra simplesmente para declarar que, não concordando com a doutrina n'elle consignada, voto contra.

Nem a brilhante oração do meu illustre collega e eloquente ora-

dor o sr. Antonio Candido, nem a habil defeza produzida pelo illustre deputado o sr. Franco Castello Branco, poderam demover-me do proposito que sempre tive de não lhe dar o meu voto.

E' possivel que eu não tenha a verdadeira comprehensão da politica e da administração, como o meu amigo o sr. Antonio Candido disse ao sr. Simões Ferreira; mas é em nome da verdadeira politica e da verdadeira administração, como eu as comprehendo, que votei contra a dispensa do regimento para o projecto entrar já em discussão e voto agora contra elle.

E disse.

O sr. Manuel d'Assumpção: — Direi poucas palavras e tão só por me parecer necessario affirmar a idéa que, na commissão de fazenda, determinou a approvação d'este projecto. Claramente o expressei no curto relatorio que redigi; mas as observações dos illustres deputados obrigam-me a declarar de novo perante a camara que no projecto se viu unicamente um ensejo propicio para a nação manifestar pelo voto dos seus representantes o elevado apreço em que tem o talento brilhante de Camillo Castello Branco.

E' a homenagem prestada ao talento e ao trabalho de um escriptor já hoje aureolado por immorredoura e illustre fama; o testemunho de que principia a nação portugueza a não esquecer os seus homens illustres; a affirmação de preito nacional por as nossas modernas glorias. (*Apoiados.*)

Longe estava de imaginar tivesse impugnação o projecto no parlamento; pois n'esta idade alta a que chegámos é tempo já de não trazer a eternidade de Zoilo atrelada á immortalidade de Homero.

Convençamo-nos de que o talento, atravez das luctas cruciantes da vida, acaba por levantar a fronte onde irradia impondo-a á veneração dos novos; e resolvamo-nos a não mais esperar tambem no sepulchro, alanceados pela inveja, os cidadãos illustres de quem a patria ha de orgulhar-se, para só então, calando o tumultuar das paixões, corrermos a levantar estatuas que perpetuem os seus nomes e a nossa ingratidão. (*Apoiados.*)

Ainda ha poucos mezes os redactores de um distincto jornal, publicado em Coimbra, convidaram portuguezes e brazileiros para em original mas gentil plebiscito decidirem qual era actualmente o pri-

meiro escriptor de Portugal; feito o apuramento, foi proclamado Camillo Castello Branco, nome festejado em toda a parte onde é conhecida a lingua portugueza. Orgulhemo-nos com isto.

Eu sei, sr. presidente, que é difficil alcançar justiça dos contemporaneos; especialmente quando as paixões turbam a vista e os ciumes desnorteiam os entendimentos. Difficil, muito difficil, avaliar o trabalho de um homem quando elle está ainda na lucta, e assoberba e affronta os que procuram vencel-o, ou se imaginam superiores. Sempre assim foi; para reconhecer a superioridade do homem a quem o genio illumina a fronte é necessario que a morte o derrube; só então e á vontade se lhe mede a estatura; emquanto afadigado com seus trabalhos e estudos anda na terra, todos se crêem da mesma altura: a estatua avulta depois que está no pedestal. (*Apoiados.*)

Demais, ha tão boas razões para amesquinhar, especialmente quando se trata de trabalhos litterarios; é tão facil, e está tanto na nossa indole, que me parece ficaremos sempre legitimos descendentes d'aquelles que deprimiam Camões para exaltar Caminha. Verdade é que ficou eterno o nome de Camões, e de Caminha já ninguem se lembra. (*Apoiados*).

Respeito muito os moralistas, almas pudibundas que fecham os olhos deante da Magdalena de Canova, e constantemente tremem da influencia nefasta que poetas ou artistas podem ter na sociedade. São de todos os tempos; em Roma applaudiam o desterro de Ovidio; mas emquanto o poeta nas solidões do exilio conquistava a immortalidade, desappareciam no pó do esquecimento todos esses moralistas. (*Apoiados*).

Tacito incommodava; e quando o enorme historiador, que ainda hoje assombra, com o estilete de aço gravava em laminas de bronze a condemnação das tyrannias do seu tempo, havia prudentes que julgavam perigosa a commemoração de taes horrores e talvez o accusassem de calumniar a Nero. (*Apoiados.*)

Sr. presidente, não tenho relações pessoaes com Camillo Castello Branco, nunca tive a honra de lhe fallar; mas li todos os seus livros, todos. E teem-me elles dado tantos momentos de suave entretenimento, tantas horas de instructivo recreio, tantos ensinamentos da historia e vida do meu paiz, tanto contentamento por ver

como *florece, falla e canta* a famosa linguagem de fr. Luiz de Sousa e de Vieira, que o estimo e prezo como se preza e estima um mestre e um bom amigo. Concorrendo hoje com humilde voto para esta manifestação, sinto ufania de que na minha patria haja ainda escriptores de tão subido merecimento.

Não quero amesquinhar ninguem, nem ousaria, insano, deslustrar com palavras a gloria dos que passaram, pois só glorias desejava para a terra onde nasci. Lastimo se não aproveitesse ensejo para se darem iguaes manifestações de consideração publica a Herculano, o grandissimo historiador, e a Castilho, o já immortal poeta ; a culpa não foi nossa nem se nos póde levar em conta. Mas se o pejo nos assòma ás faces, quando-nos recordam como temos sido mesquinhos com os nossos homens illustres, entremos em novos usos, e convençamos os estrangeiros de que Portugal, envergonhado, queimou a enxerga de Camões, e sabe reconhecer e honrar o merito onde elle está ! (*Apoiados.*)

Ainda uma observação. Camillo Castello Branco não precisa de esmolas; tem o seu trabalho honrado. (*Apoiados.*) Se de prompto carecesse realisar a quantia necessaria para os chamados direitos de mercê, bastava-lhe lançar mão da penna, e com duas paginas que escrevesse tinha de sobra que atirar aos cofres do estado.

Tenho dito.

Vozes : — Muito bem.

O sr. Vicente Pinheiro : — Sr. presidente, eu quasi que vou fazer uma simples declaração de que desisto da palavra.

Vejo que felizmente a camara no seu claro entendimento está de bom grado resolvida a approvar o projecto de lei, que me honro de ter assignado.

A sua defeza está feita muito mais brilhantemente do que eu a poderia fazer.

As nações vivem sobretudo pela sua *lingua.*

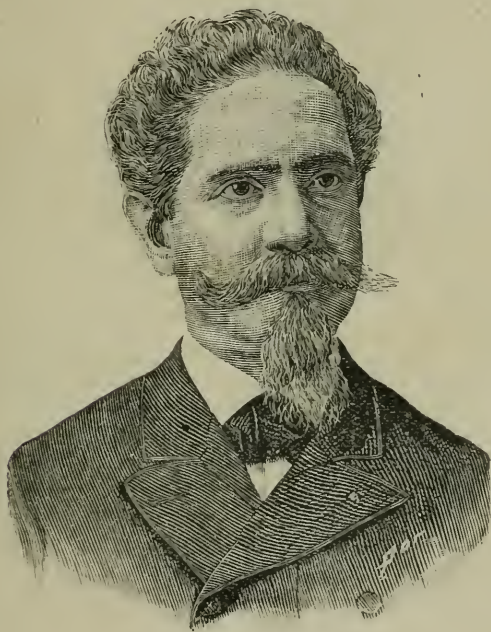
O tempo e as luctas da vida destroem mais facilmente os outros caracteres ethnographicos.

Os povos desapparecem, as raças extinguem-se no transcurso dos seculos, só os monumentos de arte e litteratura que de si souberam legar á humanidade lhes conservam na historia os nomes e os feitos.

Os que vivem estudando e engrandecendo na pureza das suas fórmas, a lingua da patria, são benemeritos.

Tenho concluido.

Vozes: — Muito bem.

O sr. Carrilho — Requeiro a v. ex.ª que consulte a camara sobre se julga sufficientemente discutida a materia d'este projecto.

A. M. Pereira Carrilho

O sr. João Arroyo. — Pedi a v. ex.ª que me inscrevesse sobre o modo de votar, porque a minha qualidade de apresentante do projecto em discussão me impunha o dever de escalar por qualquer

fórma a palavra, depois de votado o requerimento do sr. Carrilho. Só tarde me inscrevi, pois a delicadeza me obrigava a deixar fallar antes de mim os outros signatarios do projecto.

Dr. João Arroyo

A camara acaba de ouvir a sua justificação plena, feita por vozes eloquentes e prestigiosas.

Eu felicito o paiz, e mais particularmente o parlamento portuguez, por ver que no seu seio abundam as intelligencias cultas e os corações prestimosos, promptos a honrar com os fulgores da sua pa-

lavra seductora a obra de Camillo Castello Branco, a maior gloria litteraria portugueza na actualidade.

Vozes: — Muito bem.

(Posto o requerimento do sr. Carrilho á votação, foi approvado; e em seguida a camara approvou o projecto que estava em discussão.)

O sr. Azevedo Castello Branco (Antonio): — Peço a v. ex.ª que consulte a camara sobre se me permitte n'este momento usar da palavra.

(Consultada a camara, resolveu affirmativamente).

O sr. Azevedo Castello Branco (Antonio): — Agradeço a v. ex.ª o ter consultado a camara, e á camara o ter-me concedido a palavra para fallar n'este momento.

Direi muito pouco, pela inconveniencia em prolongar mais o debate. Entretanto, cumpre-me agradecer á camara a subida honra que ao escriptor Camillo Castello Branco, cujo nome e cuja familia tenho a honra de representar n'esta casa, acaba de conferir concedendo-lhe a faculdade de solver por meio d'este projecto de lei o encargo que sobre elle pesaria com o titulo com que a munificencia regia o agraciou.

Devo dizer á camara que estou certo que ao espirito d'aquelle distincto escriptor será tão grata a honra concedida pelo poder moderador, como a que esta camara acaba de lhe dispensar, e que no seu espirito, cheio de tão finas qualidades, ha de certo agradecimento para cada um que empregou a sua iniciativa n'esta obra, e generosidade bastante para esquecer o que de injusto houve nas palavras do sr. Simões Ferreira.

Vozes: — Muito bem.

Faz honra á camara dos pares a maneira por que recebeu e votou o projecto.

N'esta camara nenhuma voz discordante se levantou para discutil-o. Dois pares uzaram da palavra para se congratular com elle, e glorificar Camillo. Todos os outros, dos quaes muitos são titulares, e não poucos representantes da velha fidalguia portugueza, adheriram á iniciativa emanada da outra casa do parlamento, approvando o projecto.

Foi na sessão de 6 de julho d'esse mesmo anno (1885) que entrou em discussão o parecer n.º 83, cujo theor era o seguinte:

«Senhores — A' vossa commissão de fazenda foi presente o projecto n.º 91, vindo da camara dos senhores deputados.

Este projecto tem por fim dispensar o distinctissimo escriptor portuguez, Camillo Castello Branco, do pagamento de direitos correspondentes á mercê do titulo de visconde de Correia Botelho, com que foi agraciado.

Ninguem póde pôr em duvida o merecimento do notavel e fecundo escriptor, e que esta dispensa de direitos devidos á fazenda nada mais é do que a glorificação do talento e do trabalho, e a demonstração de que a graça foi recahir sobre aquelle que consumiu a vida em enriquecer a litteratura portugueza.

N'estes termos a vossa commissão é de parecer que o projecto deve ser approvado.

Sala da commissão, 3 de julho de 1885.—*A. de Serpa — Thomaz de Carvalho—Gomes Lages— Augusto Xavier Palmeirim—Telles de Vasconcellos*, relator.»

Projecto de lei n.º 91

«Artigo 1.º E' dispensado o escriptor portuguez Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello pelo titulo de visconde de Correia Botelho, com que acaba de ser agraciado.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Palacio das côrtes, em 27 de junho de 1885. — *Luiz Frederico de Bivar Gomes da Costa*, presidente — *Augusto Cesar Ferreira de Mesquita*, deputado secretario — *Sebastião Rodrigues Barbosa Centeno,* deputado vice-secretario.

O dr. Thomaz de Carvalho pedira a palavra, e dissera no meio do silencio attentissimo de toda a camara:

«Desejo que este projecto de lei não seja approvado pela camara dos dignos pares do reino como qualquer d'aquelles que nas ultimas sessões são apresentados e discutidos, e quasi sempre votados, perdoe-se-me a palavra, inconscientemente.

Direi apenas duas palavras para significar o meu assentimento ao voto que foi expresso pela camara dos senhores deputados.

De que se trata n'este projecto? Trata-se de galardoar um homem de lettras, cujo nome é considerado por todos e que tem despendido, consumido, por assim dizer, toda a existencia em dotar o paiz com as producções do seu feliz e fecundissimo engenho.

Os parlamentos e os governos honram-se quando praticam actos d'esta ordem, a que não estamos muito acostumados.

Dr. Thomaz de Carvalho

Na outra camara, o sr. Antonio Candido disse os merecimentos do agraciado n'aquella phrase de oiro, que lhe é habitual. Ninguem ignora ser elle um verdadeiro esculptor da palavra, e como tal levantou em alto relevo o vulto litterario do homem que mais tem contribuido n'estes ultimos tempos para o aperfeiçoamento e para o estudo da lingua portugueza.

Este, quanto a mim, é o maior de todos os merecimentos do sr. Camillo Castello Branco.

A muitos parecerá que o projecto de lei constitue uma excepção,

e todas as excepções são odiosas e inconvenientes. Offendem o que nós temos de mais intimo na consciencia, o que mais prezâmos: o sentimento da igualdade. Escuso de citar exemplos a este respeito, porque tinha muitos, mas, como já disse, o meu intuito é que não passe sem a attenção da camara o projecto de que fallo.

Não é uma excepção, antes é o estabelecimento de uma regra, de um principio que poderá servir de precedente para casos similhantes. Significa que a patria não esquece e sabe premiar aquelles de seus filhos, que, pelas suas virtudes, pela sua abenegação, pelo seu engenho e talentos, poderam illustrar e engrandecer o berço onde nasceram. Os que são lidos na historia, e n'esta camara todos o são, sabem que em Athenas havia uma rua chamada das Estatuas, onde o povo grego ia aprender as lições das virtudes civicas n'aquellas representações semivivas dos heroes que serviram e exaltaram a republica.

Já que não podêmos ter uma rua das Estatuas, não regateemos os louvores devidos aos que serviram gentilmente a patria. E' por este sentimento, consagrado no projecto de lei n.º 91, que eu applaudo e louvo o voto da camara dos senhores deputados, e, se me não illudo, conjecturo que a camara dos pares se associará de boa mente ao levantado pensamento que o dictou na outra casa do parlamento.»

Seguiu-se-lhe o visconde de Moreira de Rey, que pronunciou, com igual attenção da camara, estas breves palavras:

«Folgo de me associar tanto ás palavras como ás ideias manifestadas pelo digno par, o sr. Thomaz de Carvalho. Por isso que s. ex.ª disse tudo, apenas me resta accrescentar que sinto que a um cidadão de tanto merito, a um escriptor tão distincto, não tenhamos ensejo de prestar maior testemunho de consideração.»

Em seguida foi o projecto approvado, e assim completou o parlamento portuguez a solemne demonstra-

ção da elevada consideração que lhe merecêra o mais fecundo, vernaculo e elegante escriptor dos nossos dias.

Consummou-se, por intermedio dos representantes do paiz, a mais gloriosa apotheóse, tanto mais gloriosa por ser unica, que Portugal tem dispensado a um dos seus homens mais illustres, a uma das suas maiores notabilidades litterarias.

No *Diario do Governo* de 28 de julho de 1885 foi publicada a carta de lei dispensando Camillo Castello Branco do pagamento de emolumentos, direitos de mercê e sello pelo titulo de visconde de Correia Botelho.

E' referendada pelos srs. Barjona de Freitas e Hintze Ribeiro.

Em outubro de 1888, um jornal do Porto, *O Primeiro de Janeiro,* no seu numero do dia 23, chamava em artigo editorial (que foi escripto por Sousa Viterbo) a attenção publica para a situação difficil em que se encontrava Camillo Castello Branco, privado de trabalhar pela cegueira.

Transcrevo d'esse artigo os seguintes periodos, que lhe resumem o pensamento:

«Citamos o exemplo de A. Augusto d'Aguiar; citaremos um diametralmente opposto, para caracterisar um profundissimo contraste. Se o illustre finado era uma auctoridade scientifica, ninguem dirá que Camillo Castello Branco não seja uma glorificação menos bella da litteratura portugueza. Depois dos tres grandes representantes do moderno movimento litterario de Portugal, ninguem tem

contribuido como elle para affirmar a riqueza, a graça, a originalidade, a malleabilidade pittoresca do nosso idioma. Ha quarenta annos que o seu espirito em plena efflorescencia tem rivalisado continuamente comsigo proprio, porque os que tentam tomar-lhe a deanteira ou igualar-lhe o passo caem desfallecidos a meio do caminho. Das dezenas e dezenas de volumes que formam a bagagem litteraria de Camillo Castello Branco nem tudo passará pela joeira d'uma critica elevada, mas quantas obras primas, quantas creações primorosas não ficarão a estrellejar a sua radiante corôa de gloria!

«Hoje o athleta está caido, fulminado pela doença, mais prostrado pela fadiga de que pelos annos. E' o inevitavel esgotamento de forças de quem tanto prodigalisou o seu talento, durante cêrca de meio seculo. Se se chamasse um calligrapho, um d'esses *scriptores* da idade-media e lhe dissessem — copía os duzentos volumes, que esse escriptor prodigioso extraiu do seu cerebro e confiou ao prelo — o copista teria desanimado deante de tão extraordinaria empreza. Pois Camillo não só foi o artista admiravel e fecundissimo, não só foi a mina d'onde se extrairam tantos diamantes: foi tambem o mineiro, foi tambem o lapidario. O trabalhador do espirito e o trabalhador material consociaram-se n'uma unica entidade e essa entidade phenomenal é o romancista que poz á testa d'um de seus livros este titulo interrogativo: «Onde está a felicidade?», de que talvez nunca recebesse resposta.

«Afastado das lides politicas, entregue unicamente aos seus labores litterarios, batendo-se em polemicas encarniçadas, que tantos desgostos lhe causaram, susceptivel como planta de estufa, agreste por vezes como os arbustos das montanhas, onde elle brincou em pequeno, Camillo Castello Branco presou sempre a sua liberdade e nunca se arregimentou disciplinarmente em nenhum partido. Elle despresou a politica e a politica pagou-lhe na mesma moeda. Os estadistas portuguezes ainda não encontraram em Camillo Castello Branco a capacidade sufficiente para o investirem em qualquer cargo publico. A phantasia dos nossos ministros julgou que excederia todos os limites da imaginação humana se inventasse qualquer commissão litteraria, de que podesse incumbir honrosa e dignamente o nosso primeiro homem de lettras. Ha tanto insignificante

entretido n'este suavissimo ganha-pão que seria talvez vergonha enfileirar Camillo no numero dos eleitos.»

Um anno depois o gabinete progressista levou á camara uma proposta de lei, confirmando uma pensão ao filho mais velho de Camillo, como amparo indirecto ao pae, subsidio ás suas despezas de alimentação e tratamento clinico, e ainda como garantia ao futuro do pobre moço, incapaz de trabalhar.

Na sessão da camara dos deputados, de 4 de junho de 1889, o sr. Pereira Carrilho, tendo pedido a palavra, disse:

O SR. CARRILHO: — Por parte da commissão de fazenda mando para a meza o parecer da mesma commissão, sobre a proposta de lei que concede uma pensão ao filho do sr. visconde de Correia Botelho.

A commissão entendeu que devia addicionar á proposta governamental, o seguinte:

«A pensão de que trata esta lei é isenta do pagamento de quaesquer impostos e será abonada desde a data do decreto que a concedeu, ao visconde de Correia Botelho, emquanto vivo for.»

Peço a v. ex.ª que consulte a camara sobre se dispensa o regimento, para que este parecer entre desde já em discussão.

Consultada a camara, resolveu affirmativamente.

Leu-se o seguinte:

Projecto de lei n.º 38

Senhores. — A vossa commissão de fazenda não póde deixar de applaudir o decreto de 23 de março ultimo, tendente a dar uma de-

monstração de reconhecimento nacional pelos revelantissimos serviços prestados ás lettras patrias por Camillo Castello Branco.

Applaudindo, pois, esse decreto, a vossa commissão entende que a pensão deve ser paga ao visconde de Correia Botelho, emquanto vivo for, e isenta de quaesquer impostos, no que concordou o governo, e por isso submette á vossa approvação o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' approvado o decreto de 23 de maio de 1889, pelo qual, em reconhecimento publico dos relevantissimos serviços prestados ás lettras patrias pelo visconde de Correia Botelho (Camillo Castello Branco), é concedida a seu filho Jorge Camillo Castello Branco a pensão annual e vitalicia de 1:000$000 réis.

§ unico. A pensão de que trata esta lei é isenta do pagamento de quaesquer impostos, e será abonada, desde a data do decreto que a concedeu, ao visconde de Correia Botelho, emquanto vivo for.

Art. 2.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

Sala da commissão, aos 3 de junho de 1889. —*José Dias Ferreira* (vencido)—*A. Fonseca*—*Marianno de Carvalho*— *Marianno Prezado*—*José Frederico Laranjo*—*F. Mattozo Santos*—*Antonio Eduardo Villaça* — *Elvino de Brito* — *Emygdio Navarro* — *A. Baptista de Sousa* — *Carlos Lobo d'Avila* — *Antonio M. P. Carrilho*, relator.

N.º 34 — D

Senhores. — Os incontestaveis e relevantissimos serviços prestados ás lettras patrias pelo visconde de Correia Botelho determinaram o governo a conceder-lhe, na pessoa do filho do mesmo notavel escriptor, Jorge Camillo Castello Branco, a pensão annual de réis 1:000$000, como prova de gratidão nacional.

Ouvidos o procurador geral da corôa e o supremo tribunal administrativo, em conformidade da lei, foram de parecer que era justa a resolução do governo, e em harmonia com as respectivas consultas, e nos termos do § 1.º do artigo 4.º da lei de 11 de junho de 1867 tem o governo a honra de submetter á vossa approvação a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º E' approvado o decreto de 23 de maio de 1889, pelo qual, em reconhecimento publico dos relevantes serviços prestados ás lettras patrias pelo visconde de Correia Botelho (Camillo Castello Branco), é concedida a seu filho Jorge Camillo Castello Branco a pensão annual e vitalicia de 1:000$000 réis.

§ unico. O vencimento da pensão de que trata esta lei contar-se-ha da data do decreto que a concede.

Art. 2.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

Ministerio dos negocios da fazenda, aos 3 de junho de 1889. — *José Luciano de Castro — Henrique de Barros Gomes.*

O sr. Presidente: — Está em discussão na generalidade e na especialidade.

O sr. Arroyo: — Sr. presidente, está em discussão o projecto que estabelece, como uma demonstração de respeito e admiração nacional pela grande obra litteraria de Camillo Castello Branco, uma pensão a seu filho Jorge.

Pelos meus antecedentes parlamentares, relativamente á personalidade litteraria de que se trata, v. ex.ª poderá bem suppor que eu não pedi a palavra n'este momento para impugnar o parecer da commissão. Pelo contrario, eu penso que este projecto é d'aquelles que nem debate devem ter. *(Apoiados.)*

Sr. presidente, eu propuz em tempo, e foi approvado, apesar de algumas pequenas divergencias que n'essa occasião se levantaram na camara, que Camillo Castello Branco fosse dispensado do pagamento de quaesquer direitos, pela concessão a elle feita do titulo de visconde de Correia Botelho.

E' claro, pois, que mantenho hoje a mesma linha de admiração e de respeito pelo distincto escriptor, e creio que n'este momento fallo tambem em nome da consciencia de toda a camara que certamente deve sentir-se ufana por poder glorificar em vida a obra d'aquelle homem, que é uma gloria nacional.

Proponho, por isso, sem me alargar em mais considerações, que a camara vote este projecto por acclamação. *(Apoiados geraes.)*

O sr. Carlos Lobo d'Avila: — Desejo simplesmente declarar que tendo sido tambem um dos signatarios do projecto votado n'esta ca-

mara, por acclamação, para ser dispensado Camillo Castello Branco do pagamento de direitos de mercê, devidos pelo titulo que lhe foi concedido, não podia deixar de manifestar hoje o mesmo sentimento de profunda admiração por essa gloria litteraria portugueza, associando-me inteiramente á proposta apresentada pelo sr. Arroyo.

Creio que toda a camara a votará tambem como testemunho da sua sincera admiração por aquelle nome, que constitue, como já disse, uma verdadeira gloria nacional. (*Apoiados.*)

Vozes: — Muito bem.

O sr. Pinheiro Chagas: — V. ex.ª comprehende que, depois das manifestações feitas pelos dois illustres deputados que me precederam e que são dos maiores talentos d'esta camara, inutil seria vir eu accrescentar qualquer cousa que significasse homenagem a um dos mais nobres talentos, a uma das mais elevadas intelligencias que Portugal tem produzido n'este seculo. (*Muitos apoiados.*)

Seria isso inutil, porque inuteis são os elogios perante a grande individualidade de Camillo Castello Branco, que tem na admiração de todo o Portugal, como na de todos que fallam a lingua portugueza em qualquer ponto do mundo, a mais segura apotheóse.

Pinheiro Chagas

E é por isso, sr. presidente, que eu folgo de que o parlamento comprehendesse que devia dar uma recompensa nacional ao homem que prestou tão altos serviços a este paiz, purificando a lingua portugueza no cadinho da sua obra immortal. Folgo tanto mais, quanto posso dizer, eu que sou infimo e obscuro companheiro das lides litterarias de Camillo Castello Branco, e que, como elle, devo unicamente á penna o meu sustento e o da minha familia, que é honroso para a camara portugueza o tomar esta deliberação, que aliás seria dispensavel, se em Portugal nós, os escriptores, encontrassemos, como os escriptores inglezes, francezes e outros, sufficiente recompensa para o nosso trabalho no producto das nossas obras; mas infelizmente o mais vasto mercado litterario de Portugal, o Brazil, está completamente fechado.

E vem a proposito lembrar, que já o grande escriptor Alexandre

Herculano dizia em tempo, que a falta de mercados para os nossos livros devia ser indemnisada por meio de recompensas nacionaes.

E' pois esta a primeira vez que se observa a palavra do grande escriptor, e eu folgo sinceramente que a camara cumpra esse dever, exaltando-se a si e ao paiz, na homenagem que presta á mais nobre gloria litteraria que Portugal tem tido.

Vozes: — Muito bem.

O projecto foi approvado.

Trez dias depois, em 7 de junho, entrava o projecto em discussão na camara dos pares do reino.

O sr. Antonio de Serpa: — Mando para a meza um parecer da commissão de fazenda.

O sr. Thomaz Ribeiro: — V. ex.ª tem a bondade de dizer-me se o parecer apresentado pelo sr. Antonio de Serpa se refere a uma pensão ao filho do visconde de Correia Botelho?

O sr. Presidente: — Sim, senhor.

O sr. Thomaz Ribeiro: — N'esse caso peço a v. ex.ª que me consinta formular desde já um requerimento.

Este projecto de lei, que já foi approvado na camara dos senhores deputados, honra o governo que o propôz, e o parlamento que o vota. Quando se trata de pagar uma divida sagrada, quando se trata de acudir a um grande infortunio que feriu um dos mais eminentes escriptores do nosso paiz, um homem que vive como se estivera morto, jazendo dentro de si mesmo como n'um lobrego sepulchro, parece-me que a camara se honra e se nobilita votando, já, esse parecer por acclamação, sem aguardar quaesquer formalidades regimentaes. (*Apoiados.*)

Thomaz Ribeiro

Assim se fez na camara dos senhores deputados, assim devemos proceder nós.

A unica resposta ao parecer agora apresentado é levantarmo-nos todos em continencia deante de uma grande gloria que passa, entenebrecida por uma grandissima desgraça. (*Muitos apoiados.*)

O SR. PRESIDENTE: — A camara ouviu o requerimento do sr. Thomaz Ribeiro. Vou pol-o á votação, na conformidade do regimento.

Os dignos pares que entendem que a materia do parecer é urgente

e que se deve tratar d'elle desde já, tenham a bondade de se levantar.

Foi approvado o requerimento, entrando logo em discussão o projecto seguinte, que foi approvado por acclamação.

Parecer n.º 250

Senhores. — Se ha gloria invejavel e pura é a da sciencia e das lettras.

N'esta epocha de exaggerado realismo, que atravessamos, é dever dos poderes publicos considerar a sciencia, a arte e as lettras nos homens que representam alguma d'estas que são as mais bellas manifestações do espirito humano.

Se n'esta lucta, ás vezes baixa e odiosa, dos interesses pessoaes, que substituiu no nosso tempo a lucta das crenças e das paixões desinteressadas, a victoria cabe muitas vezes aos menos dignos, cumpre ao legislador, não diremos já emendar completamente a injustiça social, porque isso excede, por emquanto, as suas faculdades, mas procurar reparal-a quanto possivel.

E' com estes fundamentos, que sabeis de certo apreciar, que a vossa commissão de fazenda vos propõe que approveis o projecto de lei vindo da outra camara, nos seguintes termos:

Artigo 1.º E' approvado o decreto de 23 de maio de 1889, pelo qual, em reconhecimento publico dos relevantissimos serviços prestados ás lettras patrias pelo visconde de Correia Botelho (Camillo Castello Branco), é concedida a seu filho Jorge Camillo Castello Branco, a pensão annual e vitalicia de 1:000$000 réis.

§ unico. A pensão de que trata esta lei é isenta do pagamento de quaesquer impostos, e será abonada desde a data do decreto que a concedeu, ao visconde de Correia Botelho, emquanto vivo fôr.

Art. 2.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

Sala da commissão, em 6 de junho de 1889. — *A. de Serpa — Conde de Castro — Visconde de Bivar — Barros e Sá — Pereira de Miranda — Manoel Antonio de Seixas — Hintze Ribeiro.*

Projecto de lei n.º 204

Artigo 1.º E' approvado o decreto de 23 de maio de 1889, pelo qual em reconhecimento publico dos relevantissimos serviços prestados ás lettras patrias pelo visconde de Correia Botelho (Camillo Castello Branco), é concedida a seu filho Jorge Camillo Castello Branco a pensão annual e vitalicia de 1:000$000 réis.

§ unico. A pensão de que trata esta lei é isenta do pagamento de quaesquer impostos e será abonada, desde a data do decreto que a concedeu, ao visconde de Correia Botelho, emquanto vivo fôr.

Art. 2.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

Palacio das côrtes, em 4 de junho de 1889. — *Francisco de Barros Coelho e Campos*, presidente — *Francisco José de Medeiros*, deputado secretario — *José Maria de Alpoim de Cerqueira Borges Cabral*, deputado secretario.

Trecho de um discurso de Thomaz Ribeiro, proferido na sessão da camara dos pares do reino em 17 de fevereiro de 1888, por occasião da discussão sobre a resposta ao discurso da corôa:

«Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho, gloria reconhecida e proclamada, até pelos poderes publicos de Portugal, que tornaram unico o titulo que El-Rei lhe conferiu, vae perdendo a luz dos seus olhos, que tanto sabiam ver. Façamos votos fervorosos para que Deus o preserve do horror das trevas, cuja invasão crescente o atemorisa e atormenta. Apraz-me aqui proferir o seu nome porque sei que será do agrado da camara que eu o recorde, (*Apoiados*) e sei tambem que Sua Magestade, homem de lettras distinctissimo, ha de estimar que se associem ao seu nome estes nomes, e estes votos aos votos que se fazem pela sua saude e felicidade.

«El-Rei é tambem um distinctissimo homem de lettras e seu desvelado protector, (*Apoiados*) e aos homens de lettras honra-se de os honrar. (*Apoiados.*)

«A' vida e prosperidade das nossas grandes glorias, de qualquer natureza que sejam, não póde ser indifferente o parlamento portuguez. (*Apoiados.*)»

Sociedade Camillo Castello Branco.—«Installou-se na rua do Mousinho da Silveira a Sociedade denominada Camillo Castello Branco.

«Na reunião realisada ultimamente, resolveu-se entre outros assumptos relativos á mesma Sociedade, dirigir ao eminente escriptor uma mensagem de agradecimento pela prompta annuencia dada por s. ex.ª para que a Sociedade podesse usar do seu nome; leu-se em seguida a carta de annuencia enviada pela esposa d'aquelle cavalheiro e determinou-se que uma commissão fosse, em nome da Sociedade, agradecer ao sr. Eduardo da Costa Santos a intervenção que tomou n'este assumpto.

«A eleição a que se procedeu para os corpos gerentes recahiu nos seguintes senhores:

«Direcção — Presidente, José Joaquim Dias; vice-presidente, Manuel Rodrigues Ferreira Marques; 1.º secretario, A. J. da Cunha; 2.º dito, José Pedro da Silva Moreira; thesoureiro, Augusto Leite Carlos; directores, Antonio José Alves Braga, Antonio Sarmento Pereira, Avelino José da Silva Soares, Gaspar Nogueira de Araujo, Francisco Affonso Henriques, Manuel Damazio de Sousa Oliveira, Manuel de Almeida Figueiredo, João Joaquim Ferreira Marques, João Magalhães Junior, José da Rocha Freitas, Joaquim Fernandes das Neves e Jeronymo de Azevedo.»

(*Commercio do Porto*, n.º 4 de fevereiro de 1888.)

*

* *

Em 16 de março de 1887, por occasião do anniversario natalicio de Camillo, *A Alvorada*, revista mensal, litteraria e scientifica, publicou um numero commemorativo.

Um grupo de considerados escriptores collaborou n'esse numero, que abrange 12 paginas, e estampa um bello retrato de Camillo.

*

* *

Em 16 de março de 1889, o *Imparcial,* de Lisboa, tambem publicou um numero commemorativo, com o retrato de Camillo.

São d'este jornal as transcripções que vamos fazer:

«Grande numero de admiradores de Camillo Castello Branco concorreram á casa n.º 26 da rua Capello, para saudarem o eminente escriptor portuguez.

«Infelizmente, porém, o grande homem de lettras não os poude receber em rasão do seu precario estado de saude; mas sua esposa, a ex.ma viscondessa de Correia Botelho a todos tratou com a affabilidade e lhaneza que lhe é peculiar.

«Deputações dos alumnos das differentes escolas superiores, do Lyceu, representantes de tudo quanto ha de mais distincto no mundo das lettras e da arte acudiram a casa do mestre a render-lhe o preito da sua admiração, etc.»

*

* *

«Ao distinctissimo escriptor Camillo Castello Branco foi entregue uma corôa de louro e flores acompanhada da seguinte mensagem:

«Alguns trabalhadores, a quem os livros de Camillo Castello Branco tem servido de estimulo e consolação, saudam hoje o Mestre, o grande artista da litteratura portugueza.

«Lisboa, 16 de março de 1889.

«João de Deus, Marcelino de Mesquita, Augusto de Lacerda, José Barbosa Colen, Abel Acacio Bastos, José Malhôa, João Vaz, Manuel da Silva Gayo, Alberto Braga, Gualdino Gomes, Fernando Leal, Silva Lisboa, Carlos Reis, Magalhães Lima, Antonio Alberto Nunes, Julião Machado, Antonio Carvalho da Silva Porto, Antonio Martins, Anselmo de Andrade, José Maria d'Alpoim, Alfredo Cesar Brandão, José Timotheo da Silva Bastos, Carlos Lobo d'Avila, Bernardo Pinheiro de Pindella, Joaquim Tello, Sebastião de Souza Dantas Baracho, Emygdio Navarro, Adolpho Cesar de Medeiros Greno, Garcia Greno, Antonio Ramalho, M. Gustavo Bordallo Pinheiro, Narciso de Lacerda, Antonio Ennes, Columbano Bordallo Pinheiro, Raphael Bordallo Pinheiro, Alfredo Keil, Francisco Villaça, J. M. Rato Junior, Marianno Pina, João Chagas, Luiz Arthur Cardoso, Simões d'Almeida, João Sincero, Monteiro Ramalho.»

*

* *

«Foi tambem entregue ao grande escriptor uma corôa de louros com largas fitas de seda côr de rosa desmaiada com a seguinte inscripção em lettras de ouro:

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Os estudantes da Academia de Bellas Artes

«Acompanha essa corôa a seguinte mensagem assignada pelos alumnos da Academia:

Ao genial escriptor Camillo Castello Branco, — a maior gloria portugueza, — felicitam pelo seu anniversario, os alumnos da Eschola de Bellas Artes de Lisboa.

«Eschola de Bellas Artes de Lisboa, 16 de março de 1889.

«Narciso Pereira Cabral, Felix Antonio do Amaral, Jorge Augusto Pereira, Arthur Jayme Vicenso May, José Alexandre Soares, Matheus de Menezes Forte, Hermenegildo Pereira Simões, Francisco N. Quental, João José Ferreira, Augusto P. Correia Brandão, Miguel Torre do Valle Queriol, José Justiniano Salazar, Pedro Correia Fascio, Henrique Villar, João Ferreira da Costa, Eduardo Augusto Sotto Mayor, Francisco Carlos Parente, Guilherme d'Oliveira, José Antonio dos Santos Junior, Julio Peres de Castro, José Antonio Jorge Pinto, B. Antonio Ceia, Ernesto Julio Negrier, A. Silva, Antonio Ezequiel Pereira, Leonel Gaio, Miguel d'Oliveira, Abel d'Assumpção, Augusto C. Pina, Antonio Augusto da Costa Motta, Manuel Antonio Pinto Guimarães, Carlos Reis, José Carlos Aranha Gonçalves, Adolpho Rodrigues, Joaquim da Fonseca de Lemos e Napoles.

«Eschola de Bellas Artes de Lisboa, 16 de março de 1889.»

Assim honrou a patria aquelle a quem o talento, o trabalho, o estudo, o saber e o infortunio tornaram benemerito e immortal.

*

* *

Não omittiremos n'este capitulo uma nota, que representa tambem uma glorificação da dignidade pessoal do escriptor.

No *Diario Illustrado,* de 28 de abril de 1890, lia-se o seguinte:

«Informa um jornal de Villa Nova de Famalicão, que o glorioso escriptor contratou com um editor do Porto a publicação de dois romances e um outro livro relativo á questão com a Inglaterra.

«E accrescenta a proposito do secretario de Camillo, a quem a perda da vista obriga a não poder dispensar o ajudante:

«O secretario de Camillo, em grande parte das vezes, é o Carvalho de S. Paulo, um rapaz por quem o glorioso escriptor tem muita sympathia.

«Ora succede que Carvalho como orthographista não merece grande confiança ao nosso litterato e por isso elle ao dictar, quando se serve de termos em que não julga o Carvalho muito sabido, manda-o escrever lettra por lettra e vae-lhe indicando aquellas que tem de empregar.

«Já se vê que o Carvalho arrelia com estas duvidas postas aos seus meritos, mas afinal dá-se por bem compensado em ser o secretario do egregio escriptor portuguez.»

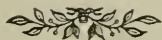
Poucos dias depois o *Primeiro de Janeiro* desmentia categoricamente aquella noticia:

«Meu presado Oliveira Ramos:

«Alguns jornaes transcreveram de uma folha periodica de Famalicão, a meu respeito, uma noticia inexacta. Não contratei com algum editor a publicação de livros novos. Em cousas de litteratura, deve fallar-se de mim como se falla de um escriptor morto. Logo que eu acceitei do Estado uma pensão, é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa independencia de 40 annos. Ceguei na lucta e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a futuros escriptores.

De v. etc.

S. C. — S. Miguel de
Seide, 30-5-90.

Camillo Castello Branco.»

XVIII

ULTIMO ACTO

> «O suicidio é-me ideia tão habitual que já nem poesia nem grandeza tem para mim.»
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO. — MEMORIAS DO CARCERE, *conversação preliminar.*

FOI desde verdes annos sympathica e familiar a Camillo Castello Branco a ideia do suicidio. O romantismo, que tão profundas raizes deixára no espirito dos que o abraçaram, porque era uma escola de convicção e não de convenção, como outras que teem apparecido depois, estabelecêra uma corrente que poetisava o suicidio, exemplificado em modelos que arrastavam a imaginação. O poeta inglez Chatterton fôra um dos exemplares que maior sensa-

ção produziram. Alfredo de Vigny, pondo-o em scena, dramatisára o suicidio com um éxito de fascinação só comparavel ao que o allemão Schiller havia obtido, no theatro de Manheim, com a representação dos *Salteadores*. Camillo, um romantico vibrante, fôra bem um homem do seu tempo, uma alma que caracterisa uma litteratura. Todas as correntes da sua epocha encontraram repercussão no seu espirito vivamente impressionista e, como tal, variavel algumas vezes.

Já vimos que em 1847 estivera a ponto de suicidarse ([1]). Era a sazão do romantismo. Depois, durante a breve phase theologica da sua vida, combatêra o suicidio ([2]). A sazão da theologia fôra ephemera, passára. O romantismo, uma tendencia inveterada, resurgira e com ella os desalentos que lhe eram proprios. O *Canto do suicida*, a *Harpa do sceptico* são a exaggeração romantica de desgostos amorosos, certamente. *Chaque siècle a son tour d'esprit,* disse Fontenelle, e trez quartas partes do seculo XIX foram romanticas.

Os ultimos vinte annos da vida de Camillo teem de ser estudados á luz da psychologia morbida. E' um ponto de vista quo o dr. Lélut accentuou demonstrando que as allucinações são peculiares aos homens de genio. E' verdade que já Aristoteles tinha notado que os grandes philosophos, os grandes politicos, os grandes poetas e os grandes artistas eram *melancolicos*. Para este famoso mestre da antiguidade não ha-

(1) Capitulo IX, d'este livro.
(2) HORAS DE PAZ, cap. IV.

via grande espirito sem um *dx* de loucura. Horacio tinha-se referido ao *genus irritabile vatum*. O dr. Moreau, tambem medico em Bicêtre como Lélut, chegou á conclusão de que o genio é uma nevrose. Em 1864, n'esta ordem de ideias, Emilio Deschanel publicou a *Physiologie des écrivains et des artistes*, e em 1870 o professor de philosophia Emmanuel Chauvette completava a theoria das allucinações de Lélut, estabelecendo que os homens de genio padeciam allucinações de origem psychologica, ao passo que os *outros doentes* apenas soffriam allucinações de origem physiologica.

O temperamento de Camillo, que eu estudei no livro *Nervosos, lymphaticos e sanguineos*, a que elle proprio se referiu na ESPADA DE ALEXANDRE, as prolongadas emoções da sua diuturna profissão de homem de lettras, a velhice, com o seu cortejo de achaques e desalentos deram ao espirito de Camillo essa feição de melancolia pathologica, que era a caracteristica dos seus ultimos annos. Camillo, sob o ponto de vista nevropatha, é um doente muito similhante a Pascal.

Foi então que a ideia do suicidio jámais lhe deu tréguas ao espirito. A vida affigurava-se lhe dura e inutil. Era o *demonio* de Socrates, eram os *dragões* de madame de Staël que lhe preavam a alma atormentada.

Em 1864 escrevia no AMOR DE SALVAÇÃO:

«Eu homem sem familia, sem mão amiga n'este mundo, ha trinta annos sósinho, sem reminiscencias de caricias maternaes, bemquisto

apenas d'uns cães, que pareciam amar-me com a clausula de eu os sustentar e agasalhar... eu, vendo-me com lagrimas na minha sombra, assim me fôra a contemplar a felicidade alheia pelas chans e outeiros do devoto Minho.»

Em 1872 fallava do suicidio no LIVRO DE CONSOLAÇÃO:

«... implorando á sua desgraça a coragem do suicidio. A coragem! Porque não hei de, acostado a moralistas de grande tomo, chamar-lhe antes cobardia? E' porque ha mister enorme coração quem dentro d'elle se abre um tumulo. E' porque vae esforçada valentia n'isto de um infeliz se anniquilar com a certesa de que em vez de lagrimas, lhe pesará sobre a memoria a censura dos felizes, o horror dos espiritualistas catholicos, e a nota da demencia — suprema injuria a essas pobres almas que a divina justiça não mandaria ás penas eternas sem lhes descontar os terribilissimos paroxismos, aquelle tormentoso debaterem-se nas prezas da desgraça, aquelle relanço d'olhos ao ceu e o grito d'alma n'esta dilacerante pergunta: Quando te pedi eu a vida, ó Creador?»

S. Miguel de Seide, a casa rodeiada de pinhaes gementes, como elle diz no AMOR DE SALVAÇÃO, o scenario melancolico da sua Thebaida, não abria clareira á tristeza doentia de Camillo. Concentrava-se apenas nas suas memorias, porque a velhice é a idade das memorias, como notou Deschanel. Se fugia d'alli, procurando espavorir os *dragões* que o perseguiam, tanto como a madame de Staël, se visitava o Bom Jesus do Monte, Guimarães, Villa Real, o Porto, não encontrava senão recordações saudosas do passado, ruinas do tempo, cinzas dos outros e de si mesmo. Re-

fugia mais triste, mais doente, mais allucinado. E então o desalento, o desanimo levava-o a fazer a apotheóse do suicidio, como nas HORAS DE LUCTA:

«A vida dos desgraçados irremediaveis seria um perfido escarneo do Creador, se o suicidio lhes fosse defezo.»

«Quando confronto a minha cobardia com as tentações redemptoras do suicidio, então comprehendo a grandeza de animo dos que se matam.»

«Invectivar de covarde o suicida é escarrar na face de um morto. Não se pode ser mais cruel nem mais infame.»

«Um dos canticos do *Inferno* do Dante é um poema de lagrimas. São os suicidas que passam gementes.»

«Se a alma do suicida podesse subir á presença de Deus, a divina Magestade esconderia a face envergonhada ou condoida da sua obra; porque o suicida lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno?» — *Quare de vulva aduxisti me?*»

Tal era o declinar de um homem, que padecia a nevrose do genio.

Foi na tarde de domingo 1 de junho de 1890, pelas tres horas e um quarto, que Camillo Castello Branco attentou contra a existencia com um tiro de rewolver, na sua casa de S. Miguel de Seide, vindo a fallecer ás cinco horas.

E' aos jornaes de Lisboa e Porto que vamos procurar as noticias, ainda palpitantes de commoção, da terrivel tragedia, que anniquilou o grande escriptor. Abstemo-nos de commentarios, que poderiam prejudicar a effusão dolorosa que vibra em todas essas informações rapidamente escriptas.

Telegrammas publicados pelo *Diario Illustrado* no dia 2 de junho:

Famalicão, 1, ás 8 h. e 17 m. n. — Ao *Diario Illustrado*, Lisboa.
Suicidou-se esta tarde dando um tiro n'um ouvido Camillo Castello Branco.
A noticia espalhou-se logo, sendo geral a consternação.

(*Correspondente*).

Porto, 1, ás 9 h. 26 m. t. — Ao *Diario Illustrado*, Lisboa.
Dizem de Famalicão que Camillo Castello Branco n'um accesso de desespero suicidou-se dando um tiro na cabeça.

R.

Telegramma publicado pelo *Seculo*, no mesmo dia:

Porto, 1, ás 10 h. e 25 m. n. — *Seculo*, Lisboa. — Morreu o illustre romancista Camillo Castello Branco. Sabe-se a tortura continua em que vivia por causa dos seus padecimentos. Hoje, pelas seis horas da tarde, n'um momento de desespero, desfechou um tiro no ouvido, sobrevivendo apenas poucas horas ao ferimento. A noticia espalhada aqui rapidamente, tem produzido geral consternação. — *Martins*.

Do *Correio da Manhã*, de 4 de junho:

Porto, 2. — O grande escriptor disparou o tiro na cabeça ás 3 horas e um quarto da tarde. Caiu logo em estado comatoso, e ás 5 horas succumbiu. O medico Ferreira, de Santo Thyrso, affirma que a bala fôra quasi até á extremidade do lado opposto.

*

«Camillo pedira em tempo a Freitas Fortuna para ser enterrado no jazigo d'elle chegando até a entregar-lhe um documento redigido n'este sentido.

*

«Camillo Castello Branco tinha ha muito concebido o projecto sinistro que tão tristemente pôz em pratica em S. Miguel de Seide.

«Da ultima vez que esteve em Lisboa desejou possuir um rewolver. A esposa quiz dissuadir Camillo de similhante pretenção. Nem ella nem alguns amigos do grande escriptor, a quem pediu auxilio, conseguiram demovel-o.

«Foram forçados a dar-lhe o rewolver, mas obtiveram umas capsulas fingidas, completamente inoffensivas, com que carregaram a arma.

«Um dia Camillo lembrou-se de experimentar o rewolver. Novo susto de D. Anna Placido, que via desfeito o seu artificio das capsulas falsas.

«Camillo teimou, como elle costumava teimar, e momentos depois disparára para o tecto do quarto onde estava o rewolver.

«Em seguida, com a pouca vista que conservava, procurou saber o effeito da bala, tendo logo rebate de que o pretendiam lograr.

«— A bala não furou o tecto!

«— Furou-o, lá está bem visivel o buraco.

«— Mas não cahiu caliça alguma...

«— Nem admira, visto o alcance que tem esse rewolver. O buraco lá está, bem redondo. Não o pódes vêr porque este quarto tem umas paredes muito altas.

Antes do suicidio

«Camillo Castello Branco tinha cahido ultimamente n'uma grande prostração de espirito. Tinha comprehendido finalmente que a sua cegueira era irremediavel e aquelle grande espirito sentiu-se impotente para arrostar com tamanha desventura. A ideia do suicidio, que alimentava ha muito, tomou no seu espirito o predominio fa-

tal, depois d'uma conferencia que ante-hontem teve com o distincto clinico e notavel especialista de molestias de olhos, dr. Edmundo Machado, de Aveiro.

«Ao principio aquelle facultativo aconselhou a Camillo Castello Branco que fosse algum tempo para Aveiro, ideia que o grande romancista acolheu cheio de jubilo. Em seguida, parece que depois de segundo exame aos olhos do enfermo, o distincto medico mudou de opinião.

«— Olhe, Camillo. Parece-me que não faria peior, indo para o Gerez. Sua esposa acompanhava-o e podia tambem aproveitar com o uso das aguas.

«Immediatamente a fronte de Camillo, pouco antes illuminada pela esperança, sombreou-se, e foi com a voz repassada de verdadeira angustia que elle respondeu ao dr. Machado:

«— Pois, sim, irei.

«Houve as despedidas, e Camillo teimou com sua esposa para que acompanhasse até ao pateo o dr. Machado.

«Nem ella nem o facultativo tiveram a menor suspeita da sinistra resolução que Camillo tomára n'esse momento de desespero, projecto tanto mais terrivel quanto a serenidade do rosto occultava a lucta que ia no coração d'esse grande desgraçado.

«D. Anna Placido e o dr. Edmundo Machado sahiram do quarto e dava-se d'ahi a momentos

O suicidio

«Camillo ficou sentado na sua cadeira de balanço, uma cadeira singella onde n'estes ultimos tempos elle passava longas horas alheiado, n'uma concentração profunda, que muitas vezes não conseguia quebrar a voz carinhosa e doce da esposa, a sua disvelladissima enfermeira.

«De subito ouviu-se um tiro e, allucinada, a esposa correu para o quarto, vindo encontrar Camillo Castello Branco ainda sentado na cadeira, com a cabeça pendida para o chão, os braços cahidos sobre o peito. Da fonte direita corria um grosso fio de sangue que empapava a roupa do suicida.

«Camillo desfechára um tiro de rewolver no parietal direito, indo o projectil encostar-se ao osso do lado esquerdo.

«Para ter a certeza de que o tiro não falharia, com receio de que a pontaria se desviasse n'esse fatal momento, Camillo segurou o rewolver com a mão esquerda, depois de apoiar o cano na fonte, e com a direita fez partir a bala que lhe havia de dar esse socego eterno, que tanto parecia desejar, vendo findas para elle as alegrias mundanas!

«Em virtude da explosão da capsula, ficou chamuscada a mão esquerda.

«Este singular drama dava-se ás 3 horas e 15 minutos da tarde de domingo. Camillo Castello Branco nunca mais fallou, e ás 5 horas rendia o ultimo suspiro sem o soccorro da religião, porque não foi possivel encontrar o sacerdote que lhe devia prestar esse piedoso dever.»

Porto, 3, ás 10 h. 30 m. n. — Ao *Correio da Manhã* — Lisboa.

«Chegou no comboyo do Minho das 6 horas o cadaver de Camillo. Na gare esperavam-n'o quando muito cem pessoas, entre ellas o conego Alves Mendes, padre Sebastião Leite, editor Costa Santos.

«Freitas Fortuna acompanhou o cadaver.

«O athaúde foi transportado para a egreja da Lapa. Levava cinco corôas.

«O cortejo era composto apenas de 18 trens e atravessou a cidade no meio da indifferença geral e quasi despercebido.

«Não compareceu um unico escriptor ou artista. Apenas alguns redactores e reporters dos jornaes politicos.

«Os officios funebres fazem-se amanhã na Lapa.

«O cadaver será aqui sepultado.»

Do *Jornal da Manhã*, de 4 de junho

A camara ardente — O morto

«A vasta sala, despida de sanefas e de espelhos, com o cadaver sobre um panno, ao meio, tinha uma solemnidade lugubre que a

assemilhava a um templo vasio: o choro da esposa e o crepitar das luzes eram os unicos sons que interrompiam a funebre quietação do aposento.

«No seu fato escuro — *pardessus* usado, *frak* e calça preta da mesma fazenda, costume que vestia quando se suicidou — tons roxeados a cercar-lhe as narinas e os olhos, o seu perfil macerado, fortemente vincado de rugas, o farto bigode cahindo-lhe lasso, na bocca esse extranho *rictus* que parece dar ao cadaver um riso de mofa, — o supremo escarneo da morte á vida. Lá estava elle sereno como um adormecido, os pés salientes, a cabelleira negra e comprida, as mãos finas cruzadas sobre o peito, o morto, mal illuminado pelo clarão de duas velas, parecia seguir com os olhos mal cerrados a dôr da viscondessa que aos pés do seu ultimo leito, abysmada na oração, velava sósinha.

A ornamentação da sala

«Na sala onde Camillo se suicidou encontra-se um retrato de seu filho Nuno Castello Branco, tirado ha tres annos; o retrato a oleo de Manoel Placido, sobre o piano; ao lado, a photographia de Nuno e Jorge, aos 6 annos; ao lado opposto uma boa gravura, representando George Sand, em trajo de côrte. A outro lado, um grupo photographico, Vieira de Castro e esposa e outro de Camillo e D. Anna Placido, tirado ha 20 annos; varios esboços a *crayon*, feitos por Jorge, como: *O pedinte, Christo pendente na cruz, Uma paisagem medieval.* Ha tambem o retrato photographico de Assumpção Espinho e outro de Camillo em gravura, representando-o tal como elle era ha 6 annos.»

Do *Seculo*, de 4 de junho:

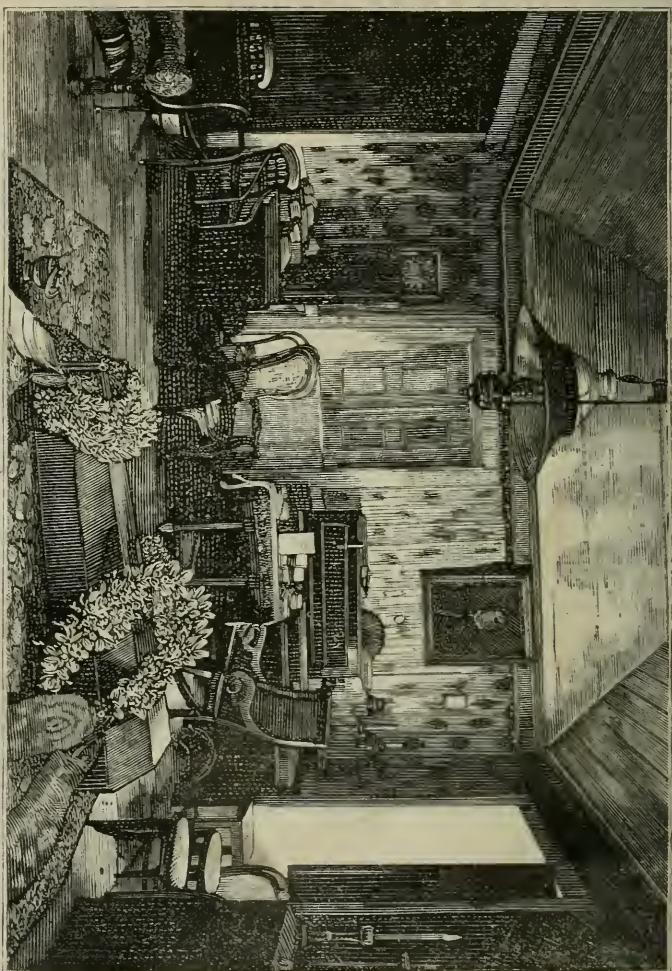
(Telegramma do Porto)

«O cadaver de Camillo traz junto o retrato da esposa e filhos, bem como um crucifixo e corneta de ouro, que o finado ha tempo

costumava trazer ao peito, e que a viscondessa ordenou que não lhe fossem tirados. Freitas Fortuna ficou com o rewolver com que Camillo se matára. Espinho, escrivão de fazenda da Povoa de Varzim, ficou com um pequeno pente para bigode, de que o fallecido fazia muito uso, tirando-lh'o ainda hoje do bolso do *pardessus*, que Camillo ainda tinha vestido, bem como uma boquilha, uma navalha de algumas folhas, um limpa-unhas, um apertador de botões de luvas, que eram objectos inseparaveis de Camillo.

«O infeliz Jorge Camillo, que estava na hospedaria da Carolina, em Famalicão, ao saber do fallecimento de seu pae, enroscou um panno preto ao pescoço, mas não mostrou desejos de ir a Seide.

«O cadaver vem acompanhado pelo seu dedicado criado Manoel Azevedo Caniço, que era mais um intimo de Camillo do que servo. Acompanhava o amo para toda a parte, tinha por elle uma dedicação extraordinaria. No trajecto de Seide para Famalicão ladeou o carro a pé, com os olhos marejados de lagrimas. O carro trazia tres corôas, sendo ladeado por pobres com tochas accesas.

«A sala onde morreu Camillo foi hoje photographada pela casa Biel, tirando-se varios clichés. N'um cliché vê-se Freitas Fortuna á cabeceira do caixão funerario. N'outro, Espinho e o criado Manoel aos pés do caixão. O aposento não soffreu modificação alguma, ficando tal qual estava quando Camillo falleceu. Tambem foram tirados varios clichés da casa de Camillo. Até á estação o carro foi acompanhado por cinco trens, conduzindo varias pessoas, amigos da familia Camillo.

Escriptorio de Camillo em S. Miguel de Seide. — O feretro ahi depositado

«Pela estrada estava muito povo para ver passar o cortejo funebre. Entre as pessoas que vinham nos trens contavam-se o juiz de direito, delegado, escrivão, barão da Trovisqueira, presidente da camara, e vereador Bastos. Os telegrammas recebidos até á sahida do cadaver foram de Castro Monteiro, Henrique Reis, Ricardo Jorge, José Castello Branco, Nunes Azevedo, Monteiro, Albertina Paraizo, Antonio Rosa, João Arroyo, sociedade *Camillo Castello Branco*, Mello Freitas, Syder Queiroz, Neves, Henrique Coutinho, Bernardino Machado, Alberto Pimentel, Costa Santos, Bernardo Pindella. O cadaver chegou aqui ás 6 horas da tarde, vindo acompanhado desde Famalicão por Freitas Fortuna, Espinho e criado Manoel. Sobre o feretro vinham tres corôas: sendo uma da familia, outra do *Club Camillo Castello Branco*, de Famalicão. Na estação aguardavam a chegada a direcção do Atheneu Commercial, sociedade *Camillo Castello Branco*, sociedade *Alexandre Herculano*, conego Alves Mendes, padre Sebastião Leite de Vasconcellos, Reis Santos, presidente da commissão academica, grande numero de estudantes e outras pessoas.

«O Atheneu e a sociedade *Camillo Castello Branco* depozeram corôas. O caixão foi conduzido para o carro por Alves Mendes, Reis Santos, padre Sebastião, presidente do Atheneu. Acompanharam o carro até á Lapa dezoito trens. Ao lado do carro funebre caminhava o criado Manoel. Pelas ruas havia bastante gente para ver passar o cortejo. Camillo é sepultado no cemiterio da Lapa, no jazigo de Freitas Fortuna, por vontade sua, manifestada em carta dirigida ao mesmo Freitas Fortuna, em julho do anno passado. A direcção da sociedade *Alexandre Herculano* lançou na acta um voto de sentimento pela morte de Camillo. — *Martins*.»

*

* *

Do *Commercio do Porto,* de 3 de junho:

R. I. P.

«Falleceu o sr. Camillo Castello Branco.

«Os responsos de sepultura terão lugar ámanhã, quarta-feira, ás Ave-Marias, na Real Capella de Nossa Senhora da Lapa, no Porto.

S. Miguel de Seide, 3 de junho de 1890.»

Anna Placido.
Nuno Castello Branco.

Do *Jornal da manhã,* de 3 de junho:

«Meu presado Freitas Fortuna.

«Começo a experimentar uma especie de affecto posthumo ao meu cadaver.

«Tão pouco me apreciei na vida, tão pouco cabedal fiz da minha saude, que já agora me quer parecer, que este amor ao que nada vale é retribuição devida a esta materia, que me ha de sobreviver alguns annos aviventada pela engrenagem de putrefacção.

«D'este affecto extraordinario, mas não excepcional, resultou dizer-lhe eu, meu querido amigo, quer fallando quer escrevendo, que aspirava fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da Lapa.

«E' bem certo que, para além da campa, ha o que quer que seja

que ainda nos prende ás coisas mortaes. Sei que no seu jazigo dormem o somno infinito seus extremosos progenitores.

«Ambos conheci na flôr da vida, no esplendor da honra, nas luctas do trabalho e na pujança da alegria e da felicidade.

«Ambos morreram no vigor dos annos, se podem considerar-se mortas *duas imagens sagradas* que renascem na alma d'um filho ao fogo da sua saudade, com o seu respeito filial, com as suas lagrimas represadas, e que os annos ainda não poderam crystallisar em glacial indifferença.

«Volvido um longo prazo as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços já cinzas tambem de seus *paes* estremecidos.

«Se a morte tivesse expressão que não fosse aquelle mudo terror de um gesto que ao mesmo tempo anniquilla e grava o eterno stigma do silencio nos labios gelidos, só ella poderia dar-nos a sombra horrida e ao mesmo tempo sublime do momento em que o seu esquife baixar á perpetua união com os cinerarios de seus *paes*. E eu, a essa hora, estarei á beira d'elles como testemunha silenciosa das compungidas lagrimas que lhe vi na face quando o coração lh'as dava repassadas d'uma santa saudade.

«Não sei se esta chimera, que vagueia na região tenebrosa e na crypta dos mortos amados e chorados, foi a despertadora vontade que me domina ha anno e meio de ser enterrado no seu jazigo.

«O meu querido Freitas acceitou com ternura a offerta do meu cadaver, e d'essa arte, permittindo que eu fizesse parte da sua familia extincta, quiz continuar além da vida a tarefa sacratissima da sua dedicação incomparavel. Bem haja, e adeus.

«Bemfica, 15 de julho de 1889.»

Seu do coração,

Camillo Castello Branco.

Do *Commercio do Porto,* de 5 de junho:

Os funeraes

«Muito do que o Porto tem de mais distincto, nos diversos ramos da actividade, acudiu hontem á egreja da Lapa, a fim de render as ultimas homenagens á memoria do grande vulto litterario, que representa uma verdadeira gloria d'este paiz.

«O templo, como já tivemos occasião de dizer, achava-se revestido de crespes. Ao centro, junto á capella-mór, via-se uma armação, distincta pela singeleza e pela propriedade.

«Sob um pavilhão de crepes, e em cinco degraus, pousava uma base com o feretro encimado por uma corôa de visconde, velada de crepes.

«No primeiro degrau erguiam-se de um e outro lado plyntos com os attributos da Sciencia: uma esphera terrestre e uma luneta astronomica sobre tripé; o do lado direito sustentava os symbolos da Litteratura: a lyra, a penna, e o mocho, e bem assim dous dos mais formosos livros de Camillo *Horas de paz* e *A divindade de Jesus.*

«Ao centro encostada ao panno dourado que envolvia o caixão, *A Cruz,* semanario religioso, que viu a luz publica n'esta cidade em 1853 e que foi collaborado pelo illustre extincto. Este livro estava aberto no numero correspondente a 8 de janeiro d'aquelle anno, que contém uma das brilhantes prosas de Camillo sobre o christianismo e esta nota: «Tomai a vossa cruz e segui a Christo se quereis a vida eterna». Do lado esquerdo, mas em segundo plano elevava-se uma cruz branca, symbolo da Fé.

«Nos restantes degraus, serpentinas, tocheiras, fachos em candelabros, as corôas e os *bouquets* offerecidos pelos amigos e admiradores d'aquelle que foi um lucilante espirito.

«Essas offerendas constam de:

«Uma corôa de azaleas e lilazes com fitas de seda rôxa tendo a inscripção: «Profunda saudade de sua filha Amelia e de seu genro Antonio Francisco de Carvalho.»

«Outra de tulipas, em fundo de violetas de bosque e folhagem, entrelaçada de estreitas fitas rôxas, tendo tambem largas fitas de *moiré*

preto com a inscripção: «Profunda saudade a seu estremecido avô — Camillo e Camilla.»

«Outra de rosas chá, amores perfeitos, avencas e cedro, tudo natural, com largas fitas de escumilha com a inscripção: Saudade de Henrique Coutinho — «O homem que trilhou sempre por um acervo de espinhos, e não podendo por fim com o peso da vida na provação da dôr extrema, espedaçou o craneo com uma bala, deixa na terra o cadaver de um precito, mas levanta para o céu uma alma que vai lá rebaptisar-se da culpa, n'esse oceano de amor que se chama Deus.» (Biographia de Camillo Castello Branco — J. C. Vieira de Castro.)

«Outra de violetas de bosque e de Parma, lilazes e glycinias, muito formosa no seu conjuncto, com fitas de *moiré* branco *bleu ciel*, e a seguinte dedicatoria: «Ao primeiro prosador portuguez — Club Camillo Castello Branco, de Famalicão.»

«Outra de assucenas, papoulas rôxas, amores perfeitos, lilazes e violetas de bosque, fitas pretas com esta dedicatoria: «Ao meu dedicado e inolvidavel amigo — Eterna gratidão de M. A. Espinho.»

«Outra de violetas de Parma, lilazes e amores perfeitos, fitas de *moiré* branco e preto, com esta singela inscripção: «A Camillo Castello Branco — Tributo de amisade de J. de Araujo e Souza.»

«Outra muito opulenta de violetas, rosas-chá, lilazes, amores perfeitos e glynicias, fitas pretas com a legenda: «O Atheneu Commercial do Porto a Camillo Castello Branco.»

«Outra de violetas, rosas brancas e amores perfeitos, com fitas pretas franjadas a ouro com esta inscripção: «Ao seu presidente honorario — A Sociedade Camillo Castello Branco.»

«Outra de violetas, amores perfeitos e folhagem, com fitas de *moiré* rôxo com a inscripção: «A Camillo Castello Branco — Ricardo Jorge.»

«Outra de rosas, lyrios e tulipas, com fitas de *moiré* preto com a legenda: «A viuva e filhos de Arnaldo Gama. — A Camillo Castello Branco.»

«Outra composta de onze corôas, entrelaçadas, de violetas de Parma e rosas chá, tendo ricas fitas de *moiré* rôxo, com 25 centimetros de largura, onde se lia a legenda: «A academia portugueza a Camillo Castello Branco — 1.º de junho de 1890».

«Outra de violetas e folhagem, com fitas de *moiré* preto, com a inscripção: «A Camillo Castello Branco — Os seus particulares amigos, editores Costa Santos, Sobrinho & Diniz».

«Outra de violetas, glynicias e salgueiro, tendo fitas de *moiré* preto com a inscripção: «A Camillo Castello Branco — A livraria Chardron».

«Outra de lyrios, amores perfeitos, rosas chá e folhagem, com fitas de *moiré* roxo, com a legenda: «Ao grande romancista Camillo Castello Branco — Os encadernadores portuenses».

«Outra de violetas de Parma, em dois tons, dois *piquets* de dhalias e rosas-chá, com um véu de crépe, tendo fitas de escumilha com a dedicatoria: «*O Commercio do Porto* — Ao seu saudoso Camillo.»

«Um *bouquet* de martyrios e margaridas, naturaes, com fitas brancas, tendo um cartão pendente com os seguintes versos, em lettras douradas:

> «Já velho, quasi em desuso,
> E no mais singelo estylo,
> Hoje envia Augusto Luso,
> A' memoria de Camillo,
> Sentida e triste saudade
> Do tumulo á eternidade.»

«Outro de formosas rosas, com fitas de seda preta, tendo um cartão com a inscripção: «Saudade de um amigo sincero» (do sr. Joaquim Ferreira Moutinho).

«Outro de rosas-chá, tendo nas fitas de crepes, o *fac-simile* da assignatura de Camillo Castello Branco (do sr. Costa Carregal).

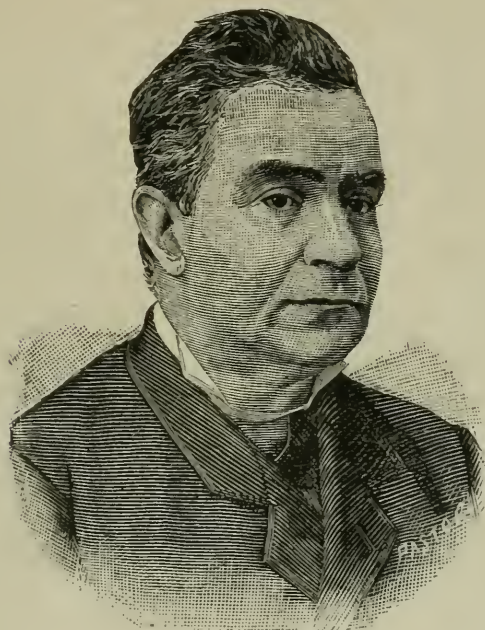
«Um formoso ramo de madresilvas e rosas, com fitas de seda branca, tendo um cartão com os seguintes nomes: Camillo, D. Maria Braga, Theophilo Braga e Joaquim de Araujo.

«Officiou o rev. conego dr. Alves Mendes, acolytado por oito ecclesiasticos, estando presente na capella-mór toda a meza da irmandade da Lapa; e recebeu a chave do caixão o sr. dr. José Moreira da Fonseca, governador civil d'este districto.

Egreja da Lapa, onde se rezaram os responsos funebres

«Terminada a cerimonia religiosa foi o cadaver descido da base onde pousava para proximo do guarda-vento, segurando ás borlas os srs. Antonio de Azevedo Castello Branco, Menezes, representan-

do o genro do illustre extincto; dr. Antonio de Oliveira Monteiro, presidente da ex.ma camara; Francisco Gomes Teixeira, director da Academia Polytechnica; João Vasco Ferreira Leão, juiz do Tribunal da Relação; e dr. Taibner de Moraes, secretario do governo civil.

«Alli, o rev. conego dr. Alves Mendes, proferiu algumas sentidas phrases á memoria do grande vulto. Disse que Camillo similhava o roble secular ao qual só depois da quéda se media bem a grandeza; que o principe dos prosadores portuguezes resumia em si toda uma litteratura, pois fôra grande, colossal, a sua obra em que se retrata fidedignamente a alma da patria com todo o indispensavel colorido. As cinzas de Camillo eram uma herança nacional que se devia manter como preciosa reliquia, pois não conhecia escriptor portuguez mais vernaculo, mais erudito, mais vigoroso e que melhor traduzisse as emoções da alma nacional em rutilante estylo. Teve raptos de verdadeira eloquencia no saudoso adeus ao seu grande amigo, commovendo muitas das pessoas presentes.

Conego Alves Mendes

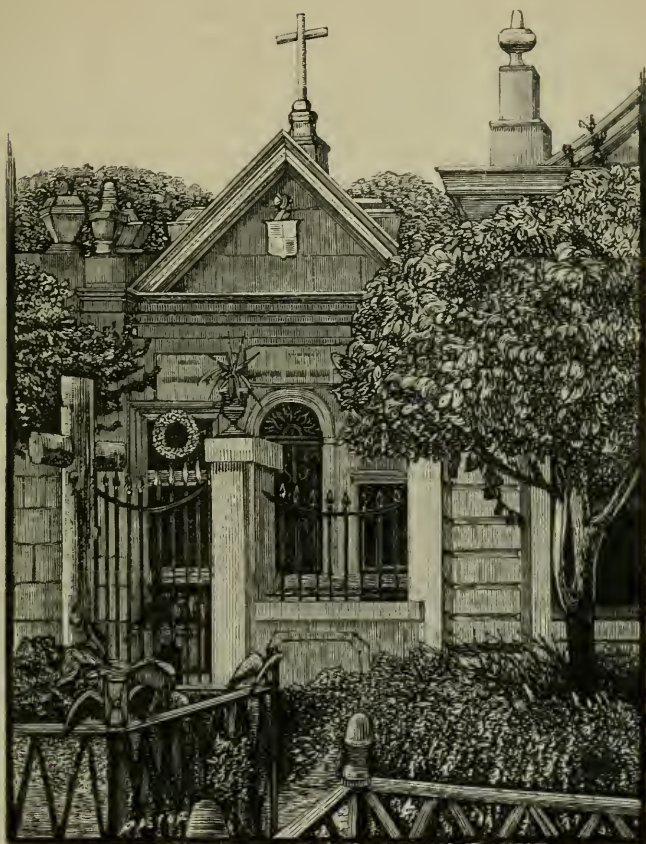
«O cadaver foi em seguida conduzido do para-vento da igreja até á porta do cemiterio pelos srs. drs. Adolpho Pimentel e Amorim Novaes, conselheiro Joaquim José Ferreira, dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, conselheiro Arnaldo Anselmo Ferreira Braga e dr. Henrique de Carvalho Jalles.

«Da porta do cemiterio até ao interior —Drs. Evaristo Gomes Saraiva e Antonio Joaquim Ferreira da Silva, Eduardo da Costa Santos, Joaquim Ferreira Moutinho, José de Araujo e Souza e Manuel da Ascenção Espinho.

«Finalmente, desde o interior do cemiterio até ao jazigo —Alfredo de Souza Braga, administrador do correio; secretario da direcção do Atheneu Commercial do Porto, Domingos Alexandrino Ferreira da Silva e presidente da Sociedade Camillo Castello Branco, Antonio Dias Pinto; Francisco de Paula Reis Santos, presidente da commissão academica; Bernardo de Lencastre e Bento Carqueja.

«Junto ao jazigo, o distincto poeta sr. Joaquim de Araujo leu um primoroso discurso, dizendo ser uma verdadeira perda nacional a morte de Camillo, o maior dos escriptores contemporaneos. Relembrou a sua obra e fez prepassar por diante do auditorio, como recordação gratissima, os vultos feminis dos seus mais queridos romances, Ricardina, Maria Moysés e outros. «Vae, amigo — disse — para a decomposição chimica do sepulchro, como inspiradamente disseste n'uma das tuas obras; n'um momento de loucura ou de razão — quem sabe? — encontraste a morte que anceiavas porque era extraordinario, enorme, o teu soffrimento. Descança em paz na tua ultima morada; adeus!» [1]

---

[1] Este discurso foi publicado em folheto com o titulo *Sobre o tumulo de Camillo, palavras pronunciadas nos funeraes do grande escriptor*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1890.

O jazigo no cemiterio da Lapa

«O sr. Francisco de Paula Reis Santos, que se lhe seguiu, leu tambem um discurso. Disse que ia alli em nome da academia portugueza prestar a homenagem da sua saudade por aquelle glorioso

vulto das lettras patrias, cujo nome viverá eternamente na memoria das gerações por vir. Ninguem como Camillo pintára a sociedade portugueza, não conhecia estylo mais opulento do que o d'elle. força mais sólida, vigor mais pujante, linguagem mais correcta. Era, portanto, o principe dos escriptores portuguezes e como tal merecia uma apotheóse colossal, unica. Camillo não morreu — disse o orador — vive e viverá perpetuamente na sua obra.

«Assim terminaram as homenagens prestadas á memoria do visconde de Correia Botelho. Seu corpo mirrado, secco, por profundissimas dôres moraes e physicas, foi depois encerrado no jazigo indicado e alli descançará perpetuamente á sombra da cruz.

Pormenor tocante: O criado de Camillo, o dedicadissimo Manoel de Azevedo Caniço acompanhou sempre os restos mortaes do grande escriptor. Na igreja lá o vimos, de cabeça baixa, com a dôr pintada no rosto sympathico, ao lado do feretro. Do cemiterio foi o ultimo a sahir! Santo e immenso affecto o que o pobre criado tributava ao amo querido!»

Da *Republica*, de 4 de junho:

«O rewolver com que Camillo Castello Branco se matou é um *Bull-dog,* de coronha de madeira, já gasta, puida, por elle o usar ha muito tempo. Quando m'o mostraram, tinha cinco cargas. A outra, empregára-a o escriptor.

«Como disse, a bala penetrou pelo temporal direito, indo bater de encontro ao temporal esquerdo. O dr. Ferreira, de Santo Thyrso, sondou a ferida. A trajectoria da bala está perfeitamente descripta de um lado ao outro.

«Depois de ter disparado o tiro, Camillo cahiu em estado comatoso, não pronunciando uma unica palavra. A's cinco, isto é, uma e tres quartos depois, fallecia. Durante a agonia, gemeu constantemente.

«Um pormenor: Camillo Castello Branco detestava os domingos. Quando fallava no suicidio — a que elle chamava: «a sua porta aberta para a Eternidade» — dizia sempre:

«— Hei-de suicidar-me n'um domingo.
«E foi n'um domingo que se matou.»

Notas soltas colhidas nos jornaes de Lisboa e Porto

Do *Correio da noite*, de 4 de junho:

(*Telegramma do Porto*)

«Camillo passeiou sabbado de manhã (dia 31 de maio) pelo braço do sr. Franco Carvalho, no souto fronteiro á egreja de Seide e disse que breve daria outro passeio alli. O rewolver com que se matou foi comprado ha 10 annos por um empregado da casa Chardron, a pedido de Camillo e por occasião da questão a proposito da sebenta com o dr. Callixto.

«Dormia com elle debaixo do travesseiro e de dia trazia-o sempre no bolso.»

Do *Jornal do Porto*, de 4 de junho:

Uma velha criada de Camillo

Quando o caixão já estava depositado na casa mortuaria e os *reporters* dos diversos jornaes d'esta cidade, se dispunham a tirar uma nota das corôas e outras informações d'occasião, entrou uma mulher já bastante idosa, vestida com pobreza, e que, chorando dolorosamente, não como uma carpideira d'officio, mas como quem perdeu alguem que lhe era querido, acercou-se do caixão beijando o panno que o cobria.

«A pobre velhota pedia por entre lagrimas que lhe deixassem ver pela ultima vez, o seu amo, o seu querido amo.

«Depois de lhe explicarmos a impossibilidade de satisfazer aquelle piedoso desejo, perguntamos-lhe por que motivo chorava d'aquella maneira e se sentia muito a morte do grande romancista.

«— Pois não hei-de sentir, meu senhor? respondeu ella suffocada

pelos soluços. Se elle era o meu bemfeitor!... Quando a senhora morava na rua do Almada já eu a servia; depois mudaram para o Bairro Alto e eu continuei a ser criada da casa. Depois quando foram para S. Miguel de Seide eu acompanhei-os.

«Se eu não os podia deixar, meu rico senhor!

«Ha sete annos, adoeci gravemente, e fiquei sem poder trabalhar para o resto da minha vida.

«Sahi da casa e vim para o Porto onde o meu rico amo nunca deixou de me soccorrer.

«— Então o sr. Camillo Castello Branco, era muito seu amigo? inquirimos nós.

«— Pois não era!... E depositava em mim toda a confiança. Imagine o senhor que quando os meus amos sahiam de S. Miguel era eu quem ficava com as chaves.

«E a boa velha depois de nos dizer que se chamava Joanna Margarida Correia e de nos perguntar quando seria o funeral, deixou-nos, chorando sempre.»

Da *Actualidade*, de 4 de junho, sobre o mesmo assumpto:

«Hontem á noite, quando chegou o cadaver á Lapa, appareceu alli uma mulhersita a chorar. Era uma antiga criada de Camillo, chamada Joanna Margarida Correia.

«Quando o saudoso morto morava na rua do Bomjardim, ao Bairro Alto, ha uns bons vinte annos, estava ella já ao seu serviço havia muito tempo. Depois foi com elle para a rua do Almada e ainda para S. Miguel de Seide.»

Do *Primeiro de janeiro*, de 3 de junho:

«Um episodio da vida de Camillo Castello Branco, que dá a medida de quanto o seu coração, que por vezes parecia indifferente a tudo, tinha outras vezes rasgos de generosidade, proprios de quem possuia um grande sentimento de piedade pelo infortunio alheio.

«Foi ha muitos annos, na Povoa de Varzim.

«Camillo achava-se n'aquella praia, para onde fôra com os filhos, que iam fazer uso dos banhos do mar.

«No mesmo hotel em que estava Camillo, achava-se um mediocre pintor hespanhol, que perdeu no jogo da roleta o dinheiro que levára.

«Havia tres semanas que o *pintor* não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-actriz, pouco satisfeita com o procedimento do hospede, escolheu um dia a hora de jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum genero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim.

«Camillo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor.

«Quando a inflexivel hospedeira acabou de fallar, levantou-se Camillo, no meio dos outros hospedes, e disse:

«— A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda o não tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão.

«E puxando por cem mil reis em notas entregou-os ao pintor.

«O hespanhol, surprehendido com aquella intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder.

«Duas lagrimas, porém, lhe deslisaram silenciosas pelas faces, como unica demonstração de reconhecimento.

«Mais tarde procurou Camillo, e disse-lhe que não tinha de momento meios para pagar aquella divida.

«— Não tem duvida, disse lhe o grande romancista, pinte-me o retrato do meu filho e do meu cão.

«Dias depois, o pintor entregou a Camillo uma tela em que o filho e o cão eram horrivelmente pintados, como pagamento da sua divida.»

De outros jornaes:

Uma phrase de Camillo

«Um dia, em comboyo, Camillo fazia a viagem de Lisboa ao Porto

e no mesmo compartimento ia uma especie de marialva disfructador e massante que, sabendo quem era o seu companheiro de viagem, se lembrou de o disfructar.

«Camillo, pachorrento, deixou que o pateta se risse á sua custa até que elle começou a teimar com Camillo sobre qualquer coisa.

«Então Camillo, já farto de o aturar, diz-lhe com ar simplorio:

«— Muito se parece o senhor com seu pae.

«— Porque, conheceu-o?

«—Ora! perfeitamente, era um dos homens mais teimosos que tenho conhecido.

«— Pois não sabia...

«— Olhe: era tão teimoso, que disse que nunca havia de casar-se, e realmente nunca se casou.

*

* *

«O grande escriptor, como Victor Hugo, não gostava de musica. Fazia apenas uma excepção em favor do *fado* gemido n'uma guitarra.

«Nunca foi ao estrangeiro. A Senna Freitas disse elle: «Sou um homem doente, preciso de commodidades que difficilmente se encontram fóra do lar.»

XIX

POST MORTEM

«... tudo isso foi..., e em tudo isso foi semelhante aos genios eminentissimos; mas nenhum homem como elle póde redimir-se de suas fragilidades, divinisando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalisando-se.».»

CAMILLO CASTELLO BRANCO. — *Luiz de Camões*, notas biographicas.

FECHAREMOS a biographia de Camillo trasladando a noticia das excepcionaes commemorações com que o parlamento portuguez solemnisou o seu passamento.

Sessão da camara dos deputados no dia 2 de junho de 1890

O SR. ALBERTO PIMENTEL: — Sr. presidente, é sob uma profunda impressão de intima dôr, que circumstancias muito especiaes aggravam no meu coração, que mando para a mesa a seguinte proposta:

«A camara dos deputados da nação portugueza resolve inserir na acta da sessão de hoje um voto de profundo sentimento pela morte do eminente escriptor, visconde de Correia Botelho, Camillo Castello Branco, gloria da lit-

teratura nacional. Sala das sessões, 2 de junho de 1890. — *Alberto Pimentel.*»

«O parlamento portuguez honrou Camillo Castello Branco vivo. O parlamento portuguez quererá honrar Camillo Castello Branco morto.

«Dois projectos de lei, com pequeno intervallo, trouxeram a esta casa do parlamento o nome do glorioso escriptor, e de ambas as vezes os primeiros oradores, de um e outro lado da camara, sem distincção de côres politicas, fizeram, em rasgos de eloquencia, a apotheóse d'esse grande espirito, que a nação julgou dever premiar pela voz e pelo voto dos seus representantes em côrtes.

«Honras excepcionaes foram concedidas a esse escriptor nacional, porque tambem excepcionaes eram os seus meritos. Ninguem como elle personificou e retratou a alma portugueza em toda a sua verdade psychologica, nos desalentos e nas alegrias, nas angustias e nos sonhos, nos raios de luz e nas nuvens negras que se alternam no fôro intimo de cada individualidade da nossa raça. Elle foi caracteristicamente portuguez na sua obra, tanto na observação dos costumes como na caprichosa philosophia com que os commentava; tanto nos assumptos que tratou como na linguagem com que os vestiu. Se a sua critica era feita d'essa mistura de riso e lagrimas, d'esse mixto de ironia e de sentimentalidade, que são a feição complexa e por vezes contradictoria da alma portugueza, o toque da sua palavra era portuguez de lei. Assim, podemos dizel-o agora, e agora mais do que nunca, a sua penna infatigavel foi tão verdadeira como a lente de uma machina photographica: retratou o seu tempo, copiou o seu paiz. O mesmo seculo produziu Herculano e Camillo, o historiador do passado e o historiador do presente. Os processos foram differentes, mas o alvo a que attingiram foi o mesmo.

«O parlamento portuguez teve uma nitida comprehensão do alto valor não só litterario, mas nacional de Camillo. Duas vezes o galardoou.

«Da primeira vez completou a distincção que um Rei illustrado, tambem homem de lettras, decretára. A' mercê honorifica concedida pelo Rei juntára-se, votada pelo parlamento, a excepcional dispensa dos direitos relativos á mercê.

«Da segunda vez, o parlamento viu em Camillo o trabalhador fatigado, o athleta prostrado pela desgraça, um grande espirito brilhante sepulta-lo em vida nas trevas da cegueira.

«E o parlamento portuguez afastou d'esse espirito atormentado o pesadelo horrivel da miseria. O parlamento concedeu a Camillo uma pensão que o pôz ao abrigo de maiores tormentos, os ultimos que poderiam golpear a sua alma angustiada.

«Agora que a tragedia d'essa existencia teve o seu ultimo acto, agora que Camillo entrou definitivamente na immortalidade e na gloria, o parlamento portuguez não verá o suicida, o parlamento portuguez não verá o desalentado doente que teve a impaciencia de cavar a sua propria sepultura, mas considerará apenas o homem de lettras, o escriptor eminente, o talento colossal que deixa após de si um rasto de luz a illuminar os fastos gloriosos da nossa patria.

O sr. Presidente: — Creio que a camara toda admitte a proposta do sr. Alberto Pimentel para entrar desde já em discussão. (*Apoiados geraes.*)

O sr. Ministro da Instrucção Publica (Arroyo): —Pelo que respeita á proposta que o mesmo illustre deputado, o sr. Alberto Pimentel, acaba de mandar para a meza, é quasi escusado dizer a v. ex.ª que, em meu nome e em nome do governo, me associo de todo o coração e com todo o sentimento, a essa proposta, como quem cumpre um dever sacratissimo, qual é o que cabe a todos os ministerios, qualquer que seja a sua côr politica, de prestar justiça aos homens eminentes que são verdadeiras glorias nacionaes e que se impõem com os mais puros e justos titulos á admiração e respeito, não direi já da Europa, mas de todo o mundo. (*Apoiados.*)

«Camillo Castello Branco está n'estas condições extraordinarias; e mal poderia eu imaginar, sr. presidente, quando apresentei n'esta camara, creio que em 1885, um projecto de lei para ser dispensado o sr. visconde de Correia Botelho, do onus tributario, resultante da mercê que El-Rei o sr. D. Luiz lhe havia conferido; mal pensava eu que, por um acaso da sorte, teria de vir hoje aqui, dos bancos do governo, lamentar a sua morte, chorar, como Portugal inteiro chora, a perda irreparavel que a patria acaba de soffrer. (*Muitos apoiados.*)

«Sr. presidente, o nome de Camillo Castello Branco fica na historia da litteratura portugueza como um padrão de gloria, pois que era um dos nossos maiores prosadores, um grande historiador, e um artista de concepção mais espontanea, de observação mais fina, de estylo mais poderoso e de genio mais potente, que a alma nacional havia produzido. (*Apoiados.*)

«Camillo Castello Branco na sua obra de artista, de litterato, de historiador e de dramaturgo, tem todos os predicados que caracterisam uma grande personalidade; e é por isso que em todo o paiz se manifestam sentimentos de gratidão, reconhecimento e respeito, n'este momento de verdadeira dôr nacional.

«Repito, em nome do governo associo-me á proposta do sr. Alberto Pimentel.

O sr. Fernando Palha: — Vozes mais auctorisadas do que a minha podem levantar-se d'este lado da camara para se associar ao sentimento expresso pelo sr. Alberto Pimentel e pelo sr. ministro da instrucção publica; nenhuma mais convencida.

«E' o reconhecimento que me faz fallar. Conheci pessoalmente Camillo Castello Branco. Procurei as suas relações, não pela vulgar curiosidade de conhecer um dos homens eminentes do paiz, mas porque muitas vezes precisei das suas lições, do seu auxilio.

«Todas as vezes que precisei de Camillo Castello Branco sempre o encontrei.

«Eramos mineiros da mesma mina, com a differença de que cada peonada d'elle provocava uma derrocada de riquezas, emquanto que eu, apenas ás vezes, algum filão pobre lograva encontrar.

«Todas as vezes que se me antolhava uma difficuldade por mim julgada invencivel, Camillo Castello Branco, assombro de talento, assombro de memoria e de trabalho, todas as vezes que lhe escrevia, pela volta do correio resolvia todas as difficuldades.

«Estou convencido de que na nossa geração não ha, nem tornará a haver illustração litteraria nacional como aquella. Era quasi universal. Não havia, por assim dizer, ramo dos conhecimentos humanos que lhe fosse estranho; em todos elles entrava como por sua casa.

«E', pois, justo que, no dia em que chega á camara a noticia de se ter apagado aquella luz, façamos treguas ás dissensões politicas,

ás discussões apaixonadas para se não tratar senão de render preito de homenagem áquella gloria nacional, e que encerremos os nossos trabalhos por hoje. (*Apoiados.*)

«Mando a minha proposta para a mesa.

Leu-se. E' a seguinte:

Proposta

Proponho que, em additamento á proposta do illustre deputado o sr. Alberto Pimentel, a sessão seja encerrrada. — *Fernando Palha,*

Foi admittida á discussão.

O sr. João Pinto dos Santos: — Pedi a palavra n'este assumpto, porque não vendo d'este lado da camara levantar-se ninguem para se associar á proposta apresentada pelo sr. Alberto Pimentel, tomava sobre mim esse encargo, pois que entendo que os parlamentos se nobilitam, commemorando o passamento de grandes individualidades, como Camillo Castello Branco.

«Diante dos acontecimentos lugubres, como o que poz termo á vida do grande romancista, não ha ninguem que se não confranja de dôr por ver assim desapparecer da scena da vida tão tragicamente um homem de tão elevada estatura, uma individualidade scientifica tão proeminente que enriqueceu o seu paiz com os seus trabalhos de investigador erudito, de romancista distincto, de dramaturgo, de poeta, de polemista, etc., etc.

«Camillo era uma organisação privilegiada para todos os trabalhos; mas o que mais avulta na sua obra litteraria é sem contestação o romance, em que condensou a alma portugueza com a graça genuinamente nacional.

«E' por isso que as suas obras conseguiram ser lidas com uma avidez que não é vulgar.

«O parlamento votando a proposta do sr. Alberto Pimentel com o additamento do sr. Fernando Palha, dá um testemunho de apreço pela grande obra litteraria do morto e cria um incentivo para os grandes homens que consomem a vida no serviço da patria.

«Eu entendo que a proposta que se discute deve ser votada por acclamação. (*Apoiados.*)

O sr. Elias Garcia: — Em meu nome, e em nome dos meus collegas republicanos, peço licença para me associar á proposta apresentada pelo nosso estimavel collega o sr. Alberto Pimentel; e associo-me a ella de todo o coração, porque, se alguns dos srs. deputados que se sentam agora n'esta casa tiveram a honra de conhecer Camillo Castello Branco nos ultimos tempos, eu conheci-o ha cerca de quarenta annos, quando elle era apenas uma esperança, quando ainda não era o grande escriptor, o escriptor de primeira linha que nós todos admiramos no espaço de tempo que decorreu desde então até agora.

«Não seria eu que podesse aqui traçar o elogio d'aquelle eminentissimo espirito, mas não posso deixar de me associar ás demonstrações da camara, pela dôr que todos experimentamos hoje ao sabermos a noticia do tragico acontecimento.

«E associo-me não só á proposta do meu collega o sr. Alberto Pimentel, mas tambem á proposta do meu collega, o sr. Fernando Palha. (*Apoiados.*)

O sr. Guerra Junqueiro: — Acabo de receber do directorio dos estudantes portuguezes uma representação que vou mandar para a meza e cujas conclusões são:

«1.º Que o enterro de Camillo Castello Branco seja feito a expensas da nação;

«2.º Que lhes sejam prestadas honras extraordinarias, dando entrada no templo dos Jeronymos, convertido em pantheon dos grandes homens portuguezes;

«3.º Que sejam decretados de luto nacional os dias em que se realisarem os funeraes do grande romancista.

«Eu associo-me calorosamente á nobre iniciativa tomada pelos estudantes portuguezes.

«Lisboa inteira foi hontem dolorosamente surprehendida pela morte tragica do grande escriptor portuguez que é, não só o maior dos nossos romancistas, mas uma das figuras mais originaes e poderosas de toda a nossa historia litteraria.

«Camillo, Herculano, Garrett, João de Deus, eis na minha modesta

opinião os quatro grandes representantes immortaes do genio portuguez, n'este seculo, em tudo o que elle tem de mais profundamente nativo, mais sinceramente nacional.

«Ha cerca de quinze ou vinte annos que o caracter, a indole e os costumes portuguezes se vão modificando consideravelmente, perdendo a feição indigena e tradicional e adquirindo um feitio por assim dizer mais francez ou cosmopolita.

«Isto dar-nos-ha um ponto de vista critico mais humano e mais vasto, mas rouba-nos em compensação, as qualidades singulares de temperamento, sem as quaes não póde haver, nem uma grande nação, nem uma grande patria.

«Os symptomas d'esta evolução tão rapida, são de tal fórma extraordinarios, que estou convencido que não assistimos a uma evolução, mas a uma dissolução adiantada, já muito proxima de um esfacelamento collectivo.

«Este anno de 1890 é para nós sobretudo, um anno tragico, muito mais terrivel do que foi 1870 para a França.

«A França, depois da derrota esmagadora de 1870, levantou-se mais nobre, mais bella e mais poderosa do que era anteriormente! Poderemos nós dizer outro tanto?

«Começou para nós o anno pela bofetada ingleza, pela affronta cobarde, contra a qual nos revoltámos nobremente, e agora, quando essa questão não está ainda liquidada e continúa sendo um ponto de interrogação vermelho e sanguinolento n'um fundo triste de noite caliginosa, chegam-nos aos ouvidos os echos de dois tiros de suicidas, que quasi simultaneamente se disparam a centenas de leguas de distancia, um em Africa, outro em S. Miguel de Seide! Duas catastrophes que lançam um luto profundo na alma nacional.

«Esses dois dramas terriveis echoaram de uma maneira lugubre no espirito de nós todos. Ha n'elle o quer que seja de terrivelmente prophetico e agoureiro.

«Ahi tendes um velho, Silva Porto, um heroe em toda a sublimidade da palavra, não heroe unicamente pela audacia do animo e pela coragem excepcional, mas sim pela grandeza moral, pela simplicidade nobilissima de uma vida inteira; porque em minha opi-

não são mais heroes os que sabem viver para a patria, do que aquelles que se limitam a morrer por ella.

«A morte é o sacrificio de um instante. Mas o cumprimento pleno do dever, mez a mez, dia a dia, hora a hora, durante uma larga existencia de sessenta a setenta annos é alguma cousa de bem mais elevado e superior. (*Apoiados.*)

«Pois esse velho venerando, aos oitenta annos de idade, depois de um apostolado de meio seculo, vendo por assim dizer inuteis os seus esforços, vendo ruir n'um dia a sua obra de cincoenta annos, vendo por terra o seu ideal e as suas esperanças, sáe violentamente da vida pela porta negra do desespero.

«E ao mesmo tempo em S. Miguel de Seide um outro grande trabalhador, tão grande como este n'outra ordem de idéas, um trabalhador homem de genio, que produziu duzentos volumes e não deixou talvez 200 réis ao canto da gaveta, vendo que a sua vida lhe era inutil para a continuação da sua obra, desfaz-se d'ella como de um tormento insupportavel.

«Oxalá que eu me engane, e que estes factos não sejam como que o prenuncio agoureiro de alguma catastrophe estrondosa! Oxalá que eu me engane, e o anno termine melhor do que começou.

«Sr. presidente, ao mesmo tempo que mando para a meza esta representação, faço-lhe um additamento, para que o cadaver de Silva Porto, seja transportado para Portugal e recolhido no pantheon dos Jeronymos, ao lado do cadaver de Alexandre Herculano. (*Apoiados.*)

O sr. Presidente: — Está esgotada a inscripção. Vae votar-se a proposta do sr. Alberto Pimentel e o additamento do sr. Fernando Palha.

Leram-se e foram approvados por unanimidade.

O sr. Presidente: — Em vista da deliberação da camara, vou encerrar a sessão.

Na sessão da camara dos pares n'esse mesmo dia

O sr. conde de Lagoaça: — Referiu-se á noticia do fallecimento do grande escriptor Camillo Castello Branco, e declarou que não

propunha um voto de sentimento, por suppor que n'esta altura da sessão o regimento o não permittia, mas não podia deixar de prestar a sua homenagem á memoria do grande escriptor, manifestando o sentimento de que se achava possuido pela sua perda, que considerava uma verdadeira perda nacional.

FIM

ERRATAS

Pag. 18, linh. 4, onde se lê: biogragraphicos — deve lêr-se: biographicos.

Pag 42, linh. 3. onde se lê: de de Villariuho — deve lêr-se: de Villarinho.

Pag. 55, linh. 26, onde se lê: vem do ceu — deve lêr-se: vem de seu.

Pag. 91, a epigraphe do capitulo deve ser assim modificada na pontuação: — Que saudades me fazem estas alegres e esplendidas miserias dos meus vinte annos! Camillo Castello Branco. — *Maria da Fonte.*

Mesma pagina, linh. 19, onde se lê: Era eu quem de pé - escreve elle na *Maria da Fonte* - deve lêr-se: Era eu quem de pé — escreve Camillo na *Maria da Fonte*, etc.